



Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**Autor: Dmytro Sydorenko**

Orientador: Professor Catedrático António Costa de Albuquerque de Sousa

Lara

# **“Heartland como um dos objectivos estratégicos do Estado Russo: da fundação da Rússia à actualidade”**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estratégia

Lisboa

2014

VALORIZAMOS PESSOAS

**O autor da Dissertação não é um português nativo, no entanto, está numa fase de aprendizagem intensiva da língua portuguesa.**

**Devido a este facto, pede desculpas pelos erros ortográficos e gramaticais cometidos e espera que estes não afectam a avaliação final.**

**“Everyone who wants to know what will happen ought to examine what has happened: everything in this world in any epoch has their replicas in antiquity.”**

**— Niccolò Machiavelli**

## Índice

Índice

Lista de Figuras

Agradecimentos

Enquadramento

1. Introdução, objecto e métodos .....	p. 1
1.1. Introdução .....	p.1
1.2. Objecto de estudo .....	p.2
1.3. Objectivos da Dissertação .....	p. 2
1.4. Enquadramento metodológico .....	p. 3
1.5. A importância e a actualidade da dissertação.....	p. 4
1.6. As balizas temporais .....	p. 5
1.7. Perguntas de partida .....	p. 6
1.8. Conceitos operacionais .....	p. 6
2. Geopolítica como ciência .....	p. 7
2.1. Causas do surgimento da Geopolítica, a sua importância e definição .....	p. 7
2.2. O actual renascimento da Geopolítica .....	p. 10
2.3. Terra <i>versus</i> Mar .....	p. 10
3. Heartland do sir Halford Mackinder .....	p. 12
3.1. Sobre o conceito .....	p. 12
3.2. “Trilogia” de Heartland .....	p. 14
3.3. <i>Heartland</i> no significado histórico .....	p. 15
3.4. Espaço vital e as fronteiras naturais .....	p. 18
3.5. Rússia .....	p. 21
4. Perspectiva histórica .....	p. 24
4.1. De Principado de Kiev até ao Império Russo .....	p. 24
4.2. Período inicial de criação do império .....	p. 31
4.3. Século XVIII – Império Russo .....	p. 37
4.4. Século XIX .....	p. 40
4.5. Análise do passado histórico .....	p. 46



5. Século XX .....	p. 52
5.1. Guerra Russo-Japonesa .....	p. 53
5.2. A Primeira Guerra Mundial .....	p. 55
5.3. Aspectos da Geopolítica da União Soviética .....	p. 59
5.4. Guerra Fria .....	p. 65
5.4.1. 1ª fase: 1947-1953 .....	p. 66
5.4.2. 2ª fase: 1953-1979 .....	p. 67
5.4.3. 3ª fase: 1979-1991 .....	p. 67
5.5. Contenção da Rússia .....	p. 70
5.5.1. Dois séculos de contenção .....	p. 70
5.5.2. A contenção durante Guerra Fria .....	p. 72
5.5.3. Contenção no tempo actual .....	p. 82
6. Rússia moderna .....	p. 84
6.1. Rússia até Vladimir Putin .....	p. 84
6.2. Vladimir Putin e a posição geopolítica actual da Rússia .....	p. 85
6.3. Os flancos .....	p. 96
6.3.1. Teoria dos flancos .....	p. 96
6.3.2. Flanco Norte (Ártico) .....	p. 97
6.3.3. Flanco Este (Círculo do Pacífico) .....	p. 103
6.3.4. Flanco Sul (Cáucaso e Ásia Central) .....	p. 114
6.3.5. Flanco Oeste (Europa) .....	p. 129
6.4. Outras direcções .....	p. 151
6.4.1. Planos de reorganização geopolítica da Eurásia .....	p. 151
6.4.2. As crises e o gás .....	p. 154
6.4.3. O Golfo Pérsico .....	p. 158
7. Conclusão .....	p. 159

## Bibliografia

## Lista de Figuras

Figura 1. A localização do Estreito de Ormuz e os principais exportadores de petróleo de Médio Oriente .....	(Enquadramento)
Figura 2. As rotas de Passagem de Nordeste .....	(Enquadramento)
Figura 3. Fases de alargamento da UE .....	p. 4
Figura 4. Fases de alargamento da NATO .....	p. 5
Figura 5. Modelo geopolítico de sir Halford Mackinder .....	p. 13
Figura 6. A temperatura anual média na Rússia .....	p. 22
Figura 7. Cordão sanitário actual a volta das fronteiras da Rússia .....	p. 23
Figura 8. Expansão do Principado de Kiev entre 862 e 980 .....	p. 25
Figura 9. Rota comercial dos varegues com os gregos .....	p. 25
Figura 10. Antiga Rota do Âmbar .....	p. 26
Figura 11. A estepe dos cumanos no final do século XI – início do século XII .....	p. 27
Figura 12. Esquema de funcionamento de Zasechnaya cherta .....	p. 28
Figura 13. Construção de Zasechnaya cherta no quadro de Maksimilian Presnyakov .....	p. 28
Figura 14. Expansão da Rússia 1500-1600-1700 .....	p. 34
Figura 15. Uma das páginas da “Mapa Geral do Império Russo” de 1734. Autor - Ivan Kirilov .....	p. 36
Figura 16. Mapa do mundo. Atlas do Império Russo, 1745 .....	p. 36
Figura 17. Mapa da expansão russa entre 1598 e 1725 .....	p. 39
Figura 18. Desafio geográfico de Moscóvia .....	p. 47
Figura 19. Planície Européia .....	p. 48
Figura 20. As fases de expansão da Rússia .....	p. 50
Figura 21. Cáucaso do Norte russo .....	p. 52
Figura 22. Todas as ameaças para o Heartland, de acordo com sir Halford Mackinder .....	p. 57
Figura 23. “Zona tampão” entre a Europa Ocidental e a Rússia após o final da Primeira Guerra Mundial .....	p. 57
Figura 24. Intermarium de Józef Pilsudski .....	p. 58
Figura 25. A actual rede das bases da NATO .....	p. 82
Figura 26. Posição estratégica da base naval Cam Rahn .....	p. 86
Figura 27. Diminuição do território russo em comparação com	

Pacto de Varsóvia e a URSS.....	p. 87
Figura 28. A densidade da população na Rússia .....	p. 89
Figura 29. Pontos quentes e regiões instáveis perto das fronteiras russas .....	p. 91
Figura 30. A forma de triângulo da Planície Europeia .....	p. 94
Figura 31. A diferença entre a Passagem de Nordeste e a Passagem através de Canal de Suez .....	p. 98
Figura 32. Campos de gás e de petróleo russos no Ártico .....	p. 100
Figura 33. A importância dos estreitos para a segurança energética Chinesa .....	p. 105
Figura 34. A posição estratégica dos Açores na mapa mundial .....	p. 111
Figura 35. Dependência japonesa do petróleo de Médio Oriente .....	p. 113
Figura 36. Rotas da possível retirada das tropas da NATO do Afeganistão .....	p. 115
Figura 37. Países envolvidos no programa TRACECA .....	p. 117
Figura 38. Fronteiras franco-britânicas em resultado do Acordo Sykes-Picot de 1916 .....	p. 118
Figura 39. A futura União Eurasiática entre Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão .....	p. 128
Figura 40. Posição geográfica de Nagorno-Karabakh .....	p. 121
Figura 41. Posição geográfica da Abecásia e da Ossétia do Sul .....	p. 126
Figura 42. Esfera de influência da Turquia (máxima extensão do Império Otomano) .....	p. 130
Figura 43. A posição geográfica do enclave <i>russo</i> –Kaliningrado .....	p. 133
Figura 44. Gazodutos “North Stream” e “South Stream” .....	p. 136
Figura 45. Jaroslau, “o Sábio”: esquema de casamentos dinásticos .....	p. 137
Figura 46. GeRússia de 2008 .....	p. 139
Figura 47. O núcleo de segurança da Europa, de acordo com Zbigniew Brzezinski .....	p. 140
Figura 48 “Obama’s Nightmare: EuRussia” .....	p. 140
Figura 49. A divisão da Europa pós-Primeira Guerra Mundial pelo sir Halford Mackinder .....	p. 142
Figura 50. O cerco da Ucrânia .....	p. 145

Figura 51. O cerco da Ucrânia e as regiões com as aspirações separatistas .....	p. 146
Figura 52. Território da Moldova: Transnístria e Gaugázia .....	p. 151
Figura 53. Produção de ópio em Afeganistão .....	p. 153
Figura 54. As reservas mundiais de gás .....	p. 155
Figura 55. Projecto de gazoduto “Nabucco” .....	p. 156
Figura 56. Gazoduto “Baku-Tbilisi-Ceyhan” .....	p. 156

**Aos meus pais, por sua fé, amor sem limites,  
verdadeira lealdade e apoio infinito**

**Agradecimentos especiais aos meus Professores do Instituto Superior de  
Ciências Sociais e Políticas. Em especial, ao meu orientador, Professor  
Catedrático António Costa de Albuquerque de Sousa Lara, pelo conhecimento  
transmitido, apoio académico e não só.**

## Enquadramento

Uma dos principais componentes da ideologia do Terceiro Reich foi o conceito de “espaço vital” (em alemão – “*Lebensraum*”), que é um conceito central na Geopolítica, na escola alemã desta ciência. No entanto, os princípios que desenvolveram os geopolíticos clássicos alemães, foram pervertidos e reformulados pelos líderes do Terceiro Reich para atender às suas ambições, e, mais tarde, foram demonizados na União Soviética e até mesmo na maioria dos países ocidentais. Quase meio século a teoria da Geopolítica foi proibida na União Soviética, considerada burguesa e anti-científica.

Durante este meio século, muitos esqueceram a famosa frase de sir Halford Mackinder: “Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo”<sup>1</sup>. Muitos também esqueceram, que nesta lei da Geopolítica foi reformulado provérbio do século XV sobre a Veneza, que até o século XVI foi a entrada principal de especiarias orientais para a Europa: “*Whoever is lord of Malacca shall have his hands on the throat of Venice*”<sup>23</sup>. Sem referir que há muito esquecidos, desde o tempo de Platão e de Aristóteles, vários discursos sobre a política mundial, que sempre dependia da geografia, ou seja, da Geopolítica.

A impopularidade da Geopolítica na segunda metade do século XX foi o resultado de vários factores.

Em primeiro lugar, como já foi dito, ela era vista como teoria nazista. Os fundadores da sua escola alemã e, especialmente, Karl Haushofer, foram considerados os pais da ideologia política externa de Hitler e das suas idéias de “espaço vital”.

Em segundo lugar, a impopularidade da Geopolítica decorreu do aparecimento das armas nucleares, que, de acordo com alguns, mataram a sua “filha” político-militar – a Geoestratégia, e que tornaram a guerra num instrumento muito menos conveniente e moralmente aceitável de política. No entanto, como mostrou a própria história, durante 70 anos passados após os ataques sobre Hiroshima e Nagasaki, este tipo de arma não foi

---

<sup>1</sup> Mackinder, Halford John. *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*. New York: Holt, 1919, p. 58

<sup>2</sup> Guliver, Katrina. *European Perceptions of Malacca in the Early Modern Period*. Consultado em 24 de Março de 2014. [http://www.academia.edu/789550/European\\_Perceptions\\_of\\_Malacca](http://www.academia.edu/789550/European_Perceptions_of_Malacca)

<sup>3</sup> Cortesao, Armando (1990), *The Suma Oriental of Tome Pires: an account of the East, from the Red Sea to China. Written in Malaca and India in 1512-1515*, Vol. 1, p. 75



considerado principal, por causa do seu impacto em grande escala, capaz de matar milhares de vidas inocentes. Apenas manteve durante decénios uma importância dissuasiva.

Em terceiro lugar, um número de novas “revoluções” (técnico-científica, verde, digital, etc.), diminuía as distâncias, aumentando dramaticamente a produção de alimentos, reduzindo a quantidade de matérias-primas necessárias para produzir uma unidade do produto.

Assim, gradualmente criou-se a ilusão de vitória do Homem sobre a natureza e sobre o espaço (Doutrina Possibilista).

O final dos impérios coloniais, devido a várias causas conexas, reduziu a importância dos territórios, tornando o controle sobre eles pouco importante. Tudo isto foi suportado pela dominância de um número de teorias sobre a morte próxima de Estados, apoiadas pela nova globalização económica. Tudo isso enterrava a Geopolítica como uma disciplina científica.

A situação começou a mudar drasticamente na volta do novo século.

E, agora, as afirmações de que a situação no Estreito de Ormuz (saída do Golfo Pérsico), através do qual passa 40% do comércio mundial de petróleo<sup>4</sup>, ou mesmo no estreito de Malaca, por onde vem 40% de todo o comércio internacional<sup>5</sup>, depende o destino da humanidade, não parecem exageros. Sobre o facto de que o bloqueio destas artérias pode derrubar um país e até mesmo continentes inteiros, ninguém já ignora.

Em geral, o renascimento da Geopolítica associa-se às novas realidades seguintes:

a). O rápido crescimento da Ásia provocou um aumento na procura de matérias-primas, energia, alimentos e outros recursos. Devido a isso, aumentou drasticamente o valor político e económico das áreas onde esses recursos estão localizados e através dos quais estes podem ser transportados. Começou a luta pela esquecida África. Ela foi mais uma vez "descoberta" para a produção de alimentos e matérias-primas pela China. No entanto, além da China, há uma série de países que começaram a lutar pelos vastos

---

<sup>4</sup> Center for Strategic and International Studies (2007), Iran, Oil, and the Strait of Hormuz, Consultado em 3 de Junho de 2014. [http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326\\_iranoil\\_hormuz.pdf](http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326_iranoil_hormuz.pdf)

<sup>5</sup> Economic and Social Council – ECOSOC, The question of the Strait of Malacca, Consultado em 15 de Fevereiro de 2014. [http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326\\_iranoil\\_hormuz.pdf](http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326_iranoil_hormuz.pdf)  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Malacca\\_sultanate](http://en.wikipedia.org/wiki/Malacca_sultanate)



recursos do continente africano. Não é por acaso, que nos últimos tempos é dada cada vez maior atenção às crises locais, às quais, outrora, se fechavam os olhos;

b). Até certo ponto, para o retorno da Geopolítica contribui a mudança do clima e estilos de vida. Muitos, devido a urbanização, vivendo em conforto urbano e abundância, esqueceram as leis da natureza. Mas a natureza rejeita essa negligência. Flutuações frequentes no clima, inundações, secas, que levam à explosões sociais em grandes regiões, fazem lembrar o facto de que as pessoas continuam a depender da natureza e da Geografia. A poluição ambiental e as suas consequências fazem novamente voltar “às raízes”;

c). A Geopolítica renasce devido ao início de renacionalização da política mundial. Sonhos reaccionários sobre um concerto de grandes potências, ou liberais, sobre um governo mundial que iria governar o mundo com base num mandato democrático não se tornaram realidade. Não se tornaram na realidade também, as suposições sobre o futuro de corporações internacionais transformadas em potências principais. Algumas delas têm uma enorme influência, mas as mesmas, em todos os lugares são obrigadas a ceder ao Estado e às políticas nacionalmente orientadas;

d). Um facto importante para o retorno da Geopolítica foi o colapso da hegemonia bipolar da Guerra Fria e a transformação gradual num mundo unipolar que emergiu após o colapso da União Soviética;

e). Finalmente, a Geopolítica retorna devido à globalização económica. Um grande aumento de comércio internacional, a maior interdependência dos Estados, torna todos dependentes da Geografia e de segurança de transporte de produtos. Cada vez mais a política mundial depende dos caminhos mundiais de transporte de mercadorias. E se há mil anos atrás as rotas fundamentais eram as de caravanas, e nos séculos XIX e XX os caminhos de ferro, agora, são as rotas marítimas as determinantes. O crescimento do transporte aéreo apenas parcialmente corrige, mas não altera essa tendência. Provavelmente, devido a certos eventos, o Irão há muito estaria sujeito a uma intervenção externa, se não fosse a sua capacidade de bloquear o Estreito de Ormuz<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> (Sem autor), 6 de Agosto de 2012. Iran Has More Than 5,000 Mines It Can Use To Block The Strait Of Hormuz. Business Insider. Consultado em 16 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.businessinsider.com/iran-has-more-than-5000-mines-it-can-use-to-block-the-strait-of-hormuz-2012-8>



(Figura 1). Os Estados Unidos com muita persistência estão cada vez mais livres da dependência do petróleo do Médio Oriente, só para não depender do Irão.

O retorno da Geopolítica significa muito para alguns Estados, nomeadamente a Rússia. Apesar da fraca economia e de uma série de crises internas (identificacional, demográfica, entre outras), muitas das quais foram o resultado do colapso da União Soviética, o relativo sucesso da Federação Russa, em grande medida, decorre precisamente de factores geopolíticos. O território russo, com os seus recursos de gás, óleo, água e outros, mais uma vez se torna muito poderoso no cenário mundial.

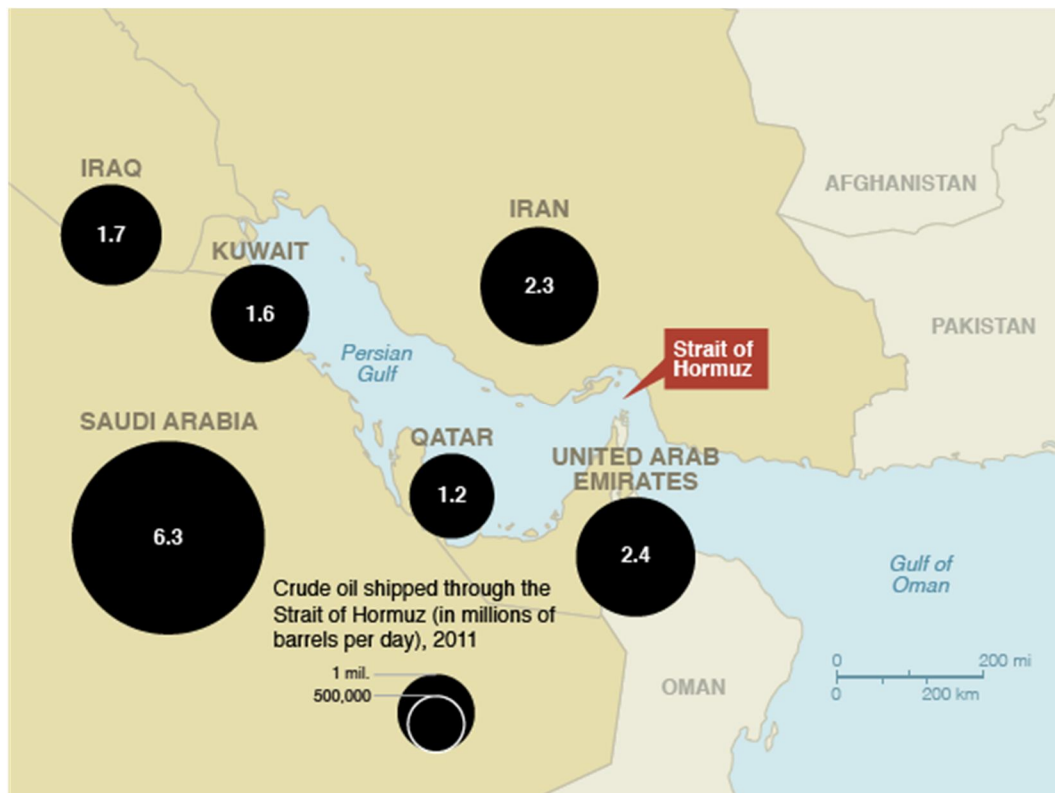


Figura 1. A localização do Estreito de Ormuz e os principais exportadores de petróleo de Médio Oriente

(<http://environment.nationalgeographic.com/environment/energy/great-energy-challenge/strait-of-hormuz/>)

O seu tamanho e a sua proximidade com um número grande de potências locais é um activo potencial de crescimento futuro.

Com a ascensão da China e de alguns países asiáticos, o centro da economia mundial e da rivalidade geopolítica desloca-se gradualmente para o Oceano Pacífico. E com a ascensão da Índia e uma nova série de guerras no Médio Oriente, o centro pode

ser parcialmente deslocado e para o Oceano Índico. O aumento de crescimento da população mundial e o aumento contínuo no consumo de alimentos e uma variedade de bens, leva à vulnerabilidade e sobrecarga de várias artérias de transporte. Devido a isso, aumenta gradualmente e a importância geopolítica do Ártico, especialmente a parte russa. A concorrência sobre esta região já começou, mas até agora, ainda é pouco visível. E a Rússia está à frente, devido ao facto de que foi a primeira que apresentou o seu interesse e o direito de extrair hidrocarbonetos na região<sup>7</sup>. E o mais importante, decorre da Geografia: ao longo da fronteira norte, passa parcialmente alternativa às artérias de tráfego do Índico e do Pacífico – a Passagem do nordeste. Actualmente, ela funciona das cidades Murmansk e Arkhangelsk em direcção a oeste até ao Estreito de Bering (Figura 2).



Figura 2. As rotas de Passagem de Nordeste.

<http://arcticecon.files.wordpress.com/2012/02/northern-sea-route-with-exclusive-economic-zones1.png>

O crescimento económico da Ásia-Pacífico oferece enormes oportunidades para o desenvolvimento de uma série de regiões pouco povoadas da Rússia, localizadas na zona de mais baixas temperaturas. O desenvolvimento da infra-estrutura na Sibéria e em

<sup>7</sup> Baev, Pavel, (Outubro de 2007). Russia's Race for the Arctic and the New Geopolitics of the North Pole. The Jamestown Foundation. Consultado em 17 de Fevereiro de 2014.  
[http://www.jamestown.org/uploads/media/Jamestown-BaevRussiaArctic\\_01.pdf](http://www.jamestown.org/uploads/media/Jamestown-BaevRussiaArctic_01.pdf)



toda parte central e leste da Rússia pode mudar completamente o *status* deste país, transformando-o de um Estado fornecedor de recursos naturais num Estado predominantemente transportacional.

Assim, a economia global exige um aumento qualitativo de atenção das elites políticas da Rússia sobre o norte do país. Mas esse progresso, em qualquer caso, não deve constituir o início de novo isolamento da Rússia em relação à Europa ou às ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central. A posição geográfica da Rússia diz que é uma potência euroasiática, que ao longo dos séculos sempre foi ponte entre a Europa, a Ásia.

## 1. Introdução, objecto e métodos

### 1.1. Introdução

Ao longo da última década, a Geopolítica como ciência atrai um enorme interesse na Rússia. Esta tendência têm muitas explicações. Geralmente aceite na era soviética a teoria da luta de classes da política internacional, deixava-se pouco espaço para análise de factores geopolíticos, embora, na prática política, estes sempre fossem levados com mais seriedade.

De um ponto de vista geoestratégico, a Rússia é identificada com a Eurásia, coincide com o conceito geopolítico de *Heartland* ou “*pivot* geográfico da história” de sir Halford Mackinder. Ela reúne o oeste e o leste da Eurásia, sendo um corpo geopolítico independente e especial que pertence tanto ao Oriente como ao Ocidente, com a sua própria cultura do “Reino do Meio”.

O papel e o lugar da Rússia no mundo moderno é em grande parte determinado pela sua posição geopolítica. A posição geopolítica de Rússia é considerada tendo em conta a situação geográfica, política, militar, económica, demográfica, religiosa de entre outras.

Uma das componentes importantes da posição geopolítica é a capacidade de controlar os espaços e os pontos geográficos chave. Esta capacidade é derivada do grau de auto-suficiência (viabilidade) do sujeito geopolítico. Do ponto de vista da sua posição geopolítica, a Rússia como um sucessor directo da União Soviética e do Império Russo, está numa situação nova. Esta situação é o resultado das várias alterações geopolíticas das últimas duas décadas e meio.

Desde a segunda metade da década de 80 do século passado, a União Soviética começou gradualmente a perder o controle sobre os países do campo socialista, e em seguida, sobre as próprias repúblicas da união.

Para a posição geopolítica da Rússia não são indiferentes as mudanças que ocorrem no espaço europeu, relacionadas com a expansão da NATO para o leste. Geopoliticamente isso significa a “invasão” por parte do Ocidente da esfera de influência, que era impenetrável desde pelo menos Pedro, “o Grande”.

A Rússia ao longo dos últimos séculos da sua história, sempre foi uma entidade geopolítica significativa, o país com maior território do mundo, que está localizado em dois continentes.

As mudanças na política mundial após o fim da Guerra Fria, colocavam a Rússia numa posição de redefinição do seu lugar no mundo da política internacional, de identificação das suas actividades de política externa, que vão determinar o seu papel e sua influência no cenário mundial.

### 1.2. Objecto de estudo

O objecto de estudo é a Geopolítica da Rússia, Estado, que ao longo da sua história milenar teve vários nomes, como Principado de Kiev, Grão-Ducado de Moscovo, Império Russo e União Soviética. Será necessário ver a Rússia como um organismo geográfico, que está situado dentro dos limites concretos (fronteiras), que possui uma determinada posição no globo e ver como estes aspectos geográficos determinam ou influenciam a política estadual russa, quer num sentido interno quer externo.

### 1.3. Objetivos da dissertação

O objetivo do autor desta Dissertação é compreender a importância do valor histórico para a Rússia, do seu território, que foi nomeado por sir Halford Mackinder como *Heartland*. Qual era a sua importância há séculos atrás? Como se alterou esta importância ao longo do processo de expansão do Estado russo? Qual é o seu significado no presente momento e qual será ele no futuro próximo?

É importante entender quais são as regiões do *Heartland*, quais as principais, as estrategicamente mais importantes, sem os quais a Rússia, como país, não se afirma como poder mundial. Por outro lado, é necessário perceber quais as regiões que não têm a importância primária, e cuja perda não é crítica.

Também, uma tarefa importante é entender os motivos da expansão da Rússia de oeste para este e de norte para sul. Sendo essencialmente expansão territorial e política, é importante entender as causas desse aumento das zonas de influência e os seus propósitos, ou seja, entender se essa expansão era uma acção racional ou a expansão foi espontânea, sem objectivos, devido a simples falta de rivais geopolíticos reais, ou seja, a presença de um certo vácuo (inexistência de concorrentes na luta pelos estes territórios). Em regra, cada expansão tem a sua própria ideologia e o seu propósito. No Terceiro

Reich, foi a conquista de espaço vital (“*Lebensraum*”)<sup>8</sup>, na Era dos Descobrimentos colocou-se como seu principal objectivo encontrar novos parceiros comerciais e novas fontes de produtos raros, valiosos e ausentes na Europa. Qual era a motivação principal no caso da Rússia? Compreendendo a essência dessa expansão até 1914, será mais fácil entender a importância dos territórios que a Rússia perdeu ao longo do último século.

A Dissertação não contém métodos e técnicas específicos para atingir determinados objectivos geopolíticos, também não é indicada a quantidade de recursos necessários para os alcançar. Este problema é a base da Geoestratégia, que, como toda a ciência de estratégia requer, - adaptando o conceito de Estratégia do Professor e Contra-Almirante António Manuel Silva Ribeiro, que ele representa na sua magnífica e única, em termos de importância, obra “Teoria geral da Estratégia: o essencial ao processo estratégico”, 2010<sup>9</sup> -, o conhecimento dos pontos fortes e fracos do seu adversário ou adversários, e uma análise ambiental – da conjuntura, eventuais obstáculos e oportunidades futuras. Esta tarefa é tratada pelos institutos e ministérios que se especializam em determinados sectores (economia, cultura, etc.) ou em determinadas áreas (Ásia Central, Médio Oriente, Europa Ocidental, etc.).

#### **1.4. Enquadramento metodológico**

A presente dissertação possui, principalmente, a análise histórica e geopolítica (geohistórica) do desenvolvimento da Rússia. Até o próprio sir Halford Mackinder enfatizou a necessidade de considerar o processo de desenvolvimento da Terra pelo Homem numa perspectiva temporal. Ele considerava que a Geografia estuda o presente à luz do passado, e que a História mundial é uma luta contínua entre dois princípios, duas civilizações - oceânica e continental.

Para facilitar a análise da actual posição geopolítica da Rússia e dos seus respectivos interesses geopolíticos após o colapso da União Soviética, foi utilizado o esquema de zoneamento geopolítico do mundo, ou seja, alocação de regiões fisiográficas, baseando-se na uniformidade de características, neste caso, a partir dos pontos cardeais (norte, sul, oeste, leste). Sendo assim, é útil distinguir quatro grandes espaços geopolíticos, fronteiras extremas da Rússia, através das quais, por terra ou por

---

<sup>8</sup> Helwig, Holger H. THE DAEMON OF GEOPOLITICS: KARL HAUSHOFER, RUDOLF HESS AND ADOLF HITLER. University of Calgary. Consultado em 18 de Junho de 2014.  
<http://www.usafa.edu/df/dfh/docs/Harmon53.pdf>

<sup>9</sup> Ribeiro, António Silva, Teoria Geral da Estratégia: o essencial ao processo estratégico, Almedina, 2010, p. 22

mar, ela coopera ou luta activamente com outros Estados. Estes espaços incluem os países pós-soviéticos (alguns deles pertencem ao flanco ocidental, outros ao flanco sul), a região europeia (a UE e os países da Europa Central e de Leste), o Círculo do Pacífico e o Ártico. Além disso, serão considerados outros países e espaços, que não fazem directamente fronteira com a Rússia, mas que têm para ela grande importância, em particular, o Médio Oriente e os países do Golfo Pérsico.

### 1.5. A importância e actualidade da dissertação

De um ponto de vista prático, a frase de sir Halford Mackinder sobre "Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*" refere-se à luta pelo controle desta importante, para os Estados continentais (em primeiro lugar, claramente, para a Rússia), "Terra coração". À luz dos acontecimentos das últimas duas décadas - a adesão dos países do leste europeu na chamada "família europeia" – UE (Figura 3) a aproximação das fronteiras da NATO até as fronteiras da Rússia através dos territórios da Europa Oriental e dos países bálticos (Figura 4), a futura colocação próxima de sistema de defesa anti-míssil na região, as disputas de gás, entre outros, conferem à importância deste trabalho um carácter especial.

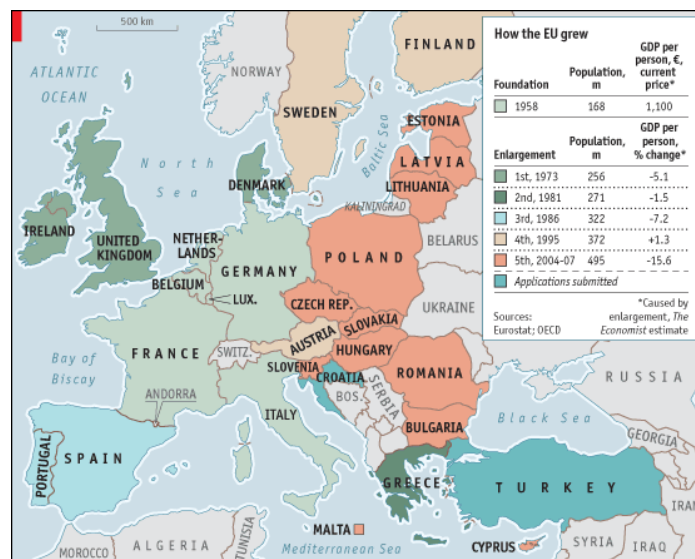


Figura 3. Fases de alargamento da UE

(<https://bantrygeography.files.wordpress.com/2012/05/eu-enlargement.gif>)



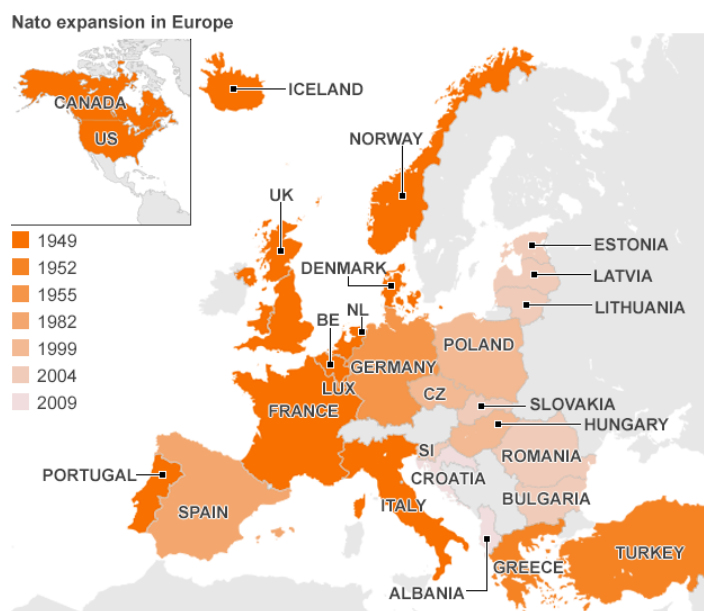


Figura 4. Fases de alargamento da NATO

(<http://integratedsociopsychology.net/blog/wp-content/uploads/2014/04/NATO-expansion.gif>)

Acresce que, conforme mencionado, a Geopolítica na União Soviética foi proibida, de modo que os principais livros geopolíticos, em particular, de sir Halford Mackinder foram traduzidos para russo somente após o colapso da União Soviética, enquanto que, em outros países, esses trabalhos são conhecidos há décadas. Assim, "The Geographical Pivot of History" foi traduzido para russo apenas em 1995, "Democratic Ideals and Reality" ainda não foi traduzido e é conhecido apenas pelas traduções amadoras parciais. "The round world and the winning of the peace" foi traduzido, de modo fragmentado, em 1994, o que não espelha uma apresentação razoável sobre o modelo como um todo.

Este trabalho torna-se também importante devido à situação estabelecida após o desmembramento da URSS, que obriga a Rússia contemporânea a adaptar-se às novas realidades e a procurar o seu papel no sistema das relações internacionais. A influência dos factores geográficos, neste sentido, determina, em certo modo, os principais vectores da política externa russa. Ver que factores e de que modo o fazem, é uma tarefa importante e interessante.

### 1.6. As balizas temporais

Uma parte de dissertação é dedicada à análise da pré-História russa e ao processo secular de expansão do Estado russo, que, de facto, só termina aquando do desmembramento da União Soviética. Parte do trabalho dedica-se ao período entre o



fim da Segunda Guerra Mundial e o desmembramento da União Soviética, que recebeu o nome da Guerra Fria. A última parte da Dissertação foca-se na Rússia contemporânea.

### 1.7. Perguntas de partida

A pergunta de partida principal da presente Dissertação é:

- O controle de *Heartland* é um objectivo estratégico suficiente para a afirmação de poder russo como grande poder mundial (e não como poder regional)?

Perguntas de partida secundárias:

- Quais as zonas de *Heartland* de que a Rússia não pode prescindir (zonas críticas)?
- Quais as zonas de *Heartland* de que a Rússia pode prescindir (zonas não críticas)?

### 1.8. Conceitos operacionais

Os principais conceitos utilizados na presente dissertação são:

- Determinismo geográfico – conceito, de acordo com qual, as condições geográficas predeterminam a vida económica, social e política específica de Estados, formam o espírito e carácter nacional;
- Espaço vital - conceito que se tornou a base da Geopolítica tradicional, e que comprova a prosperidade do Estado através do crescimento territorial dinâmico, o que leva à dominação mundial;
- Geopolítica - a ciência do controle sobre o espaço, as leis de distribuição e redistribuição de esferas de influência de vários Estados e organismos interestaduais;
- *Heartland* - a zona norte-oriental da Eurásia. É um conceito principal do modelo geopolítico clássico do geógrafo britânico, do político e do Professor da Universidade de Oxford - sir John Halford Mackinder;
- Posição geopolítica do Estado – posição que se determina pela potência total de recursos tangíveis e intangíveis (político-militares, económicos, tecnológicos, etc.) no espaço multidimensional da Terra;
- “Zona Tampão” (ou “zona buffer”) - região que serve o propósito de manter duas ou mais regiões (muitas vezes, mas não necessariamente, os países), a uma distância uma da outra, por qualquer motivo. O conceito de “zona tampão” pode ser considerado sinónimo do conceito “cordão sanitário” – conceito geral geopolítico do grupo de países

limítrofes, criado sob a égide do Reino Unido e da França, após o colapso do Império Russo, ao longo das fronteiras europeias da Rússia Soviética para impedir a penetração das idéias comunistas no Ocidente, na década de 1920 – 1930.

## 2. Geopolítica como ciência

### 2.1. Causas do surgimento da Geopolítica, a sua importância e a definição

A Geopolítica é uma ciência geográfica ou política? Na opinião do autor da Dissertação, a Geopolítica faz parte das Ciências Políticas. Foi assunto de alguns geopolíticos clássicos, como Friedrich Ratzel, e mantém-se uma questão em análise pelos geopolíticos modernos, como, por exemplo, Professor António Marques Bessa do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa). Na realidade, a Geopolítica não analisa acontecimentos geográficos, como a desertificação das terras, a subida das temperaturas, etc., enquanto estes acontecimentos não afectam o importante território do Estado ou começam a influenciar certas políticas estaduais<sup>10</sup>.

A Geopolítica é essencial pois combina dois elementos importantes para a definição dos interesses dos Estados: a Geografia (que é o factor de potencial estratégico mais estável e permanente, embora, a sua capacidade de gestão seja constantemente diminuída pelos avanços tecnológicos) e a História. A História é essencial pois está repleta de lições e exemplos. As lições ajudam a evitar e a cometer o mesmo erro (“não pisar duas vezes no mesmo ancinho, pois vai doer ainda mais”), os exemplos ajudam compreender a parte teórica.

A parte essencial da Geopolítica e da Geoestratégia é a arte dos líderes, pois é precisamente esta que não permite ao determinismo geográfico de nos privar de alternativas na escolha dos cenários e modelos geopolíticos. Além disso, existe uma relação directa entre o potencial geopolítico (que é uma soma de todos os factores de potencial estratégico, tanto tangíveis, como intangíveis, de um Estado: geográficos, económicos, demográficos, tecnológicos, etc.) e a arte do líder. Alguns países têm enorme potencial geopolítico, mas devido à fraqueza dos líderes não conseguem aproveitar o seu potencial geopolítico. Exemplo: Angola. Outros países, ao contrário, possuem um fraco potencial geopolítico, mas devido à habilidades do líder conseguem

---

<sup>10</sup> Pereira, Luís Mira. O que esperar da Europa? Uma análise Geopolítica. 1ª edição. Causa das Regras, pp. 25-28

alcançar resultados incríveis. Exemplo: Portugal cinco séculos atrás, quando o Império Português controlava metade do mundo conhecido.

Fundamental para a Geopolítica é a tese sobre a influência do meio geográfico sobre o desenvolvimento interno e externo do Estado. Daqui, surge a definição mais universal da Geopolítica como uma disciplina das leis do desenvolvimento e da cooperação dos Estados na sua dimensão espacial. Em outras palavras, é uma síntese orgânica de dois princípios, geográficos e políticos, o primeiro dos quais é sinónimo de continuidade espacial, e o segundo que está relacionado com a acção do Estado e a variação temporal (factor de tempo).

A noção de que o território do Estado determina o seu desenvolvimento foi focada pelos antigos gregos, que criaram a doutrina mística da "Geografia Sagrada"<sup>11</sup>. Mais tarde, estes desenvolvimentos tomaram forma nas leis praticamente aplicáveis da Geopolítica. Por exemplo, qualquer Estado pretende sair para o mar, para ter acesso às rotas comerciais, aproximar as suas fronteiras às fronteiras naturais - montes, lagos, rios, etc. Para qualquer Estado é benéfico criar a capital do país (que é sempre o "coração" e o "cérebro" do Estado) nas profundezas do seu próprio território, longe das fronteiras, da invasão externa, maximizar a fronteira ao longo da costa e reduzir a da terra, pois a última é sempre difícil de proteger.

A Geopolítica é a ciência que estuda a dependência da política externa e das relações internacionais do sistema de laços políticos, militares e estratégicos, ambientais e económicos, causados pela localização geográfica e outros factores físicos e económico-geográficos.

A Geopolítica é a ciência, a disciplina e a prática de relações entre o Estado e o território, a partir do qual este Estado interage. Apareceu no início do século XX, apesar de muitas das obras, que não formaram previamente esta ciência, serem conhecidas muito mais cedo.

A Geopolítica como uma direcção desenvolveu-se nas experiências e lições do "Grande Jogo" - o confronto geopolítico mundial entre os impérios russo e britânico no século XIX e início do século XX, quando, em condições de superioridade técnica,

---

<sup>11</sup> Dugin, Aleksandr (14 de Outubro de 2012). Da Geografia Sagrada à Geopolítica. Legio Victrix. Consultado em 2 de Março de 2014.  
<http://legio-victrix.blogspot.pt/2012/10/da-geografia-sagrada-geopolitica.html>

cultural e demográfica, estes Estados começaram a “submissão” activa do espaço disponível do Cáucaso, da Ásia Central e do Extremo Oriente.

Na Geopolítica estão envolvidos apenas os principais jogadores (*players*) do mundo. As potências menores estão cientes desta ciência, familiarizadas com os seus princípios e os objectivos, mas não são capazes de os pôr em prática, devido à falta de certos recursos: naturais, humanos, materiais, científicos, militares, etc. Os pequenos países, de facto, são os objectos que são utilizados pelas potências mundiais para alcançar os próprios objectivos. É por isso que, durante muitos séculos, os pequenos Estados se uniram em alianças militares, políticas e económicas, a fim de não se tornarem numa “bola no jogo de futebol”. E é por isso que as principais escolas de Geopolítica e os principais conhecidos modelos geopolíticos foram criados e formulados pelas potências mundiais.

Havia várias causas do surgimento da Geopolítica. Em primeiro lugar, a tendência gradual do “fecho” do espaço mundial. *“O mundo pela primeira vez foi dividido de tal forma, - escrevia Lenine, - que no futuro só haverá redivisões”*<sup>12</sup>.

Em segundo lugar, a desaceleração da expansão espacial e territorial europeu, como resultado da conclusão da divisão real do mundo, o endurecimento da luta pela redistribuição do que sobrou.

Em terceiro lugar, globalização mundial da história europeia.

A Geopolítica afirma que os grandes espaços são os mais estáveis. O aumento do número de países no mundo leva a um aumento quantitativo de conflitos. Na década de 90 do século passado, como resultado do processo de reestruturação e mudanças Geopolíticas subsequentes apareceram 27 novos Estados. O número de Estados desde o início do século XX aumentou mais de quatro vezes: após a Primeira Guerra Mundial 30 novas formações estatais; após a Segunda Guerra Mundial - 25; depois da descolonização - 90 Estados novos; após o colapso do regime socialista e o colapso da URSS e outros países socialistas - 27 Estados. Esta desfragmentação é agravada pelos métodos errados, que não consideram os laços culturais, históricos, económicos entre outros. Neste sentido, basta observar para o mapa do continente africano, onde a maioria dos limites territoriais foram conduzidos pelas potências europeias com uma régua e um lápis, sem considerar as características da população local.

---

<sup>12</sup> Lenine, V. I. Colecção completa (em russo). Volume 27, 1970, p. 374

## 2.2. O actual renascimento da Geopolítica

A causa do aumento da popularidade pela Geopolítica num determinado país poderia ser a vitória numa guerra, que sempre une a nação, regenera a cultura nacional, promove a expansão espiritual e territorial para os países vizinhos, e para os outros continentes. Mas, a derrota na guerra também pode ser o catalisador para a criação e expansão de teorias geopolíticas. Este processo foi observado, por exemplo, após a derrota da Alemanha na Primeira e Segunda Guerras Mundiais, após a derrota da Rússia na guerra Russo-Japonesa, após o colapso da União Soviética e a perda de enormes territórios habitados por russos.

A onda de interesse pela Geopolítica na Rússia de hoje é semelhante à onda de interesse por esta ciência na Alemanha após a derrota na Primeira Guerra Mundial e a assinatura do humilhante Tratado de Versalhes. O Tratado de Versalhes para a Rússia corresponde ao documento Bialowieza, que reconheceu o colapso da URSS.

## 2.3. Terra *versus* Mar

Entre os factores geopolíticos, é de extrema importância a localização do país em relação ao Terra e ao Mar. Neste sentido, todos os Estados são divididos em continentais e marítimos. Para as potências continentais, é muito importante o tamanho do seu território, que se torna factor da sua força e da segurança. Para os Estados marítimos, o valor comparável é o controle sobre o espaço marítimo adjacente. Se falarmos sobre a economia, aos Estados continentais interessa-lhes, geralmente, que a sua indústria esteja nas proximidades de fontes de matérias-primas e da energia. Aos Estados marítimos que estes estejam perto da costa. Assim, os Estados continentais desenvolvem principalmente linhas ferroviárias e outras formas de transporte terrestre, enquanto Estados marítimos apostam principalmente na Marinha.

Como exemplo podemos considerar a Rússia e os Estados Unidos modernos. As suas diferentes posições geopolíticas determinam, em grande parte, as diferentes abordagens tanto para a política interna, como para a externa.

Os Estados Unidos têm acesso conveniente para o oceano a partir de quase qualquer ponto da costa, enquanto as propriedades marítimas da Rússia são, antes de tudo, águas fechadas e mares polares frios; as costas atlântica e pacífica dos Estados Unidos estão abertas para a navegação durante todo o ano, enquanto os portos mais importantes da Rússia são “algemados” pelo ritmo sazonal do congelamento. Tendo por perto o Canal do Panamá, os Estados Unidos manobram livremente as suas forças entre

o Atlântico e o Pacífico o que é uma situação inatingível para a Rússia. Não é por acaso que, ao longo dos últimos quatro séculos e meio de história da Rússia, o problema geopolítico mais crítico foi o acesso às extensões abertas do oceano.

Além disso, a configuração da costa dos Estados Unidos permite o uso dos oceanos como linhas internas de comunicação, enquanto as possibilidades da Rússia nesta área são bem mais modestas. Seja qual for o acesso que a Rússia encontra, este não vai trazer o resultado esperado por ela. Qualquer cidade ou região da Rússia, terá que continuar a orientar-se não para o “mar quente” adquirido, mas para a continentalidade do país.

Assim, apesar do desejo da Rússia de se tornar "um império de quatro oceanos" e as enormes potencialidades da Frota nacional na segunda metade do século XX, a Rússia deve ser classificada como um Estado terrestre-continental, enquanto os Estados Unidos como uma potência marítima transcontinental. A confirmação desta tese pode ser o seguinte exemplo: os centros da vida económica e intelectual dos Estados Unidos são agrupados ao longo das costas marítimas: aglomeração Boston-Washington, as costas da Califórnia e do Texas, bem como a região dos Grandes Lagos, que representam o maior e mais importante hidrovia, mesmo sendo intra-continental. O "centro de gravidade" (em alemão – “Schwerpunkt”)<sup>13</sup> da Rússia, que representa a parte europeia do país, é definitivamente continental.

Na Geopolítica clássica, existe o conceito de dualismo fundamental entre o Mar e a Terra. É dada atenção especial a este confronto e a estas diferenças nas obras de sir Halford Mackinder e de Karl Schmidt<sup>14</sup>, entre outros.

Este confronto, historicamente, é expressado na guerra entre Roma e Cartago, as Cruzadas, nas políticas coloniais do Reino Unido, da França, da Espanha e de Portugal. No entanto, o pico deste confronto foi atingido durante a Guerra Fria, que marcou a luta entre a URSS e os EUA. O conceito de *Heartland* é uma parte importante e integral neste duelo.

---

<sup>13</sup> Ribeiro, António Silva, *Teoria Geral da Estratégia: o essencial ao processo estratégico*, Almedina, 2010, pp. 179-185

<sup>14</sup> Uma das melhores obras é o livro *Land and Sea* de 1954 de Carl Schmitt

### 3. Heartland do sir Halford Mackinder

#### 3.1. Sobre o conceito

Qual é a essência do modelo geopolítico do sir Halford Mackinder? Resumidamente, ele viu a história como uma luta entre a Terra e o Mar. Ele viu que o mundo se tornou num sistema "fechado", sem novas terras para conquistar, controlar ou descobrir. Forças marítimas e terrestres nesta situação vão lutar pelo domínio do mundo e o vencedor terá o direito de criar um império mundial. Na verdade, sir Halford Mackinder previu que no futuro o número de crises e conflitos sobre o controle das certas áreas estratégicas iria continuar a crescer nos territórios não ocupados, que as grandes potências podem conquistar, como isso aconteceu durante a época dos Descobrimentos. Ou seja, que o factor determinante nesta luta é a Geografia.

As características geográficas particulares do globo, em grande medida, são vistas como a definição da natureza desta luta mundial, a definição das partes em conflito e das zonas de conflito. Derrota e vitória vai depender do "*pivot-state*", de acordo com sir Halford Mackinder - Estado, que controla o "coração" (*Heartland*) da "Ilha Mundial" (*World Island*).

"Ilha mundial" é a massa terrestre da Europa, da Ásia e da África. *Heartland*, sir Halford Mackinder chamou à parte central da Eurásia, em torno do qual estão localizados o arco interno (*Inner Crescent*) Europa - Arabia - Indochina e o arco externo (*Outer Crescent*) América - África - Oceania (Figura 5)<sup>15</sup>.

O controle deste vasto espaço por um Estado permitir-lhe-ia organizar recursos humanos e materiais significativos, em detrimento do resto do mundo. Uma vez que o *Heartland* deste território é inalcançável aos ataques das forças navais, esta organização, em muitos aspectos, não têm natureza restrita. De certo modo, com base no determinismo geográfico (determinismo geográfico específico, baseado no determinismo clássico de Aristóteles, Montesquieu e outros, juntamente com a teoria de evolução de Charles Darwin e social-darvinismo de Herbert Spencer)<sup>16</sup> e em idéias imperialistas (de Neville Chamberlain, Cecil Rhodes entre outros)<sup>17</sup>, sir Halford

<sup>15</sup> Almeida, Políbio Valente, Do Poder do Pequeno Estado: Enquadramento geopolítico da hierarquia das potências, 2ª edição, ISCSP, 2012, pp. 184-193

<sup>16</sup> Tyner, James A. Genocide and the Geographical Imagination: Life and Death in Germany, China, and Cambodia. 2012, pp. 41-44

<sup>17</sup> Dhaka, Ambrish. Mackinder's Heartland and the location of the geopolitical tetrahedron. Consultado em 4 de Agosto de 2014.



Mackinder acreditava que a região axial iria desempenhar um papel fundamental na política mundial, independentemente de a quem este território pertencia.

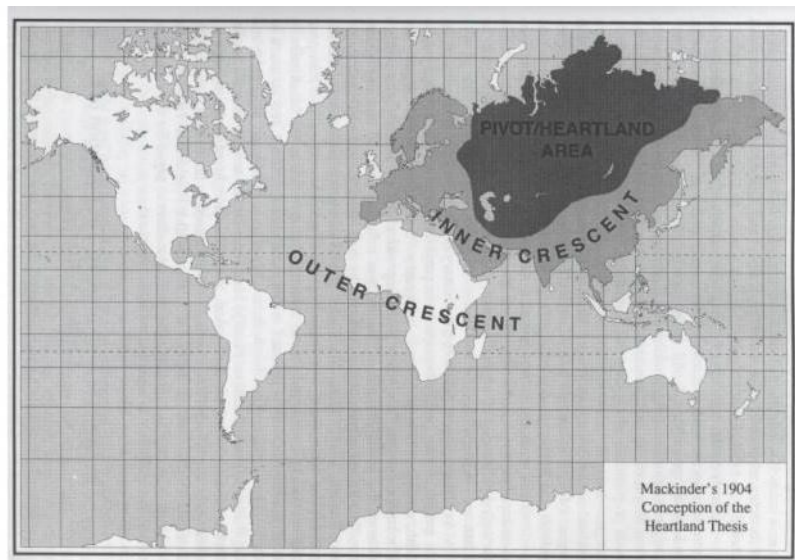


Figura 5. Modelo geopolítico de sir Halford Mackinder

([http://www.oldenburger.us/gary/docs/TheColdWar\\_files/image008.jpg](http://www.oldenburger.us/gary/docs/TheColdWar_files/image008.jpg))

Após a implementação desta organização, a vitória seria quase inevitável, mesmo que todas as forças navais se unissem contra o "Estado axial". Se este "Estado axial" alcançasse o acesso às águas abertas, então com os recursos de "Ilha Mundial", ninguém conseguiria simplesmente pará-lo:

*"... the oversetting of the balance of power in favour of the pivot state, resulting in its expansion over the marginal lands of Euro-Asia, would permit of the use of vast continental resources for fleet-building, and the empire of the world would then be in sight"<sup>18</sup>*

Sir Halford Mackinder tinha muitos seguidores, que complementavam as suas ideias, bem como introduziam as suas próprias alterações.

O desenvolvimento de idéias geopolíticas nas obras de Rudolf Kjellén e de geopolíticos americanos como Alfred Mahan, George T. Renner, Nicholas Spykman, Saul Cohen também eram baseados no pressuposto de que no mundo há uma região-chave, cujo controle fornece a posição dominante. A diferença estava na definição

---

[http://www.academia.edu/662990/MACKINDERS\\_HEARTLAND\\_AND\\_THE\\_LOCATION\\_OF\\_THE\\_GEOPOLITICAL\\_TETRAHEDRON](http://www.academia.edu/662990/MACKINDERS_HEARTLAND_AND_THE_LOCATION_OF_THE_GEOPOLITICAL_TETRAHEDRON)

<sup>18</sup> Mackinder, Halford John. *The Geographical Pivot of History*. The Geographical Journal, Vol. 23, nº4 (Apr., 1904), JSTOR, pp. 421-437



histórica do centro, devido ao desenvolvimento da tecnologia moderna, e acima de tudo das comunicações. Spykman, ao contrário de Mackinder, considerava como a região-chave não a Eurásia continental, mas as suas zonas costeiras, Renner - Ártico. No modelo de Mackinder o papel fundamental era desempenhado pelo transporte ferroviário, nas obras de Mahan e de Spykman pelo transporte marítimo, enquanto Renner considerava o transporte aéreo o mais importante.

Contudo, em todos estes conceitos é reconhecido o núcleo continental eurasiático, indiferentemente ao papel que este joga na distribuição global de poder, o que indica a presença de algumas propriedades essenciais. A principal característica do núcleo da Eurásia é a inacessibilidade dele para as forças marítimas.

Além disso, referia-se a natureza e o estado das comunicações no espaço da grande massa continental que dificulta a liberdade de movimento e acesso ao mar (Kjellén). Também foi observada a possibilidade de estrangulamento russo por parte do chamado "anel de anaconda" do lado dos "poderes marítimos" (Mahan). No entanto, o geopolítico alemão Karl Haushofer acreditava que esse tipo de ameaça poderia ser neutralizado, se duas nações do continente euroasiático - alemães e russos, que têm um enorme potencial e enorme espaço territorial, não se deixassem ser usados numa luta interina.

Entre os sucessores directos contemporâneos das idéias de sir Halford Mackinder, provavelmente o geopolítico mais notável é Zbigniew Brzezinski.

### 3.2. "Trilogia" de *Heartland*

É preciso notar que nenhum dos elementos do modelo de sir Halford Mackinder por si só não é algo original, mas a sua teoria como um todo, sem dúvida, é uma inovação que mudou a visão do mundo. Também deve ser referido que todos os modelos geopolíticos aparecem quando um determinado país enfrenta o facto da perda do seu poder, ou vice-versa, quando pode adquirir esse poder. E sir Halford Mackinder, nesse sentido, não foi excepção. As idéias dele foram desenvolvidas numa época em que no Reino Unido aumentou a preocupação sobre o enfraquecimento relativo do Império. Posteriormente, sir Halford Mackinder voltava duas vezes à sua teoria, adaptando-a à situação estratégica apropriada.

É um erro acreditar que o conceito de *Heartland* se refere a 1904. Neste ano, o artigo de sir Halford Mackinder foi apenas uma parte da teoria, que foi formulada com

base em mais dois trabalhos, que viram a luz em 1919 e 1943<sup>19</sup>. É exactamente nessas obras posteriores, que as fronteiras geográficas do eixo da história – *Heartland*, nos foram dadas a conhecer com a sua importância. Em particular, no trabalho de 1919, foi feita a principal mudança e adicionalmente introduzido o “Heartland estratégico” da Europa oriental, em cujo território foram incluídas as Bacias dos Mares Negro e Báltico, devido ao facto destes mares estarem ligados ao oceano por estreitos e poderem ser controlados por qualquer potência.

No trabalho de 1943, foi excluído da definição de *Heartland* o *Lenalend* (território da Sibéria, do lado oriental do rio Yenisei, em torno do rio Lena), que se referia, de acordo com sir Halford Mackinder, ao cinto de zonas de deserto que rodeia o *Heartland* a leste e a sul, e vai até o deserto do Saara.

Também, nestes trabalhos sir Halford Mackinder observou que *Heartland* está rodeado por um espaço formidável de todos os lados, excepto do oeste, onde ele é aberto aos países do "Crescente Interior" (Europa Ocidental). Portanto, a região da Europa Oriental ganha importância particular na política mundial. É aqui que podem surgir grandes conflitos, ou, pelo contrário, poderá ser desenvolvida a cooperação entre o país que domina *Heartland* e as potências europeias continentais ou potências marítimas. Neste contexto foi formulada a famosa frase: “*Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland; quem domina o Heartland controla a World Island; quem domina a World Island controla o mundo*”<sup>20</sup>.

Facto interessante é que sir Halford Mackinder em nenhum trabalho descreveu as fronteiras ocidentais de *Heartland*, apontando só para facto de que estas devem incluir o Mar Báltico, o Mar Negro, a Arménia e a Ásia Menor.

### 3.3. *Heartland* no significado histórico

Sir Halford Mackinder dava uma grande importância geopolítica ao *Heartland* não só por causa das suas vastas reservas de recursos naturais, mas principalmente por causa da sua indisponibilidade para a base de poder da Grã-Bretanha ou de qualquer outro poder naval. Assim, ele chamou *Heartland* - "grande fortaleza natural" e enfatizou, que a "época colombiana", de dominação das potências marítimas, chega ao fim. No futuro, o papel geopolítico de *Heartland* vai aumentar com o desenvolvimento de uma rede das

<sup>19</sup> *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*, de 1919 e *The round world and the winning of the peace*, de 1943

<sup>20</sup> Mackinder, Halford John. *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*. New York: Holt, 1919, p. 58

ferrovias transcontinentais que vão fazer concorrência às comunicações marítimas, e podem levar à superioridade das potências continentais sobre as potências do mar.

Não é por acaso que a guerra russo-japonesa (1904-1905) aconteceu precisamente no fim da conclusão da Transiberiana, que ligou São Petersburgo com os portos russos do Pacífico - Vladivostoque e Porto Artur. Foi precisamente o controle do Porto Artur pela Rússia que representou a principal ameaça para o Reino Unido. É por isso que os britânicos financiavam directamente os japoneses nesta guerra<sup>21</sup>: os principais navios da frota japonesa foram construídos em estaleiros britânicos, enquanto a assistência financeira britânica ajudou ao Japão a transformar-se de um Estado semi-feudal para uma potência moderna forte.

Em retrospectiva, é possível afirmar que durante as Guerras Napoleônicas, Napoleão quase conseguiu assumir o controle do Heartland, enquanto os britânicos, desesperadamente, formavam coligações atrás de coligações, só para, com todos os meios, interromper este controle.

O Sistema Continental de Napoleão ou Bloqueio Continental, ou como é as vezes chamado, o Sistema de Terra Firme de 1806 – 1814, foi concebido para unir a Europa contra o poder marítimo da Grã-Bretanha, fechando o continente ao comércio britânico<sup>22</sup>. Em geral, o aparecimento dessa estratégia foi um passo forçado após a batalha de Trafalgar (21 de Outubro de 1805), quando Napoleão I perdeu a oportunidade de lutar com a Grã-Bretanha no mar, tornando-se última praticamente na única potência marítima.

A guerra de 1812 entre a França e a Rússia, em termos de Geopolítica, era completamente inaceitável, porque, por um lado, criava o caos no continente europeu, e, por outro, aumentava a influência da Grã-Bretanha, através do enfraquecimento dos seus dois principais inimigos terrestres – França e Rússia. As causas da guerra foram a recusa da Rússia em apoiar activamente o Bloqueio Continental, bem como a política de Napoleão contra os países europeus, que não levava em conta nem os interesses destes, nem os interesses da própria Rússia.

---

<sup>21</sup> Lone, Stewart, (Julho de 1998). Aspects of the Russo-Japanese War. University of New South Wales. Consultado em 7 de Abril de 2014.

<http://www.russojapanese-war.com/aspects.pdf>

<sup>22</sup> Mathes, William Lloyd, (1955). The influence of Napoleon's Continental System on Russian Economy, 1807-1811. The Ohio State University. Consultado em 5 de Agosto de 2014.

[https://etd.ohiolink.edu/ap/0?0:APPLICATION\\_PROCESS%3DDOWNLOAD\\_ETD\\_SUB\\_DOC\\_ACCNUM:::F1501\\_ID:osu1192565761%2Cinline](https://etd.ohiolink.edu/ap/0?0:APPLICATION_PROCESS%3DDOWNLOAD_ETD_SUB_DOC_ACCNUM:::F1501_ID:osu1192565761%2Cinline)

Com a derrota de Napoleão, a Grã-Bretanha continuou a luta, agora, contra a Rússia. "The Great Game", como lhe chamou Joseph Rudyard Kipling, numa primeira fase foi a luta diplomática, através da qual a Grã-Bretanha pretendia prosseguir uma política de contenção contra a Rússia, impedindo o seu acesso à China e ao Japão no leste, Índia no sul e Turquia no sudeste, utilizando aliados na Europa.

No seu artigo, em 1904, sir Halford Mackinder procurou alertar o Império Britânico, que ainda era o poder naval primário, para o facto de que o equilíbrio das forças muda todo o jogo. Segundo ele, essa mudança foi causada não tanto pela grande riqueza e tamanho de *Heartland*, que, claramente, é uma das principais vantagens, mas sim pelos avanços tecnológicos, que deram um novo toque para a mobilização desses recursos.

Se o facto do Reino Unido em 1900 ter sido capaz de manter um quarto de milhão de seus soldados na guerra com Boers, a uma distância de 10 mil quilómetros, não ser algo além do natural; então o facto da Rússia, quatro anos mais tarde, em 1904, ser capaz de acomodar um exército de mais de um quarto de milhão de pessoas contra os japoneses na Manchúria, a uma distância de sete mil quilómetros, utilizando a ferroviária, foi algo incrível. Assim, de acordo com sir Halford Mackinder, a época das potências marítimas, que dominavam, quase monopolicamente, o globo nos últimos séculos, chega ao fim e no seu lugar chega uma nova era eurasiática, em que o poder sobre a terra será crucial. O desenvolvimento dos transportes e das comunicações terrestres significa que o poder terrestre pode ser capaz, finalmente, de competir com o poder marítimo.

Nesta parte do trabalho é necessário referir alguns defeitos gerais do modelo de autor britânico. Neste sentido, é crucial citar as linhas do magnífico livro "Subversão e Guerra Fria", 2011, do Professor António Costa de Albuquerque de Sousa Lara, que apontam precisamente para todos os defeitos do modelo geopolítico britânico. Juntamente com a obra "Subversão e Guerra Fria", se recomenda altamente a leitura de alguns outros livros do Professor Sousa Lara (que podem ser encontrados na bibliografia final da presente dissertação), que há muito tempo se tornaram em autênticas "Bíblias" dos cursos (de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento) de Ciência Política, Estratégia e Relações Internacionais no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa.

Como nota o Professor António de Sousa Lara:

*“Vários defeitos se apontam às teses de Mackinder, designadamente:*

- a) O facto de ter usado o “mapa-mundi” de projecção Mercator em vez de projecções azimutais equidistantes, sobrevalorizando, desta forma, o Heartland;*
- b) O facto de ter ignorado as reais capacidades do poder aéreo;*
- c) O facto de ter subvalorizado a importância geopolítica da América;*
- d) O facto de ter subvalorizado as potencialidades geopolíticas da China;*
- e) O facto de ter subvalorizado as potencialidades político-militares do poder aéreo”.*

### **3.4. Espaço vital e as fronteiras naturais**

O espaço vital tem como objectivo o crescimento, que é necessário para o desenvolvimento político e económico do Estado. O crescimento é proporcional às suas alterações quantitativas e ao aumento do potencial demográfico. Este desenvolvimento no aspecto geopolítico actua como a interacção da dialéctica de duas tendências opostas: a expansão (enraizamento, desenvolvimento, adaptação do espaço, etc.) e redução (devastação, abandono, perda do controle e o esgotamento do território).

O crescimento futuro do território significa uma negação da suficiência ou oportunidade de existência nos antigos limites territoriais. Os impulsos para o aumento do espaço vital e expansão das fronteiras nacionais podem ser causados tanto pela lógica do desenvolvimento interno dos Estados, por exemplo, económico (criação de impérios coloniais), razões político-militares (conquista russa do Cáucaso ou da Ásia Central), bem como pelas motivações externas - a incapacidade dos Estados vizinhos, que estão, em regra, na fase de crise ou que são mais fracos do que seus vizinhos, de defender o seu espaço.

Agora, no que diz respeito aos limites naturais há a referir o seguinte. No mundo existem fronteiras naturais entre os países e os povos. Eles advêm principalmente de circunstâncias naturais e geográficas, são historicamente estáveis e mantem-se durante séculos. Existem, no entanto, limites não naturais. É preciso começar por falar sobre estes últimos, pois tudo o que está contra a natureza é visível e, portanto, particularmente expressivo.

O Grande Império da China, o maior império do mundo antigo, na sua fronteira norte tinha a chamada Grande Estepe. É uma grande planície, que se estende por milhares de quilómetros do Mar Amarelo até ao Mar Negro. Desde os tempos antigos,

esta era habitada por tribos nómadas guerreiras, desde os hunos até os citas. Os vizinhos estavam inquietos e muitas vezes invadiam países fronteiriços, principalmente agrícolas, mais ricos e mais desenvolvidos. Há dois mil anos, o Grande Imperador da China ordenou a construção de um muro com torres de batalha para proteger permanentemente o país de invasões nómadas. O muro foi construído ao longo de vários séculos e estendeu-se a quase nove mil quilómetros de extensão. Até hoje, este monumento arquitectónico espanta pela sua grandiosidade e continua a ser a maior construção de engenharia da humanidade, perante a qual as pirâmides do Egipto ou os maiores arranha-céus parecem ser brinquedos. Esse encargo grandioso deu-se devido “apenas” ao facto da Grande China não ter obstáculos naturais numa das fronteiras.

Outro exemplo é a fronteira sul dos Estados Unidos. No século XIX, nesta área foi criada a fronteira com o México, existente desde então. Metade da fronteira estendia-se pelos rios, enquanto no leste, esta fronteira passava através do deserto, traçando uma linha recta, sem levar em conta as características naturais. Hoje, esta linha artificial vingou-se: agora, da pobre América Latina para os ricos Estados Unidos constantemente emigram milhares de pessoas, atravessando ilegalmente a fronteira americano-mexicana. As autoridades americanas decidiram defender-se contra a “invasão” pela antiga maneira chinesa, construindo o seu muro (embora este, feito de arame, não seja tão importante). Até agora, este obstáculo não ajudou muito ao propósito norte-americano.

Mais um exemplo - Israel. Aqui todas as fronteiras são artificiais, algumas fronteiras, como já é costume em ex-colónias, foram traçadas com uma régua e um lápis (faz muito lembrar as fronteiras da África), esquecendo a população local.

Analisamos agora as fronteiras naturais: a Grã-Bretanha e a França são vizinhos que, repetidamente, ao longo da história, lutavam um contra o outro. Eles têm uma fronteira natural comum - o Canal da Mancha. Esta fronteira é excelente por causa de suas qualidades naturais e é muito difícil de ser transposta. Sem contar casos singulares, este obstáculo natural, em grande parte, proporcionou sempre a protecção contra as invasões. As fronteiras francesas, em geral, são todas perfeitamente organizadas. No oeste, o país é separado dos alemães pelo enorme Reno e ao sul pelos Pirinéus.

As fronteiras da Itália são também de invejar: no oeste, este e sul o país é protegido pelos espaços marítimos, no norte pelos Alpes.

Os alemães também estão muito bem protegidos naturalmente, pelo menos em três das quatro fronteiras. No este, pelo rio Reno, como já foi referido. No norte o país é preservado pelos mares frios, no sul pelos Alpes. No que toca à quarta fronteira, oriental, aqui a Alemanha está mais vulnerável. Aqui não há barreiras naturais. Este espaço era o foco das guerras seculares, principalmente entre a Alemanha e a Polónia. Sobre a fronteira actual entre os dois países nem sequer vale a pena falar, ela claramente têm carácter artificial, embora tenha sido traçada tendo em conta as barreiras naturais - rios.

Quanto à Rússia, as fronteiras ocidentais da Rússia foram as mais vulneráveis, especialmente a fronteira russo-polaca, que durante séculos esteve em constante mudança, e através da qual aconteceu a maior parte das invasões.

No norte, temos uma situação totalmente contrária. Uma enorme quantidade de gelo de milhares de anos protege este território, melhor do que quaisquer tipo de fortificações.

Os limites orientais do Estado russo têm características parecidas. As águas frias do Oceano Pacífico protegem a extensa costa da Rússia e há quatro séculos que se tornou a fronteira do Estado russo. Esta fronteira natural na história dinâmica da Rússia não representava quase nenhum perigo. Tirando as tentativas sem sucesso de “furar” esta fronteira duas vezes no século XIX pelas forças armadas da Grã-Bretanha e da França, e uma vez (já com mais sucesso) no início do século XX pelos japoneses, esta fronteira é quase impenetrável.

A perda do Alasca no século XIX é uma tragédia para a Rússia ou não? Do ponto de vista de Geopolítica, o controle desta área era muito difícil. O Estreito de Bering, que liga o Alasca a Rússia continental é praticamente irresistível.

Quanto às fronteiras do sudeste, elas também são favoráveis à Rússia. O país é separado da China pelo enorme rio Amur.

A fronteira interestadual ideal no sudoeste são as Cordilheiras do Cáucaso – barreira natural e indiscutível.

As fronteiras ocidentais da Rússia no noroeste são mais ou menos favoráveis: a selva impenetrável de pinheiros e as rochas da Carélia, Lago Ladoga, Lago Peipus e Lago Pskov, Rio Narva. Esta fronteira tentou ser quebrada pelos suecos e pelos alemães, pelo Rei polaco Stefan Batory, mas sem sucesso. As tropas de Hitler no trágico



ano 1941 conseguiram superar estas barreiras naturais, mas grande parte deles já não voltaram à “*Fatherland*”.

Quanto à fronteira ocidental, aqui tudo é muito pior. Nesta vasta planície a natureza não criou barreiras naturais. Esta fronteira será detalhadamente, como as outras, analisada nos próximos capítulos da Dissertação.

### 3.5. Rússia

A Rússia traçou um longo caminho partindo de uma posição periférica para até se tornar no poder mundial. A chave para isso foram os princípios geográficos.

Em obras geopolíticas clássicas, a posição geopolítica da Rússia era vista como intermediária entre os dois mundos culturais - Europa Ocidental e Ásia de Leste, enquanto a própria Rússia foi definida como o poder terrestre, tendo, necessariamente, de realizar a sua luta estratégica de longo prazo relativamente ao poder marítimo (Alfred Mahan).

Como afirmava o próprio sir Halford Mackinder, Rússia hoje substitui o Império Mongol. Neste mundo, ela ocupa uma posição estratégica central, que na Europa pertence à Alemanha. Ela pode em todas as direcções, com excepção do norte, realizar qualquer ataques.

A Rússia é o maior país do mundo em termos de território. A singularidade da Geopolítica da Rússia é complementado pelos recursos naturais de seu território, que é estimado em 33 trilhões de dólares, superando o potencial de recursos naturais total do EUA (8 trilhões), Canadá (11 trilhões), Europa (200 bilhões). Neste “armazém” estão localizados 1/4<sup>23</sup> das reservas mundiais de gás natural e dos diamantes, 18% das reservas mundiais de carvão<sup>24</sup> e 5% das reservas mundiais de petróleo<sup>25</sup>. Apesar do facto de, após o colapso da União Soviética, na Rússia permanece apenas 2% da população mundial, concentra-se aqui quase metade da água limpa (só no lago Baikal estão concentrados 24% das reservas mundiais da água doce. Conforme alguns cientistas, dentro de poucas décadas, a água limpa terá o custo do petróleo de hoje),

---

<sup>23</sup> Badkar, Mamta. (29 de Junho de 2011) *The 10 Countries Sitting On The Most Natural Gas*. Consultado em 27 de Março de 2014. <http://www.businessinsider.com/countries-biggest-natural-gas-reserves-2011-06?op=1>

<sup>24</sup> Lobello, Carmel. (7 de Maio de 2013) *The world's top 7 coal countries: By the numbers*. Consultado em 28 de Janeiro de 2014. <http://theweek.com/article/index/243765/the-worlds-top-7-coal-countries-by-the-numbers>

<sup>25</sup> (Sem autor) *Top Ten Oil Reserves Countries*. Consultado em 27 de Junho de 2014. Top Ten Oil Reserves Countries. <http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-oil-reserves-countries-map.html>



quase metade das florestas de coníferas, e cerca de metade de chernossolos. São os principais recursos estratégicos que no futuro próximo irão determinar a sustentabilidade não só do país, mas também do mundo inteiro.

Mas o território rico em recursos naturais, é, ao mesmo tempo, um dos mais frios do mundo, com uma temperatura média anual de  $-5,5^{\circ 26}$  (Figura 6). Pela área efectiva, a Rússia fica atrás da Austrália, do Brasil, da China e dos Estados Unidos.

A norte e a oeste, como já foi referido, a Rússia é um Estado geopoliticamente concluído, cujas fronteiras coincidem com os limites da costa. Embora a costa represente sempre o perigo, neste caso, devido às dificuldades de manobra, esta área não é perigosa. Além disso, mesmo que a invasão ocorra, a falta de infraestruturas não vai permitir ao invasor alcançar progressos significativos (como no caso da intervenção da Grã-Bretanha durante a guerra civil de 1921-1923, quando as tropas inglesas desembarcaram em Arkhangelsk).

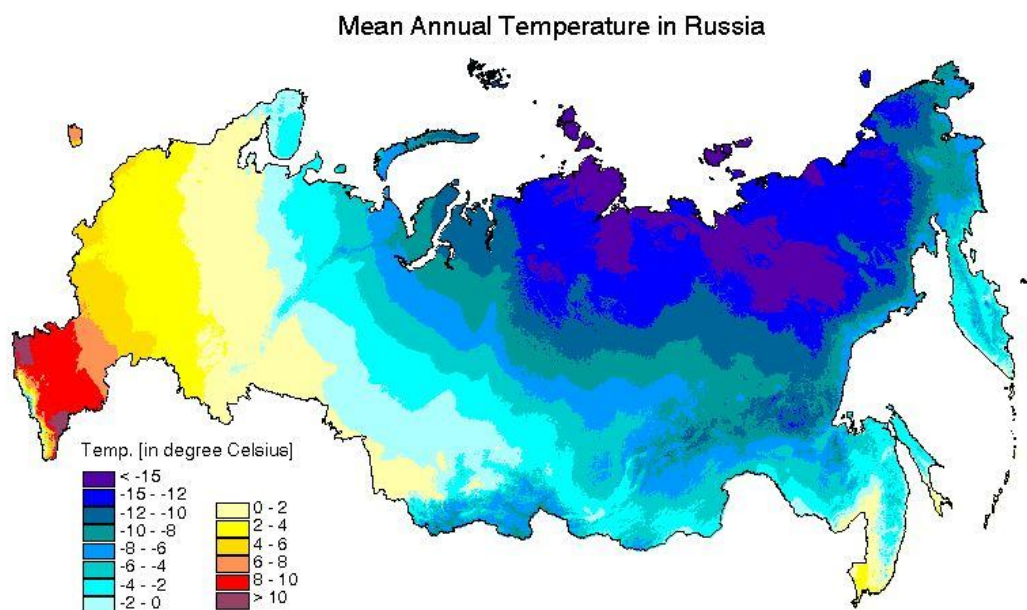


Figura 6. A temperatura anual média na Rússia

([http://maps.unomaha.edu/peterson/funda/MapLinks/Russia\\_files/image018.jpg](http://maps.unomaha.edu/peterson/funda/MapLinks/Russia_files/image018.jpg))

O centro de *Heartland*, conforme sir Halford Mackinder, é uma área que coincide muito com as fronteiras da Ásia Central. É o centro do “coração”. No entanto, é

<sup>26</sup> Treivish, Andrei. *Rússia: população e espaço*. Consultado em 27 de Junho de 2014.  
<http://demoscope.ru/weekly/2003/095/tema03.php>

necessário referir que é o centro geográfico e não estratégico. O verdadeiro centro estratégico, o núcleo, “centro de gravidade” da Rússia é a sua parte europeia, onde nasceu o próprio Estado russo, a cultura e a identidade russas. É o território que queria conquistar Alexandre “o Grande” (conseguindo, iria construir o império muito mais poderoso e durável, do que era a Macedónia), Tamerlane, Genghis Khan.

O factor que agrava a posição geopolítica da Federação Russa é que ela é “bloqueada” entre os principais centros de poder geopolíticos do mundo: Europa, Médio Oriente, Ásia Central e China, o que permite às forças hostis simular e provocar conflitos ao longo da fronteira russa. A invasão russa no Afeganistão foi uma resposta à ameaça de colocação dos mísseis pelo bloco ocidental hostil; a guerra na Chechênia - uma tentativa de parar a expansão do Islão radical, apoiado pela Turquia, a base da Geopolítica de qual é o pan-turquismo - a comunidade dos povos turcos. No entanto os benefícios de tal posição são óbvios (embora que não sejam aproveitados ao máximo). Aqui pode-se falar da Rússia como um corredor de trânsito barato entre todos estes centros mundiais.

A tarefa de muitos países que não estão interessados no fortalecimento da Rússia é criar um "cordão sanitário" (Figura 7)<sup>27</sup> de uma série de países limítrofes.



Figura 7. Cordão sanitário actual a volta das fronteiras da Rússia

(<http://conjuncture.ru/wp-content/uploads/2014/03/stratfor-29-03-2014.jpg>)

<sup>27</sup> Friedman, George. (25 de Março de 2014) From Estonia to Azerbaijan: American Strategy After Ukraine. Consultado em 5 de Agosto de 2014  
<http://www.stratfor.com/weekly/estonia-azerbaijan-american-strategy-after-ukraine#axzz3E3r1Tldy>

Por exemplo, a estrutura do GUAM (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia, entre 1999 e 2005 o Uzbequistão também fazia parte desta organização). É realizado, também, a tentativa de criar a união dos países das bacias dos mares Báltico, Negro e Cáspio, que têm a forma final completa de um cordão sanitário, se não fosse a Bielorrússia, que o corta no meio.

## 4. Perspectiva Histórica

### 4.1. De Principado de Kiev até ao Império Russo

Em meados do século IX, no actual norte da Rússia europeia criou-se a aliança entre as tribos eslavas orientais, fino-húngaras e bálticas, que se formaram no final do século IX, sob o domínio da dinastia Rurik, antigo Estado russo – Principado de Kiev (ou Rus Kievana).

O Estado russo surgiu numa região muito complicada do ponto de vista geopolítico. As dificuldades que aguardavam a Rússia tinham carácter duplo: natural-geográfico e histórico-político. Em nenhum lugar, excepto nas regiões no norte (hoje lagos Ladoga e Onega, bem como o Golfo da Finlândia), o país não tinha barreiras naturais que pudessem servir de fronteiras sólidas, bem como obstáculos para a ameaça externa. No entanto, esta zona florestal (chamada *Zalesye* ou *Opolye*, que literalmente significa “atrás da floresta”), foi, do ponto de vista geopolítico, importante, pois travava as invasões que vinham na altura da Grande Estepe eurasiática.

O desenvolvimento das várias cidades ao longo dos rios entre os mares Báltico e Negro, bem como o crescimento da população dos grupos étnicos de *Zalesye*, ambiente frio e a falta de espaço vital e, antes de tudo, a falta de solos férteis, exigiu a expansão para o sudoeste, em direcção à estepe ucraniana, que foi conhecida pela sua terra fértil, ideal para a agricultura.

Graças à esta expansão, a área total da Rússia aumentou significativamente (Figura 8). A anexação de Kiev no final do século IX deu o nome geral ao Estado, enquanto o próprio Kiev, como é costume de dizer na Rússia, se tornou na “mãe das cidades russas”.



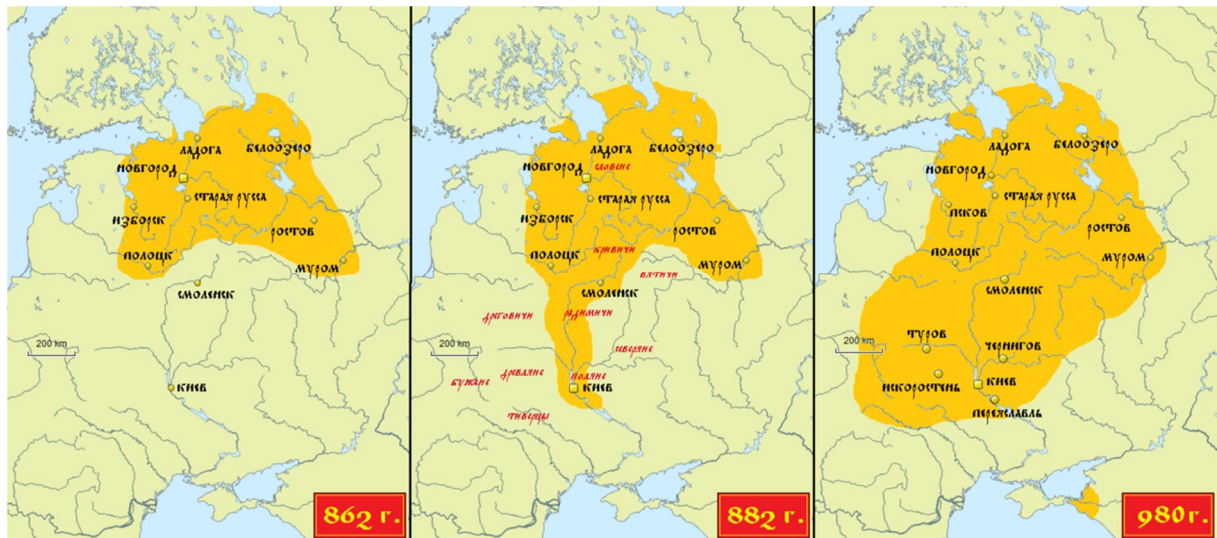


Figura 8. Expansão do Principado de Kiev entre 862 e 980.

([http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3c/Expansion\\_of\\_Rus.png/640px-Expansion\\_of\\_Rus.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3c/Expansion_of_Rus.png/640px-Expansion_of_Rus.png))

Esta expansão, resolvendo alguns problemas, criou outros. A ocupação dos territórios intermarinos entre o Mar Báltico e o Mar Negro, totalmente abertos e sem barreiras naturais, por um lado, permitiu o desenvolvimento económico (graças à “Rota comercial dos varegues com os gregos”, Figura 9), por outro, tornou-se num terreno ideal para a agressão estrangeira, que vinha do ocidente. Ao mesmo tempo, no leste, a Grande Estepe permaneceu uma constante fonte de perigo militar.



Figura 9. Rota comercial dos varegues com os gregos (em azul)

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Rota\\_comercial\\_dos\\_varegues\\_com\\_os\\_gregos#mediaviewer/File:Varangian\\_routes.png](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rota_comercial_dos_varegues_com_os_gregos#mediaviewer/File:Varangian_routes.png))

Em geral, o Principado de Kiev durante a maior parte de sua história não representava por si um espaço territorial ou político homogêneo. A principal razão para isto eram os conflitos internos constantes entre os príncipes (muitas vezes da mesma família) de várias terras que formavam na época o antigo Estado russo.

Devido à constantes lutas internas, o próprio potencial militar da Rússia não permitia resistir à ataques de invasores, e por isso, os príncipes de Kiev recorriam à ajuda militar ao Império Bizantino, que se tornou não só no defensor militar, mas também na fonte espiritual da Religião Ortodoxa.

Os problemas internos complicavam-se com a situação externa desfavorável. No início do século XIII, a Rússia viu-se confrontada com o inimigo mais forte: ordens católicas germânicas. A situação ainda se mais complicava devido ao sucesso global das primeiras Cruzadas (1096 – 1270), a queda de Constantinopla (1204), bem como a alteração das principais rotas comerciais (“Rota comercial dos varegues com os gregos” foi substituída pela “Rota do Âmbar” – Figura 10), que transformaram Rus Kievana na periferia européia.



Figura 10. Antiga Rota do Âmbar

([http://en.wikipedia.org/wiki/Amber\\_Road#mediaviewer/File:Baltis\\_amber\\_road.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Amber_Road#mediaviewer/File:Baltis_amber_road.jpg))

De facto, por esta altura, já não existia nenhum Principado de Kiev. A sua lenta decadência começou ainda no início do século XI com a separação do Principado de Polotsk (capturado por cruzados alemães e mais tarde incluído no Grão-Ducado da

Lituânia). Em meados do século XII, o Estado russo antigo de facto dividiu-se em muitos (as estimativas variam de 13 a 18) principados separados ("terras"), embora oficialmente a Rus Kievana deixasse de existir quase no meio do século XIII.

Durante os séculos XII-XIII, a população dos principados do sul da Rússia, devido à constante ameaça que vinha das fronteiras ocidentais e do lado da estepe, bem como os imparáveis conflitos entre os príncipes pela terra de Kiev, começou a emigrar de volta para os territórios do norte, onde a floresta de *Zalesye* parava as invasões dos nómadas da Grande Estepe. A emigração massiva para esta região mais calma (chamada Rostov-Suzdal) resultou num rápido crescimento de muitas cidades desta região (Vladimir, Moscovo, Dmitrov, Zvenigorod, Galich, etc.).

A particularidade da vida dos antigos russos durante este período foi a seguinte: entre a floresta e a estepe passava uma estreita faixa de estepe florestal, onde as condições climáticas para a agricultura e bovinocultura eram ideais. Esta área, pelo nível de fertilidade da terra estava próxima à estepe, pela precipitação, às florestas. Já a partir do século XI, a estepe florestal tornou-se no lugar de confronto entre nómadas - cumanos (nómadas turcos, que controlavam uma grande parte da Grande Estepe - Figura 11, e que mais tarde formaram, juntamente com os mongóis, o Império Mongol) e agricultores sedentários (eslavos). De acordo com os dados históricos, a partir de 1061 e até ao início do século XIII, cumanos invadiram o território russo 46 vezes.

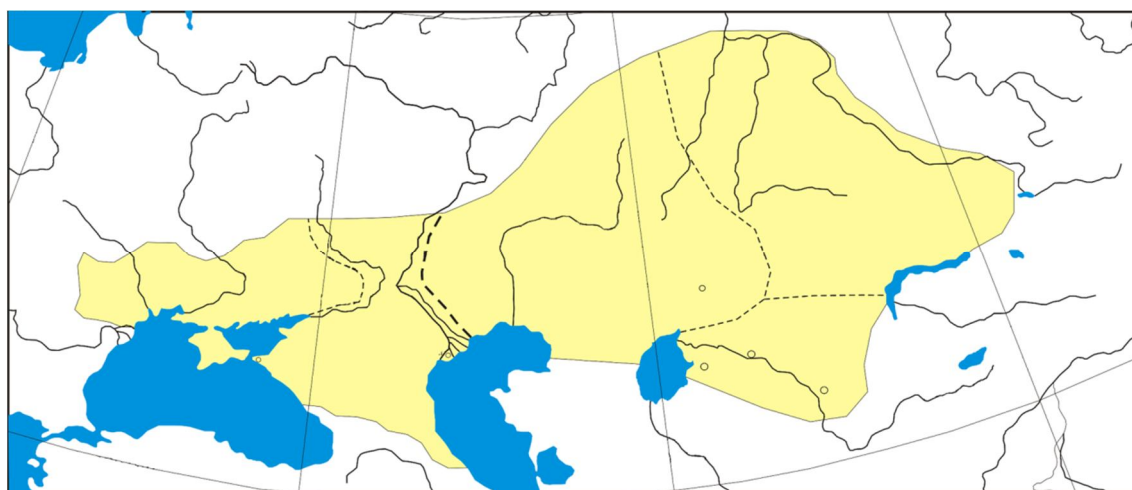


Figura 11. A estepe dos cumanos no final do século XI – início do século XII

([https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9F%D0%BE%D0%BB%D0%BE%D0%B2%D1%86%D1%8B#mediaviewer/File:Kypchak\\_steppe\\_11-12.png](https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9F%D0%BE%D0%BB%D0%BE%D0%B2%D1%86%D1%8B#mediaviewer/File:Kypchak_steppe_11-12.png))

A fim de se proteger ao máximo, a população local criou um sistema especial de vida. As casas foram localizados no interior da floresta, lugares que a cavalaria dos



nómadas não podia invadir, enquanto que na esteppe florestal se situavam os campos de cultivo. Para evitar o roubo das colheitas e do gado por parte dos nómadas, na fronteira da estepe florestal e da Grande Estepe, formava-se uma linha especial de defesa, que foi chamada de *Zasechnaya cherta* (em inglês - Great Abatis Line ou Great Abatis Border). Essa linha, em diferentes períodos, dependendo do desenvolvimento de tecnologias, tinha diferente carácter (Figuras 12 e 13).

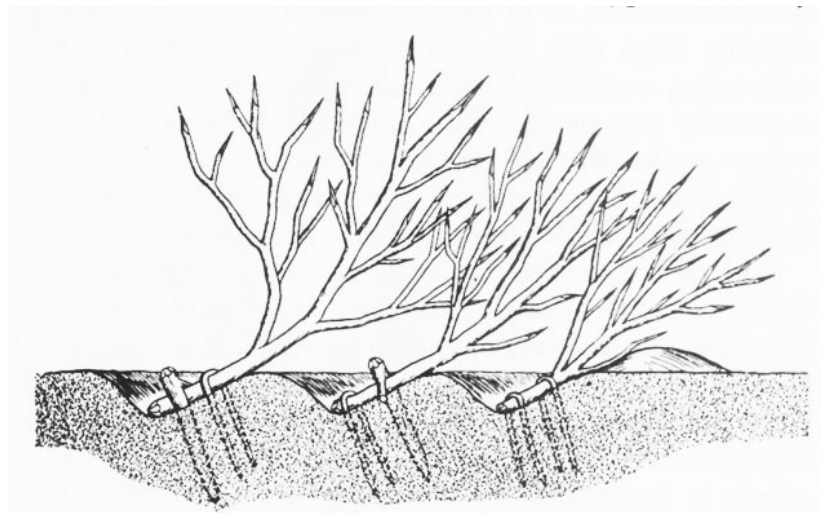


Figura 12. Esquema de funcionamento de *Zasechnaya cherta*

(<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abatis.jpg?uselang=ru>)

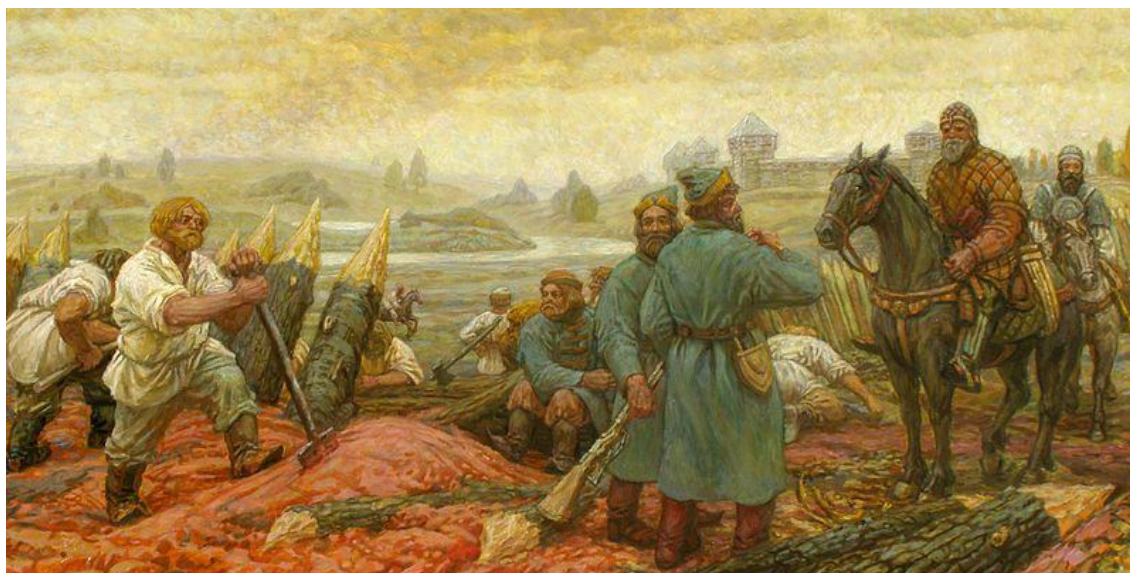


Figura 13. Construção de *Zasechnaya cherta* no quadro de Maksimilian Presnyakov

([http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/%D0%97%D0%B0%D1%81%D0%B5%D1%87%D0%BD%D0%B0%D1%8F\\_%D1%87%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B0.%D0%AE%D0%B6%D0%BD%D1%8B%D0%B9\\_%D1%80%D1%83%D0%B1%D0%B5%D0%B6.2010%D0%B3.%D1%85.%2C%D0%BC.90%D1%85180.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/%D0%97%D0%B0%D1%81%D0%B5%D1%87%D0%BD%D0%B0%D1%8F_%D1%87%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B0.%D0%AE%D0%B6%D0%BD%D1%8B%D0%B9_%D1%80%D1%83%D0%B1%D0%B5%D0%B6.2010%D0%B3.%D1%85.%2C%D0%BC.90%D1%85180.jpg))

O seu significado era reduzido ao seguinte: uma enorme quantidade de árvores pontiagudas eram enterradas na terra, e, deste modo, travavam a invasão da cavalaria, e, às vezes, até da infantaria. A remoção de tais estruturas podia levar várias horas, durante as quais, as mulheres que trabalhavam na zona de estepe florestal podiam chamar os maridos das profundezas da floresta, onde estes pescavam, caçavam animais, cortavam árvores.

Em 1240 acontece o que alterou completamente a história da Rússia e deu o impulso para o futuro império. A invasão tártaro-mongol foi um golpe terrível (e a principal causa do fim do período de Principado de Kiev), que atingiu Rússia nas áreas de estepe, aumentando a emigração da população para o norte e, parcialmente, para o oeste. Isto é evidenciado pelo facto de apenas seis anos após a invasão, em 1246, Kiev se transformar da grande capital para uma pequena cidade, com pouco mais de 200 casas. Em 1299, Kiev perdeu o seu último atributo metropolitano - a residência do Metropolita. Neste ano, esta foi transferida de Kiev para Vladimir, e em 1325 de Vladimir para Moscovo.

A especificidade da invasão tártaro-mongol foi a incapacidade de *Zasechnaya cherta* de parar o invasor. E, embora as construções defensivas travassem significativamente os nómadas, os obrigassem a abandonar os cavalos e a lutar à mão na floresta, uma enorme vantagem numérica foi o factor decisivo na vitória dos invasores, e foi o factor decisivo para a busca futura de formas de proteger as fronteiras nacionais.

Depois da sua invasão, os mongóis começaram a controlar as terras russas a partir da sua capital Sarai (ou Sarai Batu), situada no rio Volga. Para evitar a dominação mongol, os príncipes russos ocidentais fizeram aliança com o Grão-Ducado de Lituânia e reconheceram a autoridade da Igreja Católica. Os príncipes orientais, ao contrário, viam a lealdade aos khans mongóis como a única maneira de proteger a terra e a fé ortodoxa russas.

A invasão dos tártaro-mongóis pela maioria dos cientistas é certamente vista como uma tragédia terrível, que produziu milhares de mortos, destruiu grande número de cidades e provocou a perda de muitos monumentos culturais. No entanto, perante a ameaça externa, e devido à necessidade de neutralizar esta ameaça, vários principados russos, que até há pouco estavam em guerra um contra o outro, foram obrigados a juntar as suas forças e a unirem-se. Assim, no final da existência da Rus Kievana forma-se a



nação russa. A população local de todos os principados começou a chamar-se “russos” (em singular – rusin ou rusino), enquanto a sua língua oficial se tornou o Russo.

Para além disso, alguns geopolíticos, em particular os representantes da escola eurasiática desta ciência, vêem na invasão mongol outro efeito positivo. Segundo estes, a invasão trouxe para o antigo Estado russo, anteriormente desfragmentado, a ideia de criação de um império, a centralização do poder e a importância do controle do espaço, especialmente da estepe. Hoje, é difícil fazer uma avaliação precisa desta declaração, mas o facto de que a primeira ideia de uma “Grande Rússia” apareceu logo após a invasão mongol, não representa dúvidas. Provavelmente, a primeira concretização marcante da ideia de “Grande Rússia” do Oceano Ártico até os Cárpatos foi a “Palavra sobre a morte da terra russa”, escrita nos primeiros anos após a invasão, e a “Lista de cidades russas próximas e distantes”, escrita no final do século XIV.

Já no final do século XIII, uma série de centros políticos dos principados russos fragmentados começaram a política de “reunificação das terras russas”. Este facto indica que a relação entre a invasão mongol e o surgimento da ideia de estabelecer um império ou pelo menos um Estado centralizado grande, na verdade, tiveram lugar.

A reunificação foi realizada de várias formas - por meio de herança, por compra e pela conquista. No nordeste da Rússia, este processo liderou o Grão-Ducado de Moscovo, que saiu vencedor numa luta dura contra outros reinos e tornou-se a base de um Estado russo centralizado. No sudoeste da Rússia, a reunificação das terras russas foi realizada pelo Grão-Ducado da Lituânia, que no final do séc. XV atingiu o pico máximo da expansão territorial.

Entre os dois centros de consolidação iniciou-se uma luta dura para o legado da antiga Rus, expressa numa longa série de guerras russo-lituanas e, após a formação da Rzeczpospolita (Primeira República da Polónia), as guerras russo-polacas.

Na altura em que a riqueza e o prestígio político do Principado de Moscovo cresceu, a Horda de Ouro cada vez mais enfraquecia devido a problemas internos. Durante o reinado de Ivan III foi eliminada a dependência da Horda (1480) e acabou o processo da unificação das terras russas a volta de Moscovo. Após o derrube do jugo mongol perante a Rússia surgiram os seguintes problemas geopolíticos:

1). Reforço da fronteira oriental e posterior expansão para as Montes Urais e para a Sibéria;

- 2). Expansão para o norte, adquirindo o acesso ao Mar Báltico;
- 3). Luta contra a Polónia e a Lituânia pelas terras russas ocidentais ocupadas e a reunificação da Ucrânia e da Bielorrússia com a Rússia;
- 4). Defesa das fronteiras no sul e a expansão subsequente ao Mar Negro.

Ivan III reivindicou o direito às antigas terras de Rus, que faziam parte do Grão-Ducado de Lituânia, ganhou o controle sobre uma passagem estratégica para as terras da Rzeczpospolita e conquistou a rica cidade comercial de Novgorod, garantindo o acesso ao litoral do Mar Báltico e o caminho para a Sibéria.

No final do século XV, o núcleo do Estado russo, com o seu centro em Moscovo, tinha cerca de dois milhões de pessoas e cerca de cinquenta mil quilómetros quadrados de território. Ele foi localizado num dos cantos mais remotos do mundo, foi isolado de todos os centros culturais, e ao mesmo tempo aberto a todas as invasões do norte (suecos), do oeste (polacos), a partir do leste e do sul (tártaros e turcos). Essas invasões que ocorreram sistematicamente, em média, uma vez em cada 50 anos, queimavam tudo no seu caminho, incluindo a capital da Rússia.

A população desses territórios tinha o controle sobre os rios que não levavam a lado nenhum, não tinham acesso ao mar, e por todos os pressupostos geopolíticos, a população russa não tinha nenhuma hipótese de manter o seu Estado.

Isso aconteceu porque a Rússia teve que lutar nas muitas guerras contra os inimigos externos. E o propósito destas guerras defensivas era empurrar os limites exteriores a uma distância segura do núcleo do Estado russo (Rússia Central contemporânea), que estava numa posição geopolítica muito desfavorável.

É exactamente a partir do final do século XV que todos os líderes do Estado russo, sem excepção, tomaram medidas para a expansão do território da Rússia para as regiões mais favoráveis. Ao longo dos 400 anos seguintes, este núcleo ampliou a sua área em aproximadamente quatrocentas vezes: de 50 mil até 20 milhões de quilómetros quadrados.

#### **4.2. Período inicial de criação do império**

Reunindo no final do século XV a maioria das terras russas num único Estado, os príncipes de Moscovo não se declararam herdeiros da Horda de Ouro ou uma parte da Europa. Eles encontraram a sua própria versão de justificação do novo *status*

geopolítico de Moscovo no mundo. Assim nasceu a ideologia "Moscovo - Terceira Roma", que justificava o significado histórico da capital do Estado russo - Moscovo (assim como a ideia do papel messiânico da Rússia), como um centro político e eclesiástico, que foi formulada na forma religiosa típica do pensamento medieval.

Era sustentado o argumento de que o sucessor histórico dos impérios romano e bizantino (os centros do Cristianismo), que desapareceram, de acordo com os criadores desta teoria, devido ao desvio da verdadeira fé, seria a Rússia moscovita - "Terceira Roma". O próprio Czar russo declarava-se como o principal defensor da Ortodoxia. A Rússia, com base nessa declaração, chegou a emprestar as tradições, rituais, títulos e símbolos bizantinos, um dos quais era a águia de duas cabeças, que está hoje presente no brasão russo. Até o próprio título de "Czar" foi associado ao "César" romano.

Começando a ganhar forma em meados do século XV, teoria "Moscovo – Terceira Roma" foi formulada no início do século XVI. Em geral, do ponto de vista geopolítico, podemos dizer com confiança que ela era um passo estratégico muito certo, cujo objectivo era mobilizar recursos para atingir metas difíceis em condições difíceis.

Tal componente ideológico, hoje, não é algo novo e faz parte de qualquer projecto expansionista: em Portugal e Espanha durante a época dos Descobrimentos foi a religião católica, os modernos Estados Unidos realizam o seu projecto expansionista por "divulgação e estabelecimento da democracia". É necessário também sublinhar que qualquer projecto expansionista é suportado por uma capacidade militar. Em Portugal era a "espada", os Estados Unidos usam para esses fins principalmente a sua Marinha.

Não é por acaso que a teoria "Moscovo – Terceira Roma" apareceu como resultado do desenvolvimento do pensamento político na Rússia, o crescimento da consciência nacional durante a reunificação das terras russas, a libertação final do jugo tártaro-mongol, o aumento das capacidades militares e a aprovação da independência do Estado russo. Ela desempenhou um papel importante na formulação da ideologia oficial da Rússia e na luta contra o Vaticano, que tentou estender a sua influência até aos territórios russos.

Nos séc. XVI-XVII a luta contra a Europa católica, Império Otomano e pedaços do Império Mongol era feita sob a bandeira da defesa de Ortodoxia.

Além disso, a teoria "Moscovo – Terceira Roma", que justificava a ideia de unidade eslava, desempenhou um papel significativo na luta dos eslavos do sul contra

os turcos. Em 1654, graças a esta ideologia a Rússia conseguiu unificar ao seu território as terras da Ucrânia Central e Ocidental, que estavam sob o domínio polaco.

Após a chegada ao poder de Ivan III, o processo de unificação dos principados russos sob a governação de Moscovo entrou numa fase decisiva, enquanto que, no final do reinado de Basílio III (1533), Moscovo se tornou no centro do Estado russo centralizado.

Em 1547, o Grão-Duque de Moscovo, Ivan IV, “o Terrível”, tomou o título de rei. Deste modo, terminou o processo de centralização do poder e a reunificação parcial das terras russas, que, assim, pôs fim ao período dos principados russos e deu início ao Czarado da Rússia, que durou até 1721.

No reinado de Ivan, “o Terrível”, começou a intensificar-se a conquista da Sibéria, iniciada em 1584. Em 1649, os russos chegaram à costa do Mar de Okhotsk e saíram para o Oceano Pacífico.

Apesar da expansão significativa desde o século XVI, a Rússia estava em desvantagem, principalmente devido à Era dos Descobrimentos geográficos e do deslocamento do centro da economia mundial da Europa continental para os espaços marítimos. Os rios controlados pela Rússia não podiam ser comparadas com os espaços oceânicos. É durante este período que surgiu a necessidade de aceder aos mares quentes, que explica as inúmeras guerras entre a Rússia e os Grão-Ducados da Polónia e da Lituânia, que eram uma espécie de cordão sanitário na Europa Oriental, que não permitiam à Rússia ter acesso ao Mar Báltico e ao Mar Negro.

Já nos meados do século XVII, devido à constante expansão e a um número de guerras bem-sucedidas, a Rússia tornou-se num vasto império, que se estendeu desde o Mar Báltico até ao Oceano Pacífico. No entanto, este foi um império de latitudes do norte (localizado quase todo a norte da latitude 50°)<sup>28</sup>. Isso significava que a sua área efectiva (ou seja, o espaço em que não há condições extremas ou impróprias para a vida humana) era muito pequena, o que não possibilitava criar um espaço político e territorial uniforme.

Até ao século XVIII, a fronteira do sul da Rússia praticamente toda coincidia com a fronteira entre a floresta e a estepe (ou seja era a fronteira natural). Na literatura do período moscovita, a Rússia era representada como uma espécie de ilha florestal por

---

<sup>28</sup> Geography of Russia. Wikipedia

cima do espaço infinito da estepe. Até mesmo a zona de influência russa no Extremo Oriente, oficialmente reconhecida pelo Tratado de Nerchinsk de 1689, era limitada pela zona de florestas (Figura 14), porque a expansão para o sul era contida pela China e os seus vassallos.

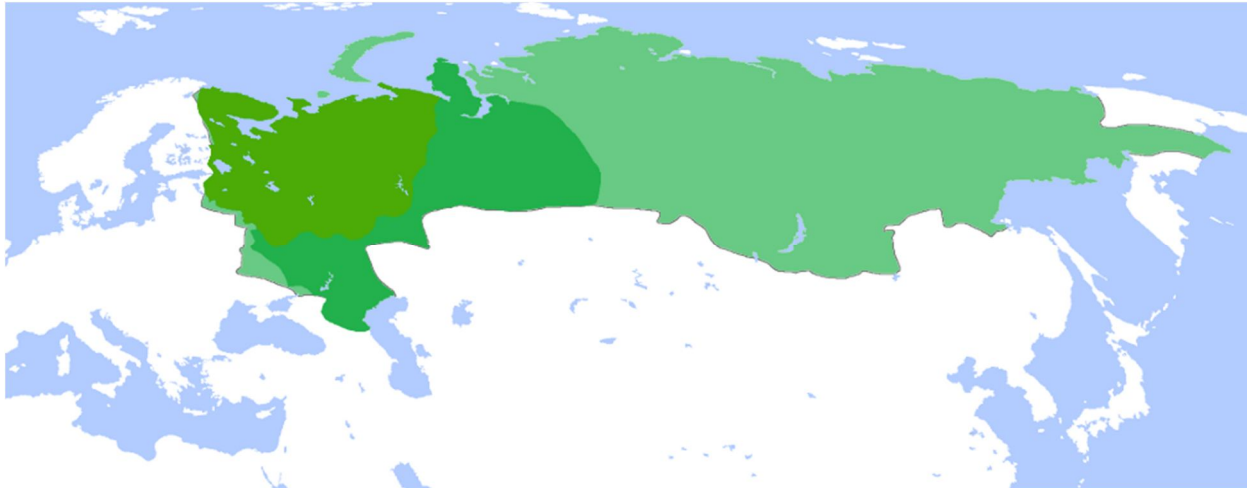


Figura 14. Expansão da Rússia 1500-1600-1700

([http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1e/Russian\\_Tsardom\\_1500\\_to\\_1700.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1e/Russian_Tsardom_1500_to_1700.png))

Independentemente do facto de que a Rússia se expandiu para o sul na sua parte europeia e também alcançou o Mar Cáspio, ela continuava a estar completamente isolada do resto da Europa. Esse isolamento intensificou-se, especialmente, pela perda de acesso ao mar Báltico em 1617 (como resultado do *Smutnoe Vremya*, em port.- “Tempo das Dificuldades”, e uma série de intervenções polacas e suecas), depois da assinatura do tratado de paz com a Suécia (que na época tinha os seus próprios interesses, realizados em resultado da Guerra dos Trinta Anos e a subsequente Tratado de Vestfália). Naquela época, o Mar Báltico era a única saída “não congelada” da Rússia para as águas quentes.

Assim, no final do século XVII, a situação era seguinte:

- No norte e no leste a Rússia ganhou forma final, alcançando as fronteiras extremas do continente, que defendiam, assim, as fronteiras por parte de enormes massas de gelo do Ártico no norte e do Oceano Pacífico no Extremo Oriente;
- No oeste, a Rússia perdeu o único caminho para o mar quente, as suas fronteiras ficaram totalmente abertas para o lado da Planície Europeia, enquanto que as terras eslavas ainda não estavam todas unidas;

- No sul, as fronteiras, tal como há alguns séculos atrás, passavam pela linha de divisão de floresta e de estepe, o que representava não só a divisão paisagista, mas também a divisão climática. O acesso às estepes da Ásia Central, que foram separados do resto do mundo pelas barreiras naturais, era uma necessidade.

Existe a opinião de que a reversão para a Europa (que Pedro, “o Grande”, começou desde o final da década de 80 do século XVII, ou seja, ainda antes da proclamação do Império, em 1721) e a aquisição do *status* da potência europeia não era coincidência. Por um lado, isso permitiu à Rússia tornar-se no parceiro de pleno direito da Europa, ter acesso à tecnologia ocidental, enquanto com o furo do cordão sanitário, composto pela Polónia e pela Lituânia, aceder ao Mar Báltico e ao Mar Negro, bem como ao mercado europeu.

Do outro lado, nesta altura, na Europa, estabelece-se a concepção eurocêntrica do mundo, segundo a qual, a Europa desempenha um papel civilizador na Ásia, e, portanto, deve, em grande parte, participar na sua vida. Dado o facto de que as fronteiras do sul da Rússia não tinham barreiras naturais, bem como a existência de necessidade de conquistar terras novas, adequadas para a agricultura e para a bovinocultura, o momento era perfeito. O facto de que é a partir do início do século XVIII que começa a expansão da Rússia na Ásia Central só confirma esta teoria.

No fim do século XVII - início do século XVIII, finalmente formam-se os fundamentos filosóficos da doutrina imperial do Estado russo. A formação de pesquisadores russos deste assunto ocorreu em condições em que no pensamento social dominavam os conceitos geográficos e espirituais. A expansão territorial bem sucedida do Estado russo foi acompanhada pelo reforço dos imperativos geopolíticos, que justificavam a ideologia imperial com os princípios civilizados e missão iluminista da Rússia em relação aos povos das fronteiras nacionais.

Pedro, “o Grande”, também compreendia a importância dos princípios geográficos. Além da ciência geográfica, a formação de visões geopolíticas do imperador foi influenciada pelo surgimento neste período de cartografia, topografia, meteorologia, estatística militar e governal, etnografia, antropogeografia, etc. Assim, de acordo com o decreto do Senado, a partir de 1720 começou a filmagem cartográfica do país, com base na qual, em 1734 foi feito o primeiro "Mapa Geral do Império Russo"



(Figura 15), e em 1745, foi lançado o "Atlas do Império Russo"<sup>29</sup> (Figura 16). O facto de que os estudos geográficos foram realizadas no âmbito do estabelecimento militar, levou ao desenvolvimento do ciclo militar de ciências aplicadas: geografia militar, estatística militar, cartografia militar e outros.

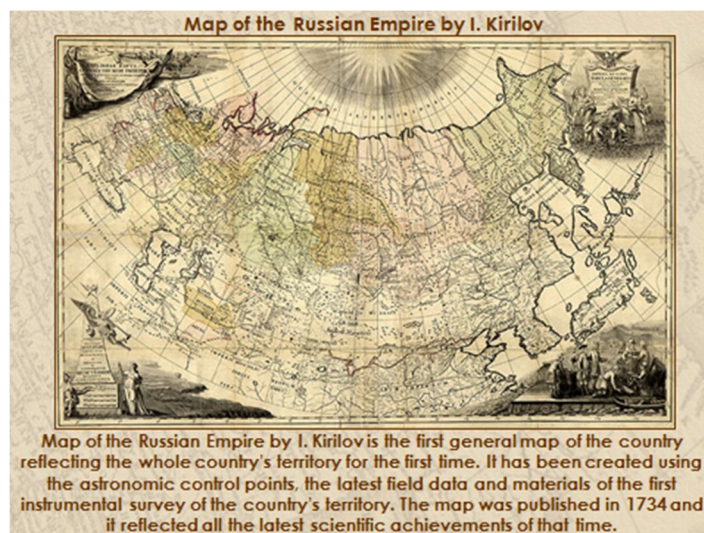


Figura 15. Uma das páginas da "Mapa Geral do Império Russo" de 1734. Autor - Ivan Kirilov

([http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.nlib.ee%2Fhtml%2Fyritus%2Fliber09%2Fdocs%2F12SvetlanaSviridenko.ppt&ei=YNcmVOb3Hlyd7gaculDwCA&usg=AFQjCNG3rZpy9DbW2nEG\\_UL8MnsRrz5dmQ&bvm=bv.76247554,d.ZGU](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.nlib.ee%2Fhtml%2Fyritus%2Fliber09%2Fdocs%2F12SvetlanaSviridenko.ppt&ei=YNcmVOb3Hlyd7gaculDwCA&usg=AFQjCNG3rZpy9DbW2nEG_UL8MnsRrz5dmQ&bvm=bv.76247554,d.ZGU))



Figura 16. Mapa do mundo. Atlas do Império Russo, 1745

(<http://www.mytravel.by/wp-content/uploads/1745.jpg>)

<sup>29</sup> (Sem autor, 12 de Julho de 2012) David Rumsey Map Collection. Consultado em 15 de Maio de 2014. <http://www.davidrumsey.com/blog/2011/7/11/first-atlas-of-russia-published-in-1745>

### 4.3. Século XVIII – Império Russo

A Rússia tornou-se oficialmente no Império em 1721, mas o primeiro passo neste sentido foi dado em 1582, quando os russos superaram as Montes Urais e começaram a conquista rápida e inevitável das vastas extensões da Sibéria.

O século XVIII herdou os três mais importantes problemas de política externa, para a solução dos quais a Rússia lutava já há dois séculos.

Em primeiro lugar, o país ainda não tinha acesso ao mar Báltico, a costa leste de qual foi capturada pelos alemães e suecos, que constantemente interferiam nos assuntos internos da Rússia.

Em segundo lugar, a parte ocidental da etnia russa – os bielorrussos e a parte significativa dos ucranianos ainda estavam sob o domínio da Polónia católica, enfraquecida, mas que não perdeu a sua hostilidade em relação a Rússia.

Em terceiro lugar, em perigo constante estavam as fronteiras do sul do Estado, sujeitas à invasões regulares a partir do Canato da Crimeia, o último fragmento de Horda de Ouro. Precisamente Canato da Crimeia, que, em 1475, tornou-se no vassalo do Império Otomano, não deixava Rússia aceder aos mares quentes.

Este período é interessante, pois é a partir da época de Pedro I e até 1914 que o Império Russo se expandia cerca de 80.000 km<sup>2</sup> por ano. Só no século XIX, a sua área aumentou num terço. Isto significa que o território da antiga União Soviética em 90% não foi criado pelo "regime totalitário", mas pelos esforços seculares dos estadistas russos. Além disso, o Império Russo (ao contrário da Grã-Bretanha, que era composto por vários territórios, espalhados pelo mundo todo) era espaço geopolítico, económico e cultural homogéneo, organicamente unificado.

A história do Império Russo é mais uma etapa na história da Rússia. É a história de trezentos anos do país, que teve um percurso histórico pesado. O Império Russo foi formado na base do Estado centralizado russo (com população de cerca 16 milhões de pessoas), que em 1721 Pedro I declarou um império. O facto oficial para o início do período imperial da Rússia foi a vitória sobre a Suécia na guerra de 1721. A vitória na Guerra do Norte forneceu à Rússia um papel de líder militar na Europa e marcou o início da sua transformação num império mundial.

No século XVIII, na mentalidade pública foi estabelecida firmemente a ideia de que a Rússia era, antes de tudo, um país europeu, e, por outro lado, que a Rússia era um



Estado espacial. O lugar da idéia ortodoxa de "Moscovo - Terceira Roma" foi substituído pela idéia imperial de "Estado em expansão".

Como afirmam os geopolíticos da Rússia, esse foi o período "petersburgo", quando os Romanovs, começando com Pedro, “o Grande”, se viraram formalmente para o ocidente, negando a missão eurásiana lançada em Moscovo. Para este facto indica um outro acontecimento. Ainda no final do século XVII, entre a Rússia e a China foram estabelecidas as relações formais, em que o Império Russo era reconhecido como subordinado (bárbaro) em relação à China. Tal concessão é explicável precisamente pelo facto de que, naqueles anos, a Rússia tinha outro vector na sua política externa – Europa e Ásia Central. Os benefícios económicos da cooperação russo-ocidental para a Rússia ultrapassaram a perda das terras orientais, o verdadeiro potencial das quais na época ainda não se sentia.

No entanto, apesar da transferência de capital para São Petersburgo, a ligação com o berço da soberania nacional – Moscovo, nunca foi interrompida. Se São Petersburgo foi o epítome do “ocidentalismo” russo, a capital, maximamente aproximada ao Ocidente, Moscovo manteve-se um símbolo da Eurásia, o início tradicional, incorporando santos heróicos do passado, raízes de fidelidade, origens da história do Estado.

Uma característica distinta da Rússia no século XVIII era a sua alta actividade geopolítica. Guerras quase imparáveis, que foram realizadas por Pedro I no primeiro quartel do século, tinham como objectivo alcançar o objectivo básico nacional – ganhar o direito de saída para o mar. A componente geopolítica das reformas de Pedro I era o período de uma transição do estado de auto-suficiência económica, auto-desenvolvimento social e étnico para um estado de interacção activa com os países desenvolvidos da Europa, em busca do melhor que havia na altura (principalmente nas áreas de ciência, tecnologia, educação e cultura).

Outro objectivo da política externa de Pedro I foi a expansão do território da Rússia. Ele estava interessado no acesso aos mares Negro e Azov, o que se reflectiu nas chamadas Campanhas de Azov, que tiveram o sucesso esperado: o acesso às águas quentes do sul, tão desejado pelo Imperador.

A tarefa seguinte foi a expansão a norte. Devido a isso, o imperador até realizou uma viagem à Europa, mas o Levantamento de *Streltsy* (em port. - “Levantamento dos

Flecheiros”), obrigou Pedro I voltar à Rússia. Mas o sonho de um grande norte russo não foi abandonado pelo Imperador, que começou, devido à isso, a guerra com a Suécia, que durou 21 anos e trouxe para Rússia o tão esperado acesso ao Mar Báltico e significativamente expandiu o território do país, que se tornou no império (Figura 17).



Figura 17. Mapa da expansão russa entre 1598 e 1725 (os territórios, anexados pelo Pedro, o Grande são representados em cor verde)

(<http://gibaulthistory.files.wordpress.com/2010/12/russian-holdings-by-1800-map.jpg>)

Neste período, a Rússia também procurou estabelecer laços mais estreitos com a Ásia Central e a Índia.

Durante o reinado de Catarina II, a influência internacional da Rússia cresceu, enquanto os seus principais adversários enfraqueciam. Na Polónia, a crise interna amplificou-se, a Suécia perdeu o seu antigo poder e esgotou completamente os seus modestos recursos em guerras intermináveis, o Império Otomano sofria de conservadorismo e estagnação económica.

Durante o reinado da Catarina II, foi eliminado o exército de Zaporozhye e os cossacos ucranianos receberam novas terras no Cáucaso do Norte, onde surgiram, assim, os cossacos de Kuban. A deslocação dos cossacos de Zaporozhye deveu-se à uma mudança na situação geopolítica nas fronteiras do sul da Rússia no final do século XVIII. Por um lado, na sequência da adesão da Nova Rússia (ou Novorossiia) e da Criméia à Rússia, não havia necessidade de proteger as fronteiras do sul dos turcos e

dos tártaros da Criméia, por outro lado, depois de várias conquistas no Cáucaso, surgiu uma nova linha fronteiriça no norte da região que devia ser desenvolvida e fortalecida.

Como já foi mencionado, a competição geopolítica entre a Rússia, por um lado, e a Lituânia e a Polónia, por outro, começou muito antes da formação do Império Russo. Ainda nos séculos XIV-XV estes poderes conquistaram uma série de principados ocidentais da Rus Kievana, que se desintegrou. No séc. XVIII, a Rzeczpospolita vai na direcção para o declínio causado por conflitos internacionais e guerras fracassadas. A pressão cada vez maior sobre Rzeczpospolita do lado russo e prussiano termina com três divisões da Polónia (1772-1795). A Rússia, em resultado da divisão ganha os importantes territórios da Bielorrússia e as partes da Lituânia, Ucrânia e terras do Báltico.

Também, durante o reinado de Catarina II e o início das guerra russo-turcas, a Rússia começa a desempenhar um papel activo na Geórgia.

Em geral, o principal resultado das políticas de Pedro I e da Catarina II, no século XVIII, foi o estabelecimento da hegemonia russa no leste do continente europeu, em resultado de qual a Rússia tornou-se num dos principais participantes na grande política europeia.

Como afirma o Professor António de Sousa Lara, na obra *Subversão e Guerra Fria*, Lisboa, ISCSP-UTL, 2011, p. 285: “Do lado russo, a russificação começa com o “Manifesto de Abril” de 1702, de Pedro I, “o Grande”, até Catarina II (1782-1796). O Czar Nicolau I estabelece, em 1832, o conceito de “nacionalidade oficial russa”, baseada no *jus soli*, na vassalagem imperial e na fé ortodoxa fiel ao Patriarcado de Moscovo e todas as Rússias”.

O expansionismo russo do século XVIII não encontrou resistência enquanto ele não ultrapassou a zona periférica, à qual pertencia a própria Rússia, e não começou a representar ameaça para uma série de grandes potências do continente europeu.

#### 4.4. Século XIX

No início do século XIX, durante o reinado de Alexandre I, a Rússia atingiu o seu ponto mais alto do período imperial. Continua o processo de aumento dos territórios devido à migração para leste e conquistas no ocidente.

Dois concorrentes geopolíticos foram totalmente derrotados com a decisiva participação da Rússia: Suécia e o velho inimigo - Polónia. No início do século

claramente foram definidas duas direcções geopolíticas da Rússia: o Médio Oriente (o esforço para fortalecer as suas posições no Cáucaso, bem como no Mar Negro e nos Balcãs) e europeu (a participação da Rússia na guerra de coligação contra a França napoleónica).

No início do século XIX, o principal obstáculo entre as grandes potências foi o destino de Constantinopla e dos estreitos. A tentativa de chegar a um acordo sobre esta questão falhou. A adesão da Rússia ao "Bloqueio Continental" do Napoleão levou a uma disputa com a Grã-Bretanha.

É interessante notar que a posição externa da Rússia e da França na época eram de natureza similar. A Rússia não esqueceu o seu "projecto grego"<sup>30</sup> e os planos relacionados com este (conquista de Constantinopla), o plano da criação nos Balcãs de uma espécie de "império eslavo", sob o seu patrocínio. Não se adequava à Rússia e a existência de um Estado independente polaco. Mas, em todas estas direcções Napoleão tinha os seus próprios interesses, incluindo as próprias visões sobre o futuro de Constantinopla: ele não queria sacrificar a independência da Polónia, e estava à espera de usar a aliança com a Rússia principalmente na luta contra a Grã-Bretanha. Assim, os dois países – Rússia e França, devido à visões contrárias sobre os mesmos espaços geopolíticos, tornaram-se rivais na luta pelo domínio mundial, e os seus diferentes interesses levaram à guerra.

Após a derrota de Napoleão e a restauração da paz em escala europeia, no ambiente das potências, que estavam bastante satisfeitas com a distribuição de "recompensas" no Congresso de Viena, emergiu e foi reforçado o desejo de preservar a ordem internacional estabelecida, enquanto o meio para isso era uma união permanente dos soberanos europeus e a convocação periódica de congressos internacionais. Mas, devido ao facto de que a realização disto contradizia os movimentos nacionais e revolucionários dos povos que procuravam formas mais livres de existência política, esse desejo rapidamente ganhou um carácter reaccionário.

---

<sup>30</sup> Kliuchevsky, V. O. A Course in Russian History: The Time of Catherine the Great. M. E. Sharp, Inc., 1984. Consultado em 9 de Maio de 2014  
[http://books.google.pt/books?id=elsgcNzOV68C&pg=PA73&lpg=PA73&dq=greek+project+russia&source=bl&ots=sbAt0wTQcU&sig=gSGPEZlvKTCgWkhscV8D\\_MXQR9c&hl=pt-PT&sa=X&ei=9EQfVLCslo\\_aaKy0gPgD&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=greek%20project%20russia&f=false](http://books.google.pt/books?id=elsgcNzOV68C&pg=PA73&lpg=PA73&dq=greek+project+russia&source=bl&ots=sbAt0wTQcU&sig=gSGPEZlvKTCgWkhscV8D_MXQR9c&hl=pt-PT&sa=X&ei=9EQfVLCslo_aaKy0gPgD&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=greek%20project%20russia&f=false)

A política da Santa Aliança, com tanta persistência perseguida pelo governo russo, levou ao facto de que "o Polícia da Europa"<sup>31</sup>, como foi chamada a Rússia, ficou odiado pelo mundo inteiro. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha intensificou os seus esforços diplomáticos, procurando aproveitar o momento favorável para a expulsão final da Rússia dos Bálcãs e do Médio Oriente. Novamente intensificou-se a chamada “questão oriental”. A influência russa na Europa, que atingiu o seu apogeu em 1848 depois da supressão das revoluções na Hungria e na Roménia, diminuiu drasticamente após a Guerra da Criméia (1854 - 1856).

A disputa com a França e a Turquia sobre o controle dos lugares sagrados de Jerusalém foi acompanhado pelos requisitos de Nicolau I de garantir liberdade não só para a Igreja Ortodoxa, mas também para toda a população ortodoxa da Turquia. Nicolau I esperava um desfecho pacífico da disputa e não se esperava pela “explosão” russófoba na França e na Grã-Bretanha. O Ocidente tentou pôr fim ao domínio russo no Mar Negro e a possibilidade da passagem da frota russa através do Bósforo e dos Dardanelos para o Mar Mediterrâneo. O resultado da Guerra da Criméia é conhecido por todos.

E se durante as Guerras Napoleônicas o factor espacial, juntamente com o clima, “jogou” do lado da Rússia, então durante a Guerra da Criméia é exactamente o que consideravelmente enfraqueceu o Império Russo. Se o movimento de tropas da França e da Grã-Bretanha para a Criméia levava três semanas, a transição dos soldados russos – três meses.

Após a Guerra da Criméia terminou a era do domínio russo na Europa, que, aliás, não trouxe os resultados esperados para o país. Este exemplo historicamente indiscutível, mais uma vez confirma o facto de que nem o poderio do Estado, nem as aquisições territoriais ou as vitórias militares têm o valor independente.

Após a Guerra da Criméia, a principal tarefa da Rússia tornou-se a conformidade com o equilíbrio de poderes europeu, e a exclusão do aparecimento no continente de um líder indiscutível. Por isso, quando houve o reforço da França, quando o Napoleão III se declarou imperador e apareceu uma ameaça real de dominação francesa, a Rússia apoiou os esforços da Prússia de unir os estados alemães como um contrapeso contra o Estado frances.

---

<sup>31</sup> (Sem autor) *Prominent Russians: Nicholas I.* RussiaPedia. Consultado em 14 de Março de 2014.  
<http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/the-romanov-dynasty/nicholas-i/>

Desde 1864 começou a expansão da Rússia na Ásia Central. Como e no caso com o Cáucaso, esta foi ditada pelo desejo de manutenção da paz e segurança de interesses do Estado russo.

A anexação das regiões de estepe ao Estado russo permitiram recolher um maior número de colheita, reproduzir gado e manadas de cavalos. Os cavalos, em geral, tornaram-se um símbolo nacional da Rússia, no exército russo apareceram tropas de cavalaria especiais (cossacos) que não tinham análogos no mundo. Isto deve-se ao facto de que, como nos tempos dos mongóis, as infinitas extensões da Grande Estepe podiam ser controladas apenas pela cavalaria.

Os principais objectivos da Rússia na Ásia Central foram os seguintes:

Em primeiro lugar, o Estado necessitava de uma fronteira natural clara, que nesta região da Rússia ainda não existia. Além disso, o estepe do Cazaquistão ocupava um lugar especial por causa da sua localização estratégica e era a “chave para as portas” de quase todos os países e territórios asiáticos.

Em segundo lugar, era necessário pôr fim às acções hostis dos khans e emires locais, que nos mercados locais vendiam como escravos os prisioneiros russos. Esse objectivo, também, era associado à abolição da escravatura que aconteceu três anos antes.

Em terceiro lugar, estabelecer o controle sobre esta região procurava o maior rival e oponente da Rússia - Grã-Bretanha, o que era visto como uma ameaça directa para a segurança do Estado russo.

O choque de interesses russo-britânicos aconteceu no Afeganistão. A Grã-Bretanha temia o controle russo no Turquestão, que era uma base excelente para um golpe potencial contra a “Jóia do Império Britânico” – a Índia.

Em geral, a junção das fronteiras da Pérsia (Irão), Afeganistão, Índia, China e Turquestão russo tornou-se no lugar de confronto activo entre a Rússia e a Grã-Bretanha no século XIX, o que resultou numa série de conflitos locais. O confronto geral entre os impérios russo e britânico pelo controle sobre a Índia e Ásia Central no século XIX recebeu na história o nome de "Grande Jogo".

No final do século XIX, devido à construção da Transsiberiana e os planos ambiciosos da Rússia da expansão económica para China, aumentou o interesse russo



pelo Extremo Oriente. De acordo com o Tratado russo-chinês de 1896, a Rússia ganhou o controle do caminho de ferro do leste chinês, o que reduziu significativamente a rota terrestre de Moscovo para Vladivostoque.

Neste momento, o Alasca era o único território ultramarino da Rússia, mas ela não foi rentável nem fácil de gerir. Se no início do século XIX o Alasca dava lucros devido ao comércio de peles, já nos meados do século tornou-se evidente que os custos da guerra para a manutenção e proteção do território colonial eram maiores do que os ganhos potenciais. No leste da Alasca situavam-se as terras britânicas da Companhia da Baía de Hudson. Como a Rússia tinha as relações de rivalidade geopolítica aguda, e, as vezes, até de hostilidade aberta com o Império Britânico, a fronteira necessitava de atenção constante e protecção em caso de um confronto militar entre as duas grandes potências. Em 1867, o Alasca foi vendida aos Estados Unidos por 7,2 milhões de dólares<sup>32</sup>, o que se tornou no negócio mais barato de venda de terra de todos os tempos. Viabilidade de aquisição da Alasca se tornou evidente trinta anos depois, quando neste território foi descoberto o ouro.

Pode-se considerar que a expansão russa do século XIX, além de procurar uma solução de saída para os mares quentes, também tentou atingir as linhas estratégicas de controle sobre toda a Eurásia. No final do século XIX, os dois maiores impérios do mundo - britânico e russo, criaram um sistema mutuamente aceitável de esferas de influência na Ásia. Tentando evitar o confronto directo, cada um deles, no entanto, exerceu uma forte influência indirecta um sobre o outro.

Deve-se referir que a maioria das conquistas russas, feitas até este período, eram áreas remotas, de difícil acesso e economicamente pouco atraentes. Na verdade, a Rússia conquistou aquilo que não foi reivindicado por outro. Onde houve uma rivalidade colonial afiada, as oportunidades da Rússia foram consideradas não muito altas. Mas, seja como for, no início do século XX, a Rússia possuía um espaço territorial enorme.

Vale a pena notar que o Ocidente quase até a segunda metade do século XIX não prestava atenção suficiente à expansão da Rússia. No entanto, os acontecimentos deste século mudaram radicalmente a atitude face ao Estado russo.

---

<sup>32</sup> (Sem autor, 4 de Abril de 2007) *Russia made huge mistake when it sold Alaska to USA for only 7.2 million dollars. Pravda.ru. Consultado em 9 de Abril de 2014. <http://english.pravda.ru/history/04-04-2007/89041-alaska-0/>*

A expansão bem sucedida do Império Russo na Ásia, depois de uma expansão para o sul da Europa no século XVIII, significou o seu grande crescimento e intensificou a percepção do Estado russo como uma ameaça para as posses da Grã-Bretanha, especialmente para as suas colónias no sul da Ásia.

A construção de ferrovias e as infraestruturas necessárias revolucionaram o transporte terrestre, mudando a relação entre a antiga diferença dos Estados em termos militares e económicos.

A fenomenal transformação económica dos territórios, que até há pouco pertenciam ao Império Otomano, fez o Ocidente reconsiderar a sua atitude anterior a esse Estado: os países ocidentais já não descartavam a possibilidade de desenvolvimento comercial desta vasta área, até há pouco totalmente esquecida.

Durante um período muito curto de tempo, as perspectivas de desenvolvimento económico das regiões internas da Eurásia e a ameaça da expansão das regiões costeiras do continente por parte da Rússia tornaram-se realidade.

No final do século XIX, as fronteiras da Rússia adquiriram o perfil terminado. A Rússia assumiu o controle de todos os espaços que lhe permitiam garantir a segurança e o sólido desenvolvimento da estadualidade. A posterior expansão territorial já não tinha o carácter vital. A partir desta altura em diante, o desenvolvimento geopolítico do Estado era direccionado para a solução de outros problemas, principalmente internos.

O principal problema político interno consistia no facto de que agora era necessário fornecer um controle efectivo sobre o vasto território.

O objectivo da política externa consistia na mudança de paradigma do desenvolvimento geopolítico da Rússia. Desde esta altura, os interesses da segurança do Estado deviam ser fornecidos já não devido à expansão territorial, mas pelo controle político-militar sobre estes territórios, bem como a influência diplomática e económica sobre os seus vizinhos.

A compreensão da importância primordial destas tarefas foi demonstrada no Governo de Alexander III, no final do século XIX. Mas, o fracasso da máquina estatal russa não permitiu realizar esta tarefa e, em grande medida, determinou as crises e conflitos geopolíticos que atingiram a Rússia no século XX. A parte mais influente da elite política do Império Russo nunca foi capaz de entender as mudanças que ocorreram, e pela inércia continuou a lutar pela expansão territorial.



Isto levou à infame guerra russo-japonesa (1904-1905), e mais tarde, em 1905-1907, à explosão revolucionária, depois do crescimento do descontentamento social das massas. Mais tarde, à grande tragédia da Primeira Guerra Mundial, combinada com a política interna medíocre do Governo (que não entendeu as mudanças conjunturais ocorridas, o estado geopolítico real das coisas na altura e não aprendeu nada com a História), terminou com a revolução de 1917, a Guerra Civil e a devastadora catástrofe geopolítica - o colapso do centenário império.

Eventos do século XIX são muito importantes devido a dois factos: a sua compreensão ajuda a entender com precisão a dicotomia que caracteriza o confronto entre potências continentais e marítimas, bem como a entender que a luta dos maiores impérios do século - britânico e russo, foi o principal impulso para a formulação do já bem conhecido modelo geopolítico de sir Halford Mackinder, em particular do conceito de *Heartland*.

#### 4.5. Análise do passado histórico<sup>33</sup>

Durante muitos séculos, a principal (estratégica) área do Estado russo era a sua parte ocidental. Às vezes, essa região é identificada com a Europa Ocidental ou Rússia Européia, às vezes com as unidades históricas - Moscóvia e Czarado da Rússia. Na verdade, este território corresponde à moderna Rússia Central.

É exactamente nesta área que emerge a soberania russa, e onde se situam duas capitais do Estado russo. Um histórico, pró-ocidental - São Petersburgo (antigo Leningrado), outro moderno, tradicional - Moscovo.

Como mostra o passado, a história da Rússia é uma luta imparável contra as invasões umas atrás das outras (Figura 18).

Os antigos inimigos da Rússia (Polónia, Suécia, Lituânia) conheciam a vulnerabilidade desta região, bem como os inimigos mais modernos (Império Britânico, França napoleônica, a Alemanha nazi). Hoje, destes vulnerabilidades são conhecedores os principais rivais geopolíticos da Rússia, especialmente o mundo anglo-saxónico no rosto do líder - os EUA.

---

<sup>33</sup> Friedman, George (15 de Outubro de 2008), The Geopolitics of Russia: Permanent struggle. Stratfor. Consultado em 15 de Julho de 2014.  
[http://www.colorado.edu/geography/class\\_homepages/geog\\_4892\\_sum10/Geopoliticsofrussia\\_stratfor.pdf](http://www.colorado.edu/geography/class_homepages/geog_4892_sum10/Geopoliticsofrussia_stratfor.pdf)



Figura 18. Desafio geográfico de Moscúvia

(<http://i.imgur.com/MjcGnFv.png>)

A Rússia Central é uma unidade territorial, que corresponde totalmente ao medieval Grão-Ducado de Moscovo.

Nesta zona quase não há barreiras naturais, não há rios, não há montes. Os limites naturais são o clima severo no norte, a área florestal no centro e, em certa medida, a Grande Estepe no sul.

As invasões para esta parte da Rússia vinham de duas direcções tradicionais. A primeira direcção – estepes, enormes espaços abertos, que ligam Rússia com Ásia Central e Oriental. Este caminho foi aproveitado pelos mongóis no século XIII, cuja invasão mostrou a ineficácia das florestas como barreiras naturais para a protecção das fronteiras do Estado.

A segunda direcção é a Planície Europeia (Figura 19), de onde para a Rússia vinham todos os outros invasores, começando com os Cavaleiros Teutônicos e terminando com a Alemanha nazi. Teoricamente, há outra direcção de invasão ocidental: a partir dos Balcãs, através do território da actual Roménia e Moldova, e as estepes da Ucrânia. No entanto, em primeiro lugar, na Península dos Balcãs nunca existiu inimigo verdadeiramente forte da Rússia, em segundo lugar, este caminho exige mais recursos e representa mais perigo, do que o caminho europeu, e, em terceiro lugar,

para a Rússia basta controlar o território da Moldova moderna e colocar as suas forças militares neste território, a fim de eliminar completamente a tentativa de invasão dos Balcãs, bloqueando a passagem, entre as Montes Cárpatos e o Mar Negro. Agora, torna-se compreensível por quê a Moldova (ou até mesmo a Transnístria) é tão importante tanto para a Rússia, como também para as potências marítimas, que consideram o Estado russo como hostil.

Historicamente, a importância da Rússia Central e, ao mesmo tempo, a sua fraqueza eram entendidos e pela própria Rússia. O processo secular de expansão da Rússia, principalmente na direcção leste e sul, tinha em conta esta especificidade.



Figura 19. Planície Européia (em cinzento)

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_plan%C3%ADcie\\_europeia#mediaviewer/File:European\\_plain.png](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_plan%C3%ADcie_europeia#mediaviewer/File:European_plain.png))

A Rússia expandia-se em três fases. A primeira fase, na ausência de recursos naturais e humanos bem como em condições de falta das capacidades militares necessárias, foi realizada não em direcção dos corredores de invasão, mas longe destes, de modo a criar pontos de resistência. Só no final do século XV, durante o reinado de Ivan III, que a Rússia começou a se expandir para o Ocidente.

A direcção principal da expansão neste período era para o norte, para o Ártico, e para norte-leste, até as Montes Urais. No entanto, independentemente do tamanho, apenas uma pequena parte dessa área poderia ser útil, pois a maior parte deste território era taiga densa ou até tundra, quase desabitada. O clima nesta área geográfica não é adequado não só para a agricultura, mas representa o perigo para a própria vida humana. Mas, naquela época, para a Rússia, estas terras eram as únicas disponíveis, e, também,

as únicas favoráveis para a defesa, pois tinham a barreira natural – floresta, que podia ajudar a travar a invasão externa.

É necessário dizer que, durante a invasão do jugo tártaro-mongol, as áreas florestais travaram significativamente os movimentos dos nómadas, que dominavam completamente as planícies devido à sua rápida cavalaria. Como já foi mencionado, a capacidade da cavalaria aqui diminuiu bastante, enquanto os próprios mongóis foram forçados a lutar com a infantaria na floresta, onde a vantagem estava do lado dos defensores. Se não fosse uma vantagem numérica significativa, o resultado da invasão podia ser precisamente o contrário.

A segunda fase de expansão (Figura 20)<sup>34</sup>, com a chegada ao poder de Ivan, “o Terrível”, foi muito mais “agressiva” e arriscada. Em meados do século XVI, a Rússia finalmente avançou para bloquear os ataques da rota de mongóis. A Rússia expandia-se para sul e leste, para as profundezas do deserto, e não parou até chegar aos Montes Urais no leste e ao Mar Cáspio e Montes do Cáucaso no sul. Parte dessa expansão resultou na conquista das algumas áreas estratégicas, incluindo algumas cidades no Mar Cáspio e a cidade de Grozny, que foi pouco depois convertida em um posto militar no Cáucaso.

O interesse estratégico foi garantir a segurança das fronteiras do sudeste da Rússia contra possíveis ameaças das estepes, através de absorção da Ásia Central, bem como da Ucrânia, ou seja, dos territórios que estão incluídos na zona de Grande Estepe, que se estende desde Ucrânia até a Manchúria.

Em resultado dessa expansão, aplicando a ideia de "Moscovito - Terceira Roma" e mobilizando recursos suficientes, o Grão-Duque de Moscovo, Ivan IV, tornou-se o rei de toda a Rússia, antecipando o nascimento do futuro império. Essa foi uma das etapas mais importantes no sentido geopolítico, pois, pela primeira vez na sua história, a Rússia finalmente chegou a um nível básico de segurança, que garantiu a protecção de invasão do sul e das estepes asiáticas.

O controle do Cáucaso garantiu a protecção adequada da Ásia Menor e da Pérsia, enquanto o controle de milhões de quilómetros quadrados de estepes se tornou possível

---

<sup>34</sup> Friedman, George (15 de Outubro de 2008), The Geopolitics of Russia: Permanent struggle. Stratfor. Consultado em 15 de Julho de 2014.  
[http://www.colorado.edu/geography/class\\_homepages/geog\\_4892\\_sum10/Geopoliticsofrussia\\_stratfor.pdf](http://www.colorado.edu/geography/class_homepages/geog_4892_sum10/Geopoliticsofrussia_stratfor.pdf)



para a realização de uma outra estratégia defensiva: criação de “zonas buffer”, uma estratégia que continua durante os séculos a ser essencial para a protecção da segurança do Estado russo.



Figura 20. As fases de expansão da Rússia

(<http://i.imgur.com/51Lx2a8.png>)

Em geral, a garantia de protecção do sul e do leste, permitiu à população russa abandonar a não muito favorável vida no território da Rússia Central. A subsequente expansão das fronteiras a oeste e sudoeste permitiu ocupar o território fértil da Ucrânia e da Bielorrússia, fornecendo uma base para a agricultura e diminuindo o perigo que vinha do este.

A terceira fase da expansão da Rússia estava destinada a combater a principal direcção de onde vinham os ataques durante toda a história do Estado russo – direcção ocidental. No século XVIII, durante os reinados de Pedro, “o Grande”, e Catarina, “a Grande”, a Rússia anexou a Ucrânia e alcançou as Montes Cárpatos no sudoeste,

expandiu as suas fronteiras para o oeste, anexando os países bálticos, garantindo assim a segurança nesta região.

No entanto, para além da fixação em Montes Cárpatos, a Rússia não alcançou as fronteiras que podiam ser protegidas. A expansão para o Mar Báltico e o Mar Negro transformou os problemas externos para internos, devido à anexação dos territórios hóstis (países bálticos e terras dos cossacos na Ucrânia).

Além disso, a Rússia expandiu-se tão rapidamente e com tanta força, que a manutenção do império social e militarmente unido se tornou num desafio monumental e permanente.

Finalmente, as ameaças multi-direccionais, de leste e de oeste, identificaram os problemas geopolíticos da Rússia. A constante ameaça de ataques das estepes foi alternada com o risco de invasão do oeste. Se no caso de invasão de leste, a eficiência da própria invasão dependia de “durabilidade” do agressor e da garantia de controle das linhas de abastecimento no vasto território, a direcção ocidental teve as suas especificidades. Aqui, devido à falta de barreiras naturais, a Planície Europeia permitia formar um enorme exército. E, esse exército nem sempre vinha das profundezas do continente (da França ou da Alemanha), as condições geográficas permitiam o uso das forças navais para o deslocamento das tropas do Mar Báltico e do Estreito da Finlândia contra a Rússia.

A direcção mais ou menos segura em termos de garantia de segurança contra a agressão externa foi o Ártico, com a sua linha de quilómetros de gelo grosso em toda a fronteira norte da Rússia, bem como quase total falta de infra-estrutura (portos, marinas) ou paisagem necessária para o desembarque de tropas.

No sul, em caso de controle do norte do Cáucaso, as Montes do Cáucaso é uma barreira natural contra os invasores do Cáucaso do Sul, da Turquia e do Médio Oriente.

É por isso que para Rússia era tão importante estabilizar a situação no Karachay-Cherkessia, Kabardino-Balkaria, Vladikavkaz, na Chechênia, Inguchétia e Daguestão após o colapso da URSS (Figura 21).

Enquanto a Rússia controla as "zonas buffer" (ou “zonas tampão”), que a separam do seus inimigos, mesmo que estas áreas sejam facilmente superadas pelas forças inimigas, a Rússia pode destruir ou enfraquecer severamente qualquer invasão através de resistência e os ataques contra as linhas de abastecimento de inimigo. Em geral, aqui,

como em qualquer guerra, há uma lei clara - distância degrada poder. Quanto mais longe o poder será aplicado da base, mais este diminui, se degrada. Aparentemente, isso foi esquecido por Napoleão e por Hitler.



Figura 21. Cáucaso do Norte russo

([http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/North\\_Caucasus\\_regions\\_map.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/North_Caucasus_regions_map.png))

A manutenção do controle sobre tais áreas requer não só uma quantidade significativa de tropas para sua defesa, mas também necessita de criar uma enorme rede de segurança e espionagem interna e externa para garantir a gestão centralizada. A estratégia de criação de “zonas tampão” não só faz a Rússia gastar recursos significativos para a monitorização e manutenção destas, mas é vista como tática agressiva por parte dos seus vizinhos mais próximos.

## 5. Século XX

As principais direcções de Geopolítica russa formaram-se muito antes da subida ao trono de Nicolau II. Na direcção europeia, o czar russo herdou de Alexander III a aliança franco-russa, que o segundo considerava a pedra angular do sistema de segurança europeu. Na primeira década do reinado de Nicolau II, a Rússia, embora não se tenha afastado da aliança com a França, mas, em grande medida, devido às visões pessoais do imperador, começou a aproximar-se da Alemanha. Com a última, Estado

russo não tinha disputas territoriais, enquanto os imperadores da Rússia e da Alemanha eram primos.

A Alemanha durante este período foi vista principalmente como causadora de problemas na Europa. Decidindo seriamente participar na redistribuição do mundo, Alemanha começou a construir uma enorme frota, comparável à da britânica. Em Londres surgiu o pânico. A Grã-Bretanha avaliou o grau de perigo e decidiu rejeitar já tradicional à diplomacia britânica "isolamento esplêndido".

A direcção de sul (Império Otomano, os Balcãs e os estreitos), que era a prioridade durante o reino de Alexander III, sob o reinado de Nicolau II passou para o segundo plano. O "status quo" no sul e no sudoeste deu à Rússia oportunidade de concentrar os esforços no novo vector principal da política externa russa – Extremo Oriente.

### 5.1. Guerra Russo-Japonesa

O século XX para a Rússia começou, como sempre, com uma guerra. Desta vez, com os japoneses. O Império Russo estava em guerra com o Japão, mas, na realidade, opuseram-se não os japoneses, mas a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Ajuda financeira norte-americana e britânica armou o exército japonês com as tecnologias mais recentes. Isso explica o paradoxo da existência nas mãos do Japão semi-feudal de armas tecnicamente primárias, alguns modelos das quais eram superiores à das russas.

O Japão objectivamente não tinha qualquer hipótese de vitória numa longa guerra com a Rússia. A mobilização de recursos não eram comparáveis. No fim da guerra, a economia e os recursos humanos no Japão estavam esgotados. Os japoneses sofreram perdas muito maiores em número de mortos. As perdas acumuladas do vencedor foram duas vezes maiores do que do lado perdedor. O Japão já não tinha reservas e estava muito mais perto de ser derrotado do que a Rússia.

Então, em que acreditavam os dirigentes japoneses, tomando a decisão sobre a invasão do território da Rússia? Obviamente em ajuda militar ocidental. E essa ajuda diplomaticamente foi garantida. Ainda antes da guerra, em 1902, foi assinado o tratado de aliança anglo-japonesa. O presidente americano Theodore Roosevelt ameaçou ao aliado da França com a guerra em caso este adoptar uma atitude pró-russa. De acordo com as memórias de Alexander Kerensky (o Primeiro-Ministro do Governo Provisório Russo em 1917), o Presidente dos Estados Unidos "totalmente tomou o lado do Japão e,



no curso das negociações em Portsmouth, por vezes, era mais japonês do que os próprios japoneses"<sup>35</sup>.

Para o Japão trabalhavam os mídias mundiais, que estavam sob o controle do capital norte-americano e britânico. O Japão foi retratado nos mídias como a vítima de agressão russa. Além disso, a imagem do Japão serviu como a imagem do país que luta pelos ideais de liberdade. A falta de liberdade estava naturalmente associada com a Rússia. Em Londres, foi publicada uma crónica ilustrada da guerra com o título "A luta pela liberdade do Japão".

Os objectivos mínimos da guerra eram a contenção do progresso da Rússia no Extremo Oriente e no Pacífico, o objectivo máximo era organizar os choques síncronos externos e internos contra o próprio Estado russo.

Esta projectividade foi realizada pelos contemporâneos. "*If Japan and England took joint action - escrevia ainda em 1901 o imperador Guilherme II da Alemanha, - together they could smash Russia ... but they would have to do it soon, before the Russians get too strong*".<sup>36</sup> Um ano mais tarde, Londres conclui a união com Tóquio, e dois anos depois disto, o Japão ataca a Rússia. Sobre o facto de que o propósito da Grã-Bretanha na guerra consistia em expulsar a Rússia da costa do Pacífico para o interior do continente escreveu um dos criadores da escola eurasiana da Geopolítica russa - Aleksey Vandam.

Para o Japão, que reivindicava o *status* de uma grande potência regional, era fundamental conquistar o controle do mar para o desembarque sem obstáculos de suas tropas no continente. Por isso, as acções de luta começaram com um ataque repentino da frota japonesa sobre a esquadra russa do Pacífico em Porto Artur. A Guerra Russo-Japonesa tornou-se num fracasso para a Rússia, que lhe custou a perda do sul da Sacalina e todas as concessões chinesas. Esta derrota, que para muitos parecia

---

<sup>35</sup> Tradução feita pelo autor da Dissertação. Texto original pode ser encontrado em obra *Quem financia o colapso da Rússia?: de Decabristas até os mujahidins*, de geopolítico russo Nikolai Starikov, Piter, 2011, p. 184

<sup>36</sup> Rohl, John C. G. *Wilhelm II: into the Abyss of War and Exile, 1900-1941*. Cambridge University Press. 2014. Consultado em 7 de Maio de 2014  
<http://books.google.pt/books?id=xUxkAgAAQBAJ&pg=PA166&lpg=PA166&dq=wilhelm+II+they+can+smash+russia&source=bl&ots=UyO7zgJjRu&sig=9fEDuHxguWdrcz8fzjmPja9JSEA&hl=pt-PT&sa=X&ei=6TYfVK-dLsTOaPergbgl&ved=0CB8Q6AEwAA#v=onepage&q=wilhelm%20II%20they%20can%20smash%20russia&f=false>

inesperada e aleatória, realmente significou algo muito mais - o fim da expansão territorial da Rússia e o início da redução do império.

Durante a Guerra Russo-Japonesa, em 1904, Halford Mackinder publicou a sua famosa obra "O Pivot Geográfico da História". Nela, como é sabido, estabeleceu a tradição de análise da Geopolítica mundial através do prisma do conflito entre o Heartland, que coincidia com a Rússia, e o crescente exterior, que se identifica com o atlantismo. O confronto entre a Rússia e o mundo anglo-saxónico conceitualmente é visto como a luta pelo domínio do mundo. A Guerra Russo-Japonesa era um dos exemplos desta rivalidade.

## 5.2. A Primeira Guerra Mundial

A Primeira Guerra Mundial, que começou em Agosto de 1914, foi um teste de resistência, que o império russo já não foi capaz de sustentar. Apesar dos seus sucessos militares, que se misturavam com as falhas, a Rússia, em geral, manteve-se fiel à coligação anti-alemã e com a sua luta enfraqueceu o ataque alemão na frente ocidental. Os objectivos militares russos consistiam na anexação da Prússia Oriental e a reunificação da Polónia sob o cetro russo. A entrada da Turquia na guerra, ao lado das potências centrais, permitiu à Rússia exigir a anexação de Constantinopla e dos estreitos, facto com qual a Grã-Bretanha e a França, apesar das suas políticas tradicionais, não se concordaram.

Analisando a conveniência estratégica de guerra da Rússia na aliança com a Grã-Bretanha contra a Alemanha, os geopolíticos da Rússia estudavam em pormenor a experiência de seus colegas ocidentais (trabalhos de Ratzel, Kjellen, Mahan, etc.), conheciam bem a estratégia anglo-saxónica: evitar o domínio no continente europeu de qualquer poder.

A perda militar foi uma das causas da Revolução de Fevereiro de 1917. Após a abdicação de Nicolau II do trono, o Governo Provisório confirmou os seus compromissos de aliança no âmbito do novo conceito sem anexações e indemnizações. Mas os problemas políticos e militares multiplicavam-se e a tentativa do Primeiro-Ministro Alexander Kerensky de continuar a guerra foi uma das principais causas da Revolução de Outubro.

A Primeira Guerra Mundial mudou radicalmente o equilíbrio geopolítico dos poderes. Desapareceram impérios alemão, austro-húngaro, russo e turco - os antigos

centros políticos poderosos. Nas ruínas dos Estados poderosos apareceram vários pequenos Estados, que os autores do sistema de Versalhes (Entente) queriam incluir na sua esfera de influência. A guerra que levou à grandes perdas humanas e territoriais, bem como à degradação económica da Rússia, criou a crise geral da autoridade no país, o que levou à revolução, à abolição da monarquia e ao colapso temporário do Estado russo. O último levou à uma série de Golpes de Estado, à intensificação do separatismo em alguns regiões, à Guerra Civil e à intervenção externa. Este período acabou com a reformatação do Império Russo em União Soviética, a expulsão dos invasores, o reconhecimento internacional gradual da URSS e a renegociação dos tratados internacionais, tendo em conta as novas realidades.

Vale a pena notar, que sir Halford Mackinder estava directamente envolvido no reformulação do mapa da Europa Oriental. Participando na Conferência de Paz de Paris<sup>37</sup>, no final da Primeira Guerra Mundial em nome do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, ele estava directamente envolvido no processo de divisão dos quatro impérios da Eurásia em qualquer número (quanto mais – melhor) de pequenos Estados, *“in order to close the gates of the Eurasian Heartland to Britain's enemies and maintain an international status quo favourable to the interests of the Anglo-Saxon nations”*<sup>38</sup>.

Sir Halford Mackinder argumentava que o objectivo imediato da política externa britânica deve ser o de evitar qualquer tipo de aliança ou o bloco entre a Alemanha e a Rússia, bem como não permitir que essas forças dominassem a Europa de Leste (Figura 22). Por isso, é muito importante estabelecer uma “zona tampão” (ou “zona buffer”) de Estados entre essas duas grandes potências (Figura 23). Além das questões políticas e militares, como afirma sir Halford Mackinder, há outra – financeira. A aliança com a Alemanha permitirá aos russos obter acesso à capital ocidental, o que, na opinião do autor, falta para a criação de infraestrutura necessária e construção da Marinha forte.

---

<sup>37</sup> Pelizza, Simone. Geopolitics, federalism, and imperial defence: Halford Mackinder and Eastern Europe, 1919-20. Consultado em 22 de Março de 2014  
[http://www.academia.edu/4708068/Geopolitics\\_Federalism\\_and\\_Imperial\\_Defence\\_Halford\\_Mackinder\\_and\\_Eastern\\_Europe\\_1919-20](http://www.academia.edu/4708068/Geopolitics_Federalism_and_Imperial_Defence_Halford_Mackinder_and_Eastern_Europe_1919-20)

<sup>38</sup> Niall, Bradley. Geopolitics of Empire: Mackinder's Heartland Theory and the Containment of Russia. Consultado em 2 de Setembro de 2014. <http://www.sott.net/article/276668-Geopolitics-of-Empire-Mackinders-Heartland-Theory-and-the-Containment-of-Russia>

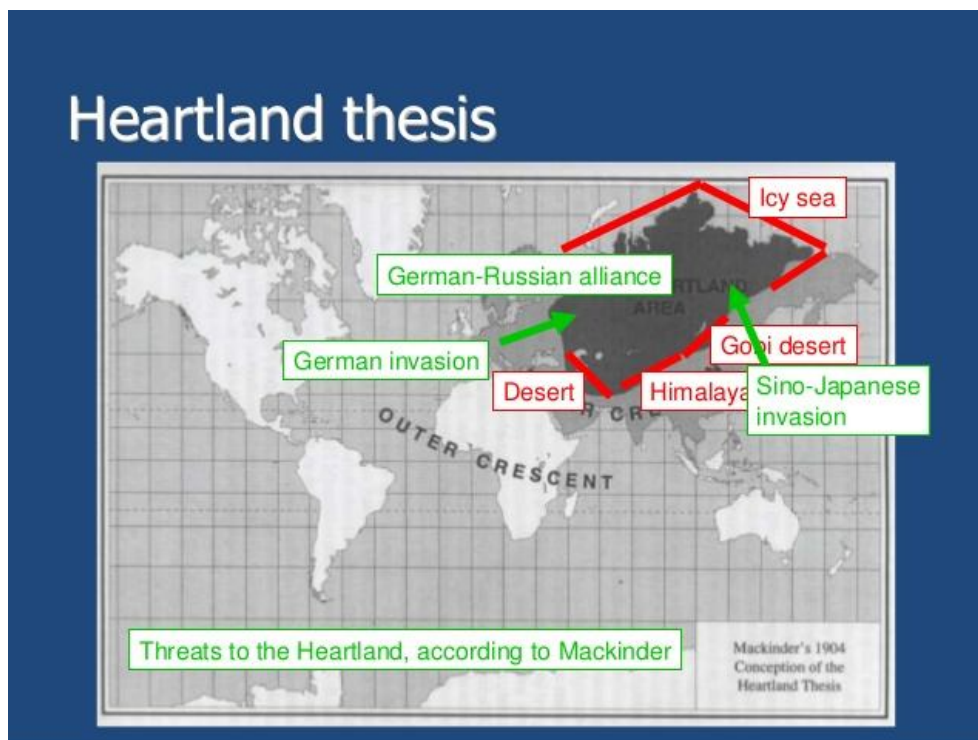


Figura 22. Todas as ameaças para o Heartland, de acordo com sir Halford Mackinder  
(<http://pt.slideshare.net/jacquesbazen/geopolitics-ideas-and-thoughts-behind-foreign-policy-in-eastern-europe>)

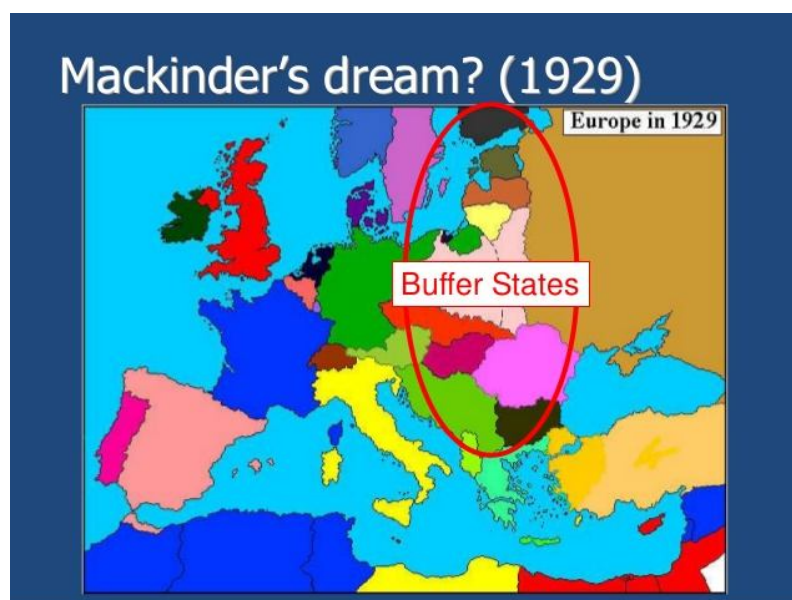


Figura 23. “Zona tampão” entre a Europa Ocidental e a Rússia após o final da Primeira Guerra Mundial

(<http://www.slideshare.net/jacquesbazen/geopolitics-ideas-and-thoughts-behind-foreign-policy-in-eastern-europe>)

E assim aconteceu. Nas ruínas das grandes potências surgiu um grande número de pequenos Estados pseudo-nacionais, que, de acordo com os novos “Senhores da

Europa”, deviam ser os blocos de construção de mais um equilíbrio de poderes. Arquitectos de sistema de Versalhes acreditavam que desta forma os fragmentos de impérios anteriores com facilidade vão entrar na esfera de influência dos países vitoriosos.

Um dos projectos de criação da "zona tampão" entre a Rússia e a Europa (Alemãha) era a idéia do polaco Jozef Pilsudski de criar o chamado *Miedzymorze* ou também conhecido como *Intermarium* (literalmente – terras entre os mares, que devia a ser uma espécie de pequena Entente).

Hoje, *Intermarum* na Polônia é visto como uma aliança do futuro, que irá bloquear os russos, separando-os dos alemães, e, pacificamente parar a expansão turca na Europa do Sudeste. Figura 24 - O mapa mostra claramente que a Federação hipotética de *Intermarum* seria a autêntica região cristã pura na Europa.

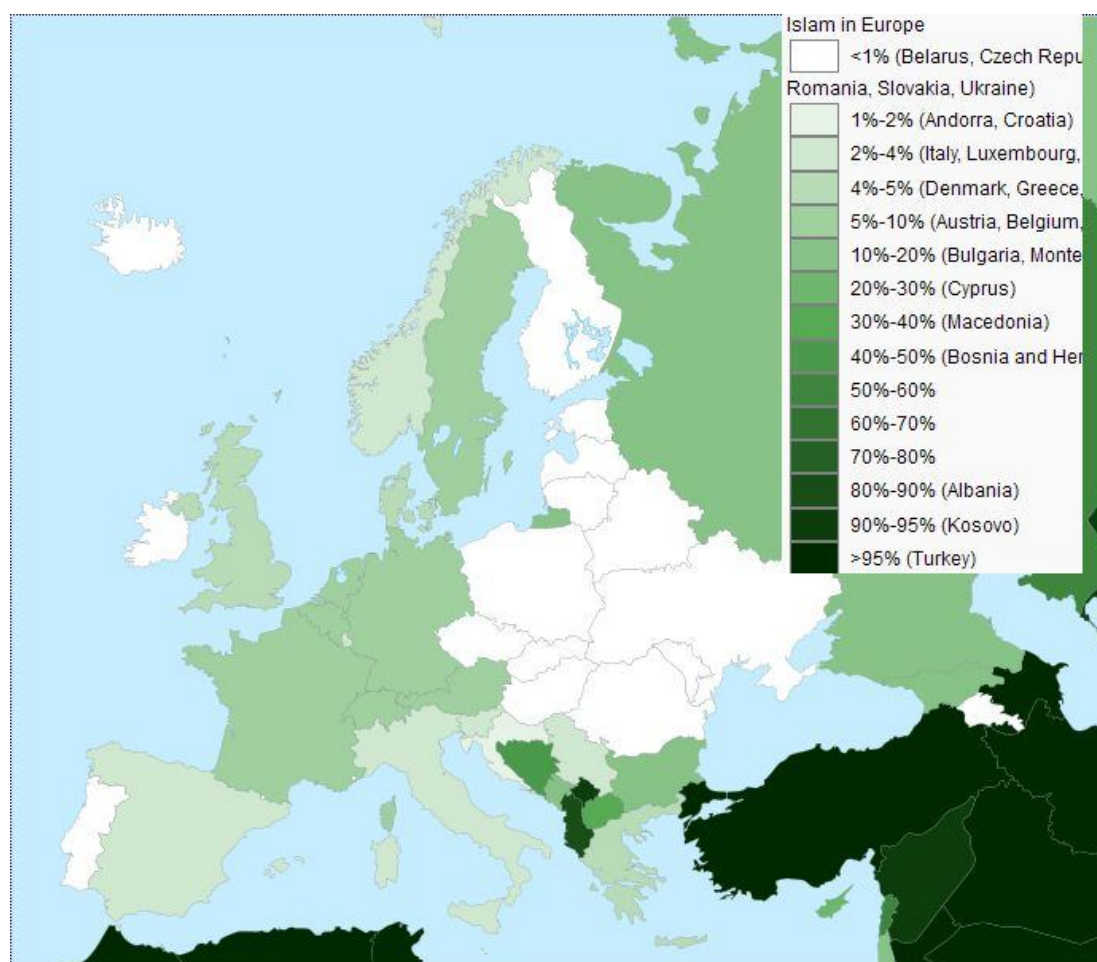


Figura 24. *Intermarium* de Józef Pilsudski correspondia à zona branca da Europa de Leste e da Europa Central (com excepção da Finlândia) na mapa

(<http://ttolk.ru/wp-content/uploads/2013/02/%D0%BF%D0%BE%D0%BB%D1%8C%D1%88%D0%B0-%D0%B8%D1%81%D0%BB%D0%B0%D0%BC.jpg>)



Em geral, sentindo o enfraquecimento da Rússia e o crescente poder após a Primeira Guerra Mundial, quem mais aproveitou a catástrofe foram os Estados Unidos, que continuaram a desenvolver a “ofensiva” na arena internacional. Na Conferência de Washington de 1922<sup>39</sup>, eles alcançaram o seu principal objectivo – direito de ter Marinha igual à da Inglaterra. A nova era de Geopolítica, finalmente, descreveu as suas prioridades: na ausência de controle russo, controle sobre o mundo será feito sobre o espaço marítimo e as comunicações marítimas.

### 5.3. Aspectos da Geopolítica da União Soviética.

O Tratado de Versalhes de 1919 deu a palma da potência continental à França, e marítima à Inglaterra. A Rússia, de acordo com os políticos dos países vitoriosos nem sequer tinha lugar na Europa, ela não devia existir como um grande poder. A Revolução de Fevereiro de 1917 levou à um aumento acentuado do separatismo no país, principalmente na Ucrânia, Finlândia e Polónia. Começou a formação dos Governos em Bielorrússia, na Criméia, no Kuban e no Extremo Oriente, que não eram controlados pelo Moscovo.

As condições impostas pelos alemães em paz separatista Brest-Litovsk foram vergonhosos para a Rússia, e incluíam a rejeição de extensos territórios nacionais do antigo Império Russo no oeste, pagamento de reparações aos alemães e compensação para as pessoas de nacionalidade alemã, que sofreram no curso dos acontecimentos revolucionários. Além disso, a Alemanha negociava com a Ucrânia, como se essa for um poder independente. Em 1918, após o aperto do lado soviético de negociações de paz em Brest, o exército alemão passa para a ofensiva. Após a conclusão da paz, exército alemão ocupa quase sem obstáculos os Estados Bálticos, Bielorrússia, Ucrânia. Tropas turcas começam a ofensiva na região do Cáucaso.

A Guerra Civil mostrou todo o perigo de instabilidade no território de *Heartland*, especialmente perante as ameaças externas que vinham do Ocidente.

No dia 3 de Dezembro de 1917 foi realizada a conferência com a participação especial dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e os países aliados, onde foram tomadas as decisões sobre a delimitação das zonas de interesse nos territórios do antigo do Império Russo e o estabelecimento de contactos com os governos nacional-

---

<sup>39</sup> *The Washington Naval Conference, 1921–1922*. US Department of State Office of the Historian. Consultado em 21 de Agosto de 2014. <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/naval-conference>



democráticos. Um dos objectivos era a destruição do "contágio bolchevique" e ajuda às forças democráticas ("brancas"). Denikin, Kolchak e outros contavam com a construção de relações aliadas com a Grã-Bretanha, a França, e mais tarde com os Estados Unidos e o Japão.

Os objectivos dos invasores foi o desmembramento territorial da Rússia e a captura de recursos naturais e materiais (no idioma de Geopolítica, já conhecida na altura – o controle sobre o *Heartland*). Para alcançar estes objectivos, 14 países do mundo atacaram com as forças navais os diferentes pontos da Rússia (na altura da Guerra Civil Russa em curso). A zona de influência da Inglaterra foi nomeada o Cáucaso e as regiões dos cossacos, da França - Ucrânia e Criméia.

No dia 1 de Janeiro de 1918, o Japão invadiu, com os seus navios de guerra, Vladivostoque, sob o pretexto de proteger os seus cidadãos.

Em 1919, o Departamento de Estado dos EUA fez um mapa da Rússia, em que o país só possuía uma parte muito pequena do seu território, enquanto os outros territórios deviam passar para os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Japão e outros "parceiros" dos Estados Unidos. O anexo desta carta diz: *"Toda a Rússia deve ser dividida em grandes áreas naturais, cada uma com a sua própria vida económica. Ao mesmo tempo, nenhuma área deve ser suficientemente independente para formar um Estado forte"*. Ou seja, o objectivo era a desfragmentação máxima do Estado russo.

Com a ajuda da Liga das Nações, os países vitoriosos estabeleceram entre a Alemanha e a Rússia soviética "cordão sanitário" de Estados, que eram orientados para a França e a Inglaterra.

O território russo, de acordo com o plano americano que recebeu o nome "14 pontos do Presidente Wilson"<sup>40</sup>, previa a divisão do território russo para as esferas de influência: o Cáucaso era considerado como uma parte do problema do Império Otomano, a Ásia Central deveria ser um protectorado de algumas potências europeias, enquanto na parte europeia da Rússia e na Sibéria era preciso *"criar os Governos suficientemente representativos"*, isto é, de facto, ocupar esses territórios ricos em recursos.

---

<sup>40</sup> (Sem autor) *The lies and racism of Woodrow Wilson*. Consultado em 15 de Maio de 2014.  
<http://www.worldfuturefund.org/wffmaster/Reading/war.crimes/US/Wilson.htm>

A Ordem mundial fixada foi dirigida contra a Rússia Soviética, a Alemanha e a China. Mas sem levar em conta os interesses geopolíticos dos países poderosos do mundo nenhum sistema político simplesmente pode existir. O Ocidente não previu algumas circunstâncias. Antes de tudo, que a Rússia emergiu de uma sangrenta Guerra Civil politicamente unida.

Durante a Guerra Civil, os bolcheviques criaram no território do antigo Império Russo algumas dezenas de repúblicas soviéticas. Assim, no dia 7 de Novembro de 1917 foi fundada a República Socialista Federativa Soviética da Rússia, com a capital em Petrogrado, que um ano mais tarde foi mudado para Moscovo. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi fundada cinco anos mais tarde, no dia 30 de Dezembro de 1922.

A expansão territorial do campo socialista era visto como a base da segurança nacional da União Soviética. Todos os países vizinhos foram afectados por esta política, incluindo a Turquia, o Irão e o Afeganistão. Após a Segunda Guerra Mundial, para a segurança nacional da União Soviética, foi necessário estabelecer ao longo da fronteira ocidental regimes amigáveis, que deviam desempenhar o papel de *buffer* de um cordão sanitário. Para a nova superpotência tornou-se relevante a saída para o Oceano Mundial, através do Ártico, Mar Báltico, Mediterrâneo e Golfo Pérsico.

No Mediterrâneo, a União Soviética reivindicava os ex-possessões da Itália, incluindo Trieste.

No Extremo Oriente foi assinado o Tratado sino-soviético de amizade, que previa a operação conjunta ferroviária chinesa e arrendamento da base naval de Porto Artur. Assim, a União Soviética recebeu o acesso ferroviário mais curto ao Oceano Pacífico.

Os interesses geopolíticos no sul foram associados com a segurança nacional e acesso ao petróleo do Médio Oriente. Foi necessário cortar um corredor potencial de agressão no Cáucaso. Para este fim foi suspensa a retirada das tropas soviéticas do Azerbaijão iraniano.

A URSS sentiu a necessidade de reivindicar a área remota na costa da Sibéria e proclamou várias ilhas como estrategicamente importantes para os interesses nacionais: Terra de Francisco José, Ilhas da Nova Sibéria, Ilha de Wrangel e Severnaya Zemlya.

Os anos 30 do séc. XX foram um período de importantes pesquisas e descobertas ao longo da Passagem do Norte, a rota militarmente mais segura que liga a Rússia europeia com o Extremo Oriente.

Na véspera da Segunda Guerra Mundial, a situação geopolítica na correlação de forças mundiais mudava-se de forma dinâmica, enquanto que a estrutura geopolítica do mundo era instável.

A URSS guardou a soberania russa, aumentou o seu potencial militar e económico. Proclamadas em 1917 as teses sobre a libertação das massas trabalhadoras e os povos coloniais da exploração, foram expandidos por todo o mundo e foram amplamente apoiados.

O princípio da estratégia britânica de "dividir para reinar" foi aplicada activamente não apenas no espaço colonial, mas também na Europa. Mas a União Soviética demonstrou uma abordagem nacional completamente oposta: a unidade e igualdade de todas as nações e nacionalidades que vivem no seu território, a igualdade de todas as grandes religiões. Este exemplo foi particularmente contagioso para os povos do Oriente, do continente americano, e dos países eslavos europeus.

Este estado de coisas e de tendências, adversas ao do Ocidente, assustou as elites dos países ocidentais, e eles foram obrigados de procurar uma saída desta situação. As contradições que apareceram, “deram luz” não só aos regimes progressivos, mas também aos regimes reaccionários.

Na Alemanha, os nazis chegaram ao poder. A humilhação de um país derrotado foi utilizado pelo Adolf Hitler para envolver as massas para a chamada "Revolução conservadora". Como resultado dessa "Revolução", na Alemanha, e em seguida, na Europa e em todo o mundo, devia surgir uma nova mística e oculta "civilização ariana", baseada supostamente nos antigos "valores arianos" e que, fundamentalmente, devia opôr-se tanto ao liberalismo ocidental, como ao comunismo soviético.

A tradicional estratégia para os anglo-saxónicos (que é a essência dos Estados talassocráticos) de opôr alemães e russos no campo de batalha e, em geral, a realização das grandes guerras entre estas duas forças, jogou ao lado do Ocidente. Por isso, o Ocidente não estava a impedir a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, encorajou o

«Drung nach Osten»<sup>41</sup>, e não se preocupou com a criação do "Eixo", que era tão parecido à "anaconda" do Alfred Mahan.

Assim, a Segunda Guerra Mundial foi preparada como uma luta pelo domínio global, e o seu conteúdo principal era a batalha decisiva pelo espaço geopolítico da Eurásia (*Heartland*). A Rússia, como um centro geopolítico eurasiático, era, como antes, o principal objecto das aspirações dos concorrentes para o domínio global. Conforme o primeiro-ministro da Grã-Bretanha David Lloyd George, as tradições e os interesses vitais da Inglaterra exigiam a destruição do Império Russo para proteger o domínio britânico na Índia e implementar os interesses britânicos no sul do Cáucaso e no Próximo Oriente<sup>42</sup>.

A agressão japonesa na China foi o primeiro grande golpe para o sistema Versalhes-Washington das relações internacionais. Na Europa, a ameaça para os princípios do acordo pós-Guerra veio da Alemanha, onde aumentavam as visões revanchistas. Em 1936, a Alemanha e o Japão assinaram o Pacto Anti-Comintern. Depois, seguiu-se o Acordo de Munique, onde o Ocidente silenciosamente "deu luz verde" para a expansão alemã. A União Soviética, conforme o acordo com a Alemanha, anexou a si as áreas de leste polaco até a linha Curzon de 1918, com a inclusão de Lvov e Bialystok.

Em 1940, de acordo com um tratado secreto com a Alemanha, foram anexados os Estados bálticos, a Roménia foi obrigada a ceder Bessarábia e Bucovina.

A revista britânica «Time» na edição de Janeiro de 1939, e uma série de outras revistas, unanimemente reconhecem Adolf Hitler como a pessoa do ano 1938<sup>43</sup>. Por isso, Hitler e o fascismo alemão (nazismo), apesar das teorias de hoje, eram “aliados” do Ocidente, e não é bem uma reacção ao regime soviético e à ideologia comunista. Isso é, em grande parte explicado pelo facto de que o regime de Hitler é a atitude refinada e extremamente concentrada do Ocidente em relação à Rússia.

---

<sup>41</sup> Ivashov, Leonid. Drang Nach Osten: What Triggered World War II? Global research. Consultado em 7 de Abril de 2014

<http://www.globalresearch.ca/drang-nach-osten-what-triggered-world-war-ii/15027>

<sup>42</sup> (Sem autor). Geopolitics Behind the Great Victory. Strategic Culture Foundation. Online Journal. Consultado em 23 de Março de 2014.

<http://www.strategic-culture.org/pview/2011/05/08/geopolitics-behind-the-great-victory.html>

<sup>43</sup> (Sem autor). Geopolitics Behind the Great Victory. Strategic Culture Foundation. Online Journal. Consultado em 23 de Março de 2014.

<http://www.strategic-culture.org/pview/2011/05/08/geopolitics-behind-the-great-victory.html>

Um dos factores que preocupava, na véspera da Segunda Guerra Mundial os alemães, os franceses e os ingleses era também o crescimento da população eslava na Europa. Em 1810, a percentagem dos eslavos (incluindo a parte europeia da Rússia) não era mais do que um terço, em 1910 - 42%, em 1938 - 46%, por volta de 1950 já devia ser não inferior a 50%. Em 1938, o filósofo alemão Wilhelm Schubart conclui: *"The conflict looming on the horizon is not limited to one between fascism and Bolshevism. Rather, we are about to witness a clash between Europe and Russia as two continents, between the West and Eurasia"*<sup>44</sup>

Por isso, o Ocidente tinha uma outra razão para a guerra, a fim de impedir a "subida dos eslavos", tanto na Europa (Balcãs, Checoslováquia, Polónia), como também no Oriente (Rússia, Bielorrússia, Ucrânia). Não é coincidência que o plano "Ost" (em alemão - *Generalplan Ost*)<sup>45</sup> de limpeza étnica, aprovado pelo próprio Gimler no dia 12 de Junho de 1942, previa a eliminação de 30 milhões russos, bielorrussos, ucranianos, a expulsão dos territórios ocupados cerca de 71 milhões das pessoas, incluindo 85% dos polacos, 65% ucranianos, 75% bielorrussos e 50% dos tchecos<sup>46</sup>.

A invasão alemã, assim como a campanha de 1812 de Napoleão, demonstrou para os europeus os problemas estratégicos da população na Rússia, que são causados pelas grandes dimensões do território e extremas condições naturais. O exército alemão, apesar de todos os equipamentos e a tecnologia possuída, não estava totalmente preparado para o avanço pelas estradas de má qualidade, e não foi capaz de manter a capacidade de combate no Inverno, que em 1941 começou cedo e foi muito frio.

As tropas alemãs não conseguiram destruir completamente o Exército Vermelho, e ao longo da sua retirada, foram apanhados pelo enorme espaço interno da Rússia, que alongou as frentes, enquanto que as linhas de abastecimento se tornavam cada vez mais vulneráveis. Diante de uma forte resistência, os alemães não conseguiram conquistar

---

<sup>44</sup> Sass, Erik. World War I Centennial: Serbs Back Down, But Kaiser Warns of Coming Race War. Consultado em 8 de Abril de 2014  
<http://mentalfloss.com/article/53252/world-war-i-centennial-serbs-back-down-kaiser-warns-coming-race-war>

<sup>45</sup> (Sem autor). *Geopolitics Behind the Great Victory*. Strategic Culture Foundation. Online Journal. Consultado em 23 de Março de 2014.

<http://www.strategic-culture.org/pview/2011/05/08/geopolitics-behind-the-great-victory.html>

<sup>46</sup> (Sem autor). *Geopolitics Behind the Great Victory*. Strategic Culture Foundation. Online Journal. Consultado em 23 de Março de 2014.  
<http://www.strategic-culture.org/pview/2011/05/08/geopolitics-behind-the-great-victory.html>

três posições-chave russas - Moscovo, Leningrado e Stalingrado, e até ao final de 1943 a sua ofensiva diminuiu drasticamente.

Em 1944, o Exército Vermelho tomou a iniciativa estratégica e transferiu os combates para a Europa, entrando na Polónia, Alemanha Oriental, Áustria, Checoslováquia, Hungria, Roménia e Bulgária.

A União Soviética, após o final da guerra, começou a construção de um outro, até então desconhecido mundo, tipo de sociedade, com um significado diferente da vida, carácter das relações internacionais, prioridade dos valores intelectuais e espirituais sobre materiais e consumidoras. A Rússia aumentou drasticamente o seu status geopolítico até ao nível de uma potência mundial, sofrendo, ao mesmo tempo, enormes perdas humanas e económicas durante a guerra.

A derrota da Alemanha em 1945, não só trouxe de volta à Rússia as terras perdidas antes do conflito militar, mas também algumas aquisições adicionais. No oeste, a União Soviética recebeu a parte norte da Prússia Oriental alemã e Königsberg (actual Kaliningrado) e poderosa base naval em Pillau (Baltiysk), com qual a Frota soviética podia controlar todo o Mar Báltico. Na zona soviética de ocupação da Alemanha, assim como em outros países do leste europeu, foram criados Estados, o sistema político e social dos quais copiou o modelo soviético.

Estes países, antes de tudo, desempenhavam o papel da versão soviética do cordão sanitário, não dando oportunidades para o Ocidente de criar aqui um trampolim estratégico para uma nova ataque contra a Rússia. A Segunda Guerra Mundial trouxe também para a União Soviética algumas novas aquisições territoriais na Ásia.

#### 5.4. Guerra Fria

No período pós- Segunda Guerra Mundial, a União Soviética estabeleceu o controle sobre todos os países da Europa de Leste com excepção da Finlândia no norte e Grécia no sul. Na Ásia, esse controle foi definido, embora por um curto período de tempo, sobre a Coreia do Norte, a Manchúria e norte do Irão.

A redistribuição do equilíbrio global de poderes entre as maiores potências militares e políticas da época levou à Guerra Fria (1946-1989), ou seja, o estabelecimento de uma Nova Ordem geopolítica mundial.

A característica particular da Guerra Fria foi a de que os participantes importantes do conflito pelo primeiro papel na Nova Ordem Mundial foram duas superpotências –



os Estados Unidos e a União Soviética. O confronto entre esses dois polos e determinou a natureza da nova era geopolítica. A sua forma final foi adquirida depois da transformação da União Soviética e dos Estados Unidos nas superpotências nucleares globais.

Em termos geopolíticos, o mundo tornou-se bipolar. Ele dividiu-se em dois sistemas sócio-políticos - o capitalismo e o socialismo. Foi estabelecida a estrutura bipolar das relações internacionais, através de confronto entre os dois blocos político-militares - NATO (*North Atlantic Treaty Organization*) e o Pacto de Varsóvia, liderados pelos Estados Unidos e União Soviética, respectivamente. Em condições de um mundo bipolar, a defesa “fria” contra as ameaças externas foi apenas uma das funções destes blocos. As mais importantes funções eram internas, de contenção mútua. Os mais importantes eventos relacionados com o confronto de superpotências ocorreram na zona de contacto entre a Terra (URSS) e o Mar (EUA), que sir Halford Mackinder chamou de “crescente interior”, enquanto outro geopolítico, Nicholas Spykman, chamava esta zona de *Rimland*.

A Guerra Fria é dividida em várias fases. A primeira fase começou com os conflitos na Turquia e na Grécia em 1947 e durou até o final da Guerra da Coréia e a morte de Josef Stalin. A segunda fase começa com o fim da Guerra da Coréia e dura até a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas, em 1979. A última, terceira fase, abrange a última década do confronto “frio” entre a URSS e os EUA.

#### 5.4.1. 1ª fase: 1947-1953

Neste período de início do confronto há que destacar alguns eventos mais importantes<sup>47</sup>:

- Ajuda militar à Grécia à luz da “Doutrina Truman”, que se tornou no início da transição da cooperação pós-guerra entre a URSS e os Estados Unidos para a competição;

- Recusa, com a pressão da URSS, do “Plano Marshall” pelos países socialistas, que ainda mais agravou o confronto;

- O envolvimento, pelos EUA, de Berlim no Plano Marshall, ou seja, na sua esfera de influência, o que não correspondia aos acordos entre a URSS e os EUA sobre a

---

<sup>47</sup> Blouet, Brian W. *Geopolitics and Globalization in the Twentieth Century*, 2001, pp. 133-159

resolução conjunta dos problemas alemães. Em resposta, a URSS começa o “Bloqueio de Berlim”, na qual o Ocidente respondeu com a criação da ponte aérea;

- Em 1949, a URSS realiza o primeiro teste da bomba atômica, o que leva à paridade das forças com os EUA e estabelece um novo formato de balança de forças, que marcou toda a Guerra Fria;

- Em 1948, os Estados Unidos aprovam a "Resolução Vandenberg"<sup>48</sup> – a recusa oficial da prática dos Estados Unidos de não se juntar aos blocos político-militares fora do hemisfério ocidental em tempos de paz.

- Também, neste período aumentam as repressões contra os dissidentes.

#### 5.4.2. 2ª fase: 1953-1979

Em maio de 1955, foi assinado o Pacto de Varsóvia, o documento que estabeleceu uma aliança militar dos países socialistas europeus, sob a liderança da União Soviética.

Este período também é marcado pelos acontecimentos de 17 de Junho de 1953 na RDA, os acontecimentos de 1956 na Polónia, o levantamento anticomunista na Hungria, a Crise de Suez, a Crise de Berlim de 1961 e, o mais grave, a Crise dos mísseis de Cuba de 1962.

O período entre 1962 e 1979 é marcado pela *Détente*.

Em geral, este período caracteriza-se pela alternância de crises e cimeiras, combinação de elementos de uma “guerra quente”, “guerra fria” e “degelo”. Os conflitos de área de contacto mudaram-se para o Médio Oriente e o Sudeste Asiático. Em Cuba houve o primeiro confronto das superpotências no Hemisfério Ocidental. Mais tarde, houve uma grande divergência entre as superpotências na África do Sul e na América Central. Entretanto, a maioria das questões foram resolvidos através de negociações.

#### 5.4.3. 3ª fase: 1979 – 1991

A fase final da Guerra Fria começou em 1979 após a invasão soviética do Afeganistão. Os sinais de *Détente* entre as superpotências desapareceu e as relações pioraram novamente. O confronto na zona fronteiriça de *Heartland* e do *Rimland*

---

<sup>48</sup> A Decade of American Foreign Policy 1941-1949 Vandenberg Resolution  
Consultado em 27 de Março de 2014  
[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/decad040.asp](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/decad040.asp)

continuou, os focos da Guerra Fria espalharam-se pelo mundo todo, desde a Nicarágua até ao Camboja.

Em termos de análise geopolítica, o Afeganistão é um exemplo perfeito de uma zona de crise, onde desde os tempos imemoriais se confrontam os interesses dos poderosos. O Afeganistão era uma, aos olhos dos EUA, grande parte do "arco de crise", que se estendeu desde as fronteiras meridionais da União Soviética até a área do Oceano Índico. Talvez uma das razões da União Soviética de entrar na guerra com o Afeganistão nesta época foi a vontade de furar a "anaconda" na direcção ao Mar Índico. Este conflito durou mais de nove anos, até Fevereiro de 1989, e como resultado, a URSS foi obrigado a retirar as suas tropas deste país asiático.

O conselheiro do Presidente Jimmy Carter, o conhecido geopolítico - Zbigniew Brzezinski, estava directamente envolvido na chamada "Operação Ciclone"<sup>49</sup>, uma das operações mais secretas e prolongadas da CIA. O programa focava no fornecimento das armas para os mujahidins durante a Guerra do Afeganistão.

Como afirma Professor Luis Alberto Moniz Bandeira na sua colossal obra *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*, Civilização Brasileira, 2013, p. 35:

*“E, em 25 de junho 1979, antes da invasão do Afeganistão pelas tropas da União Soviética, o presidente Jimmy Carter assinou um finding, - o documento mais secreto no Governo dos EUA, - mediante o qual autorizou a CIA a dar assistência encoberta aos mujahidin afegãos, com operações de guerra psicológica, possibilitando à população o acesso ao rádio, instalado em terceiro países, como o Paquistão, e assim fomentar a insurgência contra o governo de Cabul, apoiado por Moscovo. Era a Operation Cyclone”*

Como observou o próprio Brzezinski já depois da Guerra Fria: *"Eu não me arrependo do colapso da União Soviética. Uma das razões por que ela caiu, foi o que nós fizemos no Afeganistão, e eu não hesitaria em fazer isso novamente..". "Nós não empurrámos os russos a intervir, mas nós intencionalmente aumentamos a probabilidade de que eles vão fazer isso ... A operação secreta foi uma excelente ideia.*

<sup>49</sup> Billard, Robert D. *Operation Cyclone: How the United States Defeated the Soviet Union*. Undergraduate Research Journal at UCCS. Volume 3.2, October 2010. Consultado em 2 de Março de 2014.  
[http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3\\_1/apache\\_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWN0ZV9tZWVpYS8xMjMzMjc=.pdf](http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3_1/apache_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWN0ZV9tZWVpYS8xMjMzMjc=.pdf)

*O seu resultado foi a de atrair a União Soviética na armadilha afegã ... No dia em que os soviéticos atravessaram oficialmente a fronteira, eu escrevi ao presidente Carter: "Agora, temos a chance de dar à União Soviética a sua Guerra do Vietname", conclui Brzezinski<sup>50</sup>.*

Desde 1987, a situação começa a mudar drasticamente. Com a chegada ao poder de Mikhail Gorbachev, na política externa soviética acontece uma mudança radical em direcção ao chamado "novo pensamento político", que proclamou o "pluralismo socialista" e "prioridade dos valores humanos sobre os valores de classe". Desde esta altura em diante, o confronto ideológico, político e militar rapidamente começou a perder a nitidez. A nova doutrina de política externa foi explicada pelo desenvolvimento do processo político na URSS na direcção da rejeição da ideologia comunista. Tudo isto, juntamente com a dependência económica da URSS de tecnologia e créditos ocidentais, devido à queda acentuada dos preços do petróleo, levou ao facto de que a União Soviética fez várias concessões no vasto domínio da política externa.

É crucial notar que hoje, os Estados Unidos, mais uma vez, tentam organizar o colapso petrolífero e gazolífero da Rússia à semelhança como isso já aconteceu na última década de existência da URSS.

Para a realização da tarefa de “estrangulamento” da Rússia através da expulsão do país dos mercados mundiais de hidrocarbonetos, utiliza-se o antigo esquema que teve sucesso há 30 anos durante a era de Reagan. Na altura, com a ajuda da Arábia Saudita, foram reduzidos fortemente os preços do petróleo, privando a URSS das divisas. Com a participação activa da Europa Ocidental, foi também impedida a construção de um segundo gasoduto da União Soviética, o que limitou o tecto da “dependência” europeia de gás soviético em 30%, proibiu dar a Moscovo os empréstimos de longo prazo e fornecer à ela as mais recentes tecnologias, especialmente na área de perfuração em áreas *offshore* e em regiões de pergelissolo.

O enfraquecimento de Moscovo na altura foi feito através da Polónia no oeste e Afeganistão no sul. Assim, o sistema que está a ser usado hoje é velho, mas é adaptado aos outros jogadores e à nova conjuntura. Em vez da Polónia temos a Ucrânia, em vez do Afeganistão os islamistas do mundo árabe, que, talvez, até não de propósito, são empurrados pelas foças da NATO para o Cáucaso Norte. O esquema de gás de

---

<sup>50</sup> Gibbs, David N. Review Essay: Afghanistan: The Soviet invasion in retrospect

Washington é o mesmo: evitar o surgimento do ramo sul do gazoduto, que pode contornar a Ucrânia, ou seja, acabar com o projecto "South Stream" e substituí-lo com um projecto de gasoduto do Irão através do Iraque, Síria, que vai na direcção à Europa. Este gasoduto deve também ser preenchido com o gás de Qatar, mas para isso, claramente, é necessário substituir os “regimes totalitários” no Irão, livrar-se de Bashar al-Assad na Síria e voltar a controlar Bagdad.

Por isso, o que estamos a ver hoje não é algo novo. A História, como costumam dizer, têm carácter cíclico.

## 5.5. Contenção da Rússia

### 5.5.1. Dois séculos de contenção

No seu tempo, Polónia, Suécia, França, Alemanha e vários outros países europeus tentaram conter a Rússia, atacando-a ou bloqueando-a.

A queda do Império napoleónico significou não apenas o fim da guerra que durou vinte anos e que abalou o Velho Mundo, o restabelecimento da legitimidade e o colapso como se viu mais tarde das idéias revolucionárias provisórias.

O fim de Bonaparte colocou perante teóricos militar a questão de como resolver a rivalidade entre as potências continentais e oceânicas em favor de alguém. Vinte anos de luta da França com o resto da Europa demonstrou com absoluta clareza duas coisas:

1) Estados oceânicos (na altura só a Grã-Bretanha) não são capazes de vencer o principal poder continental, por outro lado, o Estado ou os Estados continentais eram incapazes de neutralizar o poder marítimo (os esforços só da França ou da coligação de países falharam);

2) O poder continental só pode ser derrotado pelo poder continental (ou coligação de potências), somente após a ocupação pelo exército de uma área chave.

Em outras palavras, no mundo do século XIX criou-se um equilíbrio peculiar, equilíbrio de indestrutibilidade mútua (algo semelhante vai acontecer dentro de cem anos entre as duas superpotências – a União Soviética e os EUA).

O Império Russo, que se tornou, após a vitória sobre Napoleão, na primeira nação continental do mundo, não era capaz de destruir o Império Britânico, a “Senhora dos Mares”. O mesmo problema em relação à Rússia tinha e Grã-Bretanha.

As primeiras tentativas de sair deste impasse pertencem aos meados do século XIX, quando, no curso das duas guerras foi testada a estratégia do chamado estrangulamento global.

A primeira destas guerras foi a Guerra da Criméia, quando uma coligação da Grã-Bretanha e da França tentou isolar completamente a Rússia do resto do mundo, lançando as operações militares em quatro teatros - Mar Báltico, Mar Negro, no norte da Europa e no Oceano Pacífico.

Na altura, o objectivo foi alcançado: a Rússia realmente estava em completo isolamento de todos, e apesar da Rússia não ter sofrido uma derrota directa triunfante de suas forças armadas, ela foi forçada a assinar um tratado de paz pesado, que previa, nomeadamente, a proibição de ter Marinha no Mar Negro.

A segunda tentativa foi a Guerra Civil Americana, onde os escravos do Sul corajosamente foram esmagados pelo organizado bloqueio completo dos nortistas.

O plano desse bloqueio, que recebeu o nome de "Anaconda"<sup>51</sup>, por analogia com a cobra que sufoca a sua vítima, deu a designação a uma estratégia especial, a estratégia de abordagem indirecta.

Meio século depois dos acontecimentos descritos de luta com Napoleão e também do confronto permanente entre a Rússia e a Grã-Bretanha, as lições foram finalmente conceituadas e nasceu a teoria de sir Halford Mackinder, dedicada ao fenómeno geopolítico de *Heartland*.

A Grã-Bretanha, que possuía na época a maior Marinha, controlava, de um modo ou de outro, todo o mundo - com excepção do nordeste da Eurásia, território que esteve sob a soberania russa.

Este território, à que até a Grã-Bretanha não tinha nenhuma chance de chegar, era o centro da Rússia como uma grande potência continental, o seu núcleo, o coração, ou, em inglês - *Heartland*. De ponto de vista estratégico, a Rússia Central é o centro de gravidade (Clausewitz), ou seja, o ponto onde se situam as principais fontes de poder, ponto que, ao ser atacado, irá desarticular toda a estrutura do Estado russo.

---

<sup>51</sup> Wilkins, Michaels (4 de Maio de 2010). *Today in Civil War history: Winfield Scott's Anaconda Plan*. Consultado em 17 de Maio de 2014. <http://www.examiner.com/article/today-civil-war-history-winfield-scott-s-anaconda-plan>



A guerra tradicional contra a Rússia é inútil: no caso de perda nas batalhas fronteiriças, o seu exército simplesmente se afastará para o fundo de *Heartland*, esperando lá durante algum tempo para voltar à campo de batalha com as novas forças, tal como isso aconteceu na luta contra Napoleão, Hitler e outros invasores.

O *Heartland* está inalcançável para o inimigo, mas para a Rússia, que está activamente a construir as ferrovias, ele transforma-se, de pouco desenvolvido, de facto semi-deserto território, para o espaço de comunicação interna, permitindo manobrar do ocidente para o oriente e vice-versa.

No entanto, é necessário fixar: a Rússia, que controla o *Heartland* é invencível e, portanto, representa uma ameaça directa para a principal potência oceânica.

Na altura este título pertencia à Grã-Bretanha, mais tarde, em resultado da Segunda Guerra Mundial, ele foi “transferido” para os Estados Unidos, o que, na verdade, não altera nada.

Como lidar com a Rússia, a “proprietária” do *Heartland*? Segundo sir Halford Mackinder, para isso, deve ser criada uma coligação de Estados grandes e pequenos, que isolam a Rússia, excluem-na do controle das principais zonas geopolíticas.

A tentativa prática deste isolamento foi criada após a Primeira Guerra Mundial com o chamado cordão sanitário em torno da Rússia Soviética.

Sobre as ruínas dos impérios desaparecidos foram criados vários novos Estados que eram hostis à Rússia. A Finlândia, as repúblicas bálticas, a Segunda Rzeczpospolita, a Romênia Maior – eles todos foram incluídos neste cordão sanitário, que complicava significativamente a vida para a URSS nas suas fronteiras ocidentais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, este cordão sanitário foi destruído, as fronteiras da URSS foram movidas vários centenas de quilómetros a oeste, além disso, parte dos países da Europa Central entrou na órbita de influência soviética.

Parecia que a Rússia finalmente conseguia derreter este laço, sobre o qual sonhava sir Halford Mackinder. Infelizmente, a Rússia não teve sorte. A eclosão da Guerra Fria foi a implementação mais completa e coerente da estratégia de "anaconda".

#### 5.5.2. A contenção durante Guerra Fria

Se olharmos para o mapa da União Soviética desta época, verifica-se que a URSS, juntamente com alguns aliados, foi, ao longo de suas fronteiras, bloqueada pelos países

das alianças político-militares dos Estados Unidos. Da Noruega (membro da NATO) para o noroeste, através da Europa (a maioria dos Estados - membros da NATO), Turquia (membro da NATO), Irão (um aliado dos Estados Unidos) e Japão (aliado dos Estados Unidos). O único pedaço da fronteira da URSS relativamente calma era mongol, e até 1978, o Afeganistão.

Puxado para um confronto mundial de várias décadas com os Estados Unidos, a União Soviética não conseguiu resistir à concorrência nas esferas políticas, económicas, informativas, culturais e tecnológicos, e desfragmentou-se.

O período da Guerra Fria é muito importante de ponto de vista de Geopolítica, principalmente porque ele foi um exemplo clássico da luta de terra e do mar. Vale a pena analisar este período de ponto de vista do principal inimigo da União Soviética - os Estados Unidos, pois exactamente neste país à Geopolítica, como um sistema de conhecimentos, foi dada a atenção adequada, que foi um dos factores que permitiu ganhar o confronto "frio". A análise de visões norte-americanas também permite compreender a importância da Europa Oriental, que, na opinião de sir Halford Mackinder, têm um papel crucial de ponto de vista geopolítico.

Sobre o facto de que o mito da agressividade da União Soviética, - que estava em ruínas após a terrível Grande Guerra, - era benéfico para os círculos dominantes do Ocidente para cancelar os esforços geopolíticos da URSS, na União Soviética conheciam muitos.

A política ocidental, que era resposta à “agressão” soviética, recebeu o nome de "política de contenção" ou a construção da "cortina de ferro" (embora oficialmente se considera que "cortina" era erguida pela URSS. De qualquer maneira, de ponto de vista geopolítico, a “cortina de ferro” beneficiava também a Rússia, especialmente o seu flanco ocidental, de onde vinham quase todas as invasões históricas). Os círculos dirigentes dos Estados Unidos e os seus aliados sabiam que a liderança soviética não pensava em iniciar uma nova Guerra Mundial, o que, por exemplo, admitiu mais tarde o Advisor da Embaixada em Moscovo, George Kennan, que proclamou a "política de força" contra a URSS.

No manifesto da Guerra Fria tornou-se o infame discurso de Fulton (Março de 1946)<sup>52</sup>. Nele, Winston Churchill chamou a associação britânica dos povos que falam

---

<sup>52</sup> (Sem autor) *Modern History Sourcebook*

inglês, em conjunto combater as ameaças à "civilização cristã" (inclusivamente tendo em conta o factor nuclear) vindas dos Estados comunistas. Porque, afirmou Churchill, como os russos respeitam só força, os países ocidentais devem afastar da política de equilíbrio e passar a criar uma vantagem significativa no poder militar em relação a União Soviética. No entanto, de facto, esta vantagem já existiu: a força militar anglo-saxónica, em resultado da Segunda Guerra Mundial, era superior a da soviética em todos os aspectos.

O discurso de Fulton de Winston Churchill foi apenas o acorde final da campanha ideológica que terminou com a proclamação da "cruzada" anti-russa. Já desde o final de 1945, Harry Truman declarou a determinação dos EUA de ser "líder de todas as nações"<sup>53</sup>. Precisamente o factor de força - a "diplomacia atómica", em vez de negociações, tornam-se as ferramentas diplomáticas do "mundo civilizado" contra o povo soviético. No dia 28 de Novembro de 1945, o Chefe do Comité de Assuntos Militares, o senador E. Jones disse o seguinte: *"Com os aeroportos estratégicos ao longo do território, desde os Filipinas até ao Alasca, desde o Alasca até às ilhas dos Açores, no Atlântico Sul, nós podemos, com a primeira instrução, largar bombas atómicas em qualquer lugar da superfície da Terra e voltar à nossa base. A bomba atómica nas mãos dos Estados Unidos será um grande taco da diplomacia norte-americana"*.<sup>54</sup>

Mas, o mais interessante - a declaração de guerra à Rússia ainda estava por vir. Não é Churchill, nem Truman, mas as pessoas mais influentes tinham que "dar o consentimento". O centro estratégico de condução da Guerra Fria do Ocidente tornou-se o Conselho de Relações Exteriores (financiado fortemente pelo *Ford Foundation* e *Rockefeller Foundation*), que juntou desde 1921 as pessoas mais influentes dos Estados Unidos e do mundo ocidental. Depois de 1945, nos membros do Conselho se incluíam os generais, os funcionários do Pentágono, da NATO, da CIA e dos outros serviços de informações secretas. Foi lá elaborada a iniciativa de ataque nuclear contra a Rússia, na altura quando o Presidente do Conselho foi Allen Dulles (de 1946 até 1950 o Director

---

Winston S. Churchill: "Iron Curtain Speech", March 5, 1946. Consultado em 19 de Junho de 2014.  
<http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.asp>

<sup>53</sup> Truman, Harry S. Address in San Francisco at the Closing Session of the United Nations Conference. Consultado em 26 de Maio de 2014

<http://trumanlibrary.org/publicpapers/index.php?pid=73&st=&st1=>

<sup>54</sup> Tradução da citação para a língua portuguesa foi feita pelo autor da dissertação. O original do texto em russo encontra-se na obra *História de diplomacia / sob redacção de A. A. Gromiko, Moscovo, 1974, p. 244*

da CIA). O mesmo Dulles que conduziu as negociações com a Alemanha sobre a luta conjunta contra a União Soviética. O mesmo Dulles que, numa das reuniões do Conselho, proclamou a nova doutrina de actividades contra a União Soviética, através de alteração da consciência do povo russo, da substituição dos valores nacionais por falsos (embora hoje este plano nos EUA é considerado como uma parte da Teoria de Conspiração).

A maioria parte dos arquivos, referentes aos planos dos EUA contra a União Soviética, tornou-se pública já em 1975. Os principais documentos de estratégia e da doutrina da Guerra Fria demonstram claramente que o objectivo da política americana sempre foi a destruição da União Soviética, antes de tudo como a integridade geopolítica.

A informação que segue a seguir é baseada nos quatro principais documentos revelados:

1. *National Security Council 20/1 (NSC 20/1), August 18, 1948 (Top Secret): U.S. Objectives with Respect to Russia*<sup>55</sup>

2. *National Security Council 20/4 (NSC 20/4), November 23, 1948 (Top Secret): U.S. Objectives with Respect to the USSR to Counter Soviet Threats to U.S. Security*<sup>56</sup>

3. *National Security Council 58 (NSC 58), September 14, 1948 (Top Secret): Policy towards Eastern Europe*<sup>57</sup>

e, finalmente, o mais importante:

4. *National Security Council 68 (NSC 68), April 14, 1950 (Top Secret): United States Objectives and Programs for National Security*<sup>58</sup>

Torna-se claro que a ideologia para Washington sempre foi de importância secundária, os primeiros foram os objectivos e tarefas geopolíticos. Não é por acaso que

---

<sup>55</sup> Thomas H. Etzold and John Lewis Gaddis, eds., *Containment: Documents on American Policy and Strategy, 1945-1950*. NSC 20/1 (pp. 173-203). Consultado em 7 de Abril de 2014.

[http://www.sakva.ru/Nick/NSC\\_20\\_1.html](http://www.sakva.ru/Nick/NSC_20_1.html)

<sup>56</sup> *U.S. Objectives with Respect to the USSR to Counter Soviet Threats to U.S. Security*, NSC 20/4, 23 November 1948. Consultado em 11 de Abril de 2014.

<https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/coldwar/nsc20-4.htm>

<sup>57</sup> *NSC 58 on Policy towards Eastern Europe*. Consultado em 14 de Abril de 2014.

<http://www.fransamalingvongeusau.com/documents/dl1/h5/1.5.13.pdf>

<sup>58</sup> *NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security*.

Consultado em 18 de Abril de 2014.

<http://fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm>

o famoso politólogo norte-americano William Williams declarava que a política externa americana sempre foi a aplicação geopolítica. E aspirações geopolíticas de estabelecimento de um regime global de "portas abertas", em outras palavras, a Doutrina Monroe para o mundo todo, foram aquele imperativo da política externa norte-americana que definiu a política externa deste país ao longo do século XX. A globalização do regime de "portas abertas" exigiu não só o domínio militar americano na Eurásia, mas o estabelecimento da "ordem Versalhes" contra a União Soviética, destruída em resultado da Segunda Guerra Mundial.

Foi precisamente durante a governação de Franklin D. Roosevelt, que a política de "portas abertas" começou a ser usada como o método mais eficaz para o aumento do império norte-americano, a criação de novos mercados e a “colonização” das economias de outros países. O conceito de "portas abertas", em conjunto com a "tese da fronteira" de Frederick Jackson Turner, é a essência da teoria geopolítica, que exige constante expansão dos Estados Unidos.

O famoso jurista alemão Carl Schmitt, descrevendo a expropriação do espaço através da Doutrina Monroe americana e o seu equivalente económico - a política de "portas abertas", introduziu nos seus trabalhos o conceito de "nomos". A palavra “nomos” vem do verbo “nemein” - "tomar". “Nomos”, em primeiro lugar, significa “a tomada”, em segundo lugar – “a divisão” ou “a distribuição do tomado”, e, em terceiro lugar – “o uso daquilo que foi distribuído”. Para Carl Schmitt, a política de "portas abertas" é a conquista do espaço geopolítico por meio da economia. Essa política foi implementada pelos Estados Unidos? Com plena certeza podemos afirmar que sim. Após a Segunda Guerra Mundial, o Plano Marshall foi apenas uma parte desta política.

No que diz respeito ao Plano Marshall, ele, reformulando Carl von Clausewitz, era a continuação da guerra por outros meios - por meio da economia. Isso foi demonstrado pelo próprio George Marshall em seu discurso de 1947 na Universidade de Harvard. Com a implementação do Plano Marshall e a criação da NATO, foi estabelecido o controle americano sobre a Europa Ocidental. No entanto, as tentativas dos Estados Unidos, no final da Segunda Guerra Mundial, incluir no seu império de "portas abertas" a Europa Oriental, e, assim, ampliar a esfera de influência da Doutrina Monroe sobre eles, encontrou resistência por parte da União Soviética, que serviu ao início da Guerra Fria.

Portanto, a guerra na Europa era inevitável. Como resultado da guerra iminente, os Estados Unidos deviam assumir o papel do antigo Império Britânico como um governante do mundo.

É bastante óbvio que esses objectivos pouco diferem dos objectivos análogos da dominação do mundo de Hitler. O que Hitler chamou de política de "espaço vital» - "*Lebensraum*", os Estados Unidos chamaram a política de "portas abertas".

O geopolítico Isaiah Bowman, cuja influência sobre o Presidente Franklin D. Roosevelt era mesma que do Almirante Mahan sobre o presidente Theodore Roosevelt no passado, disse, em 1941, que a resposta para a política de "*Lebensraum*" da Alemanha deve ser uma semelhante política de "*Lebensraum*" americano. Aqui é necessário notar, que no seu livro "O Novo Mundo", publicado ainda em 1921, Isaiah Bowman pintou o quadro do futuro expansionismo americano: a Doutrina Monroe americana difundida em todo o mundo.

Ao contrário da Grã-Bretanha e da velha Pax Britânica, cujo sentido era uma vantagem comparativa do Reino Unido no contexto do sistema internacional de equilíbrio de poder, a futura mundial Pax Americana devia ser baseada na superioridade decisiva das forças dos Estados Unidos no mundo. Este princípio não era apenas incompatível, mas também negou o velho conceito de equilíbrio de poder. Mais tarde, em 1940-41, especialmente após a assinatura da Carta do Atlântico em 1941 e a conferência de países aliados na Casablanca em 1943, o Reino Unido e os Estados Unidos desenvolveram o conceito estratégico básico dos Estados Unidos, que é a criação de uma vantagem decisiva dos Estados Unidos no mundo de pós-guerra, conhecido como a "Doutrina de Roosevelt".

Não é por acaso que nesta altura, em 1943, no "Mundo redondo", sir Halford Mackinder introduziu um novo conceito de *Midland Ocean* ("Oceano Central") ao seu modelo geopolítico, que coincide totalmente com o Atlântico Norte e que era a contraface do *Heartland*, o equivalente marítimo de "Coração da Eurásia". O aparecimento deste novo conceito "previu" o desembarque na Normandia (no Dia D) e a criação da NATO em 1949. No entanto, como afirmam os documentos acima mencionados e os acontecimentos históricos, sendo pessoa ligada à tomada das mais importantes decisões do Estado, sir Halford Mackinder simplesmente antecipadamente descreveu aquilo que seria feito nos próximos anos pelos Aliados. Precisamente, a entrada na II Guerra Mundial dos EUA e da Grã-Bretanha, para não permitir a conquista



de toda Europa Central e da Alemanha por parte da URSS, que virou completamente o curso da Grande Guerra após batalhas de Stalingrado e de Kursk, começando a ofensiva até Berlim.

Em geral, a obra de 1943 de sir Halford Mackinder difere das outras pelo facto de ter mais força metodológica. O conflito geopolítico, agora, já não é a batalha entre Mar e Terra, mas sim, a luta pelas duas regiões geopolíticas de importância prioritária – *Heartland* e *Midland Ocean*, embora, como indica o próprio sir Halford Mackinder, *Midland Ocean* tem um papel “quase” igual à do *Heartland*. Na verdade, *Heartland* continua a ser o espaço estratégico de maior importância no modelo geopolítico de autor, enquanto *Midland Ocean* é o eixo do império marítimo ocidental. Portanto, a dicotomia Mar *versus* Terra continua.

Assim, podemos dizer com toda a certeza, que o fundamento, as causas primárias e as finalidades da Guerra Fria, foram estabelecidas durante a Segunda Guerra Mundial.

O principal obstáculo para o estabelecimento do domínio mundial dos Estados Unidos foi a existência da União Soviética.

É necessário notar que no período após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos agiram não apenas como um sucessor da Grã-Bretanha, mas também, em termos dos objectivos, como o sucessor de Alemanha nazi, o pior inimigo da União Soviética, a destruição da qual, agora, se tornou no objectivo primário.

George Kennan, o pai do conceito de "contenção"<sup>59</sup>, sublinhou que, após a Segunda Guerra Mundial, havia quatro regiões geopolíticas estratégicas que os EUA deviam dominar: o Reino Unido, a Alemanha, o Japão e a União Soviética. O objectivo estratégico dos Estados Unidos era de assumir o controle dessas regiões. Em apenas alguns anos após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos transformaram a antiga poderosa Grã-Bretanha no "porta-aviões norte-americano".

A maior parte da Alemanha e do Japão foi ocupada pelos Estados Unidos, e estes Estados, até hoje, permanecem sob ocupação americana. Os países da Europa Ocidental deixaram de existir como os Estados políticos independentes, as suas políticas externas estavam inteiramente nas mãos de Washington. A União Soviética, liderada por Josef Stalin, resistiu aos norte-americanos, subordinando os países da Europa Oriental.

---

<sup>59</sup> (Sem autor, 31 de Março de 2014). *A conversation with Kennan's biographer*. Consultado em 2 de Junho de 2014. <http://streamhistory.com/george-f-kennan-and-the-origin-of-u-s-containment-policy/>

Assim, só o grande espaço da União Soviética permaneceu fora da esfera da hegemonia dos EUA.

É interessante notar que no início da Guerra Fria até o secretário de Estado dos EUA Dean Rusk descreveu o conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética não em termos ideológicos, mas em termos geopolíticos, como um confronto histórico entre o poder líder naval - os Estados Unidos, e a potência continental dominante - a União Soviética.

Os aspectos ideológicos foram adicionados mais tarde, quando os Estados Unidos adoptaram a velha doutrina do "destino pré-determinado." Esta doutrina do século passado, teologicamente justificava a conquista do Hemisfério Ocidental como pré-determinado por Deus o destino dos Estados Unidos. De acordo com esta doutrina, os Estados Unidos como nação foram escolhidos por Deus, e essa exclusividade, dada de "cima," dava o direito de conquistar o continente americano (hoje, o lugar de Deus tomou a mitologia da democracia americana). Assim, na ideologia americana de Guerra Fria foram fortemente fundidos a Geopolítica e a Teologia.

A Geopolítica da Guerra Fria foi baseada nos conceitos geopolíticos de sir Halford Mackinder e Alfred Mahan, que foram posteriormente sintetizados pelo Nicholas Spykman.

A Guerra Fria como uma estratégia e tática geopolíticas consistiam no bloqueio de *Heartland*. E essa estratégia - bloqueio militar como um meio - foi herdado do imperialismo britânico no passado. Como Abraham Lincoln usou a tática de bloqueio para vencer o Sul, agora os Estados Unidos transferiram essa tática para o bloqueio da União Soviética.

O principal interesse da política externa americana foi de atingir objectivos geopolíticos por "meios, que estão à beira da guerra". Essas ferramentas incluíam a economia, a diplomacia, o uso de organizações internacionais criadas em qualidade dos chamados "instituições de hegemonia" e, por fim, a ameaça da força. Como dizia Carl von Clausewitz, a "política é a continuação da guerra por outros meios."

Era a guerra total política, cujo objectivo final era a capitulação incondicional da União Soviética.

Os objectivos dos EUA eram os seguintes:

a). A limitação Geopolítica do poder e da influência da URSS (especialmente na Europa Oriental, nos países bálticos e na Ucrânia), antes de tudo através da economia, bem como a retração destas regiões para a esfera de influência dos Estados Unidos;

b). Comprometimento da ideologia do adversário geopolítico, ou seja, a demonização de qualquer ideologia, que representa uma ameaça potencial para a hegemonia dos Estados Unidos;

c). Mudança das fronteiras da União Soviética e separação dela em várias zonas. Para este efeito, deve-se incentivar os movimentos separatistas na URSS;

O objectivo final dos Estados Unidos era o desmembramento completo da Rússia, objectivo este que compreendia os seguintes componentes:

1. No território da União Soviética desintegrada não se podia continuar a ver potencial militar e económico que, no futuro, independentemente da estrutura social da região, pudesse renascer, pudesse consolidar e tornar-se numa ameaça potencial à hegemonia norte-americana, por isso, toda a base industrial da nação derrotada está sujeita à destruição;

2. O espaço geopolítico da antiga União Soviética deve ser permanentemente desmembrado. Zbigniew Brzezinski, hoje, chama isso “a preservação do pluralismo geopolítico”, que é essencial para evitar a consolidação desse espaço geopolítico no futuro;

3. Os Estados Unidos devem, nas ruínas da antiga União Soviética, estabelecer um Governo que reconhece plenamente a autoridade de Washington e inquestionavelmente lhe obedece.

Estas medidas visam garantir a impotência militar russa no futuro. Em termos económicos, o esforço americano é destinado a criar uma dependência completa da antiga União Soviética, enquanto que as ex-repúblicas soviéticas nunca no futuro devem ser capazes de conquistar a independência económica.

Impor as leis da talassocracia ao resto do mundo é a principal tarefa dos Estados Unidos, o seu *Manifest Destiny*.

Esta situação pode ser comparada com o tratado de paz vergonhoso de Brest-Litovsk de 1918, o que permitiu ao imperialismo alemão ocupar os Estados Bálticos, a Bielorrússia, a Ucrânia, penetrar o Cáucaso. Como o resultado da reformatação do

território russo no âmbito do Tratado Brest-Litovsk, a Rússia perdeu 34% da população, 54% da indústria, 90% da produção de carvão, etc.

Desde 1991, os Estados Unidos com toda a confiança caminhavam para os seus objectivos: a captura da Europa Oriental, sob a bandeira do alargamento da NATO, o que seguiu claramente o imperativo geopolítico do Mackinder: “*Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland*”. O Pacto do Atlântico e a NATO são uma extensão lógica da esfera de aplicação da Doutrina Monroe.

O Reino Unido ainda desde o Congresso de Viena de 1815 desempenhou um papel decisivo de alavanca no sistema do equilíbrio de poder no continente que foi mantida na Europa. Os Estados Unidos, como o sucessor do Império Britânico, herdou essas aspirações tradicionais, principalmente de evitar o domínio da Europa pela potência continental. Mas o paradigma americano de dominação mundial é significativamente diferente do britânico. Os EUA já no final da Primeira Guerra Mundial rejeitaram o princípio do equilíbrio de poder. No lugar deste os Estados Unidos procuraram instalar o sistema de vantagem decisiva das forças norte-americanas.

Proclamando a Doutrina Truman, os Estados Unidos tomaram sob o seu domínio não só toda a Europa Ocidental, mas também as “periferias” da Europa: a Grécia, a Turquia, a Islândia, a Gronelândia (o chamado “*Rimland*” em modelos geopolíticos de Nicholas Spykman).

Quando, após a Primeira Guerra Mundial, Woodrow Wilson falou na Conferência de Paz de Paris sobre a necessidade de uma vez por todas acabar com as esferas de influência, ele queria simplesmente dizer, que a esferas de influência das outras potências imperialistas precisam ser eliminadas para que estes passem para os Estados Unidos. Embora que oficialmente o conceito de “Nova Ordem Mundial” surgiu pela primeira vez após o colapso da União Soviética, este já existiu antes. A “Nova Ordem Mundial” foi proclamada ainda no dia 17 de Janeiro de 1917 pelo presidente Wilson, que afirmou que desde agora, a Doutrina Monroe deve ser o princípio orientador da organização do espaço mundial. A “Nova Ordem Mundial” é a Doutrina Monroe para o mundo inteiro, enquanto a Doutrina Monroe para o mundo inteiro é nada mais, nada menos do que a hegemonia mundial dos EUA.

### 5.5.3. Contenção no tempo actual

Parecia que, com o desmembramento da URSS, fica no passado a oposição de poderes oceânicos e continentais, por causa da falta de um adversário equivalente: a hegemonia dos Estados Unidos era tão grande, que para a necessidades de um novo cordão sanitário ou a continuação de "anaconda" não havia razões.

Mas, em Washington, pensaram de outra maneira, e mesmo nos anos 90 do século passado, quando a Rússia era na verdade excluída das grandes potências, continuavam a fortalecer o estrangulamento, seguindo as recomendações de sir Halford Mackinder.

A expansão de NATO para o leste, a inclusão dos Estados bálticos, da Polónia, da Roménia, a tentativa de incluir a Ucrânia, a Moldávia e a Geórgia (Figura 25).



Figura 25. A actual rede das bases da NATO

(<https://deepresourse.files.wordpress.com/2014/04/russia-wants-war.jpg>)

A intervenção do Afeganistão, sob o pretexto da luta contra o terrorismo internacional: agora as tropas americanas estão a uma hora de voo de *Heartland*, a situação, sobre qual Mackinder nem podia sonhar. Se ele, agora, fosse ver o mapa do mundo, ele sem dúvida ficaria satisfeito, pois a Rússia já não tem o controle sobre a Europa Oriental.

O cordão sanitário nas fronteiras ocidentais da Rússia, em geral, foi criado. A Ucrânia, a área mais importante para os russos durante séculos, de facto, Estado independente e hostil a Moscovo. Existe Bielorrússia, que não muda muito as coisas, e o enclave de Kaliningrado, que, no caso de uma grave crise, é uma armadilha para a Frota do Báltico.

Em geral, a situação parecia muito pessimista para a Rússia ... até recentemente, até a anexação da Criméia.

Qual é a importância da península da Criméia? Por que a Rússia arriscou tanto? Na verdade, a Criméia, até recentemente, era exactamente a mesma armadilha que todas essas áreas: a Frota do Mar Negro, como uma unidade de combate completo, existia apenas da boa vontade de Kiev. Um agravamento sério deste conflito e os navios russos ficavam bloqueados em Sebastopol pelos navios ucranianos, localizados há poucos quilómetros.

Ou seja, até Março de 2014, as acções dos Estados Unidos contra a Rússia correram bem. As tentativas da Rússia de criar uma frota no Mediterrâneo, que desempenhou um papel importante na resolução da crise síria em Setembro de 2013, não se incomodava muito Washington.

Enquanto a Criméia pertencia à Ucrânia, o cordão sanitário funcionava: a Rússia no Mar Negro, de facto, só tinha um porto militar completo - Novorossiysk, que podia ser bloqueado em poucas horas.

No entanto, a anexação da Criméia mudou tudo: a Rússia agora têm sob o seu controle vários portos importantes; a Rússia pode finalmente desenvolver a Frota do Mar Negro sem qualquer limite, e no futuro próximo tornar-se poder marítimo número um no Mar Negro, ultrapassando a Turquia. Parte de gazoduto "South Stream", que deve passar pelo fundo do Mar Negro, agora pode passar pelo território da Península, facto que vai muito diminuir o custo deste gazoduto, e, claro, os vastos recursos do Mar Negro. A batalha pela Criméia foi ganha pela Rússia na melhor tradição da "Arte da Guerra" de Sun Tzu - sem disparar um tiro e sem uma única gota de sangue.

Está claro, que para a Rússia ainda há muitas ameaças, mas, mesmo num lugar tão pequeno como Crimeia, a "anaconda" foi furada. Agora, para invadir a Rússia do mar, ir ao fundo do território, o inimigo, assim como durante a Guerra da Criméia, necessita novamente de invadir o Sebastopol.



Isso explica que a "política de contenção" em relação à Rússia, que tinha em tempos diversos nomes diferentes - "estratégia anaconda", "zona tampão", "estratégia de contenção", "cortina de ferro", etc., e, que também tem uma relação directa com os conceitos de *Heartland* e de *Rimland*, sejam de importância primária na Geopolítica.

A contenção continua e hoje?<sup>60</sup> Claro. O discurso do Presidente ucraniano Poroshenko em Congresso americano e o seu pedido de fornecimentos das armas à Ucrânia<sup>61</sup>, frases como “necessidade de isolar Rússia”, “expulsar Rússia de todas as organizações internacionais”, “proibir acesso dos russos às tecnologias ocidentais”; juntamente com a criação das forças de reacção rápida da NATO e as próprias sanções, é uma das muitas formas de contenção de outros Estados (basta lembrar o caso de bloqueio de Cuba, que dura várias dezenas de anos; o caso do bloqueio de Irão devido à “ameaça nuclear”; o caso da “agressiva” Coreia de Norte, etc.).

## 6. Rússia moderna

### 6.1. Rússia até Vladimir Putin

O regime de Boris Yeltsin perdeu completamente o potencial que a Rússia recebeu após o colapso da União Soviética. Em primeiro lugar, a Rússia perdeu capacidades militares. Os melhores exemplos de equipamentos soviéticos foram cortados em sucata ou apodreceram em armazéns. O PIB nominal do país diminuiu drasticamente. O aumento da criminalidade nos anos 90 assemelhava-se ao aumento da criminalidade hoje nos chamados Estados falhados. O nível padrão de vida da população caiu drasticamente, e o nível de consumo de drogas e álcool aumentou em vezes. A riqueza nacional do país - os recursos naturais, foram privatizadas pelas pessoas particulares que, através de venda destas, criaram fortunas de mil milhões de dólares. Assim, na Rússia apareceu a classe dos chamados oligarcas, que detinham o poder no país em suas mãos.

---

<sup>60</sup> Beker, Peter. (19 de Abril de 2014) In Cold War Echo, Obama Strategy Writes Off Putin. The New York times. Consultado em 23 de Junho de 2014  
[http://www.nytimes.com/2014/04/20/world/europe/in-cold-war-echo-obama-strategy-writes-off-putin.html?hpw&rref=world&\\_r=3](http://www.nytimes.com/2014/04/20/world/europe/in-cold-war-echo-obama-strategy-writes-off-putin.html?hpw&rref=world&_r=3)

<sup>61</sup> Payne, Sebastian. (18 de Setembro de 2014). *Ukrainian President Poroshenko asks Congress for military support*. The Washington Post. Consultado em 19 de Setembro de 2014.  
<http://www.washingtonpost.com/blogs/post-politics/wp/2014/09/18/ukrainian-president-poroshenko-asks-congress-for-military-support/>

Nas autoridades russas apareceram as pessoas que protegiam os interesses de todos os países, excepto da Rússia, a chamada "quinta coluna".

A Comunidade de Estados Independentes (CEI) que emergiu após o colapso da URSS não tinha uma forma comum e universal que todos os membros esperavam. Todos os Estados recentemente independentes da CEI esperavam da Rússia, como o centro do mundo pós-soviético, as novas iniciativas. Estas iniciativas não apareceram. Devido à isso, as ex-repúblicas soviéticas tomaram o seu próprio rumo na política externa, muitas vezes hostil à própria Rússia, enquanto os líderes políticos desses países deixaram de ser dependentes das ordens de Moscovo.

No oeste, os países da NATO, avançando até as fronteiras da Rússia, assumiram o controle de quase todos Balcãs e da Europa Central e Oriental, ou seja, da antiga esfera de influência soviética.

Em 31 de Dezembro de 1999, pouco antes das 24.00, Boris Yeltsin anunciou a demissão do cargo de Presidente da Federação da Rússia. Yeltsin explicou que ele abandona o cargo "não por razões de saúde, mas devido a todos problemas", e pediu desculpa aos cidadãos da Rússia. O cargo do Presidente da Rússia passou para Vladimir Vladimirovich Putin.

## 6.2. Vladimir Putin e a posição geopolítica actual da Rússia

Não há dúvida que desde o início Vladimir Putin tinha a visão das tarefas. Temos de começar por analisar as suas acções. O período inicial do Governo de Putin (dois mandatos como Presidente) foi um período de reanimação. Putin é reanimatólogo, ele recebeu o país em estado de coma. Basta, como um dos muitos exemplos, lembrar que após os acontecimentos de 11 de Setembro nos EUA e a política americana de “procura dos inimigos”, Putin, como Presidente, abandonou tão importante base militar russa em Cam Rahn (Vietname). Era um perigo ter esse objecto militar no exterior, na altura, quando a Rússia nem sequer era o *player* nas relações internacionais. Hoje, foi oficialmente declarado que a Rússia novamente volta para Cam Rahn (Figura 26), volta para o Mar da China Meridional<sup>62</sup>, cuja importância na última década aumentou significativamente.

---

<sup>62</sup> (Sem autor, 30 de Setembro de 2013) *Russia to build maintenance facility for ships in Vietnam's Cam Rahn*. Pravda.ru. Consultado em 24 de Maio de 2014. [http://english.pravda.ru/world/asia/30-09-2013/125764-russia\\_vietnam\\_cam\\_rahn\\_bay-0/](http://english.pravda.ru/world/asia/30-09-2013/125764-russia_vietnam_cam_rahn_bay-0/)

Putin também tinha a visão de reanimação - o que fazer, o que restaurar, o que é necessário reanimar, que órgãos, que sistemas para que o país comece novamente a viver, a fim de o colocar fora do coma.



Figura 26. Posição estratégica da base naval Cam Rahn

(<http://seeker401.files.wordpress.com/2013/03/dotmap-camranhbay.jpg>)

A segunda especificidade do regime de Putin é a conspiração. A conspiração essa que desapareceu no fim do segundo mandato de Putin como Presidente. Porque, se no maior país do mundo, em nome do Estado praticamente paralisado, o Governo proclamava os objectivos distantes, enquanto a população morria de fome, esse regime seria esmagado instantaneamente. Se no final do século passado alguém sabia o que Putin iria fazer no início do século XXI, ela seria esmagado. Se nos primeiros anos do século XXI alguém soubesse o que ele iria fazer no início da segunda década deste século, ele também seria esmagado.

O que Putin quer? O que ele tenta fazer? Bom indicativo, a este respeito, as palavras que ele proferiu no início do seu primeiro mandato: “... ou a Rússia vai voltar a ser uma grande potência, ou ela deixará de existir”<sup>63</sup>.

O colapso da União Soviética, na opinião de Vladimir Putin, é “a maior catástrofe geopolítica do século XX”<sup>64</sup>. Se não contarmos com as enormes perdas das duas

<sup>63</sup> (Sem autor). *Geopolítica da Rússia contemporânea: alguns aspectos*. Consultado em 11 de Setembro de 2014. <http://mir-politika.ru/161-geopolitika-sovremennoy-rossii-nekotorye-aspekty.html>

Grandes Guerras, sem dúvida que ele está certo. Isso é explicado pelo facto de que a Rússia deve mais uma vez de lidar com a "conquista" de territórios para garantir a sua segurança, ao invés de organizar e gerir esse território (Figura 27).

Ao contrário de países como, por exemplo, a China, o Irão ou os Estados Unidos, a Rússia não atingiu os seus objectivos geopolíticos estratégicos. Pelo contrário, ela ficou ainda mais distante deles:

- A Rússia ocupa o norte do Cáucaso, mas já não “penetra” profundamente as montes do Cáucaso, pois perdeu os territórios da Geórgia e da Arménia. Sem a posse desses territórios, a Rússia não pode considerar este flanco totalmente seguro. No caso da possível perda da Chechênia logo após o desmembramento da URSS, o seu flanco oriental teria sido completamente aberto, e o país ficava sem uma âncora geopolítica na região. Não é por acaso que este problema começou a ser resolvido com uma guerra;



Figura 27. Diminuição do território russo em comparação com Pacto de Varsóvia e a URSS

([http://theday.co.uk/images/stories/2011/2011-10/061011\\_eurasia.jpg](http://theday.co.uk/images/stories/2011/2011-10/061011_eurasia.jpg))

<sup>64</sup> Putin, V. V. *Mensagem à Assembleia Federal da Federação Russa de de 25 de Abril de 2005*. Kremlin, Moscovo. Consultado em 14 de Setembro de 2014.  
[http://archive.kremlin.ru/appears/2005/04/25/1223\\_type63372type63374type82634\\_87049.shtml](http://archive.kremlin.ru/appears/2005/04/25/1223_type63372type63374type82634_87049.shtml)

- A Rússia perdeu os pontos estratégicos nas montes e desertos da Ásia Central e, portanto, já não pode bloquear as situações hostis nesta região, ou até mesmo monitorizar todas as mudanças que ocorrem nas profundezas do sul e que ameaçam a sua segurança;

- A possível perda da Ucrânia e da Moldávia pode seguir pela invasão de outras forças, e a possível criação de concorrente estratégico na fronteira mais vulnerável do país.

Há de referir, também, igualmente importantes para o desenvolvimento económico, recursos estratégicos que a Rússia perdeu. Embora a Rússia herdasse da União Soviética 76% do território, na Rússia vive apenas 50% da população desta, além disso, 64% do território fica nas áreas do norte, onde as capacidades do desenvolvimento económico são limitados. O país perdeu algumas das mais atraentes áreas agrícolas, muitos territórios com minerais importantes e artérias de transporte cruciais, enquanto no oeste do país formou-se o enclave - região de Kaliningrado.

Dividida está não só a nação russa, mas também o esqueleto económico e a infraestrutura de transportes (um dos exemplos é a perda de comunicações vitais que hoje passam pelo norte de Cazaquistão – a Transsiberiana, as linhas de transmissão de energia, as linhas de comunicações, os oleodutos e os gazodutos).

Além disso, o colapso da URSS coincidiu com o declínio acentuado da população russa.

Desde 1992, a Rússia testemunha o desenvolvimento de processos de despovoamento em escala nacional, ou seja, existe uma diminuição do número absoluto de população. E isso apesar do facto de que a União Soviética e a Rússia sempre sentiram certa falta da população para o desenvolvimento dos seus vastos territórios.

A falta de população, a sua baixa densidade de ocupação e distribuição desproporcional torna-se num factor geopolítico que funcione contra a Rússia. A Rússia continua a ser o maior, mas pouco povoado e dominado país. Em grande parte do território do país vive não é mais do que cinco pessoas por km<sup>2</sup>, enquanto que a maioria da população está concentrada em três zonas territoriais: Rússia Central, Cáucaso e o território da estepe com as condições optimais para vida, que se estende desde as fronteiras orientais da Ucrânia até aproximadamente as cidades de Novosibirsk e Barnaul, onde já começa a estepe montanhosa (Figura 28)



Como resultado do colapso da União Soviética, a Rússia, de ponto de vista do mapa mundial, afastou-se da Europa e ficou mais perto da Ásia (a parte asiática do país representa cerca de 77% do território da Rússia, 70% das suas fronteiras, grande parte dos recursos naturais).

A alteração das fronteiras do país levou não só ao afastamento da Rússia das comunicações mundiais, mas também à deterioração das condições climáticas.



Figura 28. A densidade da população na Rússia

([http://s.hswstatic.com/gif/maps/jpg/EUR\\_RU\\_THEM\\_PopDensity.jpg](http://s.hswstatic.com/gif/maps/jpg/EUR_RU_THEM_PopDensity.jpg))

O grande espaço (principalmente de norte) continental russo exige significativos (superior à média mundial) gastos materiais, nomeadamente em energia.

A deterioração do já precário solo e fraco potencial agro-climático do país limita o desenvolvimento do mercado agrícola e aumenta a dependência alimentar, ou seja, afecta a segurança nacional alimentar da Rússia.

De acordo com os especialistas, a importação de 30% dos alimentos já é uma ameaça à segurança do país. A Rússia ultrapassou esta linha "vermelha" nos meados dos anos 90 do século passado, em 1999 o país importava 50% dos alimentos.

As mudanças geopolíticas afectaram as fronteiras da Rússia. No âmbito da União Soviética, de 77 unidades administrativas e políticas, apenas 13 faziam fronteira com outros Estados, hoje são mais de metade. Mudou e o número de países estrangeiros que



fazem fronteira com a Rússia. Anteriormente eram oito, agora é dezasseis. Nenhum país do mundo têm este número de Estados vizinhos, o que, por um lado, dá grande vantagem de estabelecer laços com diferentes países e “elasticidade” na definição do vector ou dos vectores da política externa, mas, por outro lado, cria novas ameaças à segurança e estabilidade nacional e exige maiores gastos nestas áreas. A situação é piorada pelo facto, de que uma parte das novas fronteiras do Estado russo não tem estatuto oficial e são pouco organizadas.

A Rússia perdeu grande parte dos portos. Ela perdeu o acesso conveniente para o Mar Báltico, depois de “perda” da Estónia, Letónia e Lituânia, e, até há pouco, para o Mar Negro, e, assim, foi emprurrada de volta para a época de Pedro, “o Grande”, quando a ausência de tais saídas foi classificada como o maior desastre político e económico. Uma parte das comunicações e das redes de transportes, antigamente comuns, hoje está situada no território de outros países. Os novos Estados tentam usar a sua localização de trânsito como artigo de comércio, portanto, para o uso destes territórios a Rússia agora tem de pagar: com dinheiro e compromissos políticos, bem como construir a nova-infraestrutura: os novos portos, gazodutos, oleodutos, etc.

A Rússia perdeu muitas das suas antigas zonas de influência geopolítica no território da ex-URSS, em que aconteceram os processos de reorientação geopolítica. A um ritmo rápido vai o processo de desintegração da CEI, que, de facto, nunca foi uma organização eficaz, enquanto que os territórios da antiga União Soviética tornaram-se na arena de rivalidade de grandes forças geopolíticas.

Após o colapso da União Soviética surgiu um novo problema de delimitação e demarcação das fronteiras. Apareceram duas áreas significativas com os limites de fronteira deformadas: a primeira abrange todo o Norte do Cáucaso e do Baixo Don, a segunda - o sul da Sibéria, onde o Cazaquistão “aprofunda” para os limites territoriais da Rússia. Esta configuração nem do ponto de vista económico, nem do ponto de vista militar beneficia o país.

Fora da Rússia ficou uma quantidade significativa da minoria russa étnica.

Nas fronteiras da Rússia apareceram “pontos quentes” e regiões não estáveis (Figura 29).



Figura 29. Pontos quentes e regiões instáveis perto das fronteiras russas

(<http://canadianpatriot.org/wp-content/uploads/2014/03/abm-encirclement1.jpg>)

Em 1991, o Leningrado estava a cerca de 1.600 km das fronteiras da NATO, agora a distância de São-Petersburgo até aos países da NATO foi reduzida para os 160 km, ou seja, em dez vezes. Antes do colapso da URSS, a distância de Moscovo até a fronteira ocidental era de 1,900 km, agora é cerca de 360 km.

Drasticamente diminuiu o poder económico do Estado. O facto incontestável é que em 1980 o PIB nominal da URSS era cerca três vezes maior do que da China nos últimos 2-3 anos da existência da União Soviética, agora, o PIB nominal da Federação Russa é de cerca quatro vezes menor do chinês (dados de 2013 do Fundo Monetário Internacional).

A principal vantagem da União Soviética e do Pacto de Varsóvia foi o difícil acesso aos espaços interiores, que permitiu criar uma defesa robusta, onde no norte e leste da URSS estavam as fronteiras marítimas, protegidas pelas massas de gelo e a Marinha russa, no sul os limites coincidiam com as montes da Eurásia - desde a Manchúria até a Tian Shan, desde o Pamir até o Cáucaso. E só a fronteira ocidental, a Planície da Europa, era a base estratégica de atlantismo. Numa situação destas, a posição espacial geopolítico do Bloco de Leste permitia concentrar a atenção principalmente no único flanco que geopoliticamente ameaçava o país – a Europa Ocidental, o que permitiu utilizar eficazmente os recursos estratégicos militares, económicos, intelectuais, industriais e naturais.

Qual é a situação geopolítica actual? Em primeiro lugar, à luz dos acontecimentos recentes, quando se fala sobre possível uma nova Guerra Fria, é necessário dizer que a Rússia e os Estados Unidos não podem estar neste confronto, antes de tudo da desproporcionalidade das potencialidades. Os recursos que a Rússia possui não lhe permitem iniciar, nem responder à uma nova Guerra Fria. Durante o confronto “frio” do século XX entre a União Soviética e os Estados Unidos, a URSS foi a segunda economia do mundo, representando cerca de 60% do PIB americano. Hoje, a economia da Rússia é de cerca 12,5% do PIB norte-americano (dados de 2013 do Fundo Monetário Internacional), enquanto o orçamento de defesa dos Estados Unidos actualmente excede o orçamento russo em mais de sete vezes (dados de 2013 Stockholm International Peace Research Institute). Para o surgimento da nova Guerra Fria, os países devem ter, pelo menos, capacidades militares e económicos comparáveis, o que não é observado.

Para compreender a posição geopolítica da Rússia contemporânea, também é importante falar sobre o discurso do Presidente Putin em Munique (2007)<sup>65</sup>, que, sem nenhum exagero é histórico. Com o discurso de Munique, muitas vezes, é comparado o discurso de Putin sobre a Criméia, que ele realizou em um formato de mensagem à Assembleia Federal após a anexação recente da Península da Criméia pela Federação Russa. O discurso de Munique é considerado primeiro discurso histórico, enquanto o da Criméia, respectivamente - segundo discurso histórico.

Os conceitos básicos, delineados por Putin em discurso em Munique são seguintes:

1. A Rússia é um país com mais de mil anos de história e ela sempre realiza uma política externa independente. Ficou claro que Vladimir Putin não vai mudar essa tradição;
2. Putin vê a expansão da NATO e o aparecimento do sistema de defesa antimísseis perto das fronteiras da Rússia como uma ameaça à segurança da Rússia e a tentativa de arrastar o país para uma nova corrida armamentista;
3. O surgimento de bases avançadas americanas perto das fronteiras estatais russas não correspondem à garantias dos parceiros ocidentais, dadas após a dissolução do

---

<sup>65</sup> Putin, Vladimir. The unipolar governance is illegal and immoral. *Voltairenet.org*. Consultado em 3 de Março de 2014  
<http://www.voltairenet.org/article145357.html>

Pacto de Varsóvia, ou seja, à garantia de não-expansão da NATO para o leste. Putin deixou claro que, devido à isso, a Rússia não pode confiar à Ocidente.

Ainda em *Defense Planning Guidance*, aprovado no início dos anos 90 do século passado, os EUA declaram si próprios como a única superpotência que tem como o objectivo de capturar o controle sobre toda a Eurásia. A realização deste plano previa o uso tanto dos métodos formais, como informais de guerra: desde as “revoluções laranjas” até a chamada *unconventional warfare*. Neste documento, ao estilo de Nicholas Spykman, apesar do desmembramento da URSS, indicado o seguinte: “*Russia will remain the strongest military power in Eurasia and the only power in the world with the capability of destroying the United States*”<sup>66</sup>;

Além disso, um dos pontos do discurso em Munique de Vladimir Puti foi de transmitir a mensagem de que no mundo moderno o modelo unipolar é inaceitável.

Nas últimas décadas nenhum líder russo conseguiu expressar uma posição tão clara e categórica sobre a imagem do futuro do país na política internacional. Todas as declarações até então sobre este assunto eram muito ambíguas. Desta vez, o Presidente Putin não se limitou a fazer apenas um comentário sobre os eventos actuais ou a opinião da Rússia sobre qualquer assunto particular, mas mostrou uma vontade da Rússia como uma força Ggeopolítica planetária de participar na definição da futura Ordem Mundial.

Vladimir Putin, de facto, desafiou o actual estado de coisas, todo o curso da política internacional. Uma coisa é quando tais declarações são feitas por, por exemplo, Hugo Chávez, Kim Jong Il ou Mahmoud Ahmadinejad. Tal "ousadia" pode ser explicada pela certa regionalidade, a localização periférica desses países, que não lhes dá espaço e liberdade na política internacional. Mas quando um país, com o segundo maior arsenal de armas nucleares, que ocupa o maior território do mundo, que possui enormes recursos naturais, que tem experiência da missão histórica e prática de enfrentar tudo e todos, na verdade o país-continente, país-civilização - desafia os Estados Unidos, a NATO, e toda a Ordem Mundial, isso significa muito.

---

<sup>66</sup> Karaagac, Baric. *Accumulations, Crises, Struggles*, p. 43. Consultado em 2 de Agosto de 2014.  
<http://books.google.pt/books?id=oVNeAgAAQBAJ&pg=PA43&lpg=PA43&dq=Russia+will+remain+the+strongest+military+power+in+Eurasia&source=bl&ots=zPuJWdQ43H&sig=A1CovP-l-jQ7XaX0OPvYkpmVIP0&hl=pt-PT&sa=X&ei=l2YpVN7uKqLW7Qaor4DwDg&ved=0CC8Q6AEwAg#v=onepage&q=Russia%20will%20remain%20the%20strongest%20military%20power%20in%20Eurasia&f=false>

É necessário compreender que à semelhança da política russa de séculos atrás, que era ofensiva só porque o Estado russo não tinha opções defensivas, o mesmo está a acontecer em relação à Rússia actual, que também não têm alternativas. Tendo em conta que a NATO fala seriamente sobre o estabelecimento de controle dominante sobre a Ucrânia e o Cáucaso, e já estabeleceu o controle sobre os países bálticos, a Rússia que está no fundo de uma espécie triângulo (pois a Planície Europeia têm a forma de um triângulo que se expande de oeste para leste e evidentemente que a expansão para leste dá mais manobra aos países ocidentais, ao mesmo tempo, representando maior perigo para Rússia – Figura 30), os russos são obrigados de olhar para a sua posição como de catástrofe, a única saída de qual é a expansão, tal como isso era há séculos atrás. Embora que hoje esta expansão não deve ser obrigatoriamente territorial.



Figura 30. A forma de triângulo da Planície Europeia

(<http://www.marketoracle.co.uk/images/2010/Dec/polish-funnel.jpg>)

O discurso de Putin deu a compreender a muitos países, que a Rússia não vai aguentar a indignação internacional dos Estados Unidos e da NATO e vai construir a sua política, em oposição às forças ocidentais.

O que mais significavam as palavras de Putin em Munique? O facto é que aquilo que disse Putin foi dito na véspera do fim do seu segundo mandato como Presidente. O que ele podia fazer ao longo do ano restante? Ele foi substituído por um Presidente com



uma visão diferente, e portanto, a declaração alemã podia ser simples tentativa de entrar para história, desafiando a ordem internacional unipolar. Mas, feita esta declaração, Putin ficou confrontado com a necessidade de implementar tudo isso em prática, pois isso exigia uma mudança radical da situação mundial. Ou seja, ele simplesmente era obrigado a voltar e terminar o que começou.

Foi precisamente depois do discurso de Putin em Munique e os acontecimentos de Agosto de 2008 na Geórgia, que em Março de 2009, em Genebra, a secretária de Estado, Hillary Clinton, apresentou ao Ministro do Exterior russo, Sergei Lavrov, o botão "Reset", embora a inscrição em russo no botão significava em inglês "overload" em vez de "reset", em russo "peregruzka" em vez de "perezagruzka"<sup>67</sup>, o que muito provavelmente não era simples erro, dado o nível da reunião. Acima de tudo, com este gesto, os americanos podiam simplesmente mostrar que o desafio foi aceite. Enfim, o simbolismo é essencial na política.

Como mostraram os acontecimentos subsequentes, a relação entre a Rússia e os Estados Unidos realmente se aproximam à fase de sobrecarga.

É necessário também notar que Vladimir Putin repetidamente afirmava que a Rússia não vai tentar isolar-se de qualquer país e está pronta para cooperar com todos. Ela não se vai afastar do mundo. Há visões de que a Rússia deve construir uma autarquia, mas Putin deu perceber que é um caminho sem saída. Além disso, a Rússia não precisa de ir nem pelo caminho da Coreia do Norte ou da União Soviética. A Rússia tem todas as hipóteses de se tornar no líder mundial sem isso.

Outro aspecto de notar nos discursos do Presidente russo é que ele não usa o termo "Ocidente", deixando claro que o Ocidente é muito grande e diferente, dando entender que a Rússia pode conseguir influenciar determinados países europeus de agir em favor da Rússia. "Jogar" no mercado e na arena mundial é a tarefa da Rússia moderna.

Muitas vezes, também, foi referido de que o Presidente russo não pretende envolver a Rússia em nenhum conflito militar. Isso é claramente visto à luz dos últimos acontecimentos na Ucrânia e a vontade da Rússia de manter a Ucrânia unida. Basta olhar para o passado da Rússia e perceber o que obriga Vladimir Putin de fazer tais declarações.

---

<sup>67</sup> Ellerson, Lindsey. (6 de Março de 2009). Clinton Hits Wrong 'Re-Set' Button With Russia. ABC News. Consultado em 3 de Março de 2014. <http://abcnews.go.com/blogs/politics/2009/03/clinton-tries-t/>



De 1065 até 1462, houve mais de 200 tentativas da invasão da Rússia, parte das quais resultou em longos conflitos militares. Desde os meados do século XIII e até o fim do século XV quase não houve períodos em que a Rússia não participou na guerra. De mais de 500 anos, passados desde a Batalha de Kulikovo (que foi o primeiro passo russo para se libertar do jugo tártaro-mongol) e até ao final da Primeira Guerra Mundial, a Rússia, no total, passou cerca de 2/3 do tempo em conflitos militares. A guerra não permitiu à Rússia (e, em geral, à qualquer país) de se desenvolver internamente, tirando todos os recursos e forçando a focar-se apenas no teatro de guerra, e isso, sempre, souberam os inimigos russos. Durante 69 anos de existência da URSS, o exército soviético esteve envolvido em, pelo menos, sete conflitos locais e uma Guerra Mundial, que tirou dezenas de milhões de vidas inocentes. Como afirmou uma vez Piotr Stolypin (o Presidente do Conselho de Ministros na altura de Nicolau II): *"Give Russia 20 years of inner and outer peace and you won't recognize it"*<sup>68</sup>

## 6.3. Os flancos

### 6.3.1. Teoria dos flancos

Neste capítulo o *Heartland* será dividido em quatro flancos para uma análise mais facilitada do estado das fronteiras de “Coração da Eurásia. No entanto, no trabalho esta divisão não tem natureza clara, pois muitas vezes a política em relação a um determinado país depende ou afecta a política de país ou países de outro flanco.

Além disso, devido ao tamanho limitado do trabalho, é simplesmente impossível considerar todas as características de cada um dos flancos, e especialmente todas as relações da Rússia com os países que fazem directamente fronteira com ela ou são parceiros importantes. Por isso, a ênfase, nesse sentido, será feita na descrição daqueles relações, que ajudam ao máximo mostrar a importância dos flancos de *Heartland*.

É importante notar que o flanco norte se representa o interesse exclusivamente em relação ao Ártico, pois este flanco corresponde à tundra, onde vive um número muito limitado de pessoas. Além disso, este flanco é completo, pois é totalmente controlado pela Rússia, e está totalmente protegido contra a invasão do mar pelo gelo do Ártico. Apenas, mais ou menos vulnerável parte do flanco norte é o Mar Branco e a costa de

---

<sup>68</sup>Makarkin, Aexey. (13 de Abril de 2012). *Pyotr Stolypin: The path of reformer*. The Voice of Russia. Consultado em 2 de Julho de 2014. [http://voiceofrussia.com/2012\\_04\\_13/71608267/](http://voiceofrussia.com/2012_04_13/71608267/)

Arkhangelsk, mas este território é protegido pela Frota do Báltico da Marinha russa com o centro na cidade de Severomorsk.

### 6.3.2. Flanco Norte (Ártico)

O flanco norte da Rússia, como o do leste, do ponto de vista da paisagem é muito homogêneo, e pouco povoado. Aqui, o acesso de Moscovo aos mares é livre, mas a qualidade dos mares é bastante fraca. Eles são pouco navegáveis, frios, a maior parte do ano cobertos pelo gelo, cortados da parte central da Rússia devido à comunicações pobres, os seus portos são pouco desenvolvidos.

O carácter climático dos territórios do norte pressupõe a povoação pontual nas zonas mais ou menos adequadas para a vida. A grande maioria dos territórios do norte é tundra, ou seja, o deserto do norte com pouca vegetação. É zona de pergelissolo.

A população do norte é uma variedade de grupos étnicos da Eurásia antigos que vivem nessas áreas durante milhares de anos sem qualquer especial dinâmica migracional, cultural ou étnica.

As fronteiras do norte do país passam completamente pelas águas dos mares do Oceano Ártico: mares de Barents, de Kara, de Chukchi e Siberiano Oriental. A posição geográfica dos mares nas altas latitudes do norte determina a baixa temperatura anual de água. A espessura média do gelo do mar Ártico é maior do que a espessura do gelo nos mares da Antártida. Além da parte ocidental do Mar de Barents (que fica quente devido a corrente do Atlântico Norte), o gelo está presente em todos os mares do Ártico, por isso a navegabilidade é bastante difícil aqui.

Através do Ártico passa a rota mais conveniente da Europa para a Ásia. A distância percorrida pelos navios de Murmansk para o porto japonês de Yokohama, através do Canal de Suez, é de cerca 13 mil milhas náuticas, enquanto através da chamada Passagem do Norte este percurso é em cerca de 4,5 mil milhas náuticas mais curto (Figura 31). Assim, esta rota permite poupar tempo e reduzir os custos de transporte.

As rotas aéreas do Ártico são as mais curtas entre os EUA e a Ásia. Não é por acaso que à luz das sanções contra a Rússia, a segunda analisava como resposta à estes, o bloqueio de certas zonas do espaço aéreo para as companhias aéreas ocidentais.



Figura 31. A diferença entre a Passagem de Nordeste e a Passagem através de Canal de Suez.

(em azul – Passagem de Nordeste; em vermelho – Passagem através de Canal de Suez)

([http://en.wikipedia.org/wiki/File:Northern\\_Sea\\_Route\\_vs\\_Southern\\_Sea\\_Route.svg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Northern_Sea_Route_vs_Southern_Sea_Route.svg))

Hoje, sendo um gigante económico, a China está disposta a explorar activamente as novas rotas do Ártico. Este país até tem o seu próprio quebra-gelo (chamado “*Xue Long*”), embora à volta da costa da China o gelo não exista. De acordo com os especialistas chineses, o desenvolvimento de novas rotas permitirão à China reduzir os custos de transporte em mais de 100 mil milhões de dólares por ano, reduzindo significativamente o tempo de entrega de bens e o consumo de combustível.

Sobre a importância do Ártico não só como a fonte dos recursos, mas também como importante corredor de trânsito fala e nova estratégia marítima americana - *A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower*.<sup>69</sup>

Na Declaração de Ilulissat de 28 de Maio de 2008, todos os cinco Estados costeiros do Ártico (Rússia, EUA, Canadá, Noruega e Dinamarca, última em nome da Groenlândia)<sup>70</sup> se comprometeram a resolver as reivindicações territoriais no quadro do Direito Internacional, reflectidas na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. A Declaração afirma que o quadro legal é previsto pela Convenção das Nações

<sup>69</sup> A Cooperative Strategy for 21st Century Power (Outubro de 2007). Site oficial da Marinha americana (Navy.mil). <http://www.navy.mil/maritime/MaritimeStrategy.pdf>

<sup>70</sup> Blunden, Margaret. *Geopolitics and the Northern Sea Route*. Consultado em 17 de Julho de 2014. [http://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/public/International%20Affairs/2012/88\\_1/88\\_1blunden.pdf](http://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/public/International%20Affairs/2012/88_1/88_1blunden.pdf)

Unidas, o que é suficiente para controlar o Oceano Ártico, e não há necessidade de se estabelecer um novo regime jurídico internacional.

No entanto, isso não é vantajoso para os países ocidentais. A navegação ao longo da Passagem do Norte pressupõe um regime especial, uma vez que esta rota é vista como historicamente constituída comunicação de transporte da Rússia. Portanto, todas as vantagens de operar nesta área são da Rússia.

Outro desafio geopolítico actual da Federação Russa representa o curso político dos Estados Unidos e da UE no Ártico.

No presente momento, o estado actual da economia dos Estados do mundo é determinado pela garantia de acesso aos recursos energéticos. No futuro próximo, essa relação vai se manter apesar da intensa busca das fontes alternativas de energia. Além disso, a União Europeia está a tentar diversificar as suas fontes de energia e tem a intenção de aumentar a eficiência energética, antes de tudo para conseguir a independência de fontes externas.

Tudo isso faz o Ártico um elemento essencial da estratégia energética dos países da Europa e no futuro próximo pode ser formulada uma determinada posição política da UE sobre esta questão. O Bruxelas já começou, depois da adesão da Finlândia à UE, de implantar o projecto internacional *Northern Dimension*<sup>71</sup>, defendendo os seus interesses no norte da Europa.

Tendo em conta que a Europa recebe uma parte significativa de gás natural da Rússia, a diversificação das fontes de fornecimento de “combustível azul” permitirá reduzir a dependência dos europeus do gás russo. É do interesse dos europeus também a internacionalização da navegação através de já referida Passagem de Norte.

No que toca às reservas dos recursos energéticos, de acordo com estimativas do *United States Geological Survey Fact Sheet* 2008, 13% do petróleo não descoberto no mundo e 30% das reservas de gás natural estão localizadas acima do Círculo Polar Ártico. A maior parte destas reservas pertence à Rússia (Figura 32). Dada a crescente fome de energia dos países industrializados é possível entender o grande zelo para

---

<sup>71</sup> Nuttall, Anita Dey e Nuttall, Mark. *Europe's Northern Dimension: Policies, Co-operation, Frameworks*. University of Alberta, Canada. Consultado em 28 de Julho de 2014.  
<http://www.cci.ualberta.ca/Conferences%20and%20Events/CanadasandEuropesNorthernDimen/-/media/cci/Documents/PagesfromCanadasandEuropesNorthernDimensionsHealth.pdf>

exploração destes recursos. Além disso, um factor adicional na redefinição das áreas marítimas desta zona são os bio-recursos.

## Russian oil and gas fields in the Arctic

Oil and gas fields containing immense reserves have been found in the Russian section of the Arctic sea-shelf

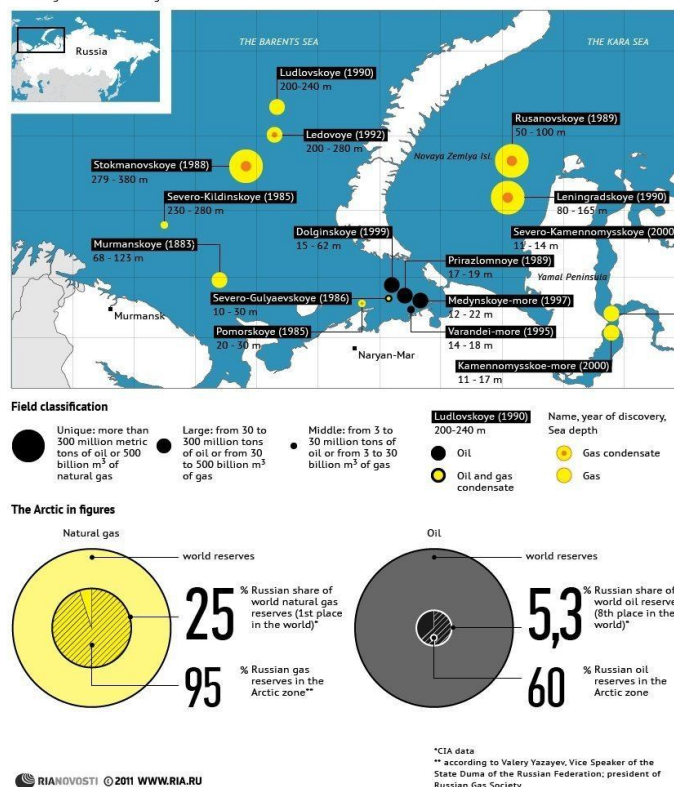


Figura 32. Campos de gás e de petróleo russos no Ártico

(<http://en.ria.ru/images/16737/14/167371473.jpg>)

No entanto, aqui existem os factores de limitação. O Ártico, claramente, é um tesouro, mas para tirar proveito de seu conteúdo, é preciso uma quantidade enorme de investimento e de novas tecnologias. Nenhum país (para não mencionar a empresa) vai conseguir, neste momento, realizar aqui um verdadeiro projecto a grande escala. Isto significa que, sem a cooperação internacional, aproveitar este tesouro será impossível durante muito tempo. O desenvolvimento do sector da Rússia, de acordo com vários especialistas, pode custar até um mil milhões de dólares.

A colocação de dutos de óleo e de gás no Ártico é 2-3 vezes mais caro do que em condições normais. Após o acidente na plataforma no Mar do Norte em Março de 2012, a empresa francesa *Total* abandonou a perfuração *offshore* de petróleo e incentivou os concorrentes a seguir o exemplo. A eliminação das consequências do acidente custou à empresa 10 mil milhões de dólares.

Os gigantes como *Royal Dutch*, *Shell* e *BP* já anunciaram o desespero de extrair os recursos de Ártico nas condições climáticas actuais. Ou seja, o desenvolvimento global do Ártico nesta altura é muito caro e não é prático.

No entanto, é preciso estar pronto para tudo. Em relação ao Ártico, muitos Estados desenvolveram as suas próprias estratégias, tomando uma série de documentos – de doutrinas até os planos de acção, que algumas Estados chamam “Road Maps”. Barack Obama, em 10 de Maio de 2013, aprovou a Estratégia Nacional para a região do Ártico, na qual estão formuladas as ligações entre os acontecimentos no Ártico e a estabilidade dos interesses nacionais dos Estados Unidos.

Aqui já é visto um desafio para a Rússia. Será que vamos ver a contenção estratégica na região do Ártico?

Se o Ártico for dominado pelos Estados Unidos e pela NATO, através da implantação de um sistema de defesa antimísseis, eles serão capazes de neutralizar a grande parte das forças nucleares estratégicas da Rússia, especialmente a sua componente marítima, o que fará com que um ataque militar ao flanco norte seja muito rápido e eficaz. Mais de 50% das ogivas de armas ofensivas estratégicas da Rússia situam-se nos submarinos. Só à luz disto, a importância militar e política do Ártico ganha uma enorme importância estratégica.

Em geral, a Marinha começa a desempenhar o factor primário no âmbito das Forças Armadas russa. E não é por acaso, pois o Oceano mundial ocupa cerca de três quartos da superfície do planeta, enquanto que a Marinha é necessária para proteger qualquer tipo de cargas e transporte de civis, bem como garantir a segurança e os interesses nacionais da Rússia nestes espaços.

É preciso notar que a implementação da estratégia de desenvolvimento da Marinha russa já começou. E entre os melhores exemplos disso é assinatura pelo Presidente russo da "Estratégia de desenvolvimento da zona do Ártico da Federação Russa e a garantia de segurança nacional no período até 2020"<sup>72</sup>, o documento que estabelece de forma clara os interesses específicos russos a defender na futura "divisão" do Ártico. Os seis

---

<sup>72</sup> *Estratégia de desenvolvimento da zona do Ártico da Federação Russa e a garantia de segurança nacional no período até 2020. Documento original completo. Consultado em 27 de Maio de 2014.*  
[http://sustainabledevelopment.ru/upload/File/2013/Arctic\\_2020.pdf](http://sustainabledevelopment.ru/upload/File/2013/Arctic_2020.pdf)



quebra-gelos nucleares<sup>73</sup> (quatro oceânicos e dois costeiros) são destinados para garantir a navegação na Passagem do Nordeste para os fins comerciais e militares, enquanto os submarinos continuarão a desempenhar o papel principal, em primeiro lugar, no âmbito das forças nucleares estratégicas.

A Rússia moderna aposta fortemente nas Forças Armadas como o único instrumento em condições, quando o país não têm os aliados fiéis (o que é já uma “tradição”, pois a Rússia nunca na sua história tinha estes). Como costumava dizer o Czar Alexandre III: “*A Rússia tem só dois aliados: o Exército e a Marinha*”<sup>74</sup>. Tendo em conta o desenvolvimento tecnológico, podemos acrescentar a esta lista as Forças Aéreas e a Força de Defesa Aeroespacial Russa (existente na Rússia desde 2011)<sup>75</sup>.

A estratégia de contenção da Rússia é bem conhecida na Guerra Fria, quando os Estados Unidos criaram o chamado “anel de anaconda” em torno da União Soviética, colocando no perímetro das fronteiras soviéticas as suas bases militares. O confronto americano-soviético mostrou também que a direcção do Ártico é a forma mais curta de “entrega” de ogivas de Rússia para os Estados Unidos e vice-versa, o que é uma prioridade para a defesa antimíssil ou para um confronto militar.

Além disso, é importante notar que no Ártico passa e a fronteira entre Finlândia e Rússia. A Finlândia, que durante décadas tinha *status* neutral, nos últimos tempos, devido aos acontecimentos na Ucrânia declara (juntamente com a Suécia) a possibilidade de realizar um referendo sobre a adesão à NATO. O único factor limitante da Finlândia de aderir à NATO, na verdade, é a opinião pública deste país, que os mídias ocidentais tentam alterar para alcançar o objectivo apropriado.

Não é por acaso, que à luz de todos esses eventos, na Rússia foi criado o agrupamento das Forças Armadas russas no Ártico e já foram realizadas manobras com o desembarque de tropas nas condições críticas de temperaturas baixas. Além disso, a Rússia reactivou os voos de patrulha de bombardeiros atómicos, suspensos no início dos anos 90 do século passado.

---

<sup>73</sup> Staalesen, Atle. (7 de Julho de 2011). Russia orders six new icebreakers. Barents Observer. Consultado em 2 de Fevereiro de 2014. <http://barentsobserver.com/en/russia/russia-orders-six-new-icebreakers>

<sup>74</sup> Cohen, Ariel. (25 de Julho de 2013). Russia's Military on the March in Asia. The National Interest. Consultado em 29 de Abril de 2014. <http://nationalinterest.org/commentary/russias-military-the-march-asia-8772>

<sup>75</sup> Fomichev, Michail. (1 de Dezembro de 2011). Aerospace Defense Forces go on duty to stave off missile threats. RiaNovosti. Consultado em 21 de Junho de 2014. [http://en.ria.ru/military\\_news/20111201/169208932.html](http://en.ria.ru/military_news/20111201/169208932.html)

### 6.3.3. Flanco Este (Círculo do Pacífico)

As fronteiras orientais da Rússia passam pelas águas dos mares do Oceano Pacífico: de Bering, de Okhotsk e de Japão. Os vizinhos marítimos mais próximos da Rússia aqui são o Japão e os Estados Unidos. Todos os mares do Extremo Oriente, que lavam as costas da Rússia, congelam parcialmente.

Este flanco é muito importante, porque a mudança parcial de vector da política externa russa para o leste é destinada principalmente a fortalecer a posição geopolítica do país no Pacífico. Isso não significa que a Rússia vira as costas à Europa ou à Ásia Central. É importante entender que a Rússia é um país euroasiático que tem uma posição geográfica que permite à ela alterar ou reorientar sua política externa. Esta é uma daquelas vantagens - mobilidade e flexibilidade, sobre qual falou sir Halford Mackinder.

Nos últimos anos, a região Ásia-Pacífico tornou-se numa forte importância mundial, que consome uma enorme quantidade de recursos energéticos e naturais e, ao mesmo tempo, é uma encruzilhada de interesses geopolíticos de muitos países do mundo, o que esconde os conflitos potenciais. Além disso, ao longo das últimas décadas, ela transformou-se numa das regiões mais desenvolvidas do mundo, e, em geral, mantinha a estabilidade relativamente elevada mesmo durante a crise financeira global actual, que começou em 2007-2008. Assim, isso confirma as previsões dos especialistas de que esta parte do mundo se transforma numa locomotiva do desenvolvimento mundial, ou seja, que houve uma mudança do centro de poder económico global para a região.

Portanto, às fronteiras orientais da Rússia deslocou-se o centro da actividade económica mundial. E, usando a crescente demanda da Ásia, antes de tudo, em recursos, a Rússia pode desenvolver as regiões “subdesenvolvidos” de Sibéria do Extremo Oriente. De acordo com sir Halford Mackinder, é a infra-estrutura bem desenvolvida que vai permitir ao país que controla *Heartland* tornar-se no poder global.

Nas áreas militar, económica e política, a Rússia não desempenha papel activo na região. Após o colapso da União Soviética, as posições fortes nesta zona foram cedidas. Após a perda de base militar de Cam Ranh, a posição político-militar da Rússia na região entre o Vladivostoque e a Cingapura enfraqueceu bastante.

Agora, após o anúncio do Presidente Obama sobre a alteração de zona estratégica para os interesses dos Estados Unidos do Médio Oriente para o Oceano Pacífico, a Rússia também reforça a sua posição geopolítica no nordeste da Ásia. É neste contexto que a Rússia moderniza e aumenta a sua Marinha do Pacífico e realiza exercícios navais conjuntos com a China.

Além disso, os grandes compradores de armas russas são precisamente países da região da Ásia-Pacífico.

É necessário referir também, que a Rússia detém enormes reservas mundiais de gás, o valor quantitativo das quais será suficiente para o mundo, tendo em conta o consumo actual, pelo menos até século XX. Na perspectiva de longo prazo, o gás natural, como a fonte de energia, irá substituir o petróleo. E para a Rússia este desenvolvimento da situação é uma oportunidade histórica de usar gás como alavanca para reforçar a sua influência geopolítica não só na Europa, mas também na Ásia e no Pacífico.

A ascensão da economia chinesa levou à uma enorme demanda pela importação do petróleo, do gás e dos minerais. A China e o Japão, hoje, são os dois maiores consumidores de energia do mundo.

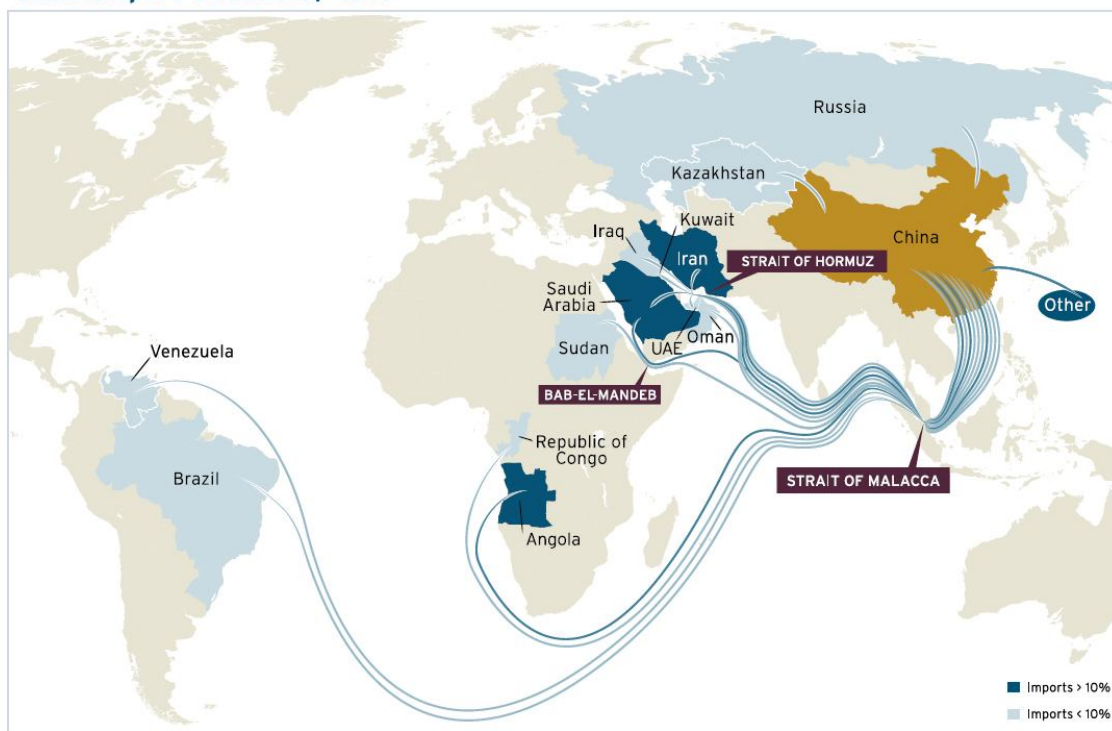
A importância da Rússia na região como o fornecedor de energia aumenta. Este aumento pode ser ainda maior no caso de cancelamento do fornecimento dos recursos energéticos do Golfo Pérsico ou da Ásia Central, por exemplo, em caso de um conflito militar, ou no caso do bloqueio de um ou mais estreitos estrategicamente importantes.

Estabelecendo-se na Ásia Central, os EUA e o Reino Unido não é por acaso que tentam assumir o controle directo do Estreito de Malaca, que juntamente com estreitos de Taiwan, de Ormuz e de Bab-el-Mandeb, têm importância geoestratégica, antes de tudo, para o Pequim. Através do Estreito de Malaca, que liga o Oceano Pacífico ao Índico, a China recebe cerca de 80% do seu petróleo<sup>76</sup> (Figura 33).

---

<sup>76</sup> Pineda, Guillermo. The Importance of the Straits of Malacca. Consultado em 22 de Julho de 2014.  
[http://www.academia.edu/1931497/The\\_Strait\\_of\\_Malacca\\_as\\_one\\_of\\_the\\_most\\_important\\_geopolitical\\_regions\\_for\\_the\\_Peoples\\_Republic\\_of\\_China](http://www.academia.edu/1931497/The_Strait_of_Malacca_as_one_of_the_most_important_geopolitical_regions_for_the_Peoples_Republic_of_China)

### China Import Countries, 2011



Country	Saudi Arabia	Angola	Iran	Russia	Oman	Iraq	Sudan	Venezuela	Kazakhstan	Kuwait	UAE	Brazil	Republic of Congo	Other
Percentage of Imports	19.8	12.3	10.9	7.8	7.2	5.4	5.1	4.5	4.4	3.8	2.7	2.6	2.2	11.3
Thousand Barrels	366,825	227,395	202,575	144,175	132,495	100,740	94,900	83,950	81,760	69,715	49,275	48,910	41,245	208,780

Created by Marcia Underwood of the Brookings Institution with data compiled from the U.S. Energy Information Agency's China Country Report 2012. <http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=CH>.

Figura 33. A importância dos estreitos para a segurança energética chinesa

(<http://www.zerohedge.com/sites/default/files/images/user5/imageroot/2014/04/energy%20china%20import%20countries%202011.jpg>)

Está claro que o Extremo Oriente da Rússia nestas condições pode executar a função de trânsito. No entanto, isso complica-se pelo facto de que a estrutura logística de exportações e importações do Japão, da China e da Coreia do Sul já está construída, e utiliza os próprios corredores de trânsito para exportação e importação, por isso, estes países vêem a ideia de construção de novos corredores de trânsito no Extremo Oriente pelo menos de forma cética.

Nesta flanco, a Rússia faz fronteira com a Coreia do Norte, no entanto, esta fronteira limita-se à 19 km, e é a mais curta de todas as fronteiras da Federação Russa. Há de referir que nesta zona, perto da fronteira de Coreia do Norte com Rússia situa-se a Frota do Pacífico russa, com o centro em Vladivostoque.

Como parceiro comercial, a Coreia do Norte não desempenha papel importante para a Rússia, o volume das relações comerciais dos dois países em 2012 foi de apenas

80 milhões de dólares. No entanto, devido ao fornecimento de armas militares por parte da Rússia, a Coreia do Norte ficou com uma dívida de 8,8 mil milhões de dólares. As negociações sobre as condições de devolução desta dívida ou o seu eventual cancelamento parcial ou total, abre para a Rússia caminhos e métodos de influenciar o programa nuclear de Pyongyang. O gasoduto trans-coreano planeado (comprimento de 1,100 km, dos quais 700 km passa pelo território da Coreia do Norte) visa fornecer à Coreia do Sul cerca de 10 milhões de metros cúbicos de gás por ano, enquanto a Coreia do Norte ganhará 100 milhões de dólares americanos por ano em taxas de trânsito.

A “sobrevivência” actual da Coreia do Norte na arena política global deve-se principalmente ao total apoio da China e isso pode ser mais um incentivo para Coreia do Norte de expandir a cooperação económica com a Rússia, enfim de reduzir a sua dependência só de um país.

Hoje, os parceiros geopolíticos da Rússia são os países que procuram construir um mundo multipolar. E a Índia é um desses países.

A Índia está activamente a modernizar as suas Forças Armadas. A este respeito, a Rússia como um dos grandes exportadores de armas, é um dos principais fornecedores de diferentes tipos de armamento militar para este país asiático. A doutrina defensiva da Índia prevê um aumento substancial de sua presença militar no Mar da Arábia. A exploração deste teatro mundial de operações militares requer uma Marinha forte e os especialistas russos estão activamente envolvidos neste processo. A contemporânea Marinha indiana (bem como todas as Forças Armadas) foi em grande parte completada com os equipamentos e veículos russos, principalmente navios anti-submarinos, mísseis submarinos, usinas de energia nuclear, submarinos diesel-eléctricos, etc.

A Rússia também é um dos principais fornecedores dos produtos metalúrgicos e diferente tipos de matérias primas.

Além disso, a Índia é o membro dos países BRICS, bem como observador na Organização de Cooperação de Shanghai (OCS).

Ao longo da última década, a economia indiana duplicou e, de acordo com os planos do Governo indiano, irá duplicar novamente em menos de uma década.

A necessidade de cooperação entre a Rússia e a Índia a nível regional é determinado pelo facto destes dois países pertencerem a um único espaço geopolítico. Ambos os países consideram como prioridade de política externa as suas relações com

os países vizinhos. Isso significa que a área entre as fronteiras da Rússia e da Índia é abrangida pelo domínio de seus interesses mútuos, e esses interesses coincidem: a cooperação com os países da Ásia Central, em oposição à actividade de países islâmicos; o fim da guerra no Afeganistão e a normalização da situação na fronteira entre o Afeganistão e o Tajiquistão, a fim de tornar mais seguras as suas próprias fronteiras; a resolução do conflito indo-paquistanês em Caxemira por meios políticos; a luta contra o terrorismo e o tráfico de drogas na região; as relações de vizinhança com a China.

Em suma, deve-se referir que a Índia não pode deixar de ser uma das prioridades da política externa russa. Ao rejeitá-la, assim, Rússia perde um essencial aliado na Ásia Meridional (um dos poucos na área de *Rimland*).

Os factores geopolíticos e económicos determinam a política da Rússia também em relação à Coreia do Sul, onde Moscovo tenta deliberadamente aumentar a sua influência. O projecto de gasodutos em direcção à Coreia do Sul através da Coreia do Norte persegue vários objectivos ao mesmo tempo: o transporte barato de gás russo para a Coreia do Sul, a redução do risco de escalada militar em ambas as Coreias e a adesão da Península Coreana ao sistema das ferrovias russas.

Depois da China e do Japão, a Coreia do Sul ocupa o terceiro lugar na região em termos de importância comercial para a Rússia. O volume total de comércio é avaliado em cerca de 11 mil milhões de dólares (dados de 2010).

Outro país da região - China, é sem dúvida o principal parceiro estratégico, político e económico, que veja a cooperação com a Rússia como contrapeso à hegemonia dos Estados Unidos e do dólar americano como uma das principais moedas de reserva mundial. O dólar é o activo mais importante dos Estados Unidos, o que lhes permite dominar o mundo, e qualquer acção de transferência dos pagamentos em moedas nacionais enfraquece o dólar, especialmente quando se trata de grandes países como a China e a Rússia. Não admira, que na luta contra o mundo unipolar, a Rússia e a China estejam gradualmente a abandonar o dólar em pagamentos bilaterais e chamem todos os países a seguir o seu exemplo. Se isso acontecer, o dólar, como moeda de reserva, mais cedo ou mais tarde, chegará ao fim.



A recusa de usar em vendas bilaterais de dólar (neste momento 75% de vendas e trocas são realizadas em dólares<sup>77</sup>, o volume total de trocas comerciais já ultrapassou 100 mil milhões de dólares) é um dos projectos mais marcantes do presente tempo e talvez do mundo, o que pode significamente alterar todo o sistema mundial, controlado pelos EUA com base, principalmente, na venda e compra internacional de petróleo em moeda americana (o chamado sistema de *Petrodollar*).

O facto interessante é que a Rússia começa intensivamente comprar o ouro e já, em termos de reservas deste metal precioso, ultrapassou a China, embora que as reservas reais chinesas sejam desconhecidas. Mas, alguns factos indicam que a China também mantém tendência a aumentar as suas reservas de ouro.

A solução de disputas territoriais era um facto importante para fortalecer as relações sino-russas. A cooperação no âmbito dos BRICS e da OCS é uma prioridade, porque, na verdade, são organizações únicas, que promovem o princípio de um mundo multipolar. A segunda estrutura também é chamada para garantir o controle geopolítico conjunto da Rússia e da China na Ásia Central, onde ambos os países têm os seus próprios interesses.

A China desempenha um papel político e económico fundamental para a Rússia na região. Com o volume de negócios avaliado em 2011 em 80 mil milhões de dólares por ano, a China é o principal parceiro económico da Rússia. A maior parte do comércio da Rússia com a China é baseada na venda e compra dos recursos energéticos, bem como nos negócios de fornecimento de armamento militar. Por razões de segurança nacional, a China cada vez mais prefere exercer o fornecimento de energia para o país através dos dutos terrestres. As rotas marítimas, que fornecem à China petróleo e gás do Golfo Pérsico e da África, são consideradas potencialmente vulneráveis em caso de um conflito militar ou destabilização em uma ou mais regiões estrategicamente importantes.

É por isso, que em 21 de Maio de 2014, "Gazprom" e CNPC assinaram um contrato de fornecimento de gás da Rússia para a China. O negócio de cerca 400 mil milhões dólares americanos conclui-se em 30 anos<sup>78</sup>. Cada ano, a Rússia vai fornecer à

---

<sup>77</sup> Mckillop, Andrew. Guest Post: The Coming Collapse Of The Petrodollar System. Consultado em 2 de Fevereiro de 2014. <http://www.zerohedge.com/news/2013-05-20/guest-post-coming-collapse-petrodollar-system>

<sup>78</sup> Alexey Miller: Russia and China signed the biggest contract in the entire history of Gazprom. Site oficial do Gazprom. Consultado em 2 de Setembro de 2014. <http://www.gazprom.com/press/news/2014/may/article191451/>

China cerca de 38 mil milhões de metros cúbicos de gás. Este contracto de gás é o maior na história da Rússia moderna. De acordo com o líder russo Vladimir Putin, nos próximos quatro anos esta será também a maior construção do mundo.

No entanto, se olhamos de outro lado, o Pequim também apresenta uma ameaça para o Moscovo.

Durante o período de reformas, o complexo militar-industrial chinês alcançou um novo nível qualitativo de desenvolvimento. Ele é capaz de produzir uma quantidade significativa de equipamento militar, chegando ao primeiro lugar no mundo em termos da produção de equipamentos e armas de todas as classes.

A falta de recursos e terras aráveis, situação ambiental desastrosa, o desemprego, o envelhecimento da população, "escassez de noivas", tudo isso é amarrado num nó, que é extremamente difícil de desembaraçar. A situação é tal, que a solução para um problema agrava um ou mais. O rápido crescimento económico da China decide alguns problemas, mas cria outros. O mesmo se aplica à política de "uma família - uma criança". O processo de resolução de todos estes problemas só pode passar pela concretização de profundas reformas (o que é pouco provável, tendo em conta que isto exige enorme investimento e pode afectar directamente o sistema económico e político do país) ou pela expansão externa. O progresso da China na economia é uma ameaça para a Rússia na forma de constante "chinaização" gradual das regiões da Sibéria e do Extremo Oriente russos pouco povoados. Isso tem toda a lógica se lembramos que a diferença entre o potencial demográfico dos dois países é enorme (na Rússia vivem cerca de 143 milhões de pessoas, na China – quase 1,38 mil milhões. Dados de Julho de 2013 das Nações Unidas). Por outro lado, a modernização da economia e da infraestrutura do Extremo Oriente russo dificilmente será realizada sem o investimento chinês.

A criação das fábricas e das empresas chinesas na Rússia exige (como a condição obrigatória) o uso de mão-de-obra chinesa, ou seja, a China está a implementar o "Plano Marshall", mas à sua maneira, à maneira chinesa.

O Pequim, também, faz tentativas de penetração política, económica e comercial na região da Ásia Central. Neste sentido, destaca-se a iniciativa da China para criar as infraestruturas e reanimar o Caminho de Seda, bem como criar um novo Caminho de seda – marítimo, o chamado "New Maritime Silk Road". Se as acções da China são

lógicas, uma vez que estão relacionados com o fornecimento de recursos energéticos provenientes da região do Cáspio e da criação de infra-estrutura adequada na Ásia, o que corresponde aos interesses comerciais e económicos do país, o papel dos Estados Unidos, no mínimo, não se encaixa nessa região e as acções americanas são vistas como hostis tanto por parte da Rússia, como por parte da China. Pelos vistos, o Washington oficial realiza “The Great Game” na nova versão, tentando obter dividendos através de criação de diferenças artificiais entre os Estados da região e o aumento da sua influência nesta parte do globo.

No entanto, do ponto de vista geopolítico, a Rússia e a China têm mais interesses comuns do que divergências: a criação da ordem mundial multipolar (contra a dominação hegemónica dos EUA), a estabilidade política na Ásia Central (contra o separatismo islâmico e o terrorismo), a estabilidade na Península Coreana (controle das armas nucleares da Coreia do Norte e a resolução do problema de duas Coreias). A aliança russo-chinesa na Organização de Cooperação de Xangai desempenha um papel-chave nos esforços da Rússia e da China para conter os Estados Unidos na Ásia Central.

Em 2006, os Estados Unidos iniciaram a criação da Parceria Trans-Pacífica, que hoje reúne os seguintes países: Chile, Nova Zelândia, Singapura, Austrália, Malásia, Peru, Japão e Vietname. O objectivo declarado desta parceria é a redução, até à completa abolição, de tarifas de comércio entre os países participantes, bem como o cancelamento de barreiras na troca de propriedade intelectual, contractos públicos e livre concorrência. É uma espécie de OMC do Pacífico. A inclusão nesta parceria do Japão deu a esta organização muito peso, enquanto o desejo de entrar nesta organização da Coreia do Sul, de Taiwan e das Filipinas, cria uma condição bastante difícil para a China de estabelecer “yuan de ouro”.

A prioridade da China é a hegemonia no mar, pois grande parte do comércio e o fornecimento dos recursos energéticos, como já foi referido, faz-se precisamente por mar. Em primeiro lugar, os interesses chineses estão relacionados com o Mar da China do Sul, onde a Rússia em breve terá a sua base militar completa (no Vietname) ou pelo menos, à semelhança da base em Tartus na Síria, a instalação naval de fornecimento material e técnico para a Marinha Russa. Os depósitos de hidrocarbonetos e o tráfego poderoso marítimo, avaliado em centenas de mil milhões de dólares, já transformou este mar no que James Holmes, o Professor Associado Naval de War College dos EUA,

chamou *Heart Sea* (“Mar Central”), da mesma maneira como sir Halford Mackinder deu à uma parte da Eurásia o nome de *Heartland* (“Terra Central”).

Em Junho de 2012, o ex-primeiro-ministro chinês Wen Jiabao, voltando da América do Sul, depois de uma série de encontros a mais alto nível, realizou uma paragem não planeada nos Açores<sup>79</sup> (Figura 34). O seu avião aterrou directamente na base americana na ilha Terceira, alugada aos EUA pela Portugal. A base está na lista do Pentágono das bases que supostamente serão fechadas. Devido a esse acontecimento, *National Review* americano publicou imediatamente um artigo crítico (do autor Gordon Chan), que se refere às tentativas da China de penetrar o coração da NATO, se considerarmos este bloco através do controle estratégico sobre o Atlântico de Sul, onde os Açores têm localização central. Se a China vai controlar essa base, escreve o autor do artigo, as suas aeronaves irão patrulhar as zonas norte e centro do Atlântico, e, assim, o que pode dar a possibilidade de cortar o tráfego aéreo e marítimo entre os Estados Unidos e a Europa. O Pequim também será capaz de bloquear o Mar Mediterrâneo, e até mesmo ameaçar os Estados Unidos, uma vez que esta base está situada a menos de 2.300 milhas de Nova Iorque, que é menos do que a distância entre Pearl Harbor e Los Angeles.



Figura 34. A posição estratégica dos Açores na mapa mundial

(<http://www.santarosa.com.pt/images/maps/acores.jpg>)

<sup>79</sup> Seidler, Felix. (8 de Fevereiro de 2013) Will China's Navy Soon Be Operating in the Atlantic? CIMSEC. Consultado em 3 de Junho de 2014. <http://cimsec.org/will-chinas-navy-soon-be-operating-in-the-atlantic/4290>

Mas, evidentemente que, para isso, a China necessita de adequada tecnologia – os bombardeiros estratégicos, os submarinos, os barcos de patrulha, etc., o que o país actualmente não dispõe em totalidade. Mas as coisas podem-se desenvolver no outro sentido. Por exemplo, nos Açores pode ser criada uma estação de pesquisa científica chinesa. Assim fazem, durante muito tempo, os britânicos e os franceses, para não mencionar os norte-americanos, que é um óptimo exemplo de controle dos territórios que estão fora da “metrópole”, justificado com a necessidade de desenvolver a ciência. Na verdade, a base nos Açores é perfeita para a espionagem electrónica e a interceptação de sinais de rádio. E tendo em vista as constantes acusações da China pelos Estados Unidos em espionagem cibernética e de outro tipo, esta possibilidade é uma causa de preocupação das autoridades americanas. Além disso, a ilha tem um certo interesse para o programa espacial.

Se tocar o tema de extrusão da NATO, o extremo interesse representa a Islândia, onde a China investe pacientemente nos portos e outras infra-estruturas, à espera quando a Passagem do Norte estará livre para navegação. Quanto a dominação no Atlântico Sul, para estes fins pode ser usada a África, onde a China estabeleceu a cooperação em vários sectores com uma série de países. Na costa oeste, especialmente na Quênia e na Nigéria, sente-se uma forte presença chinesa.

Assim, em situação favorável, Pequim será capaz de assumir o controle da euroatlântica, colocando as suas bases na Islândia, nos Açores, e em África.

Neste sub-capítulo é necessário referir um outro *player* importante da região – o Japão. Em qualquer “relacionamento” entre a Rússia e o Japão, inevitavelmente, levanta-se a dolorosa questão sobre as Ilhas Kurilas. O controle sobre essa região serviria tanto para Washington e Tóquio, mas não para a Rússia. Perdendo o estreito não congelado entre Kunashir e Iturup, a Frota do Pacífico russa pode ser presa no Mar de Okhotsk. Além disso, estamos a falar não apenas sobre as ilhas, mas também sobre a zona marítima de 200 milhas, rica em bio-recursos e recursos energéticos, e os japoneses e os norte-americanos estão bem conscientes disso. O Governo japonês, tendo em vista a escassez catastrófica de espaço vital, continua a procurar o apoio dos Estados Unidos para resolver a disputa territorial, que corresponde aos interesses dos americanos. Em geral, as reivindicações territoriais tornaram-se numa parte constante da política japonesa.

No entanto, há uma perspectiva real da intensa cooperação bilateral entre a Rússia e o Japão. A terceira maior nação industrial quase totalmente dependente de fontes de energia, especialmente de petróleo, 87% de qual é importado pelos petroleiros da região do Golfo Pérsico (Figura 35). Um terço da produção de eletricidade no Japão fornecem as fábricas nucleares, no entanto, após a catástrofe em 2011 (o sismo e tsunami de Sendai de 2011 e a explosão ocorrida na Central Nuclear de Fukushima) e a consequente libertação de materiais nucleares para o meio ambiente, a sociedade japonesa começou a olhar para a energia nuclear com extrema crítica. Isso pode, no futuro próximo, alterar completamente a visão de segurança energética japonesa.

### Middle East Share of Japan's Crude Oil Imports (2011)

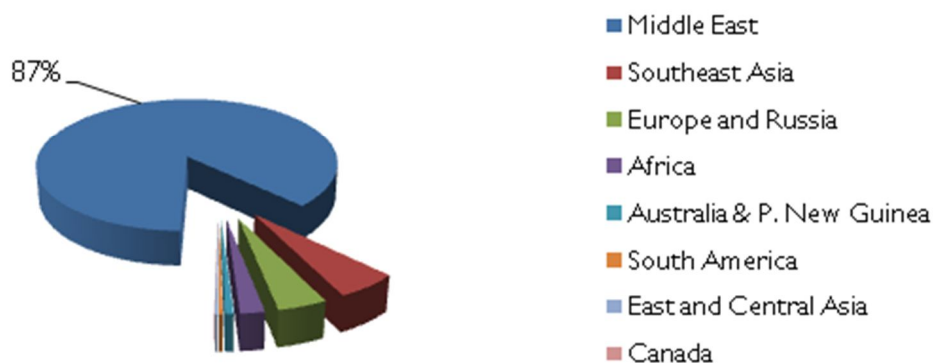


Figura 35. Dependência japonesa do petróleo de Médio Oriente

(<https://lh3.googleusercontent.com/-aNHwoILvdqw/T9lSr4v60LI/AAAAAAAAAClc/v6vG47IYE60/s650/MiddleEastShareJapanCrudeImports.png>)

Como consequência: o aumento do consumo de petróleo e do gás natural liquefeito. Esta, por sua vez, é uma oportunidade conveniente para a Rússia ainda mais aumentar o seu poder energético no nordeste da Ásia. O projecto do gasoduto russo Sakhalin II, além de Gazprom e empresas europeias *Royal Dutch* e *Shell*, envolve empresas japonesas *Mitsui* e *Mitsubishi*, com uma participação total de investimento de 22,5%. A maior parte de gás liquefeito do projecto Sakhalin II<sup>80</sup> será dirigido para o Japão.

<sup>80</sup> Bradshaw, Michael. *The Kremlin, National Champions and the International Oil Companies: The Political Economy of the Russian Oil and Gas Industry*. Consultado em 2 de Maio de 2014. <https://www2.le.ac.uk/departments/geography/documents/folder/Geopolitics%20of%20Energy%20-%20MJB%20article-May%202009.pdf>



Ao mesmo tempo, o Japão considera a Rússia, como os Estados Unidos, como o aliado mais importante para conter o poder crescente da China.

#### 6.3.4. Flanco Sul (Cáucaso e Ásia Central)

Os Estados Unidos, após o desmembramento da URSS, declararam a zona de Mar Cáspio como a "zona de seus interesses estratégicos", onde eles devem excluir a influência da Rússia e do Irão da região. O Irão é uma possível saída para a Rússia para os mares quentes. O Irão, que ocupa uma posição estratégica em relação ao Paquistão é um elo importante do "cordão sanitário", e, é um país crucial para a presença dos Estados Unidos no Afeganistão. Este país é capaz de “neutralizar” outros países do Médio Oriente que estão sob o controle da NATO: antes de tudo a Arábia Saudita, a Turquia, o Israel.

Quase despercebida ficou a política da NATO após o bombardeio da Sérvia em 1999, depois do qual a organização criou uma extraordinária rede de novas bases militares, que dificilmente podem ser consideradas defensivas.

Em Junho de 1999, após os ataques contra a Jugoslávia, as forças armadas americanas começaram a construção da base "Bondsteel" na fronteira do Kosovo e da Macedónia. Este foi o ponto de partida da construção de uma nova rede global de bases americanas. "Bondsteel" permitiu à Força Aérea americana superar a encurtada distância para o Oriente Médio e para o Mar Cáspio, bem como para própria Rússia, que também se tornou mais próxima<sup>81</sup>.

Os EUA construíram as suas bases e no Afeganistão. Durante a fase mais “quente” da ocupação do Afeganistão, no Inverno de 2001, foram construídas três bases principais. O Afeganistão, historicamente, é um centro de Grande Jogo russo-britânico, lugar da batalha pelo controle da Ásia Central nos séculos XIX e XX. A estratégia britânica sempre foi o de evitar a qualquer custo presença da Rússia no Afeganistão, com o objectivo de não lhe dar oportunidade de construir os portos marítimos em mares quentes, o que ameaçava o controle britânico sobre a Índia.

Hoje, os estrategistas do Pentágono também atribuem importância estratégica ao Afeganistão. É uma plataforma a partir da qual as Forças Armadas dos EUA são capazes de afectar directamente tanto a China e Rússia, como o Irão e outros países

---

<sup>81</sup> Boardman, Terry. (8 de Maio de 2012). *The 'Independence' of Kosovo, and Camp Bondsteel*. Consultado em 19 de Abril de 2014. <http://threeman.org/?p=387>

produtores e fornecedores de petróleo do Médio Oriente. Pouco mudou a este respeito depois de um século de guerras.

É necessário notar que à luz da retirada das tropas da NATO do Afeganistão e a actual situação tensa entre o Ocidente e a Rússia, esta zona do globo pode tornar-se ainda mais problemática. Como retirar todo equipamento do país da NATO (a operação que estimadamente vai custar 6-7 mil milhões de dólares), que não têm saída para o mar, nem a infra-estrutura apropriada? Existem três caminhos, que são representados na Figura 36. Está evidente, que o território da Rússia é o território de melhor trânsito e, mais importante, é definitivamente o caminho mais seguro e mais barato. Mas tendo em conta as sanções introduzidas, a Rússia pode responder às mesmas bloqueando este caminho da NATO em direcção à região do Báltico.

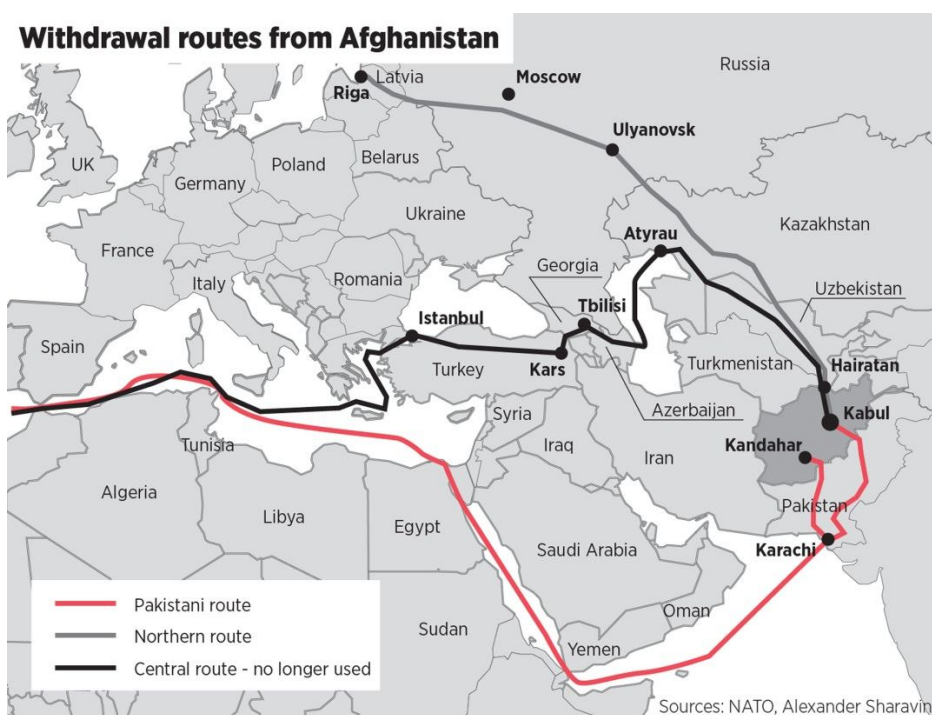


Figura 36. Rotas da possível retirada das tropas da NATO do Afeganistão

([http://www.sldinfo.com/wp-content/uploads/2014/04/afgan2-01\\_0.jpg](http://www.sldinfo.com/wp-content/uploads/2014/04/afgan2-01_0.jpg))

O Afeganistão é local extremamente importante em que convergem o sul da Ásia, a Ásia Central e o Médio Oriente. Também no Afeganistão passará a rota do futuro gasoduto a partir dos campos de petróleo do Mar Cáspio para o Oceano Índico. A empresa petrolífera americana "Unocal" negociava com a empresa de Dick Cheney "Halliburton" e "Enron" os direitos exclusivos de fornecer o gás natural do

Turquemenistão através do Afeganistão e do Paquistão, para enorme fábrica de electricidade indiana em Dabhol, perto de Mumbai<sup>82</sup>.

Em geral, um dos principais objectivos da divisão do mundo de hoje é o controle sobre os recursos naturais e rotas marítimas geoestratégicas. Neste âmbito, o papel fundamental dos adversários geopolíticos da Rússia é “empurrar” esta do Nordeste da Eurasia, de uma das principais zonas que dá acesso ao centro de recursos mundiais – região dos mares Mediterrâneo - Negro - Cáspio. Esta zona faz parte do limite norte do elipse mundial dos territórios, ricos em hidrocarbonetos, que integra a Península Arábica, o Iraque, o Golfo Pérsico, o Irão, o Cáucaso, e que termina em Afeganistão.

A curva do sul, a partir do Mar Mediterrâneo e os estreitos, é projectada para ligar as posições anglo-saxónicas na Turquia, através do Golfo Pérsico, com o Paquistão e que se termina, novamente, no Afeganistão. A situação no Afeganistão está parcialmente fora de controle, o Iraque era um obstáculo e este foi destruído. Por isso, logo virá a vez do Irão. Os primeiros indicativos de crise aparecem já no Iémene, onde recentemente no conflito entre rebeldes xiítas e forças policiais morreram dezenas de pessoas<sup>83</sup>.

É necessário notar que a fronteira norte desta região elíptica é adjacente à Ucrânia, Moldova, Cáucaso e Transcaucásia. Isso explica a estratégia de incluir na órbita atlantista os territórios desde o Mar Báltico até o Mar Negro, a crítica da Bielorrússia (para ser mais preciso, a crítica do Presidente bielorusso como o último ditador da Europa) que é a última peça do puzzle, a luta final pela expulsão (pelos vistos mal sucedida) da Rússia da Criméia, atribuição ao movimento criminoso checheno de *status* de libertação nacional, e, finalmente, a inclusão da Geórgia na órbita norte-americana.

A nova adaptação americana, com base nas idéias de sir Halford Mackinder, tende à norte da antiga linha de contenção. Esta aspiração pode ser vista no apoio dos Estados Unidos dos grupos regionais como GUAM (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldova)<sup>84</sup>. Este foi criado em paralelo com a implementação do programa da NATO "Parceria para

---

<sup>82</sup> Neville, Harry. Bush's Homeland Security Pipeline. Consultado em 28 de Fevereiro de 2014  
<http://archive democrats.com/view.cfm?id=6458>

<sup>83</sup> (Sem autor, 18 de Setembro de 2014) Shia rebels in Yemen besiege university run by Sunni radicals. Consultado em 22 de Setembro de 2014. <http://www.theguardian.com/world/2014/sep/18/yemen-shiite-sunni-rebels-university-houthi>

<sup>84</sup> Chossudovsky, Michel. (22 de Agosto de 2008). The Eurasian Corridor: Pipeline Geopolitics and the New Cold War. Global Research. Consultado em 28 de Janeiro de 2014.  
<http://www.globalresearch.ca/the-urasian-corridor-pipeline-geopolitics-and-the-new-cold-war/9907>

a Paz" e com uma posição firme dos Estados Unidos de apoiar a construção do oleoduto Baku - Ceyhan. O principal objectivo deste corredor eurasiático é estabelecer o controle sobre a região axial, formando uma zona tampão de Europa Oriental até as fronteiras ocidentais da China. Isso pressupõe uma maior expansão da área da NATO para o leste, e isso tornou-se evidente após a aprovação do novo Conceito Estratégico da Aliança em 1999.

GUAM, juntamente com projectos como TRACECA (acrónimo: **T**ransport **C**orridor **E**urope-**C**aucasus-**A**sia – Figura 37) é a tentativa ocidental de formar um bloco político, transformando os Estados pós-soviéticos da Ásia Central numa espécie de "cordão sanitário" da Rússia.

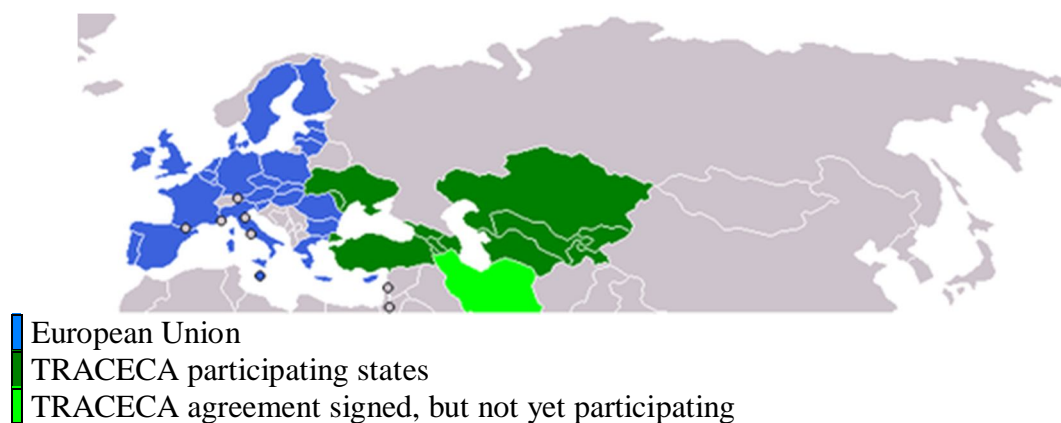


Figura 37. Países envolvidos no programa TRACECA  
(<http://en.wikipedia.org/wiki/TRACECA#mediaviewer/File:TRACECA.png>)

Esta configuração foi concebida para ligar à uma única corrente, os pontos estratégicos na linha Mediterrâneo - Ásia Menor - Golfo Pérsico - Paquistão, que só é possível com o Iraque e o Kuwait - Mesopotâmia, o prémio cobiçado, que a Grã-Bretanha procurou na Primeira Guerra Mundial (Acordo Sykes-Picot, Figura 38)<sup>85</sup>, territórios que os EUA, a “Senhora dos Mares” contemporânea, repetidamente invadia durante últimas décadas. O Iraque, o moderno Cartago do Golfo Pérsico deve ser destruído! Só então a "Quarta Roma" terá acesso à enorme elipse da Eurásia.

Agora, no que toca à União Eurasiática (União da Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão - Figura 39, com Quirguistão e Arménia como os novos membros em 2015 e Tajiquistão como potencial candidato). Por que ela foi tão necessária? Criada após o “suicídio” geopolítico da URSS, a Comunidade de Estados Independentes (CEI) foi o primeiro protótipo da União Eurasiática. Mas, o CEI não se tornou numa estrutura

<sup>85</sup> (Sem autor). Sykes-Picot drew Middle East's arbitrary borders. Deutsche Welle. Consultado em 29 de Junho de 2014. <http://www.dw.de/sykes-picot-drew-middle-east-arbitrary-borders/a-17734768>

política e económica regional efectiva, e é muitas vezes caracterizado como uma forma de “divórcio civilizado” da Rússia com os novos Estados independentes surgidos.



Figura 38. Fronteiras franco-britânicas em resultado do Acordo Sykes-Picot de 1916  
(<http://www.dw.de/sykes-picot-drew-middle-east-arbitrary-borders/a-17734768#>)



Figura 39. A futura União Eurasiática entre Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão  
(<http://www.ingoldwetrust.ch/wp-content/uploads/Schermafbeelding-2014-04-24-om-21.35.26.png>)

Dentro da Comunidade de Estados Independentes continuam a existir tendências contraditórias. Em consequência da falta de qualquer tipo de bloco monolítico, as



grandes questões não podem ser resolvidas unanimemente. Por exemplo, a expansão da NATO para o leste ou o confronto sobre a defesa antimíssil americana. Dentro desta “Commonwealth pós-soviética” não há unidade estratégica em matéria de política ou economia, ou em matéria de relações internacionais, há apenas as alianças tácticas, por exemplo, sobre as questões de produção e do transporte de petróleo do Mar Cáspio, de minérios, de metais preciosos e dos diamantes.

O Tratado de Segurança Coletiva (TSC) dos países da CEI, que a Rússia considera como o principal mecanismo para alcançar a segurança e a estabilidade em todo o território da antiga União Soviética, mantém-se em grande parte uma simples declaração de intenções. Além disso, em Abril de 1999, o Uzbequistão, o Azerbaijão e a Geórgia suspenderam a sua filiação na mesma.

A União Eurasiática (nome, dado em 1994 pelo Presidente cazaque Nursultan Nazarbayev)<sup>86</sup> é uma tentativa de voltar principais países de *Heartland*, que antigamente faziam parte da União Soviética ou estavam sob a sua esfera de influência, ao controle da Federação Russa.

A Grande Estepe Eurasiática unia-se pelos impérios turco, mongol e russo, e cada vez a perda de funções de comunicação externa (comércio e trânsito) resultava na morte destes impérios. A tarefa geopolítica do controle da Eurásia e a sua função geoeconómica é manter o comércio de trânsito entre o oriente e o ocidente.

A localização espacial é um recurso estratégico para o desenvolvimento sócio-económico e a estabilidade política da Rússia na Eurasia. A posição geopolítica e geoeconómica da Rússia como o “Império do Meio” entre os três pólos de desenvolvimento económico e tecnológico do mundo: os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão (bem como a China), é um importante recurso estratégico do país. Como foi observado por Vladimir Putin (na altura sendo o Primeiro-Ministro), a União Eurasiática pode “*desempenhar o papel de uma efectiva ligação entre a Europa e a região dinâmica de Ásia-Pacífico*”<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> (Sem autor, 27 de Outubro de 2011). *Nazarbayev: There is and there will be no ‘restoration’ of the USSR in the Eurasian Union*. Consultado em 27 de Março de 2014. [http://en.tengrinews.kz/politics\\_sub/Nazarbayev-There-is-and-there-will-be-no-restoration-of-the-USSR-in-the-Eurasian-5293/](http://en.tengrinews.kz/politics_sub/Nazarbayev-There-is-and-there-will-be-no-restoration-of-the-USSR-in-the-Eurasian-5293/)

<sup>87</sup> (Sem autor). História da integração económica dos países eurasiáticos. Consultado em 2 de Junho de 2014. <http://itar-tass.com/info/1222521>



Putin também destaca o seguinte: *"Nós não estamos a caminhar para se isolar de qualquer um ou resistir a qualquer um. A União Eurasiática será baseada em princípios universais de integração, como uma parte integrante da Grande Europa, unida pelos valores comuns de liberdade, democracia e leis de mercado..."*<sup>88</sup>. Assim, uma das diferenças fundamentais de novo bloco da União Soviética é a não isolamento do resto do mundo. Pelo contrário, a união criada vê-se como uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, entre a Europa e a região do Pacífico-Asiático. Sobre isso evidenciam, por exemplo, as intenções de equiparar os requisitos aduaneiros com os requisitos não só da OMC e da UE, mas também com os países do Sudeste Asiático. Ou seja, a União Eurasiática, como a própria Rússia, se torna no "eixo" da Eurásia, numa ponte entre os mundos ocidental e oriental. Geopoliticamente, esta aliança é um pesadelo para os estrategistas norte-americanos. Isso é confirmado pelas declarações do ex-secretário de Estado, Hillary Clinton, que assustava o mundo com o renascimento da URSS.

Apesar do facto de que os limites da nova União Euroasiática coincidem com os limites da antiga União Soviética, a restauração da antiga União está fora de questão. Antes de tudo, a nova União é uma união económica.

O Presidente Putin compreende as vulnerabilidades inevitáveis que a Rússia terá de enfrentar, colocando nos seus ombros a carga estratégica e económica de cuidar um grande número de pessoas na área de espaço de cerca de 9 milhões de quilómetros quadrados. Essa foi uma das mais graves deficiências da União Soviética: a tentativa de controlar tudo directamente. Em vez disso, Putin cria uma união em que Moscovo irá influenciar a política externa e de segurança, mas não será responsável pela maior parte dos assuntos internos de cada país. A Rússia simplesmente não tem recursos para manter uma estratégia tão intensa.

Se a Rússia, juntamente com as outras repúblicas da CEI for capaz de se tornar numa unidade geopolítica independente e, ao mesmo tempo, ser uma ponte entre o oriente e o ocidente, a influência dos Estados Unidos vai-se reduzir significativamente. Para que necessitam as regiões comerciais pacíficas da Eurásia das tropas americanas e das armas americanas? Para que serve o dólar, quando há moedas nacionais próprias conversíveis? E, finalmente, para que os países necessitam de lidar com os mediadores

---

<sup>88</sup> Putin, V. V. Novo projecto de integração para a Eurásia – futuro, que nasce hoje. Izvestiya. Consultado em 24 de Março de 2014. <http://izvestia.ru/news/502761>

americanos em questões políticas? É precisamente isto, juntamente com o fantasma da URSS, que não permite dormir a noite os políticos, os geopolíticos e os estrategistas transatlânticos.

Agora vejamos a posição geopolítica do Irão. O envolvimento iraniano em processos regionais no Cáucaso está ligado aos quatro opções principais. É o aprofundamento das relações com a Arménia (com uma abordagem bastante cauteloso sobre a questão do reconhecimento de facto de Nagorno-Karabakh, Figura 40); a tentativa de influenciar a situação no Azerbaijão; o alinhamento das relações pragmáticas com a Rússia, bem como a diminuição da influência turca.



Figura 40. Posição geográfica de Nagorno-Karabakh

([http://3.bp.blogspot.com/-8Kbj3\\_r\\_tCI/TsnUs6NDKdI/AAAAAAAAASU/3ddIDJC75-g/s1600/nagorno-karabakh\\_occupation\\_map.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-8Kbj3_r_tCI/TsnUs6NDKdI/AAAAAAAAASU/3ddIDJC75-g/s1600/nagorno-karabakh_occupation_map.jpg))

Este último objectivo é bem compreendido no Kremlin, onde consideram os esforços de Recep Erdogan e do Partido da Justiça e Desenvolvimento de alteração da influência turca no Cáucaso (de islamização “soft” até as ambições pan-turcas) como ameaça para os interesses russos. Além das actividades religiosas e educacionais, os interesses económicos de Ankara também entram em conflito com os interesses da Rússia.

De acordo com especialistas americanos do Cáucaso, na região se desenrola um cenário interessante do cruzamento de dois vectores geopolíticos. O eixo "Norte - Sul" é representado pela linha Rússia - Arménia - Irão, enquanto o eixo "Oriente - Ocidente" se expressa na interacção da Turquia, Geórgia e Azerbaijão, onde se realizam as políticas pró-americanas na região.

A influência do Irão no Cáucaso é relativamente limitada, embora a fronteira aberta com a Arménia, dá à Yerevan a possibilidade de trânsito na direcção sul. As relações do Irão com o Azerbaijão são pioradas pelo medo de Baku oficial da possível influência iraniana no apoio aos grupos e tendências sócio-políticas clericais. O Irão também está preocupado com as tentativas de justificar teoricamente a "soberania" do chamado "Azerbaijão do Sul", que abrange uma série de territórios de noroeste do Irão. Embora este projecto tenha sido repetidamente negado por Teerão, bem como por muitos estudiosos iranianos e arménios, alguns incidentes (por exemplo, o uso de bandeiras e slogans num jogo de futebol em Tabriz) falam sobre o facto, que a massa étnica dos azeris no Irão está sujeita à manipulação por parte de Baku.

O Azerbaijão, pelos vistos, também tem estreitas ligações com os serviços secretos de Israel, facto que não pode deixar de perturbar o Teerão. O Azerbaijão realizou julgamentos de "espiões iranianos" que supostamente planejavam cometer actos de terrorismo, enquanto as declarações de autoridades iranianas sobre o festival "Eurovisão", que foi realizado em 2012 em Baku, provocou protestos das autoridades oficiais e do público de Azerbaijão. Por outro lado, o Teerão ficou irritado com a conferência "Frente de Libertação Nacional do Azerbaijão do Sul" em Baku, e proclama o direito sobre uma área no Mar Cáspio, onde se situam os depósitos de petróleo e de gás.

Em certo sentido, o Teerão “joga” juntamente com Moscovo, pois espera as novas parcerias, nomeadamente em matéria de protecção contra as possíveis sanções pelo Conselho de Segurança da ONU. Assim, em relação ao Irão, os Estados Unidos têm um certo dilema. O seu isolamento melhora as relações com os aliados – o Azerbaijão e a Geórgia. Por outro lado, a falha do isolamento pode abalar a posição da Rússia no mercado de fornecimento de energia, ao mesmo tempo enfraquecendo tanto o Azerbaijão, como a Geórgia.

A Rússia vê o Irão como um parceiro geopolítico valioso não só no Cáucaso do Norte e do Sul, mas também na Ásia Central, para a contenção e supressão de salafistas e wahhabistas islâmicos.

A posição sobre a Síria também aproxima Moscovo e Teerão. Parece que o apoio ao Governo de Bashar al-Assad dos dois países foi um golpe significativo para os interesses do Ocidente, que levou à uma compreensão americana dos interesses comuns

destes dois países no Médio Oriente, que conseguiram mostrar a ameaça potencial real de propagação de Jihad no Cáucaso.

Desde modo, em relação à cooperação russa-iraniana, os especialistas norte-americanos, várias vezes, expressaram a preocupação, chamando para o facto, de que a Ancara e o Washington terão que encontrar mecanismos mais eficazes de influência em relação tanto ao Moscovo, como e em relação ao Teerão. Isto refere-se ao facto de que a Turquia, ou melhor, o regime de Erdogan, é satélite obediente e orientador dos interesses americanos na região. Recep Erdogan tornou-se oficialmente Presidente da Turquia em 28 de Agosto de 2014, sendo um aliado dos Estados Unidos, tendo, ao mesmo tempo, uma relação tensa com Barack Obama<sup>89</sup>, que constantemente ignora o primeiro nas reuniões bilaterais no âmbito da NATO. Tudo isso é por causa de diferentes visões sobre o conflito na Síria (o cancelamento da operação militar na Síria por parte dos EUA, devido, principalmente, à intervenção da Rússia, que causou indignação na Turquia), bem como a posição dos Estados Unidos em relação à Israel (a morte de milhares de palestinos em Gaza, que Turquia se considera como "terrorismo de Estado" e "genocídio" de Israel).

No entanto, na Rússia, uma série de políticos nacionais temem as perspectivas de transformação do Irão num grande concorrente de "Gazprom" no mercado europeu do gás. A Rússia é um dos maiores fornecedores de gás natural para a Europa, exportando mais de um quarto de todo gás importado por parte da UE, enquanto o Irão possui a segunda maior reserva de gás natural do mundo. No entanto, ao mesmo tempo está claro, que o gás iraniano não será exportado para a Europa tão cedo, tendo em conta as sanções económicas e a falta de apoio necessário para o desenvolvimento de infraestrutura e outras questões técnicas. Por isso, a Rússia e o Irão, juntos, possuindo cerca de 40% das reservas de gás natural do mundo, podem formar uma base para a cooperação mais estreita que visará a defesa dos interesses comuns.

Vale a pena destacar neste sub-capítulo, também, separadamente, a região do Cáucaso. À região do Cáucaso é dado o papel estratégico da rota comercial transcontinental. Por isso, não é por acaso que no sul do Cáucaso se enfrentam os interesses de muitos países. Quem controla o Cáucaso controla o Mar Cáspio, as saídas para a Ásia Central e, em grande medida, influencia a situação no Médio Oriente. Deste

---

<sup>89</sup> Karaveli, Halil, (15 de Maio de 2013) Obama and Erdogan's Trust Problem. Consultado em 27 de Maio de 2014. <http://nationalinterest.org/commentary/obama-erdogans-trust-problem-8473>

ponto de vista, a região é importante para os interesses estratégicos da Rússia. O domínio russo no Cáucaso do Sul não é o “problema” do seu “renascimento imperial.” A garantia da estabilidade nas antigas repúblicas soviéticas do Cáucaso é uma condição fundamental para o desenvolvimento pacífico interno da própria Rússia, a manutenção da sua integridade estadual.

A posição de um dos países desta região – Azerbaijão, é determinada principalmente pela sua posição geográfica favorável e posse de reservas de energia tangíveis. A principal esperança de Baku está ligada com o projecto do BTC (gasoduto Baku - Tbilisi - Ceyhan). Do ponto de vista geopolítico, o principal objectivo do gasoduto é criar uma forma independente (independente da Rússia) de transporte de petróleo do Azerbaijão (e mais tarde do Cazaquistão) para os mercados mundiais. A venda e compra dos recursos energéticos é sempre Geopolítica.

Outro país da região, a Geórgia, representa para o Ocidente particular interesse como o território através do qual passa o ramo do gasoduto BTC. Além disso, as fronteiras de norte da Geórgia estão adjacentes à Rússia, ao Cáucaso do Norte, a instabilidade na qual é sempre possível usar como moeda de troca no jogo político global. Os benefícios dos americanos com o aumento dos conflitos na região do Cáucaso são óbvios. O conflito militar russo-georgiano de 2008 era aproveitado por parte dos EUA de acusar em ineficácia as forças de paz russas nas regiões de Abecásia e Ossétia do Sul, e a necessidade de sua substituição pelas forças da NATO.

A Rússia faz parte da área de expansão do Islão e faz parte do “Norte muçulmano”, que inclui os países muçulmanos pós-soviéticos do Cáucaso e da Ásia Central, assim como as regiões muçulmanas da Rússia, em que, de acordo com várias estimativas, vivem entre 12 e 20 milhões de muçulmanos. Os especialistas acreditam que o “Norte muçulmano” é muito diferente dos outros territórios, onde predomina a religião muçulmana, pois as tradições islâmicas aqui foram afectadas significativamente pelo regime soviético ateu do século passado, por isso é difícil falar sobre o Islão como um factor de uma identidade supranacional nesta região. Um papel muito maior aqui jogam as relações do clã. No entanto, os americanos tendem usar o “factor muçulmano” para desestabilizar a situação na Federação Russa.

Em meados de Fevereiro de 2012, em Tbilisi, abriu-se o Centro Cultural circassiano<sup>90</sup>. E, em 23 de Fevereiro, foi emitido um memorando de entendimento entre este Centro e a Fundação Jamestown (EUA). É necessário notar, que a Fundação Jamestown, cuja área de actividade inclui o Cáucaso, o Médio Oriente, a África, a China, a América do Sul, os territórios da antiga União Soviética e os Balcãs, muitas vezes determina a política estadual dos EUA nessas regiões. Anteriormente, o Fundo realizou na Geórgia duas conferências internacionais sobre os estudos do Cáucaso, numa das quais - "Nações desconhecidas, crime contínuo", foi levantada a questão do reconhecimento do genocídio dos circassianos e chechenos por parte da Rússia.

Não é sem a ajuda deste Fundo, que em meados de Maio de 2011, o Parlamento da Geórgia chamou a reconhecer as acções das autoridades russas contra os circassianos nos séculos XVIII - XIX, no período da Guerra do Cáucaso (Guerra Circassiana) de 1763-1864, como genocídio.

No presente momento, o Parlamento da Geórgia está preocupado com “problema” da Inguchétia<sup>91</sup>. Os mídias georgianos chamam a iniciar o processo de reconhecimento por parte do Parlamento Europeu a deportação do povo da Inguchétia em 1944, como o genocídio.

No início de 2012, os líderes da oposição síria prometeram voltar a sua atenção para os circassianos que vivem no país, depois de “resolver os problemas” com Assad. Neste sentido, não podemos excluir que os circassianos da Síria se podem tornar num alvo étnico. Para isso existem os pré-requisitos históricos: muitos circassianos tradicionalmente serviam nas estruturas de poder da Síria e ocupavam cargos importantes nas representações diplomáticas e militares.

Além disso, são os circassianos da Síria que fizeram uma contribuição significativa para a derrota dos grupos fundamentalistas islâmicos, incluindo "Irmandade Muçulmana" nos anos 80 do século passado. Tendo em conta que os elementos desta organização radical estão activamente envolvidos em confrontos armados na Líbia e na Síria, o ressentimento histórico pode voltar aos circassianos como um bumerangue.

---

<sup>90</sup> Madsen, Wayne. (20 de Maio de 2013). CIA Troublemaking in Caucasus. *Strategic Culture Foundation*. Consultado em 25 de Maio de 2014. <http://www.strategic-culture.org/news/2013/05/20/cia-troublemaking-in-caucasus.html>

<sup>91</sup> Sukhov, Ivan, (17 de Novembro de 2008) The Ingush dilemma. Russia and beyond. Consultado em 17 de Março de 2014. <https://www.opendemocracy.net/article/russia-theme/the-ingush-dilemma>



Depois dos radicais islâmicos “invadiram” a Síria através do Líbano e da Turquia, e começaram a aparecer notícias do massacre dos circassianos, isso obrigou os últimos, em Dezembro de 2011, a fazer o pedido oficial ao Presidente da Federação da Rússia, ao fim de facilitar o seu reassentamento para o norte do Cáucaso.

Há de referir também, que a Georgia, que separa o território terrestre da Rússia da Turquia, em caso de preservação de seu *status* actual do inimigo do Kremlin, irá apoiar qualquer acção contra o seu vizinho do norte para o restabelecimento da integridade territorial, isto é, para a recuperação da Ossétia do Sul e da Abecásia (Figura 41). Neste caso não podemos com toda a certeza afirmar que a Arménia, actualmente o aliado do Kremlin, agirá do lado dele em conflito. Não é nenhum segredo que Arménia, por trás das costas de Moscovo, negocia com a Turquia e já participou nos exercícios da NATO (a presença das tropas armênias no Afeganistão é um tema separado para a discussão). Para o Ocidente é suficiente re-estimular o Cáucaso, como isso foi feito antes, e todo o sul da Rússia poderá estar em chamas do conflito étnico. O vector Turquia - Geórgia é menos perigoso do que o flanco ocidental de *Heartland*, no entanto, o desenvolvimento negativo das coisas aqui pode privar a Rússia da sua rica base de recursos no sul e levar à perda das fronteiras naturais na região.



Figura 41. Posição geográfica da Abecásia e da Ossétia do Sul

(<http://www.trinicenter.com/img/georgia270808.jpg>)

Há de referir, em particular, alguns aspectos de posição estrategicamente importante da Ásia Central. No contexto de cada vez maior procura mundial dos recursos naturais, a Ásia Central, além da já referida localização geopolítica favorável, está a tornar-se numa das regiões mais importantes em termos geoeconómicos. O petróleo e o gás, o urânio, o ouro, os metais raros e os diferentes minerais, bem como as

áreas confortáveis para a construção de comunicações atraem aqui muitos países desenvolvidos, várias organizações e as associações.

Recentemente aumentou a importância militar desta região para a Rússia.

Em primeiro lugar, a região desempenha um papel importante na garantia da segurança nacional da Rússia de longo prazo. Por um lado, as repúblicas da Ásia Central são membros da Organização do Tratado de Segurança (uma espécie de alternativa da NATO) que garantem a segurança das fronteiras do sul da Rússia. Por outro lado, na região se aumentaram as contradições, que são utilizadas na luta pelo poder por parte das organizações nacionais e grupos políticos, bem como das forças externas.

Em segundo lugar, na região continua a espalhar-se o fundamentalismo islâmico e o extremismo, “alimentados” externamente. O extremismo islâmico animou-se visivelmente após a “intervenção humanitária” dos países ocidentais na República Federal da Jugoslávia e a criação do Estado independente de albaneses – Kosovo, bem como após a intervenção no Iraque e Afeganistão. Assim, no início do século XXI criou-se a zona de agitação política, que se estendeu desde os Balcãs, através do Cáucaso, Ásia Central, na direcção ao sudeste da Ásia, para a área do califado islâmico planeado.

Em terceiro lugar, entre alguns países da região continuam a existir os conflitos territoriais e étnicos, enquanto a sua relativa fraqueza militar e a especificidade de localização convertem a região em refém das forças terroristas das áreas adjacentes, juntamente com o corredor de trânsito de drogas do Afeganistão para a Rússia e para a Europa. Por isso, a Ásia Central é um importante posto avançado para combater estes desafios e ameaças aos interesses nacionais da Rússia.

Em quarto lugar, para garantir a segurança militar da Rússia o papel importante desempenham as repúblicas localizadas no cruzamento dos três teatros de guerra – a Europa, o Médio Oriente e o Extremo Oriente, em que estão localizados uma série de objectos estratégico-militares russos. Nos interesses nacionais da Rússia na região há de destacar a utilização do Cosmódromo de Baikonur e outros locais de teste de objectos aeroespaciais.

Em quinto lugar, em relação à Geoeconomia, os recursos de matérias-primas da região são importantes tanto para a economia da Federação da Rússia, bem como para a implementação da estratégia energética russa.

Do ponto de vista geopolítico, a localização territorial e geográfica da Ásia Central são cruciais para o Estado russo. A região é destacada pela diversidade geográfica, geopolítica, cultural e histórica. As suas fronteiras periféricas fazem contacto com vários regiões de conflito – o Próximo e o Médio Oriente, o sul e o leste da Ásia. No norte, a Ásia Central se forma uma linha de fronteira da Rússia: o Cáucaso do Norte, a região de Volga de Baixo, o Ural e a Sibéria. A leste, a região faz fronteira com a China, as regiões ocidentais da qual pertencem à mesma plataforma geopolítica. O mesmo tem a ver com o Afeganistão do Norte. Não é por acaso que a Ásia Central é considerada o centro de *Heartland*. O "Grande Jogo" entre a Rússia e a Grã-Bretanha no século XIX disputava precisamente o controle destes territórios. O controle desta região por parte da Grã-Bretanha (assim, como a tentativa actual do controle desta zona por parte da NATO) foi um passo importante para contenção da Rússia.

É a teoria de sir Halford Mackinder que foi decisiva na política do Ocidente em relação à URSS, que foi realizada durante a Guerra Fria e ainda hoje é usada activamente. Com base nisso, podemos concluir que o maior desafio geopolítico anglo-saxónico é a prevenção da formação de uma união de Estados em todo o *Heartland*. Por isso, a estratégia do Ocidente também inclui a separação de novos territórios de *Heartland*, através da expansão de influência sobre eles. É precisamente por isso que qualquer organização internacional com a participação da Rússia na arena mundial causa extrema preocupação do Ocidente, seja OTSC, BRICS, OCS ou EurAsEC.

A parceria estratégica com o Cazaquistão e a ausência de qualquer peso político da Mongólia permite ao Kremlin não concentrar todos os esforços nestes países. O Uzbequistão, o Tadjiquistão e o Quirguistão são as “zonas buffer”, que evitam um ataque directo contra a Rússia no Médio Oriente e no sul da Ásia. O Turcomenistão, que ocupa a quarta posição no mundo em reservas de gás natural, está na dependência directa da Rússia devido à localização dos dutos de transporte de gás do Turcomenistão que passam através do território russo. Assim, o Turquemenistão também desempenha o papel de uma zona tampão da Rússia e protege a "Ilha Mundial" da influência do Irão ou outra ameaça externa.

É difícil encontrar mais uma região como a Ásia Central, onde a “explosão” de qualquer dos cinco Estados é capaz de provocar o colapso de toda a pirâmide. Por isso, aqueles que estão prontos a minar esses "Balcãs eurasiáticos", só devem saber qual é o melhor Estado para começar a fim de atingir o resultado máximo.

Hoje, pelos vistos, os Estados Unidos apostam no Uzbequistão, o que geopoliticamente é mais conveniente, pois a dominação de Uzbequistão dá um aumento significativo ao controle de toda a Ásia Central, devido ao facto de que este país faz fronteira com os restantes países da região. A principal dúvida está no facto de como será implementado este controle: influenciando os actuais Governos, ou através de substituição destes pelos outros.

O Turquemenistão e os seus recursos de gás podem ser explorados apenas "dominando" o Irão. Em vez de desequilibrar o relativamente neutro Turquemenistão é muito mais eficiente mudar a elite dominante no processo de "democratização do Irão".

Numa instabilidade permanente está o Quirguistão. A república situa-se no limite da região, sendo mais (a partir do ponto de vista do Ocidente) democrática: aqui não há Presidentes internos. Através do Quirguistão é possível influenciar a China e os seus planos para o domínio económico da Ásia Central, no entanto, do ponto de vista de controle, esta região não é das melhores. Portanto, mais uma "Revolução" pouco decide numa perspectiva regional.

Em grande parte da Ásia Central muitas questões podem ser resolvidas pela oposição islâmica armada. O lugar mais perigoso é o Vale de Fergana, que está no meio do complexo das fronteiras do Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão. O golpe neste ponto poderá ajudar alcançar vários objectivos geopolíticos de uma só vez, e sem nenhuma "Primavera Árabe".

#### 6.3.5. Flanco Oeste (Europa)

Há de mencionar logo no início deste sub-capítulo que neste flanco foi incluída a Turquia, principalmente porque é um membro da NATO e o candidato à UE.

Desde 1991 que estamos a ver no espaço entre o Mar Báltico e o Mar Negro o equilíbrio de poder, que é substancialmente semelhante ao dos séculos XVI-XVII. A Turquia controla os estreitos, e os seus certos círculos políticos professam a doutrina "Mar Negro - Mar turco".

Em geral, a situação com o Turquia é muito complicada. A Turquia tem interesses na Síria - que nem sequer é tanto a influência, como uma questão de ambições, muito grandes e sérios. Recep Erdogan parece ter oscilado para a restauração do Império Otomano, ou, pelo menos, aposta numa significativa expansão da esfera de influência da Turquia na região (Figura 42). E o inimigo natural aqui é a Síria, bem como Irão, que estão atrás das costas desta. A Turquia para resolver esses problemas tem um exército poderoso e bem equipado, e tem apoio da NATO.



Figura 42. Esfera de influência da Turquia (máxima extensão do Império Otomano)

(<http://www.trdefence.com/wp-content/uploads/2010/11/turkish-world-stratfor.jpg>)

Para combater o Irão ela precisa de influenciar a mudança do Governo na Síria, ou melhor ainda, influenciar a desfragmentação do país em pedaços, e em seguida, colocar no poder as autoridades leais às turcas. Ao contrário da Arábia Saudita, os turcos não tinham medo de usar para a operação na Síria as suas forças especiais. E dificilmente Erdogan aceita o facto de que Assad será capaz de derrotar os rebeldes e retomar o controle do país. É claro que, mais cedo ou mais tarde, a Turquia terá que lutar com a Arábia Saudita, é inevitável, mas enquanto esses diferentes actores têm um objectivo comum - eles vão jogar do mesmo lado.



A Turquia é um jogador geopolítico sério. A Turquia com a Rússia têm assuntos não resolvidos desde os tempos otomanos, o Cáucaso e a Criméia eram os campos de batalha onde foi derramado muito sangue. A Rússia lutava pelos "mares quentes", a Turquia não o permitia. Embora a Grã-Bretanha tivesse os seus próprios problemas com a Turquia, geopoliticamente a Turquia jogou objectivamente ao lado do atlantismo, segurando os impulsos eurasiáticos.

A Turquia é um dos patrocinadores do “projecto turan” ou “projecto turco”, que é uma versão muito perigosa do pseudo-eurasianismo anti-russo. O "Pan-turanismo" consiste na união racial dos povos turcos de Anatólia até Yakutia. Esta associação é hipotética, mas o antieslavismo e a russofobia dela são muito concretos e podem trazer danos reais. O "Pan-turanismo" teoricamente reivindica a Criméia, o Cáucaso (Azerbaijão e etnias turcas do Cáucaso do Norte russo), a Ásia Central, os territórios habitados por tártaros e outros povos da etnia turca da Rússia. Tudo isto é uma área potencial de perturbações geopolíticas.

O "Pan-turanismo"<sup>92</sup> é extremamente perigoso, especialmente em situação da incerteza geopolítica russa, ou seja, em situação de incapacidade de responder à esta ameaça. Neste caso, os povos dos territórios acima indicados podem fazer escolha em favor da Turquia, que está integrada no Ocidente de forma geopolítica e geoestratégica. Por conseguinte, a influência turca é uma grande ameaça para os países da CEI e para a Rússia, sendo o portador da dinâmica geopolítica destrutiva.

Há de referir também a Bielorrússia. A importância geopolítica da Bielorrússia está no facto de que, graças a este país continua a não ser fechado o arco do Mar Báltico Báltico e do Mar Negro até o Mar Cáspio na parte ocidental do *Rimland*, que é um projecto de contenção do Estado russo. Apenas a República da Bielorrússia não permite fechar este "cordão sanitário", que deve dividir a Rússia da Europa.

A necessidade do Estado aliado como uma formação geopolítica é ditada pelo facto de que no final do século XX - início do século XXI os Estados Unidos conseguiram opor à Rússia o recurso de uma nova Europa unida no formato da União Europeia, como um centro independente de poder na Eurásia. Nesta situação, Moscovo não tem outra escolha senão integrar Minsk, garantindo parcialmente a segurança nas fronteiras ocidentais.

---

<sup>92</sup> Pan-Turkism. Encyclopedia.com. Consultado em 3 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.encyclopedia.com/topic/Pan-Turkism.aspx>



A importância para a Rússia da localização geográfica de Bielorrússia é difícil de superestimar. A linha dos rios Dunai Ocidental - Dniepre é uma barreira geopolítica natural que defende o subcontinente europeu de leste; o papel estratégico dela foi visto em todas as guerras entre a Rússia e os países europeus.

A posição geográfica da Bielorrússia é um recurso único, que na terminologia de Sun-Tzu é o típico terreno-cruzamento. O território da Bielorrússia é necessário para implantar a pressão ocidental sobre a Rússia. Este julgamento, pela primeira vez formulado pelos generais da Rzeczpospolita, foi brilhantemente argumentado em 1941 pelos tanques alemães de Hermann Hoth e Heinz Guderian.

Para além disso, a necessidade da união russo-bielorússa é devida à identidade comum civilizacional dos dois povos, que evoluiu durante vários séculos. Os bielorrussos pertencem ao espaço "russo" e são considerados como o sujeito central de grupo étnico da Eurásia, ou seja, como russos no sentido cultural e geopolítico.

Por sua vez, a Bielorrússia, integrando no projecto geopolítico comum com a Rússia não repetiu o caminho de países da Europa Oriental, que se transformaram em um "cinturão de segurança" entre a UE e a Rússia. Ao mesmo tempo, o Estado bielorrusso continua a permanecer no exterior de *Heartland* ocidental da Rússia, desempenhando um papel essencial de segurança. As bases militares russas no território bielorrusso só confirmam isto.

Além disso, a Bielorrússia conseguiu evitar a desindustrialização, que é típica característica da Europa do Leste, melhorando a sua cooperação industrial e económica com a Rússia. A união com o seu vizinho oriental garantiu a sobrevivência do ramo industrial bielorrusso, e, respectivamente, a auto-preservação nacional na segunda metade dos anos 90 do século passado - início do século XXI.

E hoje, sendo cercada pelos países deindustrializados, a Bielorrússia tem capacidade de se manter como um líder industrial na região.

Além disso, através do território da Bielorrússia passa 75-80% do trânsito da Rússia para o Ocidente. Ao contrário de outros caminhos (através da Ucrânia ou os países bálticos), o trânsito bielorrusso representa menos problemas.

Com a criação da União Eurasiática abrem-se as oportunidades para evitar a organização em torno da Rússia do cordão sanitário, composto pelos países do Mar Negro e do Mar Báltico.

Em geral, a união da Rússia e da Bielorrússia é a formação do chamado “grande espaço” (Großraum).

Os países do Mar Báltico representam, principalmente, uma ameaça para a Rússia pelo facto de que nos seus territórios estarem localizados grupos de ataque da NATO, o voo de mísseis ocidentais de um dos países bálticos até São Petersburgo ou Moscovo demora apenas alguns minutos.

O principal interesse aqui representa o Mar Báltico, pelo solo de qual passam as linhas de transporte de energia. Por esta razão, o Mar Báltico em termos de segurança é uma área importante para a Rússia.

Além disso, os portos russos no Mar Báltico têm uma importância especial, elementos chave nas relações económicas entre a UE e a Rússia.

Um lugar especial ocupa o Kaliningrado, um enclave da Rússia (Figura 43). Neste sentido, os países bálticos são um cordão sanitário. O Kaliningrado é uma região geopolítica especial. Daqui a Rússia tem acesso à parte do Mar Báltico que não congela, e aqui que foi criada a importante Frota do Báltico da Marinha russa.



Figura 43. A posição geográfica do enclave russo –Kaliningrado

(<http://3.bp.blogspot.com/-oLjZuY2XFJk/UBAwEfCxWrI/AAAAAAAAACoQ/XhJiU9ohEVQ/s1600/kaliningrad-map.gif>)

Além disso, os países bálticos são uma região de trânsito importante. Actualmente, a participação do sector dos transportes nas economias dos Estados bálticos é de cerca de 9%, o que é 1,5 vezes superior a proporção média do sector dos transportes no mundo (cerca de 5%). Em grande parte, são as tarifas de trânsito que apoiam as economias dos países bálticos, que perderam grande parte das suas indústrias depois de sua entrada na União Europeia e incapacidade de competir com os maiores gigantes industriais da Europa unida..

Muito recentemente, à luz dos acontecimentos na Ucrânia, o Congresso dos Estados Unidos tomou o *BILL n.º 2277 "Russian Aggression Prevention Act of 2014"*<sup>93</sup>, segundo qual, o status dos principais aliados dos EUA no espaço pós-soviético serão dotados a Ucrânia, a Moldova e a Geórgia. Esta é uma fórmula de cooperação no domínio da defesa dos Estados Unidos com os países satélites, ignorando a NATO. Ela permite aos Estados Unidos cooperar activamente na área militar com os países que não fazem parte do bloco militar atlântico. Ou seja, em princípio, tudo é a mesma coisa como e no âmbito da NATO, desde o apoio moral até o fornecimento das armas e das tecnologias e assistência especializada, excepto os compromissos formais para esses países de garantir a sua segurança. As relações com os aliados-chave permitem a cooperação militar, apesar das leis difíceis americanas que regulam a exportação de armas. Além disso, este tipo de aliança permite aos Estados Unidos estabelecer as bases militares em países aliados.

Também, à cooperação militar, neste caso, não podem impedir tais "pormenores" como disputas territoriais ou turbulência política em qualquer país. Para a Georgia, isso é uma boa oportunidade. Os conflitos não resolvidos praticamente privam o país de aderir à NATO num futuro previsível. Esses acontecimentos continuam a linha estratégica de contenção e "sufocamento" da Rússia, que incluem os planos para o estabelecimento de sistema de defesa antimísseis na Europa, bem como as tentativas constantes de obrigar membros da NATO aumentar os seus orçamentos militares e a actual criação de forças de reacção rápida perto das fronteiras russas.

Se no final da II Guerra Mundial o presidente Franklin Roosevelt disse que a nova fronteira americana deve passar ao longo do rio Reno, cinco décadas mais tarde, depois da derrota da União Soviética na Guerra Fria, a administração de Clinton traçou a nova fronteira dos Estados Unidos já nas profundezas da Rússia, ao longo do rio Dnieper. Na mapa de política externa (impressa na revista "Foreign Affairs", n.º 3, 1993), que ilustra os planos geopolíticos dos EUA - a grande parte do território europeu da ex-URSS está sob forte controle americano, que inclui os países bálticos, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Moldova e todo o Cáucaso. Assim estes territórios estão incluídos no âmbito da moderna Doutrina Monroe.

---

<sup>93</sup> Cathey, Boyd. (27 de Julho de 2014). Russian Aggression Prevention Act of 2014: An unnatural desire for war? Consultado em 28 de Julho de 2014. <http://www.commdiginews.com/politics-2/russian-aggression-prevention-act-of-2014-an-unnatural-desire-for-war-22554/>

Se nas primeiras décadas de existência da Geopolítica, o Almirante americano Alfred Mahan considerava a Marinha dos EUA como o meio de servir ao expansionismo da política de "portas abertas" e de "diplomacia das canhoneiras", então no presente momento tal função é prescrita à aliança do Atlântico Norte.

Com a adesão, em 1999, à NATO da Polónia, da Hungria e da República Checa, a aliança militar teve a oportunidade de avançar para o leste por 650-750 quilómetros e 500 quilómetros para o sul. Com a adesão à aliança da Estónia, da Lituânia e da Letónia, o grupo militar NATO avançou outros 300-500 km em direcção ao leste. Agora, os limites de contacto das Forças Armadas da Rússia com o adversário ocidental localizam-se na fronteira das regiões de São-Petersburgo e de Pskov.

Neste sub-capítulo é essencial analisar uma maneira que pode resolver os problemas russos acima descritos – uma Eurásia Unida. A Europa independente, de acordo com Brzezinski, é uma ameaça moral e económica constante para os Estados Unidos, que não podem e não devem permitir o surgimento desta, pois ela pode actuar como uma unidade geopolítica independente, bloqueando as aspirações geopolíticas dos Estados Unidos.

Assim, o controle e a dominação sobre a Eurásia é um dos principais objectivos da política dos Estados Unidos. A NATO, neste sentido, é uma ferramenta importante na concretização deste objectivo.

Hoje, à luz das muitas declarações do Presidente, está claro que a Rússia não quer ver uma nova “cortina de ferro” entre si e a Europa. Por que Vladimir Putin vê a Europa como aliado?

A Europa só se vai tornar no Ocidente, quando reconhece a sua filiação com o Oriente. As raízes europeias da crise residem na auto-percepção errada da Europa. Ela acha que faz parte do mundo ocidental. No entanto, dando juramento à parceria transatlântica, a Europa deixa de ver que entre ela e os Estados Unidos se encontra o Oceano Atlântico e, fingindo que o Oceano não existe mesmo, a Europa se isola assim a si mesmo da massa continental da Eurásia.

Desde que o mundo, em 1823, foi dividido pela Doutrina Monroe em dois hemisférios, a Europa politicamente pertencia ao hemisfério oriental. Com o anúncio dos Estados Unidos, em 1947, da Doutrina Truman, os Estados Unidos expandiram as suas fronteiras para o hemisfério ocidental e para toda a Europa, declarando-a parte do

"mundo livre". No entanto, mesmo durante a Guerra Fria, depois de 1945, a Europa continuava estritamente ser separada do Ocidente americano. Além disso, a decisão da NATO, em 1979, deu à Europa o papel de uma espécie de ponte de uma guerra nuclear limitada no caso de um conflito com a União Soviética. Devido à instalação de mísseis nucleares de médio alcance americano no espaço europeu, os americanos foram capazes de reduzir a área de um possível confronto nuclear com a União Soviética no hemisfério oriental, ou seja, na Europa Ocidental.

E mesmo depois do fim da Guerra Fria, os geostrategistas americanos não consideram a Europa como o continente ocidental. Zbigniew Brzezinski, considera a Europa como nada mais de que uma "ponte para o continente da Eurásia", enquanto o continente eurasiático é visto como um tabuleiro de xadrez em que, tanto agora, como no futuro, vai haver luta pelo direito à dominação global.

A Rússia entende isso e está a tentar implementar a sua estratégia por meio do projecto de gazoduto "South Stream". Porque, se ele for construído, a Europa e a Rússia estarão ligadas por dois cliques de aço (Figura 44) – o “North Stream” e o “South Stream”, que vão ignorar a Europa Oriental instável, na qual tanto apostaram os Estados Unidos para evitar a unificação da Rússia com a Europa Central e Ocidental.



Figura 44. Gazodutos “North Stream” e “South Stream”

(<http://www.stepmap.de/landkarte/north-und-south-stream-pipeline-1222582.png>)

Por outro lado, o apoio da Europa na construção do gasoduto Nabucco corresponde aos seus interesses vitais, bem como uma tentativa de identificar a sua presença e a influência no flanco sul da Rússia. E nesta área de interesse, apesar de seus valores mais elevados, a Europa está disposta a cooperar mesmo com os regimes autoritários do Turcomenistão e do Azerbaijão.

O primeiro projecto de uma Eurásia unida<sup>94</sup> nos seus limites geográficos, ao que parece, nasceu há mil anos no leste da Rus Kievana. Prova disto – o genro de Jaroslau I, “o Sábio”, o Grão-Príncipe de Kiev (1016-1054). Ele tornou-se no pai, no avô e no tio de muitos governantes da Europa (Figura 45). A sua segunda esposa (a partir de 1019) foi a filha do rei da Suécia. Os filhos de Jaroslau I, “o Sábio”, eram dispersos por toda a Europa. Na história foi guardada alguma informação sobre as filhas de Jaroslau: Isabel tornou-se na esposa do rei norueguês Haraldo III, “o Terrível”, Anastásia - na esposa do rei da Hungria André I. A filha mais famosa, Ana – casou-se com o rei da França, Henrique I.

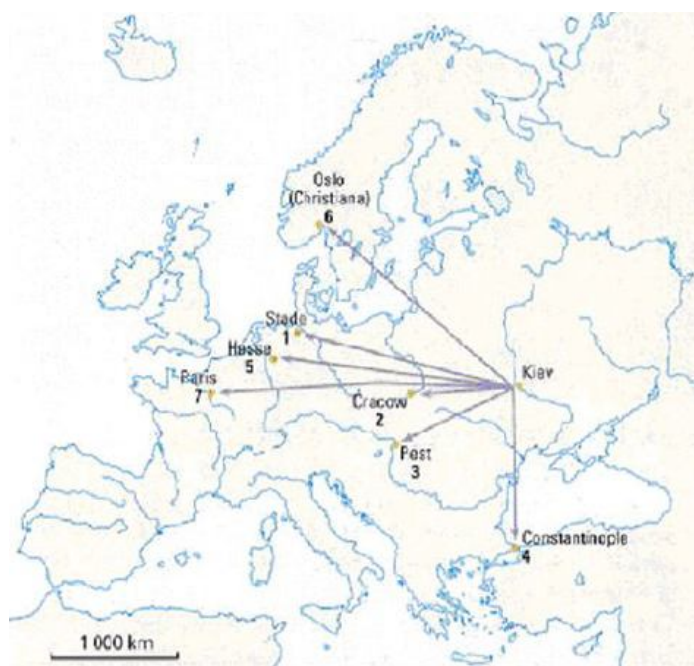


Figura 45. Jaroslau, “o Sábio”: esquema de casamentos dinásticos

(<http://www.peremeny.ru/books/osminog/9019>)

<sup>94</sup> O presente sub-capítulo foi em grande parte baseado no artigo *EuroRússia ou GeRússia? Globalização e as mapas antigas* de Oleg Dobrocheev, Manfred Shneps-Shneppe, 11 de Março de 2014. Consultado em 3 de Maio de 2014. <http://www.peremeny.ru/books/osminog/9019>



O leitor moderno conhece melhor outro projecto de Grande Eurásia - de Napoleão. Antes da campanha contra a Rússia, ele conseguiu remodelar toda a Europa, e quatro dos seus irmãos e três irmãs tornaram-se reis e duquesas.

Depois de um século e meio, a criação de uma Europa unida até ao Volga começou a ser realizada pelo Adolf Hitler. A Europa de Hitler era um análogo da actual União Europeia. O Império de Terceiro Reich foi o análogo da União Europeia. É preciso dizer que nem todos os europeus gostavam isto. No entanto, os franceses, tchecos e húngaros e outros povos viveram nesta União e não resistiam muito.<sup>95</sup>

Assim, Adolf Hitler, antes de atacar a União Soviética, criou uma espécie de União Europeia. E se o Exército Vermelho não tivesse vencido, esta teria sido a *GeRussia* (o termo que foi introduzido em journal «*Heartland: Eurasian review of geopolitics*» em 2011 – Figura 46) de Hitler.

Tendo em conta o interesse geopolítico especial da Alemanha e da Polónia em ver a independência da Ucrânia, parece possível uma situação em que a Ucrânia será gradualmente atraída para as relações especiais franco-alemão-poláco-ucranianos<sup>96</sup>. “*Given the special geopolitical interest of Germany and Poland in Ukraine's independence, it is also quite possible that Ukraine will gradually be drawn into the special Franco-German-Polish relationship. By the year 2010, Franco-German-Polish-Ukrainian political collaboration, engaging some 230 million people, could evolve into a partnership enhancing Europe's geostrategic depth*”<sup>97</sup>, - afirma Brzezinski. Assim, o núcleo principal da segurança europeia (de acordo com Brzezinski), depois de 2010, deve ser precisamente esta união especial (Figura 47). Embora o famoso geopolítico não tenha acertado precisamente com a data, a presente hipótese, em geral, não deixa de ser interessante e ter sentido.

---

<sup>95</sup> Dobrocheev, Oleg. (11 de Março de 2014). EuroRússia ou GeRússia? Globalização e as mapas antigas. Manfred Shneps-Shneppe. Consultado em 3 de Maio de 2014. <http://www.peremeny.ru/books/osminog/9019>

<sup>96</sup> Bonnal, Nicolas. (26 de Fevereiro de 2014). *Brzezinski, the global chessboard and the Ukrainian chakra*. Consultado em 14 de Março de 2014. [http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian\\_chakra-0/](http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian_chakra-0/)

<sup>97</sup> Bonnal, Nicolas. (26 de Fevereiro de 2014). *Brzezinski, the global chessboard and the Ukrainian chakra*. Consultado em 14 de Março de 2014. [http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian\\_chakra-0/](http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian_chakra-0/)

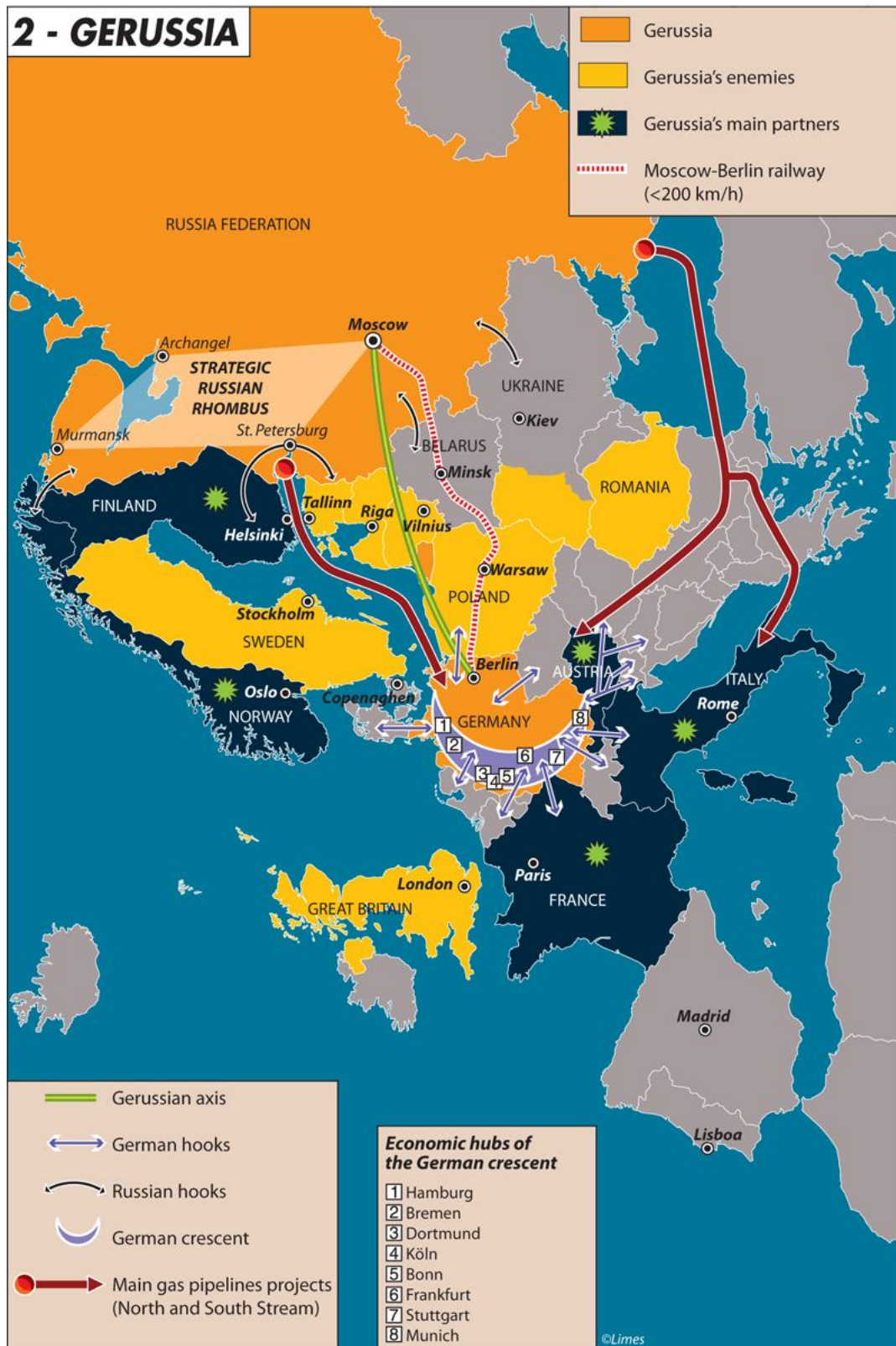


Figura 46. GeRussia de 2008

(<http://temi.repubblica.it/limes-Heartland/gerussia/1850>)

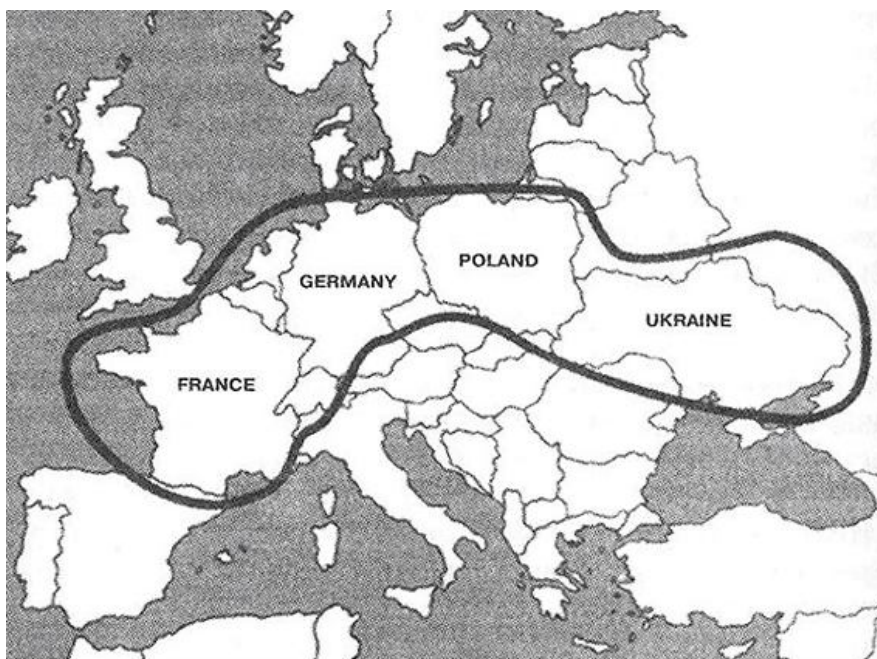


Figura 47. O núcleo de segurança da Europa, de acordo com Zbigniew Brzezinski

(<http://www.peremeny.ru/books/osminog/9044>)

O já referido journal «Heartland: Eurasian review of geopolitics», três anos antes do projecto de *GeRussia*, publicou um artigo em que se falava sobre a *EuRussia*, mais precisamente “Obama’s Nightmare: *EuRussia*”<sup>98</sup> (Figura 48)



Figura 48 “Obama’s Nightmare: *EuRussia*”

([http://temi.repubblica.it/UserFiles/limes/Image/Carte/806\\_CE4\\_incubo\\_eurussia\\_500.jpg](http://temi.repubblica.it/UserFiles/limes/Image/Carte/806_CE4_incubo_eurussia_500.jpg))

<sup>98</sup> Canali, Laura. (Janeiro de 2009). Obama’s Nightmare: EuRussia. Republica.it. Consultado em 17 de Abril de 2014. <http://temi.repubblica.it/limes-heartland/obamas-nightmare-eurussia/817>



Por outras palavras, as alternativas russas e mundiais são, em alguns aspectos, muito semelhantes. O Ocidente e a Rússia podem, pelo menos durante algum período histórico curto, ser aliados. Ainda algumas décadas atrás isso era impossível, mas agora o mundo mudou.

Embora a primeira tentativa real de estabelecer mundo russo-europeu tenha começado com Ivan, “o Terrível”, o principal autor da *EuRussia* foi Pedro, “o Grande”. Deslocando a presença russa para o Ocidente (aquilo que na Rússia foi chamado de “abertura de janela para o Ocidente”) até a cidade de Riga, em 1709, ele ao mesmo tempo, abriu a janela oriental para os europeus. A fronteira deste projecto foi fundada por ele em 1723, e passava pela cidade de Ekaterimburgo, assim chamado em homenagem a sua esposa.

Pedro I, abrindo “a janela para a Europa”, criou um forte impulso para a formação da Europa russa. Este impulso iniciou um longo processo de avanço da Rússia para o ocidente, que atingiu o pico no momento da época de Catarina, “a Grande” do Império Russo, quando a Rússia anexou o território da Polónia. O fim desta avanço que começou na época de Pedro, “o Grande”, aconteceu em 1809, com a inclusão da Finlândia.

Sobre os perigos de uma Eurásia unida sabia e o próprio sir Halford Mackinder. Como já foi referido, após a Primeira Guerra Mundial, em 1920, o britânico participou no processo da divisão da Europa. A Figura 49 representa o mapa que mostra os planos de sir Halford Mackinder de reduzir as possessões russas, criando as zonas de Estados limítrofes entre a Rússia e a Alemanha.

Para Vladimir Putin, a ideia da Eurásia Unida é uma prioridade. Isso mais uma vez foi mostrado na reunião em Minsk, em 26 de Agosto de 2014, em que o Presidente russo expressou a esperança de que todos os participantes deste encontro fossem os apoiantes do objectivo estratégico - a criação de um espaço económico comum de Lisboa até Vladivostoque. O próprio facto de que na Conferência de Minsk a União Eurasiática agiu juntamente com a UE como uma entidade única, a fim de resolver o problema comum de conflito militar na Ucrânia, já é um facto notável.<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> (Sem autor, 26 de Agosto de 2014). Putin, Poroshenko shake hands as Minsk forum to discuss Ukrainian peace plan. Russia Today. Consultado em 27 de Maio de 2014. <http://rt.com/news/182776-putin-meeting-ukraine-poroshenko/>



Figura 49. A divisão da Europa pós-Primeira Guerra Mundial pelo sir Halford Mackinder

([http://www.peremeny.ru/books/osminog/wp-content/uploads/2014/03/2\\_evrorossia\\_22.jpg](http://www.peremeny.ru/books/osminog/wp-content/uploads/2014/03/2_evrorossia_22.jpg))

Sobre o espaço económico comum Vladimir Putin falou muitas vezes. Basta lembrar o discurso de Presidente russo (na altura sendo o Primeiro-Ministro) no encontro organizado pela revista alemã *Süddeutschen*. As visões de Putin foram publicadas no artigo «Von Lissabon bis Wladiwostok» desta revista. Há que destacar 5 elementos cruciais desta publicação, que descrevem a Eurásia unida de Putin:

- A criação do espaço comum económico de Lisboa até Vladivostoque;
- A adopção da política industrial comum da Rússia e da UE;
- A necessidade de criação de um complexo energético comum;
- A necessidade de coordenação e o desenvolvimento da ciência, da educação e os centros científico-técnicos de inovação no espaço da UE e da Rússia;
- A necessidade de tornar o espaço da UE e da Rússia totalmente livre, aberto, sem necessidade para os cidadãos de possuir os vistos ou outros documentos especiais, com o objectivo da integração em todos os níveis.

Vladimir Putin não falou sobre a cooperação político-estratégica. Estes assuntos foi abordado pelo Presidente Dmitri Medvedev na Cimeira em Davos e na Cimeira da NATO em Lisboa. Os papéis dos líderes russos estavam claramente divididos.

Medvedev abordava os assuntos militares e de defesa, Putin - os assuntos económicos e energéticos.

Duas vezes o projecto comum eurasiático foi lembrado durante a “Linha Directa”<sup>100</sup> em 17 de Abril de 2014.

Sobre o projecto da Eurásia unida, décadas atrás, falou Charles de Gaulle, referindo a necessidade de criar a “Eurásia desde o Atlântico até as Montes Urais”. As palavras de Charles de Gaulle assustaram mesmo o líder soviético Nikita Khrushchov, que ficou com dúvida se o francês queria ou não desfragmentar a União Soviética.

Na Geopolítica, o projecto da Eurásia unida foi abordado pelos geopolíticos alemães, nomeadamente no projecto de Berlim-Moscovo-Tóquio de Karl Haushofer; sobre um projecto semelhante falou também o geopolítico francês Jean Parvulesco.

Em geral, parece que a Rússia está hoje perante um dilema. Ela necessita urgentemente de acabar com o perigo de avanço da NATO e aproximação das Forças Armadas deste bloco às suas fronteiras. Para esse feito, a Rússia necessita de estabelecer o controle sobre os países da ex-URSS, e talvez até, sobre os antigos membros do Pacto da Varsóvia. Como isso é possível? Há duas hipóteses. A primeira, através da União Eurasiática, que será a ponte que unirá o espaço comum económico europeu com o espaço comum da zona do Círculo do Pacífico. Não é por acaso, como já foi dito anteriormente, que a União Eurasiática funcionará nos mesmos princípios que outras duas, ou seja, será compatível com estas. Além disso, a não possibilidade de criar uma nova “cortina de ferro” entre a Europa e a Rússia vai automaticamente enterrar *Transatlantic Trade and Investment Partnership (TAFTA)*, o que será autêntica colonização da Europa por parte dos EUA.

A segunda hipótese é a defesa dos russos no estrangeiro. O sudeste da Ucrânia, a Transnístria na Moldova, os milhões russos étnicos nos países bálticos, a Abecásia e a Osétia de Sul, o Nagorno-Karabakh - são algumas das alavancas que estão em mãos da Rússia. Pelos vistos, esta hipótese é menos favorável e mais difícil de ser realizada, e Putin percebe muito bem isto. No entanto, ela será realizada, se o Ocidente não parar a sua expansão e não altera a sua política em relação à Rússia.

---

<sup>100</sup> Direct Line with Vladimir Putin. (17 de Abril de 2014). Site oficial do Presidente da Rússia. Consultado em 25 de Abril de 2014. <http://eng.kremlin.ru/news/7034>



Muito importante para a Rússia e o seu vizinho – a Ucrânia. A importância da Ucrânia para a Rússia conhece-se há muito tempo. O projecto nacionalista ucraniano foi criado com o apoio activo dos políticos alemães e austríacos (um destes foi Otto von Bismarck), que sempre acreditaram que a história tratou injustamente a Alemanha, dando-lhe um território tão pequeno. Bismarck considerava a Ucrânia como uma área de buffer, parede, que separa a Áustria-Hungria e a Alemanha da Rússia. *“The "Iron Chancellor" has stated directly: the power of Russia can only be undermined by Ukraine's separation from it. And to accomplish this it is necessary to oppose Ukraine to Russia: to change the self-consciousness of one part of the great nation to such an extent that it will hate everything that is Russian”<sup>101</sup>.*

A propaganda poderosa da ucranianização começou na véspera da Primeira Guerra Mundial. Da mesma forma que Bismarck, actuou e Adolf Hitler, durante época de qual o histórico território de "Sich" ucraniana transformou-se na estrutura do Exército Nacional Ucraniano e do Exército Insurreto Ucraniano, que fortemente cooperavam com os nazis.

Tal projecto nacionalista provoca claramente uma divisão dentro do mundo eslavo, usa activamente as idéias do fascismo e do nazismo, promove a intervenção estrangeira em todas as esferas da vida pública, ao mesmo tempo sendo dependente do capital estrangeiro.

Não é por acaso que durante a crise actual na Ucrânia, que começou no final de 2013, o primeiro golpe do radical “Sector Direito” ucraniano foi contra o Partido Comunista Ucraniano e tudo o que estava relacionado com a história do Império Russo e da União Soviética. Isso é bastante incomum, dado o facto de que o principal objectivo declarado da Revolução 2013-2014 foi a retirada de Yanukovych e a proibição do seu “Partido das Regiões”. Mas, o "Partido das Regiões" ainda está no Parlamento. Por quê? É muito simples. As novas forças políticas na Ucrânia são lideradas pelo desejo de apagar a própria memória da "outra" Ucrânia, que pode ser amigável, se não fraternal à Rússia. Como resultado, o vandalismo desnecessário em relação aos monumentos líderes políticos e militares da Rússia e da URSS

---

<sup>101</sup> Siletsky, Igor. (15 de Março de 2014). West uses neo-Nazis in Ukraine to split nation, escalate tensions. Consultado em 12 de Maio de 2014. [http://voiceofrussia.com/news/2014\\_03\\_15/West-uses-neo-Nazis-in-Ukraine-to-split-nation-escalate-tensions-9444/](http://voiceofrussia.com/news/2014_03_15/West-uses-neo-Nazis-in-Ukraine-to-split-nation-escalate-tensions-9444/)

(especialmente em relação aos monumentos de Lenine), e até mesmo contra os soldados-libertadores que morreram na luta contra os nazistas.

A adesão da Ucrânia à União da Eurásia ou o seu status neutro é um enorme buraco na estratégia de Washington de cercar a Rússia. Ele quebra o crescente geográfico da NATO, composto por chamados candidatos potenciais de adesão ao Bloco, que se estende desde a Polónia através da Ucrânia para a Geórgia, na periferia da Rússia. A anexação da Criméia pela Rússia foi o primeiro passo para o cancelamento desta estratégia.

A perda de facto da Criméia, bem como a degradação das relações entre a Transnístria (Moldova) e a Ucrânia, tendo em conta que a última vê esta região de Moldova como uma plataforma para a invasão das tropas de paz russas do território em direcção às regiões costeiras ucranianas, ainda mais complica a situação. Se considerar o facto de que a vizinha Bielorrússia é um satélite da Rússia (especialmente no âmbito da União Eurasiana), a Ucrânia já está numa espécie de cerco (Figura 50).<sup>102</sup>



Figura 50. O cerco da Ucrânia

(<http://www.geocurrents.info/geopolitics/russian-envelopment-ukraines-geopolitical-complexities>)

Dado o conflito militar nas duas regiões orientais, que pode espalhar-se no futuro próximo para outros 2-3 regiões vizinhos (onde a maioria da população são ortodoxos de língua russa) e, talvez, para todas as áreas da histórica Novorossiia (sudeste da

<sup>102</sup> Lewis, Martin W. Russian Envelopment? Ukraine's Geopolitical Complexities. GeoCurrents Consultado em 27 de Junho de 2014  
<http://www.geocurrents.info/geopolitics/russian-envelopment-ukraines-geopolitical-complexities>

Ucrânia), dado o sentimento separatista na região de Transcarpátia, no oeste do país (Figura 51), então, a Ucrânia enfrenta uma ameaça da mudança significativa na estrutura do Estado, da perda dos territórios ou até a completa divisão.



Figura 51. O cerco da Ucrânia e as regiões com as aspirações separatistas  
(<http://www.geocurrents.info/geopolitics/russian-envelopment-ukraines-geopolitical-complexities>)

A região de Transcarpátia tem uma característica geopolítica importante. Esta é a única região da Ucrânia, que está de certo modo dividida dela pelas Montes Cárpatos. É por causa desta característica que a cultura desta região é significativamente difere da ucraniana em geral. Sendo parte da Checoslováquia entre as duas guerras mundiais, na altura chamada a Rutênia dos Cárpatos posteriormente ficou sob o controle da Hungria, e depois, em 1945, sob controle da URSS. A região deu à URSS uma vantagem geoestratégica na Guerra Fria.

Apesar do facto de que a maioria da população deste território são os ucranianos, os resultados das votações desta região são significativamente diferentes de outras regiões do oeste da Ucrânia. Por exemplo, o pró-russo “Partido das Regiões” era capaz de ficar com a maioria dos votos (31%) nas eleições legislativas em 2012, enquanto que em Lviv o resultado do mesmo Partido foi inferior a 5%. Um dos principais problemas para o movimento nacionalista ucraniano aqui é a presença dos chamados rusyns ou grupo étnico ruteno. O Governo ucraniano recusa-se a reconhecer oficialmente a existência dos rutenos, o que agrava ainda mais a situação. Além disso, a nível oficial, muitas vezes foi afirmado que a Rússia patrocina o sentimento separatista na região. Qualquer violenta repressão desses sentimentos na região levará ao início da Guerrilha

partisan, e dada a geografia local, esta será para a Ucrânia o análogo da guerra em Chechênia para a Rússia.

Além disso, a própria Ucrânia faz fronteira com a Rússia a leste (um terço de toda a fronteira da Ucrânia é precisamente fronteira russo-ucraniana), ela também é o território de trânsito para a maior parte do gás russo que vai para a Europa, o que dá ao país uma receita significativa para o orçamento do Estado.

Na parte oriental da Ucrânia vivem mais de 15 milhões de russos étnicos. Até recentemente a Ucrânia ocupava terceiro lugar mundial nas exportações de grão, atrás dos Estados Unidos e da União Europeia, estando até na frente da Rússia e do Canadá. Isto devido principalmente ao tipo de solo negro, chamado de *chernossolo*, que é considerado o mais fértil do mundo, e que cobre uma parte significativa do território da Ucrânia (cerca de um terço de todas as reservas mundiais). Este solo é excepcional no fornecimento muito elevado de colheita em termos da qualidade, bem como da quantidade. Muitos gigantes globais - *Monsanto, Cargill, ADM e Kraft Foods* queriam ter acesso à esse recurso.

Na União Soviética, a Ucrânia foi considerada o celeiro, onde se produzia uma porção significativa dos alimentos da URSS. Hoje, com a perda da Ucrânia, independentemente do vasto território, a Rússia sente uma escassez de solos férteis, pois, como já foi mencionado, maior parte do país está num cinturão agrícola desfavorável.

A região ucraniana de Donbass (região do conflito militar actual) é altamente industrializada, com as indústrias avançadas de carvão e de aço, com as reservas de gás de xisto. Em geral, a Ucrânia é uma das regiões mais ricas da Europa, com uma grande quantidade de recursos naturais: carvão, granito, grafite, sal, etc.

Devido à riqueza e posição estratégica geográfica, não é por acaso que os eventos da “Revolução Laranja” de 2004 tiveram uma importância geopolítica essencial para o Washington, à luz da sua doutrina militar “*Full-Spectrum-Dominance*”<sup>103</sup>, ou seja, o controle global de todo o planeta: o controle pela terra, ar, oceanos, Espaço próximo e distante.

---

<sup>103</sup> Engdahl, William F. (16 de Março de 2010), Ukraine Geopolitics and the US-NATO Military Agenda: Tectonic Shift in Heartland Power, Center for Research on Globalization. Consultado em 27 de Janeiro de 2014. <http://www.globalresearch.ca/ukraine-geopolitics-and-the-us-nato-military-agenda-tectonic-shift-in-heartland-power/18128>

Não é surpreendente que a administração Bush-Cheney gastou tanto esforço para que na Ucrânia vencesse o "seu homem" - Viktor Yushchenko. A esposa de Yushchenko - Kateryna, nascida em Chicago, foi a funcionária oficial nas administrações de Reagan e de George H. W. Bush, bem como no Departamento de Estado americano. O principal objectivo da política externa de Yushchenko era integrar a Ucrânia na NATO. E Yushchenko quase conseguiu fazer isso, não fora os acontecimentos russo-georgianos de Agosto de 2008, que ocorreram apenas algumas semanas antes da votação da NATO sobre a adesão da Ucrânia e da Geórgia na aliança militar ocidental.

Com a adesão da Ucrânia na NATO, além da aproximação das Forças Armadas deste até as fronteiras russas, a largura do território russo entre o Cazaquistão no leste e a Ucrânia no oeste, seria apenas cerca de 540 km. Esta área é um dos centros industriais da Rússia e a sua captura por forças externas, em caso de invasão, seria o principal objectivo que podia levar ao colapso do país.

A presidência de Viktor Yushchenko, além de “eventos laranjos” em Kiev, ficou na memória pela tentativa de completa ruptura dos laços económicos com a Rússia, especialmente à luz do corte do gás russo para a Europa Ocidental através de gasodutos de trânsito da Ucrânia. Esta etapa foi usada pelo Washington para tentar convencer a UE, especialmente a Alemanha, que a Rússia é o "parceiro não confiável".

Em geral, provocando as crises do gás, o Governo da Ucrânia pretende alcançar um único objectivo - criar a nova "cortina de ferro" (pelo menos em termos económicos) entre a Rússia e a UE, pois o restringimento do fornecimento de gás à Ucrânia, automaticamente restringe os fornecimentos de gás à UE e tem um impacto negativo sobre as relações UE-Rússia.

Mas, de certeza, que o mais importante é a posição geográfica da Ucrânia (que faz parte de *Heartland* russo), o que significa que este país, em aliança com os inimigos da Rússia, é uma ameaça directa à segurança nacional da Federação Russa. Quando a Ucrânia foi envolvida no campo pró-ocidental durante a Revolução Laranja de 2004 (que era financiada directamente pelos países ocidentais e várias organizações e fundos, como, por exemplo, *Open Society Institute* de George Soros), e fez o principal objectivo da sua política externa a vontade de integrar a UE e a NATO, isso causou tanta preocupação no Kremlin, que nenhum outro evento podia causar.

A manipulação constante de preço de trânsito de gás russo, bem como a sua utilização como uma ferramenta fundamental para alcançar os objetivos nacionais, foi a principal característica da política durante presidência de Viktor Yushchenko. Sob a governação de Yanukovych (que tinha uma orientação mais pró-russa), a situação mudou drasticamente, o território ucraniano foi usado como uma rota alternativa de trânsito para a Europa, por exemplo, quando a Rússia cortou o fornecimento de gás natural para a vizinha Bielorrússia; os boicotes de trânsito ficaram no passado, que em grande parte melhorou as relações entre a Rússia e os países da UE. Hoje, com Petro Poroshenko no poder, a situação volta para os tempos de Viktor Yushchenko.

Na política externa, a Ucrânia, mesmo durante a governação de Viktor Yanukovych, colaborou significativamente com a UE, e, em 2010, até se juntou à Comunidade Europeia da Energia. A Rússia não tentou evitar isso, porque a convergência simultânea da Ucrânia e da UE, automaticamente aproximava a Rússia e a UE. No entanto, apenas a convergência, e não integração.

Falando sobre a Ucrânia, será crime não tocar o assunto da Criméia. Na Física existe a terceira lei de Newton, que afirma que “a toda acção há sempre uma reacção oposta e de igual intensidade”. Na prática, esta lei se aplica não só na Física, mas também na Geopolítica. Durante a “Linha Directa”, em 17 de Abril, o Presidente russo, Vladimir Putin, disse o seguinte: *"Our decision on Crimea was partly due to ... considerations that if we do nothing, then at some point, guided by the same principles, NATO will drag Ukraine in and they will say: 'It doesn't have anything to do with you. NATO ships would have ended up in the city of Russian navy glory, Sevastopol'"*<sup>104</sup>.

A Criméia é a principal vitória geopolítica da Rússia desde o colapso da União Soviética, pois, agora este é o único ponto a partir do qual a Federação Russa tem acesso às águas quentes. A perda da Criméia para a Ucrânia é um facto real. Uma enorme quantidade de críticas após a intervenção da Rússia em muitos aspectos não têm bom senso.

Em primeiro lugar, a Criméia durante um longo período de tempo era o território russo. A Marinha russa está na Criméia mais de 300 anos. A Marinha russa participou nas muitas guerras - as guerras russo-turcas de 1787 e de 1828-1829, na guerra com a

---

<sup>104</sup> (Sem autor, 17 de Abril de 2014). Putin says annexation of Crimea partly a response to NATO enlargement. Reuters. Consultado em 3 de Setembro de 2014.  
<http://www.reuters.com/article/2014/04/17/us-russia-putin-nato-idUSBREA3G22A20140417>



França de 1798-1800, sangrenta Guerra da Criméia de 1853-1856 e na Primeira Guerra Mundial. Durante a Segunda Guerra Mundial a Criméia tornou-se num campo de batalha entre a União Soviética e a Alemanha. A Crimeia é o único território em que se situam logo dois Cidades-Heróis - Sebastopol e Kerch. Cidade-Herói é o *status* mais alto que receberam doze cidades da URSS (mais a Fortaleza-Herói de Brest na Bielorrússia), que se tornaram famosos pela sua defesa heróica durante a Grande Guerra Patriótica de 1941-1945. Nesses territórios morreram milhões de soldados russos, que faz esta terra particularmente importante.

Em segundo lugar, a Criméia foi realmente de forma ilegal, sem o referendo ou aprovação qualquer da população local, transferida, em 1954, pelo Nikita Khrushchev para a República Socialista Soviética da Ucrânia.

Em terceiro lugar, até mesmo como parte da actual Ucrânia, a Crimeia tinha um *status* territorial especial da República autónoma, o que significa que esta tinha certa independência do resto da Ucrânia.

É importante notar, porém, que a importância naval de Sebastopol e da toda Crimeia é muito seriamente prejudicada pelo facto de que o acesso aos navios na região para o mar aberto é limitado pela Turquia, devido ao seu controle dos estreitos Bósforo e Dardanelos, e, portanto, da NATO. No entanto, Sebastopol claramente tem um valor estratégico na região, como isso foi visto em Agosto de 2008, quando os navios russos, ancorados na base naval desta cidade, foram usados para bloquear os portos da Geórgia durante o conflito russo-georgiano. Devido à actual política externa de Tbilisi de adesão à UE e à NATO, os navios russos no Mar Negro são elementos importantes que podem em casos muito extremos, organizar, por exemplo, um bloqueio económico semelhante ao bloqueio da Cuba pelos Estados Unidos.

No início dos anos 90 do século pasado neste flanco da Rússia aconteceu mais um evento de extrema importância. As forças centrífugas empurraram Moldova para o oeste, que provocou a substituição do cirílico para o latim, e a deslocação do centro espiritual de todos os moldavos para o Bucareste. Em Transnistria, onde viviam um número aproximadamente igual de russos, ucranianos e moldavos, com tal doutrina não se concordaram e anunciaram a criação da República Transnistriana da Moldávia ou Transnistria.

A Transnístria desde os primeiros dias do colapso da União Soviética declarou o seu desejo de continuar a fazer parte da Rússia, derramando até, mais tarde, o sangue para ter direito de decidir o seu próprio destino histórico. No referendo de 2006, mais de 97% da população local votou pela independência da Moldova. Assim, o povo da Transnístria demonstrou a sua integridade e a posição inalterada sobre a independência do seu país.

Hoje, a Transnístria é uma alavanca essencial da Rússia de não permitir a integração da Moldova nem na União Europeia, nem, especialmente, na NATO. Com a aproximação das fronteiras da NATO a leste, a Transnístria é um ponto essencial, o lugar onde se localizam as Forças Militares russas. Para além disso, como já foi mencionado no trabalho, a Transnístria é a “parede geopolítica” que bloqueia a intervenção das forças hostís dos Balcãs em direcção à Rússia. Tendo em conta a adesão dos países balcânicos ao Bloco Atlântico, o território da Moldova ganha uma nova importância geoestratégica. Uma situação muito semelhante à da Transnístria tem outra parte da Moldova – a Gagaúzia (Figura 52).

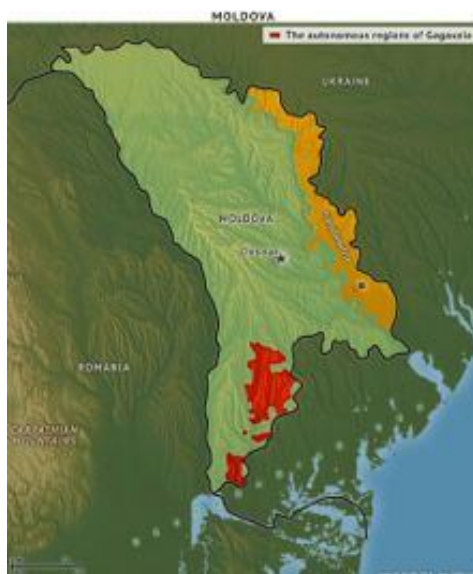


Figura 52. Território da Moldova, em que a Transnístria representada em cor laranja e Gaugázia em cor vermelha.

(<http://www.voltairenet.org/local/cache-vignettes/L220xH265/2-40-8a94f.jpg>)

## 6.4. Outras direcções

### 6.4.1. Planos de reorganização Geopolítica da Eurásia

Nesta parte é preciso observar alguns cenários da possível reorganização do continente eurasiático, vistos à olho nu. São bem conhecidos os planos da Turquia, que

é o "flanco sul" da NATO, para o renascimento do projecto dos tempos de Império Otomano "Sublime Porta" ou "Porta Otomana". Em grande parte, devido à estas circunstâncias, é explicada a actividade político-militar vigente da Turquia em torno da Síria. No entanto, à moderna geoestratégia turca opõe-se os planos para a criação de Estado "Grande Curdistão", que pode incluir não só o território do Iraque, da Síria e do Irão, mas também da Turquia. Assim, se desenvolve o cenário global de desestabilização do Médio Oriente.

Por razões naturais, climáticas, geográficas, geohistóricas, geopolíticas e outras, o país "chave", não só na Ásia Central, mas no todo o continente eurasiático é o Afeganistão. O Afeganistão moderno tornou-se objectivamente no epicentro dos problemas globais também porque recentemente se tornou na principal fonte de ameaça global de produção de drogas e de narcotráfico. No território deste país muçulmano produz-se mais de 80-90% das reservas mundiais de ópio<sup>105</sup> (Figura 53). Desde a entrada no país de tropas da NATO em 2001, os cultivos de papoula de ópio no Afeganistão aumentaram em dezenas de vezes. Além disso, o domínio do Afeganistão cria uma base forte para a influência no vizinho Irão. O Irão, em geral, é um caso especial e um *player* importantíssimo na região. A sua posição subsequente, como um grande exportador de petróleo, irá determinar além da distribuição dos recursos energéticos pelo mundo todo e o futuro do sistema financeiro mundial, em particular a posição do "petrodollar" americano.

A grande preocupação da opinião pública europeia devem chamar a política dos Estados Unidos para combater o desenvolvimento das relações entre a Europa Ocidental e a Rússia, principalmente no sector da energia, mas não só. Para o mesmo efeito não são deixados os planos para a formação da Confederação dos mares Báltico-Negro, sob a égide dos Estados Unidos, que deve desempenhar o papel de "buffer". Aqui, o principal aliado dos Estados Unidos e do Reino Unido é a Polónia. Os defensores mais consistentes dos Estados Unidos na Polónia novamente visam hoje o renascimento da Rzeczpospolita, sob o controle da qual antigamente estava uma parte significativa da "histórica" Rússia, os países bálticos e outros territórios geopoliticamente importantes.

---

<sup>105</sup> Gayle, Damien. (15 de Abril de 2013). Afghan heroin production soars as foreign troops pull-out. Consultado em 23 de Março de 2014. <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2309481/Heroin-production-tripled-Helmand-British-troops-arrived-2006-claims-UN-report.html>

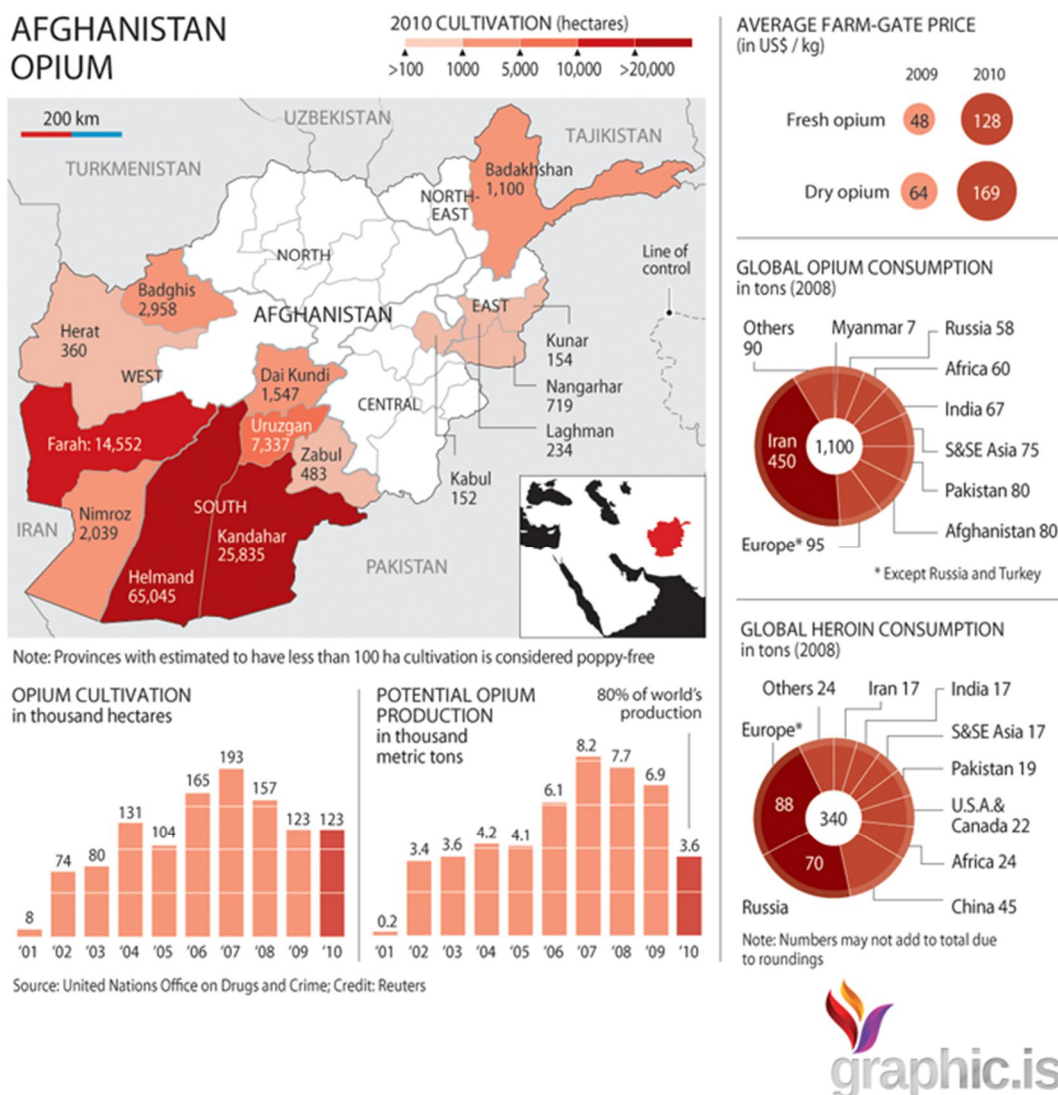


Figura 53. Produção de ópio em Afeganistão

(<http://orientalreview.org/wp-content/uploads/2013/12/afghanistan-opium.png>)

Além disso, alguns países tentam abalar a posição do euro, para provocar os processos de desintegração na comunidade económica europeia, e, assim, neutralizar o potencial competitivo da União. Ao mesmo tempo, o objectivo é de não deixar restaurar as posições e influência antigas da Alemanha na Europa que ela tinha até à formação da EU quando a moeda alemã foi uma das mais poderosas do mundo.

Enorme interesse representam a Sibéria e o Extremo Oriente da Rússia, uma vez que estas regiões têm as maiores reservas de recursos naturais.

Os objectivos próprios em relação aos antigos países da União Soviética procuram alcançar alguns países por meio das chamadas "revoluções coloridas" que tiveram lugar na Geórgia, no Quirguistão, na Ucrânia e em outros países. Em regra, eles são

programados para a época pré-eleitoral, a aposta é feita no romantismo e radicalismo juvenil, a divisão nas elites políticas, o apoio à oposição pró-ocidental.

#### 6.4.2. As crises e o gás

"A política de matéria-prima" da Rússia, embora muito perigosa por um lado, porque em grande parte dela depende toda a economia da Federação Russa pois a diminuição dos preços de recurso podem levar à consequências económicas muito negativas, também é uma ferramenta de influência, e, não menos importante, o factor essencial para o desenvolvimento de infra-estrutura, pois a exportação de petróleo e de gás não é só os dutos, mas também as diversas estações e fábricas, edifícios e inteiras cidades, em que vão viver os construtores e os futuros trabalhadores.

Se nos séculos XIX e XX, as leis da Geopolítica eram aplicados à luta pelas colónias, às guerras, à ocupação dos territórios, no século XXI, o centro de gravidade foi transferido para a economia e a energia. Ao mesmo tempo, o mapa do mundo, com os seus principais centros de influência manteve-se praticamente o mesmo. Alguns argumentam que estamos a lidar com uma nova forma de Geopolítica – a Geopolítica da energia.

A Rússia é um país produtor e fornecedor de recursos energéticos. As receitas de exportação de energia continuam a constituir grande parte do orçamento da Rússia e é o fundamento da economia russa. Portanto, da possibilidade de distribuição e de organização de vendas de recursos energéticos para os outros países que dependem destes recursos, depende a própria economia russa (Figura 54).

Os principais consumidores de recursos energéticos russos (do petróleo e do gás) são os países da Europa no oeste, Turquia no sul e China no leste. Do facto, se a Rússia for ou não for capaz de fechar o ciclo de fornecimento de petróleo e de gás para o usuário, depende, em última instância, a sua soberania económica. Isto significa que a Rússia tem um interesse vital em garantir as entregas directas em três direcções – oeste, sul, leste. No sul, a Rússia tem quatro países vizinhos que têm acesso aos recursos energéticos da Eurásia – o Irão, o Cazaquistão, o Azerbaijão e o Turcomenistão (com todos estes países Rússia faz fronteira no Mar Cáspio). Estes quatro países podem competir com a Rússia, ou podem agir como parceiros e sócios de projectos energéticos comuns da Eurásia. O desenvolvimento deste tipo de projectos energéticos comuns da Eurásia é um complemento necessário para a estratégia russa.



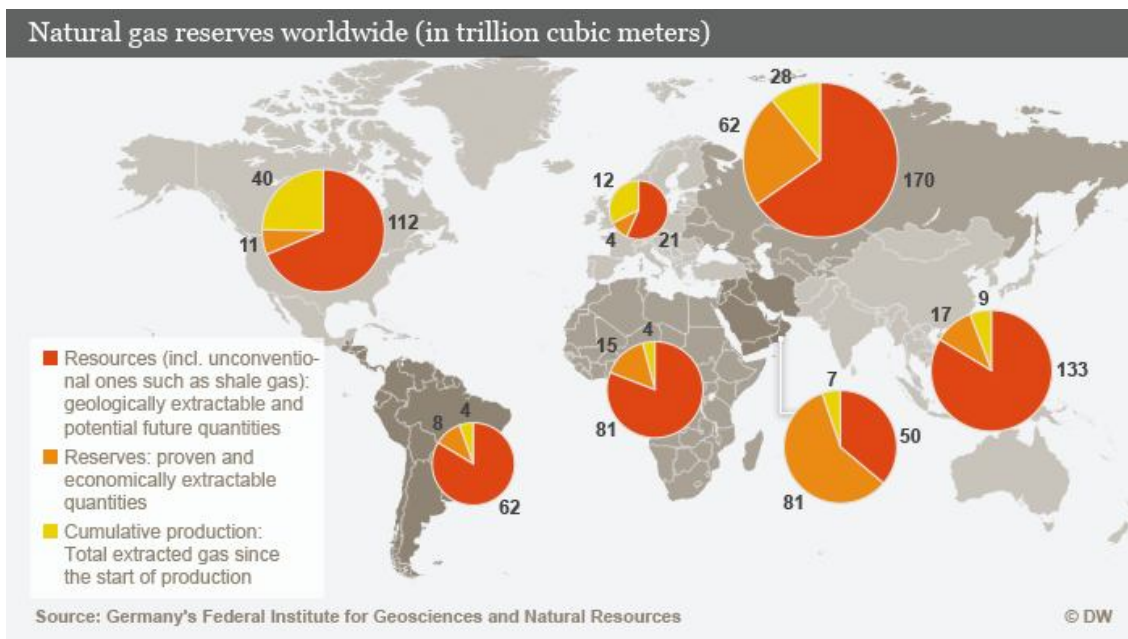


Figura 54. As reservas mundiais de gás. A Rússia está no primeiro lugar

([http://www.koreni.rs/wp-content/uploads/2014/08/017887072\\_40100.png](http://www.koreni.rs/wp-content/uploads/2014/08/017887072_40100.png))

Os Estados Unidos estão interessados no cenário oposto. Para eles, é importante que a energia para a Europa (parte do mundo euroatlântico) e para a Turquia (membro da NATO), e (de preferência) para a China venham daqueles campos, que são controlados pelos Estados Unidos ou, pelo menos, que os sistemas de transporte de energia passem pelos países, estrategicamente leais aos Estados Unidos. Para fazer isso, entre a Rússia e a Europa, a Turquia e a China é necessário construir um "cordão sanitário", controlado pelos Estados Unidos e que é capaz de influenciar os fornecimentos de energia (assim como o preço da energia) e destruir o consórcio energético eurasiático, ou, pelo menos, impedir o seu funcionamento eficaz.

Nas fases anteriores (históricos) da Geoestratégia, a situação era quase idêntica. O mundo anglo-saxónico estava vitalmente interessado em quebrar a aliança entre a Rússia e a Alemanha, bem como envolver-se directamente no controle estratégico sobre o Cáucaso, o Xinjiang, o Tibet e a área do Mar Cáspio.

Hoje, o "cordão sanitário" no Ocidente é a "Nova Europa", os países recentemente "libertos" do controle da URSS e "transferidos" para os braços dos Estados Unidos e da NATO. As suas economias são destruídas devido à incapacidade de competir com os países industrializados fortes e às políticas económicas comum-européias, e eles vivem à luz de subsídios económicos da União Europeia e o apoio político dos Estados



Unidos. Pelo apoio dos norte-americanos eles pagam com constante russofobia e tentativas constantes de interromper o fornecimento directo de recursos da Rússia para a Europa. Isto é uma política clássica da Polónia e dos países bálticos. Na mesma linha operavam a Ucrânia pró-americana de Yushchenko e da Tymoshenko, opera e actual Ucrânia de Poroshenko. Atrás da tentativa de desestabilização das relações entre Moscovo e Minsk é fácil de reconhecer a mesma estratégia.

Além disso, os Estados Unidos apoiavam e apoiam fortemente os gasodutos alternativos (projecto Nabucco – Figura 55, o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan – Figura 56, etc.), que passam a volta da Rússia. A desestabilização da situação étnica e religiosa no norte do Cáucaso tem directamente a ver com este projecto. O "cordão sanitário" neste caso é o Cáucaso do Sul e o país mais pró-americano na região – a Geórgia.



Figura 55. Projecto de gazoduto “Nabucco”

([http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nabucco\\_Gas\\_Pipeline-en.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nabucco_Gas_Pipeline-en.svg))



Figura 56. Gazoduto “Baku-Tbilisi-Ceyhan”

(<http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/bp/images/baku3.gif>)

No oriente, ao "cordão sanitário" servem as áreas problemáticas no norte e noroeste da China – o Xinjiang e o Tibete. Além disso, através, principalmente das mídias, é proclamada a ideia sobre a "ameaça chinesa" para a Rússia, que pressupõe, como resposta, a criação das alianças estratégica anti-chinesas e procuram piorar as relações fortes entre a Rússia e a China. O objectivo é o mesmo - perturbar a organização de fornecimento directo de recursos energéticos da Rússia para a China.

No oriente, outro país energeticamente dependente é o Japão, que é quase completamente desprovido de minerais e recursos. Para impedir a aproximação entre Moscovo e Tóquio na parceria global de energia, o Washington apoia fortemente as reivindicações do Japão sobre as Ilhas Curilas, o que bloqueia a oportunidade de desenvolver a parceria russo-japonesa do desenvolvimento da Sibéria e Extremo Oriente russo, bem como iniciar a construção de gazodutos para o Japão, tão dependente do fornecimento dos recursos do exterior.

Além disso, é importante para os Estados Unidos de evitar a aproximação da Rússia com o Irão (com possível tentativa de incluir o Moscovo numa coligação anti-iraniana e o estabelecimento de novas sanções contra este país), o Azerbaijão (acentuando a atenção na presença militar russa na Arménia) e o Turquemenistão (onde, no entanto, a liberdade de acção dos americanos é limitada).

Como um dos principais exportadores de gás natural do mundo, assim como o proprietário das maiores reservas deste recurso, a Rússia beneficia claramente disto. Mas, para os russos, as exportações de gás natural é algo mais do que apenas a renda extra. Para os russos, as exportações de gás natural é associado ao controle e a influência política. Quanto mais a Europa Ocidental depende da energia russa, mais o Kremlin irá usá-lo para forçar a separação desta região da aliança com os Estados Unidos, celebrada após a Segunda Guerra Mundial.

A crise pode também dar à Rússia o que ela pensa ser muito valioso – o tempo. Uma das razões porque a Rússia se tornou tão forte na última década é o facto do seu rival principal, os Estados Unidos, estar focado noutros problemas. E o Moscovo não deve de estar preocupado sabendo que o Washington está cada vez mais envolvido nos assuntos do Médio Oriente (principalmente devido ao conflito na Síria e os últimos acontecimentos no Iraque) e no sul da Ásia (antes de tudo no Afeganistão).

#### 6.4.3. O Golfo Pérsico

Aqui, os *players* mais influentes são Arábia Saudita e Qatar. Nesta zona, a principal questão não está relacionada com a sobrevivência geopolítica, mas com o dinheiro e a questão da influência. Estes países fizeram uma aliança temporária com a Turquia, para coordenar em conjunto os seus passos com o objectivo de destruir os países concorrentes que podem ser candidatos à liderança no mundo árabe-muçulmano do Médio Oriente. Havia inúmeros destes candidatos – a Argélia, a Líbia, o Egipto, a Arábia Saudita, o Qatar, o Irão, a Turquia, o Iraque, a Síria. Mas, os acontecimentos dos últimos anos mudaram drasticamente o equilíbrio de poder entre estes países.

As monarquias do Golfo olham para longe, entendendo bem, que no futuro será possível sobreviver apenas com a criação de um centro de poder sob a liderança unificada, e está claro que cada um deles quer desempenhar este papel. A Síria, neste aspecto, impede-os de alcançar este objectivo pelo facto de ser aliada do Irão, de desempenhar o papel relativamente independente em relação às políticas das monarquias, e ainda, de ser um condutor das políticas de outros *players* (antes de tudo da Rússia e da China), o que complica a existência bastante confortável desses Estados monárquicos em termos políticos e económicos. Como um dos exemplos pode ser o facto de impossibilidade da criação, por parte destes países, de uma rede de gasodutos através do território da Síria em direcção à Europa, pois estes projectos são impedidos precisamente pela presença de interesses russos na Síria. Assim, uma vez que nem Qatar, nem Arábia Saudita tem exércitos suficientemente fortes, eles preferem influenciar a situação com os recursos acessíveis, ou seja, o dinheiro.

Talvez, o principal problema no futuro próximo nesta região venha a ser a água. A água está a tornar-se cada vez mais um importante recurso estratégico, podendo ultrapassar no futuro, em termos de importância, o petróleo e o gás. Já hoje, uma tonelada de água limpa é mais cara do que o barril de petróleo, por isso, o fornecimento de água é uma das condições básicas para o desenvolvimento desta região. O crescimento da economia da região coloca a pressão extra sobre a procura de água.

Hoje, esta região está em primeiro lugar no mundo, não só pelo consumo de água, mas também pela sua dessalinização. Em condições de aumento da atenção para a questão da água e da segurança alimentar na região, a Rússia pode oferecer uma gama de cooperação mutuamente benéfica.

Uma possível direcção é a exportação da água potável. A Rússia tem as segundas maiores reservas de água doce e pode, possuindo enormes recursos hídricos renováveis, vender esta ao exterior<sup>106</sup>.

Poucos países do mundo, ricos em recursos hídricos, podem gabar-se de que eles têm à sua disposição bacias não separadas pelas fronteiras territoriais dos outros Estados (ou seja que as fontes de água estão 100% dentro do território nacional), que proporciona a segurança da água e não permite aos outros países o seu uso ou algum tipo de manipulação com esta.

A falta de água limpa de superfície faz com que muitos países utilizem activamente as águas subterrâneas. 70% de toda a água utilizada pelos usuários na UE é retirada precisamente destes aquíferos subterrâneos<sup>107</sup>. Em países áridos, a água está concentrada quase inteiramente em fontes subterrâneas (nos Marrocos - 75%, na Tunísia - 95%, na Arábia Saudita e na Malta - 100%).

Os aquíferos subterrâneos estão em muitos lugares, mas nem sempre eles são renováveis. Assim, no norte de África e na Península Arábica, estes aquíferos encheram-se de água cerca de 10 mil anos atrás, quando o clima era mais húmido aqui.

Na Rússia, há mais de 2,5 milhões grandes e pequenos rios (120 mil dos quais têm mais de 10 quilómetros), mais de 2 milhões de lagos, centenas de milhares de zonas húmidas e outros objectos de água.

## 7. Conclusão

Fica claro que o controle do *Heartland* não é uma panacéia para todos os problemas geopolíticos ou de outro tipo, que a Rússia enfrenta hoje. Aliás, provar isto nem sequer era o objectivo da presente Dissertação. Como foi dito logo no início, a Geopolítica é uma (e não única) das ferramentas para aumentar o potencial de um Estado. Além disso, o aumento ou ao contrário, a redução deste potencial depende das qualidades dos líderes que sabem, ou não, aproveitar os factores de potencial geopolítico. Basta olhar para a presidência de Boris Yeltsin, quando a Rússia deixou de ser um *player* mundial, e comparar esta com a era de Vladimir Putin, quando a Rússia

---

<sup>106</sup> (Sem autor). Top Ten Largest Renewable Fresh Water Supply Countries. Consultado em 3 de Abril de 2014. <http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-fresh-water-supply-map.html>

<sup>107</sup> Ledermann, Christian (26 de Agosto de 2013) UNESCO publishes first world map of underground transboundary aquifers. Consultado em 3 de Março de 2014 <http://iwlearn.net/news/iwlearn-news/unesco-global-groundwater-map-1.html>

se começa desempenhar um papel do *player* mundial. O mesmo se refere aos diferentes líderes russos do passado.

Sobre os principais defeitos da teoria de Mackinder remetemos para a página 23 da Dissertação. No entanto, surge mais um pormenor relevante. A distinção especial do modelo de sir Halford Mackinder foi a procura de uma fórmula, que possa ser usada para o cálculo de qualquer balança de poderes, independentemente do factor “tempo”, e não a fórmula aplicada num determinado período histórico. Por um lado, é a singularidade do modelo que o torna tão importante e notável, especialmente considerando o facto de que este surgiu há mais de 100 anos atrás, mas por outro, é exactamente esse é o seu lado mais fraco. Não é possível encontrar uma fórmula inalterável para os factores e a própria conjuntura mundial, que estão sempre em mudança.

A “durabilidade” da validade do modelo de sir Halford Mackinder é explicada pelo facto, de que os factores geográficos são os mais estáveis de todos os demais factores de avaliação de poder de um Estado ou de um grupo de Estados, o que torna a própria ciência Geopolítica importante, e permite a possibilidade de fazer as previsões e criar cenários de longo prazo. Claro, que a necessidade conhecer a História é também crucial e a Dissertação só confirma este imperativo. Trata-se de um certo flagrante da teoria do “Destino Manifesto”.

Hoje, o *Heartland* perdeu certa importância devido aos avanços tecnológicos (mísseis intercontinentais, submarinos, navios de guerra, poder aéreo em geral, desenvolvimento das comunicações, tipos novos de transporte, etc.), que permitiram reduzir a distância e gerir melhor o espaço territorial. Mas por outro lado, o *Heartland* ganha uma nova importância no mundo em que a luta é feita não pela conquista dos territórios, mas pelo controle dos territórios ricos em recursos, através dos quais se realiza o trânsito destes recursos.

Na opinião do autor da Dissertação, está claro que o controle do *Heartland* cria condições à Rússia para ser poder mundial em vez de ser uma potência regional. Só o controle do *Heartland*, das suas fronteiras naturais, que garanta o nível de segurança básico ao Estado russo, permite à Rússia desenvolver o seu potencial como líder mundial. Assim era séculos atrás, assim continua hoje, pois os factores geográficos são muito constantes e não forem revogados por outros na Dissertação.

Controlando o *Heartland*, a Rússia consegue focar a atenção na sua afirmação global, em vez de se preocupar com o constante controle das fronteiras e de lidar com as novas ameaças internas. Não é por acaso, que a URSS, que tinha as melhores fronteiras históricas, que podemos considerar como expoentes, tendo em conta os aliados do Pacto de Varsóvia, conseguiu ser uma superpotência que discutia com os EUA a liderança do mundo. Na história milenar russa, a Rússia (seja o Principado de Kiev, o Grão-Ducado de Moscovo ou o Império Russo) nunca se conseguiu aproximar a este resultado. Mas, quanto mais a Rússia se aproximava das fronteiras naturais do *Heartland*, maior tornava a sua influência externa. Alcançando a forma final imperial nos meados do século XIX, a Rússia tornou-se no único real adversário, o poder marítimo na altura a Grã-Bretanha. É exactamente devido à isso que surgiu o “Grande Jogo”, e é esta a causa do aparecimento do próprio modelo de sir Halford Mackinder, que trouxe ao dito britânico a fama mundial. A maior contribuição dele para o mundo (ou pelo menos para a Geopolítica) foi a de descobrir o segredo do país, que se transformou de um ponto, pequeno do mapa mundial numa grande potência continental. Esta contribuição de Mackinder é notável.

Hoje, a Rússia moderna foi por caminho diferente. Em vez de se preocupar com as suas fronteiras, ela focou a atenção no aproveitamento dos vastos recursos, o que reforçou a grande vantagem do *Heartland*, com o objectivo de melhorar a sua economia e poder externo. No entanto, mais cedo ou mais tarde, voltaria o momento, quando a segurança se tornaria no problema primário. E este problema chegou. Com a aproximação da NATO e o aparecimento de várias alianças hostís (como, por exemplo, GUAM), o número crescente de “pontos quentes” (Nagorno-Karabakh, leste da Ucrânia, Síria e Iraque entre outros), a Rússia enfrenta o principal problema não resolvido, que põe em causa a própria proeminência do Estado russo como potência regional até. A questão essencial aqui é que, os recursos de *Heartland* podem dar certa vantagem, mas só controlando as fronteiras de *Heartland* é que se abre a possibilidade de tirar deles todo o potencial estratégico..

Como pode este problema ser resolvido? Através da integração das ex-repúblicas da URSS na esfera da influência russa. O projecto disto já está em curso. É a União Eurasiática. Outra hipótese, que daria ainda maior o resultado para a Rússia é a criação de um único espaço (inicialmente económico) eurasiático, que permitiria à Rússia não só aproveitar os vastos recursos de *Heartland* e alcançar as fronteiras naturais da “Terra



Coração”, mas aproveitar o próprio enorme território russo e a sua posição estratégica de meio, como ponte entre Europa e a Ásia, tornando-se num país de trânsito. Mas para isso é necessário unir os espaços económicos do Atlântico e do Pacífico. E, novamente, tal só será possível, através da União Económica de ex-repúblicas da URSS.

Com base nisso, podemos afirmar que as regiões cruciais estratégicas, da quais a Rússia não pode prescindir são as antigas repúblicas da União Soviética, que são chamadas do “estrangeiro próximo” (enquanto o resto de mundo é “estrangeiro distante”). É o espaço vital, mas não em sentido hitleriano, mas em sentido estratégico, de garantia de sobrevivência do Estado russo e da realização dos seus principais interesses. Como foi dito na Dissertação, a Rússia não necessita de se expandir territorialmente em direcção a estas zonas. São os territórios que devem servir de função de “buffer”, zonas tampão, parede, que vão separar a Rússia dos principais Estados adversários dela. Embora, a importância dos flancos norte e oeste ser cada vez mais importante, como continental, a Rússia deve, antes de tudo, garantir o controle de *Heartland* continental. Como decorre de Mackinder, a Rússia, que controla *Heartland* é um *player state* e não é um Estado periférico.

O projecto expansionista russo só confirma esta teoria. Antes de tudo ele buscava, como objectivo, a garantia da segurança nacional, procurando sempre as fronteiras naturais, sem as quais o país nunca conseguiu desenvolver-se e esteve envolvido em constantes guerras. Isso explica o atraso constante russo em termos de economia, política e tecnologia. Para se desenvolver, a Rússia têm de deixar de se preocupar com as possíveis ameaças. E isso só é possível controlando a “fortaleza natural” do *Heartland*.

O projecto expansionista russo difere de grande parte dos projectos expansionistas, que procuravam controlar os territórios para a exploração dos recursos (exemplo: Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e EUA). A Rússia não necessita disto e por isso depende muito menos dos outros países, pois o *Heartland* é uma “fortaleza” auto-suficiente. Isso também explica o facto, de que Rússia nunca utilizou a sua Marinha para ter posses ultramarinas. O acesso à águas quentes é necessário para ter o uso das rotas comerciais importantes, realizando trocas comerciais, estimular o uso das mais recentes tecnologias, bem como, hoje, manter os navios de guerra russos no Oceano Mundial, preparados de responder com as armas nucleares em caso de ataque à Rússia. Trata-se, pois, de uma política integrada.



## Bibliografia

- (Vários autores), *Crise, Estado e Segurança*, MGI, 2014
- Alekseeva, I. V; Zelenov, E. I; Yakunin, V. I., *Geopolítica na Rússia: entre Este e Oeste: final do século XVIII – início do século XX*, São-Petersburgo, 2001
- Almeida, Políbio Valente, *Do Poder do Pequeno Estado: Enquadramento geopolítico da hierarquia das potências*, 2ª edição, ISCSP, 2012
- Bandeira, Luíz Alberto Moniz., *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*, Civilização Brasileira, 2013.
- Bessa, António Marques, *O olhar de Leviathan: uma introdução à Política Externa dos Estados Modernos*, ISCSP-UTL, 2001
- Bessa, António Marques; Dias, Carlos Manuel Mendes, *O salto do Tigre, Geopolítica Aplicada*, Edição Prefacio, 2007
- Blouet, Brian W. *Geopolitics and Globalization in the Twentieth Century*, 2001
- Brzezinski, Zbigniew, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*, New York, Basic Books, 1997
- Buer, J-L, *A Rússia*, Inquerito, 2002;
- Cohen, Saul Bernard. *Geopolitics of the World System*. Rowman & Littlefield Inc. 2003
- Cortesao, Armando (1990), *The Suma Oriental of Tome Pires: an account of the East, from the Red Sea to China. Written in Malaca and India in 1512-1515*, Vol. 1, p. 75
- Cresswell, Tim. *Gographic Thought: a critical introduction*, Wiley-Blackwell, 2013
- Defarges, Philippe Moreau, *Introdução à Geopolítica*, Lisboa, Gradiva, 2003
- Dergachyov, V. A., *Geopolítica: manual para as Universidades*, YUNITI-DANA, 2004
- Diniz, Maria Emilia; Tavares, Aderito; Caldeira, Arlindo M., *História 9º ano de escolaridade*, Editoril O Livro
- Dugin, Aleksandr Gelievich, *As bases da geopolítica*, Moscou, Arktogeya, 2000
- Dugin, Aleksandr Gelievich, *Evrasianismo: Ensaios selecionados*, Zarinha Centro de Cultura, 2012
- Dugin, Aleksandr Gelievich, *Geopolítica da Rússia*, Moscou, 2012



- Gilbert, Martin, *História do século XX*, Expresso, Publicações Dom Quixote
- Gotz, Aly. *O Estado Popular de Hitler: Roubo, Guerra Racial e Nacional-Socialismo*. Editora Texto, 2009
- Kolosov, V. A.; Mironenko, N. S., *Geopolítica e geografia política*, Moscou, Aspent Press, 2001
- Lara, António de Sousa, *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*, 6ª edição, ISCSP, 2011
- Lara, António de Sousa, *Imperialismo, Descolonização; Subversão e Dependência*, ISCSP, 2002
- Lara, António de Sousa, *O Terrorismo e a Ideologia do Ocidente.*, Coimbra, Almedina, 2007
- Lara, António de Sousa, *Subversão e Guerra Fria*, Lisboa, ISCSP-UTL, 2011
- Mackinder, Halford John, *The round world and the winning of the peace*, Foreign Affairs, 21 (1943) 595–605.
- Mackinder, Halford John. *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*. New York: Holt, 1919.
- Mendes, Nuno Canas, *História e Conjuntura nas Relações Internacionais*, Lisboa, ISCSP-UTL, 2008
- Meredith, Robyn, *The Elephant and the Dragon: The rise of India and China and what it means for all of us*, W. W. Norton & Company, Inc., 2007
- Neves, Pedro Almiro; Pinto, Ana Lúcia; Couto, Célio Pinto do, *História/ 12º ano de escolaridade*, 1º e 2º volumes, Porto Editora
- Nye, Joseph S. Jr., *Compreender os Conflitos Internacionais: uma introdução à Teoria e à História*, Gradiva, 2002
- O’Neil, Jim, *The Growth Map: Economic Opportunity in the BRICs and beyond*, Portfolio/Penguin, 2011
- Panarin, Igor Nikolaevich, *Guerra informacional e geopolítica*, Moscou, Pokolenie, 2006
- Pereira, Luís Mira, *O que esperar da Europa? Uma análise geopolítica*, Causa das Regras
- Pereira, Luís Mira. *O que esperar da Europa? Uma análise geopolítica*. 1ª edição. Causa das Regras
- Rego, Helena Cristina, *A Nova Rússia*, ISCSP



- Ribeiro, António Silva, *Política de Defesa Nacional e Estratégia Militar: modelo de elaboração*, Diário de Bordo, 2010
- Ribeiro, António Silva, *Teoria Geral da Estratégia: o essencial ao processo estratégico*, Almedina, 2010
- Spykman, Nicholas, *America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power*, San Diego, Harcourt, Brace and Company Inc., 1942
- Starikov, Nikolai Viktorovich, *Como traíam a Rússia*, Piter, 2010
- Starikov, Nikolai Viktorovich, *Geopolítica. Como isso faz*, Piter, 2014
- Thibault, Pierre, *O período das Ditaduras 1918-1947*, Publicações Dom Quixote
- Tzu, Sun. *A arte da Guerra*. Clássicos do Pensamento Estratégico. Edições Sílabo.

### Webgrafia

- (Sem autor) *A Decade of American Foreign Policy 1941-1949 Vandenberg Resolution*. Consultado em 27 de Março de 2014.  
[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/decad040.asp](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/decad040.asp)
- (Sem autor) *Prominent Russians: Nicholas I*. RussiaPedia. Consultado em 14 de Março de 2014. <http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/the-romanov-dynasty/nicholas-i/>.
- (Sem autor) *The lies and racism of Woodrow Wilson*. Consultado em 15 de Maio de 2014.  
<http://www.worldfuturefund.org/wffmaster/Reading/war.crimes/US/Wilson.htm>
- (Sem autor) *The lies and racism of Woodrow Wilson*. Consultado em 15 de Maio de 2014.  
<http://www.worldfuturefund.org/wffmaster/Reading/war.crimes/US/Wilson.htm>
- (Sem autor) *Top Ten Oil Reserves Countries*. Consultado em 27 de Junho de 2014. *Top Ten Oil Reserves Countries*.  
<http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-oil-reserves-countries-map.html>
- (Sem autor), 6 de Agosto de 2012. *Iran Has More Than 5,000 Mines It Can Use To Block The Strait Of Hormuz*. Business Insider. Consultado em 16 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.businessinsider.com/iran-has-more-than-5000-mines-it-can-use-to-block-the-strait-of-hormuz-2012-8>



- (Sem autor), *Malacca sultanate. New World Encyclopedia. Consultado em 15 de Fevereiro de 2014.*  
[http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Malacca\\_Sultanate](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Malacca_Sultanate)
- (Sem autor). 4 de Maio de 2010. *Today in Civil War history: Winfield Scott's Anaconda Plan. Consultado em 15 de Março de 2014.*  
<http://www.examiner.com/article/today-civil-war-history-winfield-scott-s-anaconda-plan>
- (Sem autor). *Geopolitics Behind the Great Victory. Strategic Culture Foundation. Online Journal. Consultado em 23 de Março de 2014.*  
<http://www.strategic-culture.org/pview/2011/05/08/geopolitics-behind-the-great-victory.html>
- (Sem autor). Sykes-Picot drew Middle East's arbitrary borders. Deutsche Welle. Consultado em 29 de Junho de 2014.  
<http://www.dw.de/sykes-picot-drew-middle-east-s-arbitrary-borders/a-17734768>
- (Sem autor). Top Ten Largest Renewable Fresh Water Supply Countries. Consultado em 3 de Abril de 2014.  
<http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-fresh-water-supply-map.html>
- (Sem autor, 12 de Julho de 2012) David Rumsey Map Collection. Consultado em 15 de Maio de 2014.  
<http://www.davidrumsey.com/blog/2011/7/11/first-atlas-of-russia-published-in-1745>
- (Sem autor, 17 de Abril de 2014). Putin says annexation of Crimea partly a response to NATO enlargement. Reuters. Consultado em 3 de Setembro de 2014.  
<http://www.reuters.com/article/2014/04/17/us-russia-putin-nato-idUSBREA3G22A20140417>
- (Sem autor, 18 de Setembro de 2014) Shia rebels in Yemen besiege university run by Sunni radicals. Consultado em 22 de Setembro de 2014.  
<http://www.theguardian.com/world/2014/sep/18/yemen-shiite-sunni-rebels-university-houthi>



- (Sem autor, 26 de Agosto de 2014). Putin, Poroshenko shake hands as Minsk forum to discuss Ukrainian peace plan. Russia Today. Consultado em 27 de Maio de 2014.  
<http://rt.com/news/182776-putin-meeting-ukraine-poroshenko/>
- (Sem autor, 30 de Setembro de 2013) *Russia to build maintenance facility for ships in Vietnam's Cam Ranh*. Pravda.ru. Consultado em 24 de Maio de 2014.  
<http://english.pravda.ru/world/asia/30-09-2013/125764-russia-vietnam-cam-rah-n-bay-0/>
- (Sem autor, 31 de Março de 2014). A conversation with Kennan's biographer. Consultado em 2 de Junho de 2014.  
<http://streamhistory.com/george-f-kennan-and-the-origin-of-u-s-containment-policy/>
- (Sem autor, 4 de Abril de 2007) *Russia made huge mistake when it sold Alaska to USA for only 7.2 million dollars*. Pravda.ru. Consultado em 9 de Abril de 2014. <http://english.pravda.ru/history/04-04-2007/89041-alaska-0/>  
<http://english.pravda.ru/history/04-04-2007/89041-alaska-0/>
- A Cooperative Strategy for 21st Century Power (Outubro de 2007). Site oficial da Marinha americana (Navy.mil).  
<http://www.navy.mil/maritime/MaritimeStrategy.pdf>
- Alexey Miller: Russia and China signed the biggest contract in the entire history of Gazprom. Site oficial do Gazprom. Consultado em 2 de Setembro de 2014.  
<http://www.gazprom.com/press/news/2014/may/article191451/>
- Badkar, Mamta. (29 de Junho de 2011) *The 10 Countries Sitting On The Most Natural Gas*. Consultado em 27 de Março de 2014.  
<http://www.businessinsider.com/countries-biggest-natural-gas-reserves-2011-06?op=1>
- Baev, Pavel, (Outubro de 2007). *Russia's Race for the Arctic and the New Geopolitics of the North Pole*. The Jamestown Foundation. Consultado em 17 de Fevereiro de 2014.  
[http://www.jamestown.org/uploads/media/Jamestown-BaevRussiaArctic\\_01.pdf](http://www.jamestown.org/uploads/media/Jamestown-BaevRussiaArctic_01.pdf)
- Beker, Peter. (19 de Abril de 2014) In Cold War Echo, Obama Strategy Writes Off Putin. The New York times. Consultado em 23 de Junho de 2014





[http://www.nytimes.com/2014/04/20/world/europe/in-cold-war-echo-obama-strategy-writes-off-putin.html?hpw&rref=world&\\_r=3](http://www.nytimes.com/2014/04/20/world/europe/in-cold-war-echo-obama-strategy-writes-off-putin.html?hpw&rref=world&_r=3)

- Billard, Robert D. Operation Cyclone: How the United States Defeated the Soviet Union. Undergraduate Research Journal at UCCS. Volume 3.2, October 2010. Consultado em 2 de Março de 2014.  
[http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3\\_1/apache\\_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWNoZV9tZWRpYS8xMjMzMjc=.pdf](http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3_1/apache_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWNoZV9tZWRpYS8xMjMzMjc=.pdf)
- Blunden, Margaret. Geopolitics and the Northern Sea Route. Consultado em 17 de Julho de 2014.  
[http://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/public/International%20Affairs/2012/88\\_1/88\\_1blunden.pdf](http://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/public/International%20Affairs/2012/88_1/88_1blunden.pdf)
- Boardman, Terry. (8 de Maio de 2012). The 'Independence' of Kosovo, and Camp Bondsteel. Consultado em 19 de Abril de 2014.  
<http://threeman.org/?p=387>
- Bonnal, Nicolas. (26 de Fevereiro de 2014). Brzezinski, the global chessboard and the Ukrainian chakra. Consultado em 14 de Março de 2014.  
[http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian\\_chakra-0/](http://english.pravda.ru/opinion/columnists/26-02-2014/126940-ukrainian_chakra-0/)
- Bradshaw, Michael. The Kremlin, National Champions and the International Oil Companies: The Political Economy of the Russian Oil and Gas Industry. Consultado em 2 de Maio de 2014.  
<https://www2.le.ac.uk/departments/geography/documents/folder/Geopolitics%20of%20Energy%20-%20MJB%20article-May%202009.pdf>
- Canali, Laura. (Janeiro de 2009). Obama's Nightmare: EuRussia. Republica.it. Consultado em 17 de Abril de 2014.  
<http://temi.repubblica.it/limes-heartland/obamas-nightmare-eurussia/817>
- Cathey, Boyd. (27 de Julho de 2014). Russian Aggression Prevention Act of 2014: An unnatural desire for war? Consultado em 28 de Julho de 2014.  
<http://www.commdiginews.com/politics-2/russian-aggression-prevention-act-of-2014-an-unnatural-desire-for-war-22554/>
- Center for Strategic and International Studies (2007), *Iran, Oil, and the Strait of Hormuz*, Consultado em 3 de Junho de 2014.  
[http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326\\_iranoil\\_hormuz.pdf](http://csis.org/files/media/csis/pubs/070326_iranoil_hormuz.pdf)



- Chossudovsky, Michel. (22 de Agosto de 2008). The Eurasian Corridor: Pipeline Geopolitics and the New Cold War. Global Research. Consultado em 28 de Janeiro de 2014.  
<http://www.globalresearch.ca/the-urasian-corridor-pipeline-geopolitics-and-the-new-cold-war/9907>
- Cohen, Ariel. (25 de Julho de 2013). Russia's Military on the March in Asia. The National Interest. Consultado em 29 de Abril de 2014.  
<http://nationalinterest.org/commentary/russias-military-the-march-asia-8772>
- Dergachyov, Vladimir (28 de Outubro de 2012), *O destino geopolítico da Rússia: “Terceira Roma” ou Eurásia?* Consultado em 3 de Maio de 2014.  
<http://www.russkie.org/index.php?module=fullitem&id=27076>
- Dhaka, Ambrish. *Mackinder’s Heartland and the location of the geopolitical tetrahedron*. Consultado em 4 de Agosto de 2014.  
[http://www.academia.edu/662990/MACKINDERS\\_HEARTLAND\\_AND\\_THE\\_LOCATION\\_OF\\_THE\\_GEOPOLITICAL\\_TETRAHEDRON](http://www.academia.edu/662990/MACKINDERS_HEARTLAND_AND_THE_LOCATION_OF_THE_GEOPOLITICAL_TETRAHEDRON)
- Direct Line with Vladimir Putin. (17 de Abril de 2014). Site oficial do Presidente da Rússia. Consultado em 25 de Abril de 2014.  
<http://eng.kremlin.ru/news/7034>
- Dobrocheev, Oleg. (11 de Março de 2014). EuroRússia ou GeRússia? Globalização e as mapas antigas. Manfred Shneps-Shneppe. Consultado em 3 de Maio de 2014.  
<http://www.peremeny.ru/books/osminog/9019>
- Dugin, Aleksandr (14 de Outubro de 2012). Da Geografia Sagrada à Geopolítica. Legio Victrix. Consultado em 2 de Março de 2014.  
<http://legio-victrix.blogspot.pt/2012/10/da-geografia-sagrada-geopolitica.html>
- Economic and Social Council – ECOSOC, *The question of the Strait of Malacca*, Consultado em 15 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.davimun.org/wp-content/uploads/2014/06/ECOSOC-2-Yves-Bakker.pdf>
- Ellerson, Lindsey. (6 de Março de 2009). Clinton Hits Wrong ‘Re-Set’ Button With Russia. ABC News. Consultado em 3 de Março de 2014.  
<http://abcnews.go.com/blogs/politics/2009/03/clinton-tries-t/>



- Engdahl, William F. (16 de Março de 2010), *Ukraine Geopolitics and the US-NATO Military Agenda: Tectonic Shift in Heartland Power*, Center for Research on Globalization. Consultado em 27 de Janeiro de 2014.  
<http://www.globalresearch.ca/ukraine-geopolitics-and-the-us-nato-military-agenda-tectonic-shift-in-heartland-power/18128>
- Engdahl, William F. *Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World Order*, 2009. Consultado em 25 de Março de 2014.  
<http://zulfahmed.files.wordpress.com/2013/11/engdahl-full-spectrum-dominance.pdf>
- Fomichev, Michail. (1 de Dezembro de 2011). Aerospace Defense Forces go on duty to stave off missile threats. RiaNovosti. Consultado em 21 de Junho de 2014.  
[http://en.ria.ru/military\\_news/20111201/169208932.html](http://en.ria.ru/military_news/20111201/169208932.html)
- Friedman, George (15 de Outubro de 2008), *The Geopolitics of Russia: Permanent struggle*. Stratfor. Consultado em 15 de Julho de 2014.  
[http://www.colorado.edu/geography/class\\_homepages/geog\\_4892\\_sum10/Geopoliticsofrussia\\_stratfor.pdf](http://www.colorado.edu/geography/class_homepages/geog_4892_sum10/Geopoliticsofrussia_stratfor.pdf)
- Friedman, George (15 de Outubro de 2008). *The Geopolitics of Russia: Permanent Struggle*. Stratfor. Consultado em 3 de Junho de 2014.  
[http://www.colorado.edu/geography/class\\_homepages/geog\\_4892\\_sum10/Geopoliticsofrussia\\_stratfor.pdf](http://www.colorado.edu/geography/class_homepages/geog_4892_sum10/Geopoliticsofrussia_stratfor.pdf)
- Friedman, George. (25 de Março de 2014) From Estonia to Azerbaijan: American Strategy After Ukraine. Consultado em 5 de Agosto de 2014  
<http://www.stratfor.com/weekly/estonia-azerbaijan-american-strategy-after-ukraine#axzz3E3r1Tldy>
- Gayle, Damien. (15 de Abril de 2013). Afghan heroin production soars as foreign troops pull-out. Consultado em 23 de Março de 2014.  
<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2309481/Heroin-production-tripled-Helmand-British-troops-arrived-2006-claims-UN-report.html>
- Gibbs, David N. Review Essay: Afghanistan: The Soviet invasion in retrospect Consultado em 2 de Fevereiro de 2014  
<http://dgibbs.faculty.arizona.edu/sites/dgibbs.faculty.arizona.edu/files/afghan-ip.pdf>



- Guliver, Katrina. *European Perceptions of Malacca in the Early Modern Period*. Consultado em 24 de Março de 2014.  
[http://www.academia.edu/789550/European\\_Perceptions\\_of\\_Malacca](http://www.academia.edu/789550/European_Perceptions_of_Malacca)
- Helwig, Holger H. THE DAEMON OF GEOPOLITICS: KARL HAUSHOFER, RUDOLF HESS AND ADOLF HITLER. University of Calgary. Consultado em 18 de Junho de 2014.  
<http://www.usafa.edu/df/dfh/docs/Harmon53.pdf>  
<http://www.nytimes.com/2014/04/20/world/europe/in-cold-war-echo-obama-strategy-writes-off-putin.html?hpw&rref=world&r=3>  
<http://www.stratfor.com/weekly/estonia-azerbaijan-american-strategy-after-ukraine#axzz3E3r1Tldy>
- Ivashov, Leonid. *Drang Nach Osten: What Triggered World War II? Global research*. Consultado em 7 de Abril de 2014.  
<http://www.globalresearch.ca/drang-nach-osten-what-triggered-world-war-ii/15027>
- Karaveli, Halil, (15 de Maio de 2013) *Obama and Erdogan's Trust Problem*. Consultado em 27 de Maio de 2014.  
<http://nationalinterest.org/commentary/obama-erdogans-trust-problem-8473>
- Kliuchevsky, V. O. *A Course in Russian History: The Time of Catherine the Great*. M. E. Sharp, Inc., 1984. Consultado em 9 de Maio de 2014.  
[http://books.google.pt/books?id=elsgcNzOV68C&pg=PA73&lpg=PA73&dq=greek+project+russia&source=bl&ots=sbAt0wTQcU&sig=gSGPEZlvKTCgWkhs cV8D\\_MXQR9c&hl=pt-PT&sa=X&ei=9EQfVLCsIo\\_aaKy0gPgD&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=greek%20project%20russia&f=false](http://books.google.pt/books?id=elsgcNzOV68C&pg=PA73&lpg=PA73&dq=greek+project+russia&source=bl&ots=sbAt0wTQcU&sig=gSGPEZlvKTCgWkhs cV8D_MXQR9c&hl=pt-PT&sa=X&ei=9EQfVLCsIo_aaKy0gPgD&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=greek%20project%20russia&f=false)
- Ledermann, Christian (26 de Agosto de 2013) *UNESCO publishes first world map of underground transboundary aquifers*. Consultado em 3 de Março de 2014.  
<http://iwlearn.net/news/iwlearn-news/unesco-global-groundwater-map-1.html>
- Lewis, Martin W. *Russian Envelopment? Ukraine's Geopolitical Complexities*. GeoCurrents. Consultado em 27 de Junho de 2014.  
<http://www.geocurrents.info/geopolitics/russian-envelopment-ukraines-geopolitical-complexities>



- Lobello, Carmel. (7 de Maio de 2013) The world's top 7 coal countries: By the numbers. Consultado em 28 de Janeiro de 2014.  
<http://theweek.com/article/index/243765/the-worlds-top-7-coal-countries-by-the-numbers>
- Lone, Stewart, (Julho de 1998). Aspects of the Russo-Japanese War. University of New South Wales. Consultado em 7 de Abril de 2014.  
<http://www.russojapanesewar.com/aspects.pdf>
- Mackinder, Halford John. *The Geographical Pivot of History*. The Geographical Journal, Vol. 23, nº4 (Apr., 1904), 421-437. JSTOR.  
<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Articles/1904%20HEARTLAND%20THEORY%20HALFORD%20MACKINDER.pdf>
- Madsen, Wayne. (20 de Maio de 2013). CIA Troublemaking in Caucasus. Strategic Culture Foundation. Consultado em 25 de Maio de 2014.  
<http://www.strategic-culture.org/news/2013/05/20/cia-troublemaking-in-caucasus.html>
- Madsen, Wayne. *CIA Troublemaking in Caucasus*. Strategic Culture Foundation. Consultado em 16 de Junho de 2014.  
<http://www.strategic-culture.org/pview/2013/05/20/cia-troublemaking-in-caucasus.html>
- Makarkin, Aexey. (13 de Abril de 2012). Pyotr Stolypin: The path of reformer. The Voice of Russia. Consultado em 2 de Julho de 2014.  
[http://voiceofrussia.com/2012\\_04\\_13/71608267/](http://voiceofrussia.com/2012_04_13/71608267/)
- Mathes, William Lloyd, (1955). The influence of Napoleon's Continental System on Russian Economy, 1807-1811. The Ohio State University. Consultado em 5 de Agosto de 2014.  
[https://etd.ohiolink.edu/ap/0?0:APPLICATION\\_PROCESS%3DDOWNLOAD\\_ETD\\_SUB\\_DOC\\_ACCNUM:::F1501\\_ID:osu1192565761%2Cinline](https://etd.ohiolink.edu/ap/0?0:APPLICATION_PROCESS%3DDOWNLOAD_ETD_SUB_DOC_ACCNUM:::F1501_ID:osu1192565761%2Cinline)
- Mckillop, Andrew. Guest Post: The Coming Collapse Of The Petrodollar System. Consultado em 2 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.zerohedge.com/news/2013-05-20/guest-post-coming-collapse-petrodollar-system>
- Neville, Harry. *Bush's Homeland Security Pipeline*. Consultado em 28 de Fevereiro de 2014.



<http://archive democrats.com/view.cfm?id=6458>

- NSC 58 on Policy towards Eastern Europe. Consultado em 14 de Abril de 2014.  
<http://www.fransamaltongvongesusau.com/documents/d11/h5/1.5.13.pdf>
- NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security.  
Consultado em 18 de Abril de 2014.  
<http://fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm>
- Nuttall, Anita Dey e Nuttall, Mark. Europe's Northern Dimension: Policies, Co-operation, Frameworks. University of Alberta, Canada. Consultado em 28 de Julho de 2014.  
<http://www.cci.ualberta.ca/Conferences%20and%20Events/CanadasandEuropesNorthernDimen/~media/cci/Documents/PagesfromCanadasandEuropesNorthernDimensionsHealth.pdf>
- Pan-Turkism. Encyclopedia.com. Consultado em 3 de Fevereiro de 2014.  
<http://www.encyclopedia.com/topic/Pan-Turkism.aspx>
- Payne, Sebastian. (18 de Setembro de 2014). *Ukrainian President Poroshenko asks Congress for military support*. The Washington Post. Consultado em 19 de Setembro de 2014.  
<http://www.washingtonpost.com/blogs/post-politics/wp/2014/09/18/ukrainian-president-poroshenko-asks-congress-for-military-support/>
- Pelizza, Simone. *Geopolitics, federalism, and imperial defence: Halford Mackinder and Eastern Europe, 1919-20*. Consultado em 22 de Março de 2014.  
[http://www.academia.edu/4708068/Geopolitics\\_Federalism\\_and\\_Imperial\\_Defence\\_Halford\\_Mackinder\\_and\\_Eastern\\_Europe\\_1919-20](http://www.academia.edu/4708068/Geopolitics_Federalism_and_Imperial_Defence_Halford_Mackinder_and_Eastern_Europe_1919-20)
- Pineda, Guillermo. The Importance of the Straits of Malacca. Consultado em 22 de Julho de 2014.  
[http://www.academia.edu/1931497/The\\_Strait\\_of\\_Malacca\\_as\\_one\\_of\\_the\\_most\\_important\\_geopolitical\\_regions\\_for\\_the\\_Peoples\\_Republic\\_of\\_China](http://www.academia.edu/1931497/The_Strait_of_Malacca_as_one_of_the_most_important_geopolitical_regions_for_the_Peoples_Republic_of_China)
- Putin, Vladimir. *The unipolar governance is illegal and immoral*. Voltairenet.org. Consultado em 3 de Março de 2014.  
<http://www.voltairenet.org/article145357.html>
- Rohl, John C. G. *Wilhelm II: into the Abyss of War and Exile, 1900-1941*. Cambridge University Press. 2014. Consultado em 7 de Maio de 2014.





<http://books.google.pt/books?id=xUxkAgAAQBAJ&pg=PA166&lpg=PA166&q=wilhelm+II+they+can+smash+ruussia&source=bl&ots=UyO7zgJjRu&sig=9fEDuHxguWdrcz8fzjmPja9JSEA&hl=pt-PT&sa=X&ei=6TYfVK-dLsTOaPergbGI&ved=0CB8Q6AEwAA#v=onepage&q=wilhelm%20II%20they%20can%20smash%20ruussia&f=false>

- Sass, Erik. *World War I Centennial: Serbs Back Down, But Kaiser Warns of Coming Race War*. Consultado em 8 de Abril de 2014.  
<http://mentalfloss.com/article/53252/world-war-i-centennial-serbs-back-down-kaiser-warns-coming-race-war>
- Seidler, Felix. (8 de Fevereiro de 2013) *Will China's Navy Soon Be Operating in the Atlantic?* CIMSEC. Consultado em 3 de Junho de 2014.  
<http://cimsec.org/will-chinas-navy-soon-be-operating-in-the-atlantic/4290>
- Sem autor (23 de Novembro de 2011), *The Geopolitics of China: A Great Power Enclosed*, Stratfor Global Intelligence. Consultado em 29 de Janeiro de 2014.  
[http://www.mauldineconomics.com/images/uploads/overmyshoulder/The\\_Geopolitics\\_of\\_China\\_A\\_Great\\_Power\\_Enclosed\\_STRATFOR.pdf](http://www.mauldineconomics.com/images/uploads/overmyshoulder/The_Geopolitics_of_China_A_Great_Power_Enclosed_STRATFOR.pdf)
- Siletsky, Igor. (15 de Março de 2014). *West uses neo-Nazis in Ukraine to split nation, escalate tensions*. Consultado em 12 de Maio de 2014.  
[http://voiceofrussia.com/news/2014\\_03\\_15/West-uses-neo-Nazis-in-Ukraine-to-split-nation-escalate-tensions-9444/](http://voiceofrussia.com/news/2014_03_15/West-uses-neo-Nazis-in-Ukraine-to-split-nation-escalate-tensions-9444/)
- Staalesen, Atle. (7 de Julho de 2011). *Russia orders six new icebreakers*. Barents Observer. Consultado em 2 de Fevereiro de 2014.  
<http://barentsobserver.com/en/russia/russia-orders-six-new-icebreakers>
- Sukhov, Ivan, (17 de Novembro de 2008) *The Ingush dilemma*. Russia and beyond. Consultado em 17 de Março de 2014.  
<https://www.opendemocracy.net/article/russia-theme/the-ingush-dilemma>
- *The 10 Countries Sitting On The Most Natural Gas*. Consultado em 5 de Agosto de 2014.  
<http://www.businessinsider.com/countries-biggest-natural-gas-reserves-2011-06?op=1#ixzz3DmNyS2lp>
- *The Washington Naval Conference, 1921–1922*. Consultado em 7 de Abril de 2014.  
<https://history.state.gov/milestones/1921-1936/naval-conference>



- The Washington Naval Conference, 1921–1922. US Department of State Office of the Historian. Consultado em 21 de Agosto de 2014.  
<https://history.state.gov/milestones/1921-1936/naval-conference>
- Thomas H. Etzold and John Lewis Gaddis, eds., *Containment: Documents on American Policy and Strategy, 1945-1950*. NSC 20/1 (pp. 173-203). Consultado em 7 de Abril de 2014.  
[http://www.sakva.ru/Nick/NSC\\_20\\_1.html](http://www.sakva.ru/Nick/NSC_20_1.html)
- Top Ten Oil Reserves Countries. Consultado em 5 de Agosto de 2014.  
<http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-oil-reserves-countries-map.html>
- Treivish, Andrei. *Rússia: população e espaço*. Consultado em 27 de Junho de 2014.  
<http://demoscope.ru/weekly/2003/095/tema03.php>
- Truman, Harry S. *Address in San Francisco at the Closing Session of the United Nations Conference*. Consultado em 26 de Maio de 2014.  
<http://trumanlibrary.org/publicpapers/index.php?pid=73&st=&st1=>
- U.S. Objectives with Respect to the USSR to Counter Soviet Threats to U.S. Security," NSC 20/4, 23 November 1948. Consultado em 11 de Abril de 2014.  
<https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/coldwar/nsc20-4.htm>
- Wilkins, Michaels (4 de Maio de 2010). Today in Civil War history: Winfield Scott's Anaconda Plan. Consultado em 17 de Maio de 2014.  
<http://www.examiner.com/article/today-civil-war-history-winfield-scott-s-anaconda-plan>
- Winston S. Churchill: "Iron Curtain Speech", March 5, 1946. Fordham University. Consultado em 23 de Maio de 2014.  
<http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.asp>

### Aulas e Palestras

- Série de aulas dadas no âmbito da unidade curricular “Geopolítica” ao Curso de Mestrado em Estratégia pelo Professor António Marques Bessa, ano lectivo 2012/2013, 1º semestre, ISCSP
- Série de aulas dadas no âmbito da unidade curricular “Informções Estratégicas” ao Curso de Mestrado em Estratégia pelo Professor Heitor Alberto Coelho Barras Romana, ano lectivo 2013/2014, 1º semestre, ISCSP



- Série de aulas dadas no âmbito da unidade curricular “Planeamento Estratégico” ao Curso de Mestrado em Estratégia pelo Professor António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro, ano lectivo 2012/2013, 1º semestre, ISCSP
- Série de aulas dadas no âmbito da unidade curricular “Teoria da Estratégia” ao Curso de Mestrado em Estratégia pelo Professor António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro, ano lectivo 2012/2013, 1º semestre, ISCSP



Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA